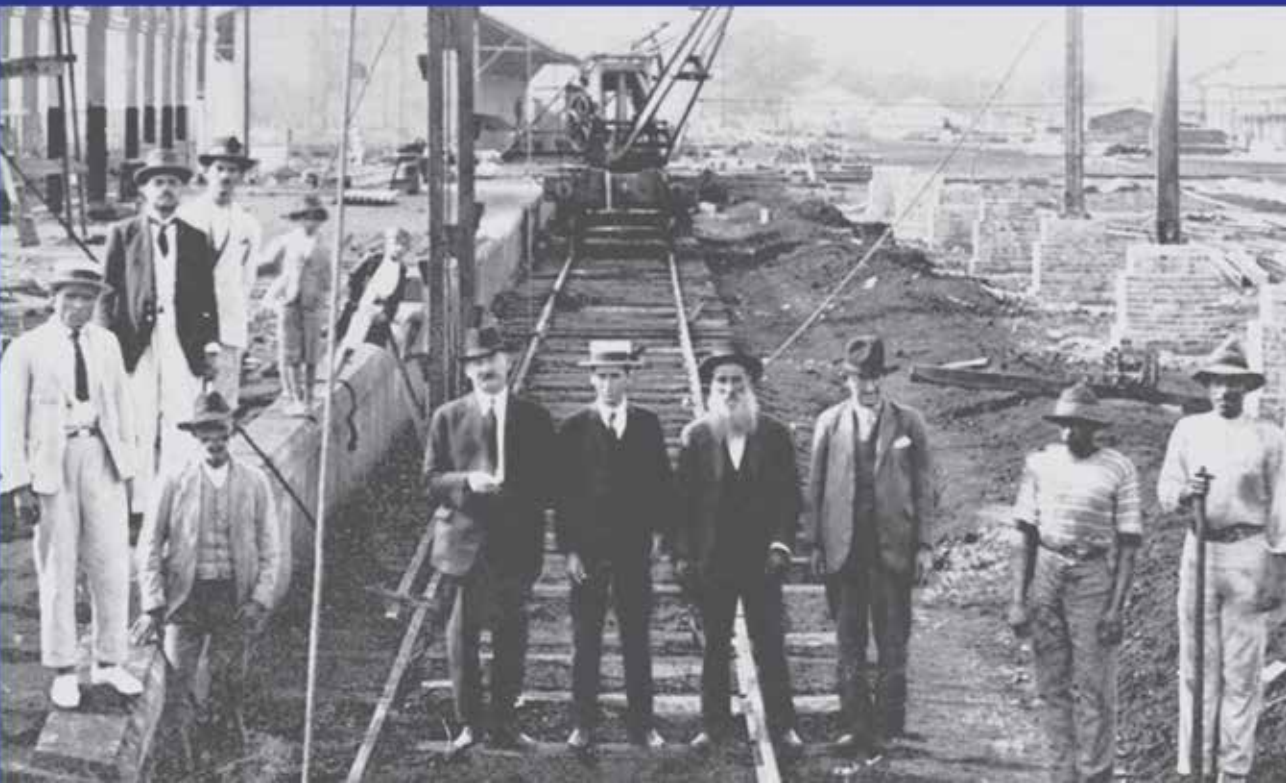


JOÃO UMBERTO NASSIF

PAULISTENSES

VOL. 1



PAULISTENSES

VOLUME 1

JOÃO UMBERTO NASSIF

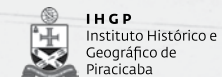


PAULISTENSES



A epopeia dos moradores do bairro
da Paulista em Piracicaba

VOL. 1



© 2013 IHGP © 2013 João Umberto Nassif

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

1ª edição, 2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Biblioteca Municipal de Piracicaba, SP, Brasil)

N276p Nassif, João Umberto, 1954-
Paulistenses
Piracicaba, IHGP, 2013.
2 v. : il.

ISBN 978-85-65657-01-3

1. História. I. Título.

CDD 900

Índice para catálogo sistemático
1. História 900

IMAGEM DA CAPA

1920, construção da Estação Paulista de Piracicaba.
Foto: autoria desconhecida. Acervo IHGP.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Renato Ferrante

PRODUÇÃO EDITORIAL

Três Gatos Editora
www.tresgatoseditora.com.br

REVISÃO

Hugo Pereira de Lima

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO FINAL

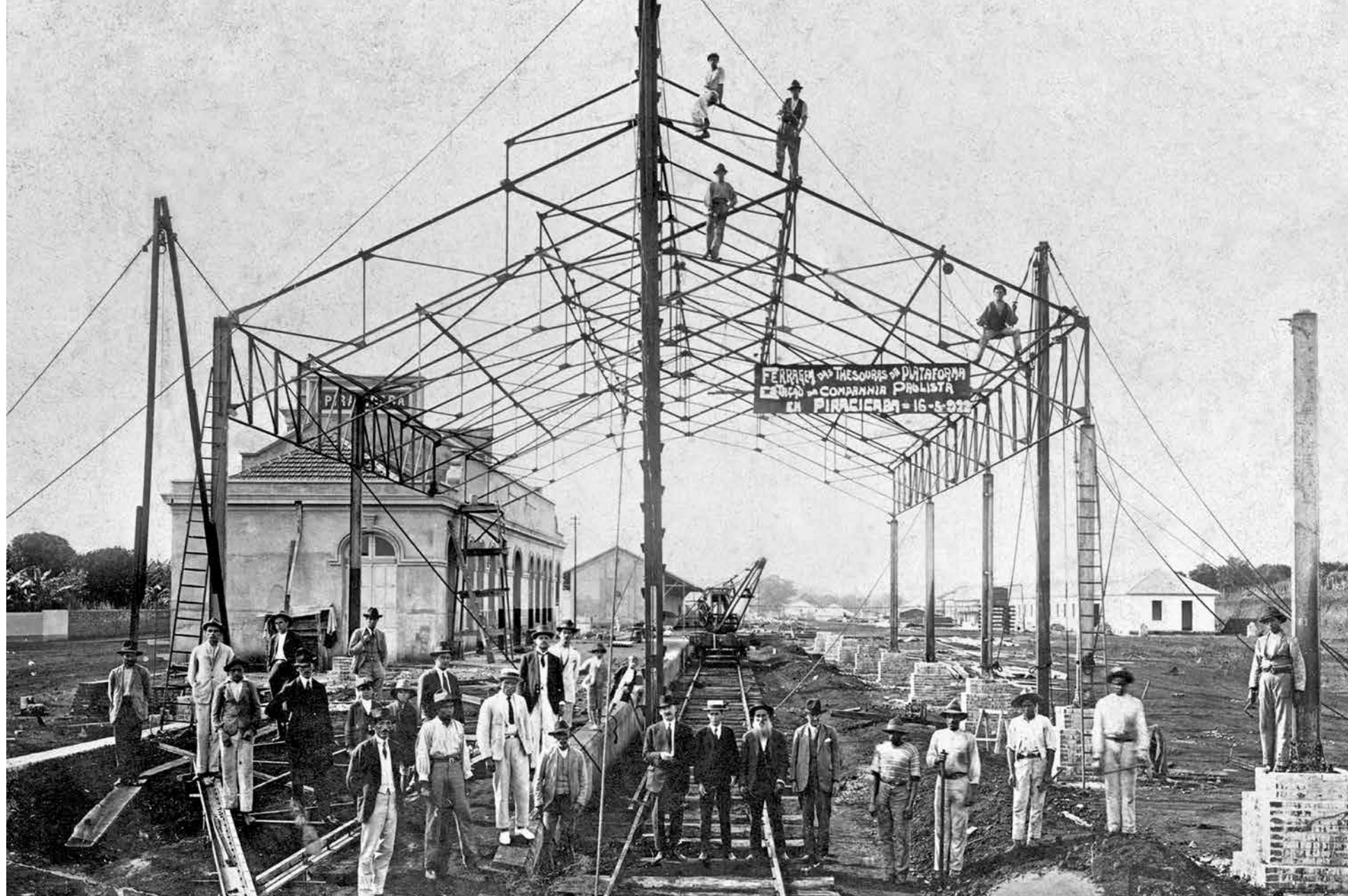
Beatriz Helena Vicentini



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

Rua do Rosário, 781 - Centro | Piracicaba SP | 13470-000
Tel.: 19 3434-8811 | ihgp@ihgp.org.br | www.ihgp.org.br



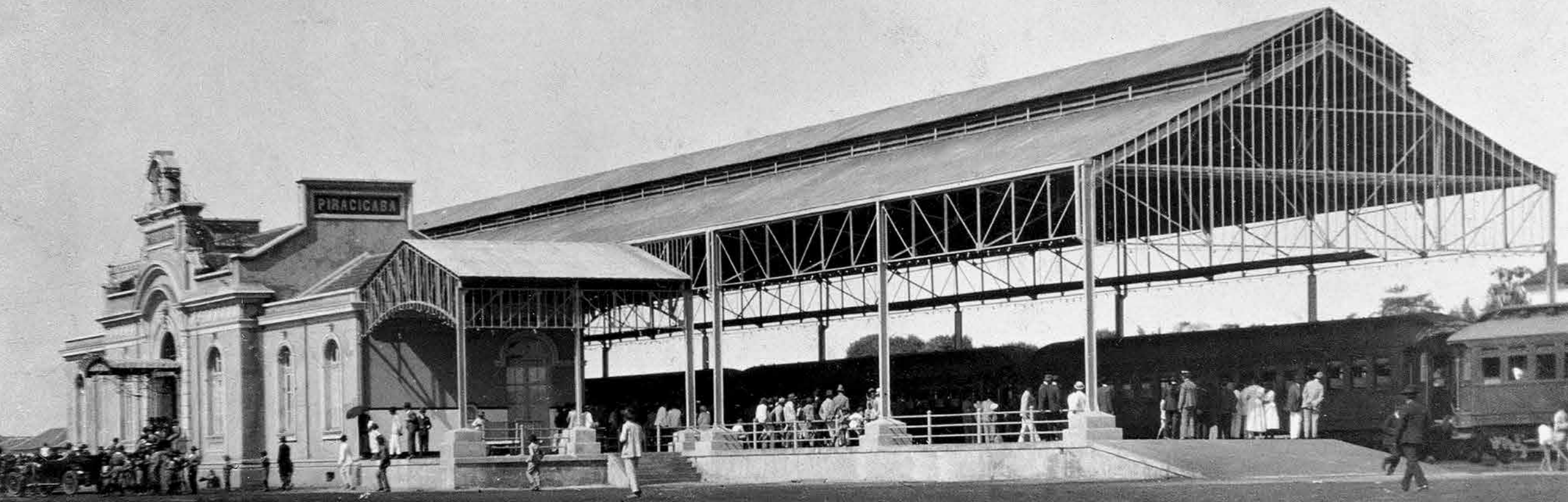


À MINHA
ESPOSA VERA,
QUE SEMPRE
SOUBE ME
INCENTIVAR

O QUE A PRINCÍPIO deveria ser um único livro traçando um perfil histórico do bairro da Paulista acabou ganhando a forma final de dois volumes, graças ao vasto universo de informações levantadas, dos depoimentos gravados e da pesquisa de documentos. “... nunca teremos a história narrada

integralmente, sempre haverá algo para acrescentar”, já definiu com perfeição a historiadora e professora Marly Therezinha Germano Percin, ao comentar o significado da palavra História. Da mesma maneira, considero esse livro como uma árvore, sob cuja sombra haverá abrigo para muitos

pesquisadores, cujos frutos hão de fornecer sementes de conhecimento para futuras gerações. Agradeço a Deus pela felicidade de poder vivenciar momentos maravilhosos na companhia de pessoas muito queridas. Não irei nominá-las para não incorrer em algum esquecimento injusto.



ÍNDICE

Prefácio			
Inestimável valor memorialista	13	Abel da Silva Bueno	119
PEDRO CALDARI		Jorge Razera	127
Uma viagem através do tempo	15	Dirceu Olívio Pompermayer	133
CECÍLIO ELIAS NETTO		Encarnacion Marins Sturion	140
Sobre o autor	19	Antonio Forti	146
Introdução	21	Naoki (Pedro) Kawai	151
1. Então a Paulista existe!	29	Kazuo (Mário) Miazaky	159
2. Igrejas, santos e pregadores na construção do novo bairro	49	Tereza Takagi Sato e Susunu Sato	167
3. Breves histórias paulistenses	85	José Estevam de Paula	175
4. Paulistenses, depoimentos	93	Ralph Mennucci Giesbrecht	180
Carmela Pereira	93	José Honório	185
Maria Josete Latorre Bragion	99	Osmair Funes Nocete	191
Nelson Alves de Mattos	104	Isaias Germano	197
Sidney Aldo Granato	108	Maria de Fátima Pereira Gandelim	203
Heitor de Mello	114	Silvério de Lellis Altomani	208
		Severino Galdi	214
		Adalberto Barrichello	220
		Monsenhor Luiz Gonzaga Giuliani	227
		José Nassif	236
		Anésio de Souza	244
		Lídia Lucano Crívolo	254
		Crispim Durrer	260
		Xilmar Ulisses Aquino Santos	265

Pp 2 e 3

c.1950

Cena da Estação Paulista em plena atividade,
com os táxistas aguardando a chegada de passageiros.

Autoria desconhecida.

Acervo IHGP

Pp 4 e 5

c.1925

Prováveis funcionários da Companhia Paulista de Estradas
de Ferro posam para foto junto a locomotiva a vapor
estacionada no pátio da Estação da Paulista de Piracicaba.

Autoria desconhecida.

Acervo IHGP

Pp 6 e 7

c. 1920

A Estação da Paulista ainda em obras
e os "paulistenses" pioneiros.

Autoria desconhecida.

Acervo IHGP

Pp 8 e 9

c.1925

Visão da Estação da Paulista com trem
na plataforma de embarque.

Autoria desconhecida.

Acervo IHGP

Inestimável valor memorialista

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA orgulha-se de poder anunciar o lançamento de um novo volume da Série Memorialista que, a cada edição, amplia os registros históricos que retratam a cidade de Piracicaba, resgatando os feitos de pessoas, ou melhor, de existência de comunidades representativas da sociedade dentro do contexto complexo de cidade. Referimo-nos ao livro do nosso Confrade, João Umberto Nassif, jornalista, radialista, escritor e empresário piracicabano, bem realizado em cada uma dessas suas atividades profissionais e, exemplarmente, homem bem sucedido como pai de família e de cidadão desprendido com múltiplas atividades sociais, filantrópicas e culturais. Ah, o livro!... o tão aguardado livro sobre a história do bairro da Paulista. Nassif, habituado às entrevistas que faz com admirável habilidade e propriedade para deleite de seus leitores da “Tribuna” de

Piracicaba, simplesmente escreve a história de um dos mais antigos quão populosos bairros de Piracicaba, cujos limites geográficos na configuração desta cidade são difíceis de serem corretamente determinados, tal o seu tamanho e a quantidade de pessoas e de instituições que lhe pertencem. Consequentemente, os escritos de João são tantos e tão importantes – sem citarmos a quantidade de imagens que incorporam – que não permitem contê-los em apenas um volume, fazendo-se necessário selecioná-los para dispô-los em dois volumes.

João Umberto Nassif presenteou-nos com o seu exaustivo trabalho de garimpeiro da história de Piracicaba. O IHGP sente-se gratificado ao incorporar ao seu acervo essa obra de inestimável valor memorialista.

PEDRO CALDARI
Presidente IHGP
(gestão 2010-2012)

Uma viagem através do tempo

LER O LIVRO DE JOÃO UMBERTO NASSIF é, ao mesmo tempo, viajar no tempo. Para os piracicabanos – sejam leitores comuns, historiadores ou pesquisadores – é uma obra inestimável, talvez a mais completa – pelo menos em meu conhecimento – já feita em relação ao queridíssimo bairro da Paulista. Se o cérebro e os neurônios tivessem braços, eu diria que João Nassif fez um trabalho verdadeiramente braçal. Que exigiu – além de talento e vocação – muita força de vontade, fibra, persistência e amor à sua terra.

“Paulistenses” retrata, mais com paixão do que com a frieza das academias, a epopéia dos moradores do “Bairro da Paulista”, conforme o diz o próprio autor. Sem academicismos, sem filigranas, eu chamaria a obra de “livro-reportagem”, pois João Nassif leva os seus dons jornalísticos – em especial o de repórter e entrevistador – a cada página da obra. Testemunhos vivos

e vividos, emocionantes e emocionados – que, por isso mesmo, revigoram os sentimentos de piracicabanismo e emocionam e comovem pela autenticidade.

É um trabalho de fôlego, de leitura fácil, como se João Nassif estivesse conversando com cada leitor. E é conversa da alma, que ora se revela apaixonada, ora distante diante de fatos e relatos históricos fundamentais. Os mais antigos conseguem, através do livro, lembrar com vivacidade a velha e amada Paulista dos velhos tempos, como se voltassem a sentir o cheiro ácido e envolvente da fumaça dos antigos trens, a ouvir o delém-delém dos bondes, a rever homens de ternos e chapéus, mulheres com trajas irretocáveis ao lado de operários humildes, de pobrezinhos mal-vestidos.

A Paulista tem, na história piracicabana, papel fundamental, como que o coramento dos esforços de homens ilustres, varões da República Velha, que lutaram para a sua implantação em nossa cidade. Era o “fim de linha”, entendido, primeiramente, como algo zombeteiro ou sarcástico, mas que haveria de se revelar como um privilégio único para nossa cidade: esse “fim de linha” fez com que Piracicaba se tornasse sustentável por si mesma, isolada de modismos, mas alentada para novos pioneiros, como que uma ilha de cultura própria, civilizada, com história singular.

Um dos nossos grandes historiadores, Leandro Guerrini, mostrou, em artigo de jornal, que, nos anos 1930, o bairro “mais chique” de Piracicaba era a Paulista, com seus sobradões majestosos, solares imponentes, dos quais, ainda hoje, a antiga casa do dr. Jacob Diehl Neto – na Avenida Doutor Paulo de Moraes (Barros), um dos líderes da então formidável via férrea – é um patrimônio histórico-cultural lamentavelmente ainda mal avaliado.

João Umberto Nassif, com seu livro, resgata – para enriquecer a inteligência piracicabana – todo esse patrimônio, especialmente o humano, com entrevistas, depoimentos, relatos que fazem, de “Paulistenses”, um livro que, a partir de agora, se tornará indispensável para se conhecer, viver e reviver o espírito de piracicabanismo, hoje tão ameaçado por modismos que haverão de passar.

Há, houve e haverá mudanças, sim. Mas o espírito e a bravura, a cultura e a história dos piracicabanos e da singularíssima cidade de Piracicaba continuarão. Devemos, a João Umberto Nassif, essa notável contribuição.

Nassif conseguiu levantar novamente a grande questão: “a arte imita a vida; a vida imita a arte?” Nas narrativas, nos depoimentos, na pesquisa, no trabalho intelectual, João Nassif consegue levar o leitor a essa viagem emocionante através do tempo, no qual a vida e a arte se confundem. “Paulistenses” já nasce com lugar garantido entre os livros que contam a venturosa saga piracicabana. É uma viagem que enriquece o espírito.

CECÍLIO ELIAS NETTO

Sobre o autor

JOÃO UMBERTO NASSIF NASCEU EM PIRACICABA, em 19 de abril de 1954, no bairro da Paulista, neto de imigrantes sírio-libaneses e espanhóis. Quando Piracicaba vivia a época dos cinemas e clubes sociais, João Umberto conviveu com os bondes e trens cujas linhas cortavam a cidade.

Desde muito cedo, deu mostras do interesse que se manifestaria pela área jornalística quando adulto. Em 1970, ganhou um diploma de Honra ao Mérito em Concurso Literário Colegial. Em 1971, ingressou em “O Diário” como revisor, onde permaneceu por três anos. Em 1979, foi trabalhar em uma software house em São Paulo, ao início da informática no Brasil. Atuou em diversas empresas da área, fez cursos em Miami e Raleigh-Durham, Carolina do Norte, EUA, voltados à informática, enfocando a área de marketing. Realizou cursos de fotografia na Fujifilm do Brasil, teóricos e práticos. É bacharel em Comunicação

Social pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM) na modalidade Jornalismo. É locutor com certificado expedido pelo SENAC.

Em 2000 João Umberto Nassif passou a produzir e transmitir o programa semanal “Piracicaba - Histórias e Memórias”, na Rádio Educadora de Piracicaba, 1080 khertz, onde permaneceu até 2008. Em 2004 foi convidado a transcrever suas entrevistas no jornal Tribuna Piracicabana, onde permanece até hoje. Tem cerca de 700 entrevistas realizadas e mais de 400 publicadas, obedecendo a rigoroso critério de fidelidade ao depoimento do entrevistado. Trata-se de um processo árduo, que exige muita dedicação, disciplina e principalmente amor à terra mater. Há entrevistas de uma hora de duração até algumas (não veiculadas) com mais de cinco horas de gravação. A transcrição dura em média seis horas para cada hora de gravação e, quando necessário, há a certificação de datas, locais, etc...

João Umberto Nassif arremontou um expressivo acervo sobre a cultura piracicabana. Sua intenção é disponibilizar aos leitores um pouco da história piracicabana, narrada pelos seus protagonistas.

João Umberto Nassif é membro do Instituto Histórico e Geográfico, acadêmico da Academia Piracicabana de Letras, participa de diversas entidades filantrópicas da cidade.

Introdução

O BAIRRO DA PAULISTA É UM BAIRRO “NOVO”. Onde a Av. Dr. Paulo de Moraes cruza com a Rua do Rosário existiam barracões, utilizados como depósito para as colheitas e insumos da então Chácara Nazareth. Por um curto período de tempo foram sede social do MAF (iniciais de Manoel Ambrósio Filho, fabricante das máquinas de costura Leonam). Ainda não existia a continuação da Av. Dr. Paulo de Moraes além da Rua do Rosário. Ali era a Chácara Nazareth, com suas plantações e árvores frutíferas. Para ir até a Rua do Porto, o caminho natural na década de 1960, era descer a Rua Alferes José Caetano, entrar à esquerda na Rua Ipiranga até a Rua do Rosário, onde existia uma quadra de mão dupla, acessar a Rua Ulhoa Cintra e descer até a Rua do Porto. Delegacia de polícia tínhamos apenas na Rua São José, o que originou o termo popular “lá para baixo”, que significava que o destino era a polícia.

O bonde virava à esquerda, em frente à Estação da Paulista, seguia pela Av. Dr. Paulo de Moraes, cruzava a Rua Benjamim Constant, passava em frente à Padaria Cruzeiro e fazia sua parada final em frente à garagem dos bondes de Piracicaba que, na época, ficava ao lado do único destacamento de bombeiros de Piracicaba e ao lado da garagem municipal. A Bica do Morlet ficava ao lado da linha do trem e tinha esse nome por ficar próxima aos barracões da Indústria Morlet. Abastecia os habitantes do bairro, que não se adaptavam ao sabor da água encanada. Ainda na Av. Dr. Paulo, os atiradores do Tiro de Guerra tinham seus primeiros contatos com a disciplina militar, artefatos bélicos e noções de estratégia militar. Não existia o pontilhão sobre a Av. 31 de Março, uma vez que esta também não existia. As duas artérias principais do bairro eram a Rua do Rosário e a Rua Benjamin Constant, esta prosseguindo pela Av. São Paulo. O pontilhão sobre a Rua da Glória também não existia. Para entrar ou sair de Piracicaba eram utilizadas essas duas vias pelos que iam naquela direção. A Rodovia Castelo Branco, bem como a Estrada do Açúcar, era inexistente. O comércio da Av. São Paulo era muito forte, pois abastecia a região urbana e rural: como única via de acesso era um corredor comercial invejável. A Rua do Rosário tinha, na esquina da Av. Dr. Paulo de Moraes, o famoso Posto Canta Galo. Além de abastecer o veículo, o condutor e seus acompanhantes podiam saborear as delícias do restaurante anexo. O restaurante teve um período (anos 1960 a 1970), em que foi arrendado para uma família vinda do sul - o pai, a mãe, dois filhos e o irmão da mãe, na época um jovem simpático e atencioso que abasteceu muitos veículos. Era a época em que o cantor Wilson Simonal lançou um boneco chamado Mug. Esse jovem, Luiz Inácio Sleimann, pela sua estatura e desenvoltura, recebeu o apelido de “Mugão”. Sua popularidade era tão grande que, mais tarde, foi vereador por diversos mandatos em Piracicaba. Às vezes o trânsito da Rua do Rosário, na época utilizada em ambos os sentidos, ficava caótico. O trem da Paulista carregava ou descarregava gado, onde hoje existe um terreno vazio, ao lado do Restaurante Frios Paulista, e que vai até a Av. Nove de Julho. Ali havia

uma descarregadeira de gado e um curral: através de uma rampa o gado subia ou descia do vagão. A máquina movimentava-se mais um pouco e o mesmo processo repetia-se. Enquanto não era descarregado ou carregado o último vagão, o trânsito ficava interrompido nesse trecho. Os caminhões carregados de cana de açúcar subiam a Av. Madre Maria Teodora, sendo que o trecho de topografia irregular era popularmente conhecida como Morro do Enxofre; os caminhões da época utilizavam toda a sua potência para vencer o forte aclive. A baixa velocidade permitia aos garotos que puxassem algumas canas que seriam descascadas e degustadas. Alguns, empolgados pela possibilidade de retirar mais facilmente a cana, esqueciam-se do perigo a que se expunham, tendo ocorrido graves acidentes algumas vezes. Os caminhões passavam pela Praça Takaki e desciam a Rua do Rosário, dirigindo-se ao Engenho Central na Vila Rezende. Muitas vezes, já na década de 1960, os portões das casas eram rapidamente fechados: uma boiada vinha sendo conduzida em plena Rua do Rosário, dirigindo-se ao carregador do trem ou até o Matadouro Municipal. Onde hoje existe o Supermercado Balam era o armazém do Vitório Fornazier, com seus dois filhos, Alcides e Valdemar. Era o tempo das compras com caderneta. Em frente ficava o açougue do Scarpari, que trabalhava com seus dois filhos, Antonio e Alcides. Ao lado ficava o estabelecimento de Crispim Durrer, que fazia na hora uma deliciosa garapa. Os garotos do bairro ficavam excitados com as bolinhas de vidro (hoje bolas de gude) coloridas, os papéis de seda, material essencial para a confecção dos papagaios (hoje pipas), piões de madeira com suas feiras (cordas), que roncavam quando giravam. Na esquina da Rua do Rosário com a Av. Dona Jane Conceição ficava o Bar Serenata, de propriedade de Miguel Fernandez, ali se aboletavam os passageiros que esperavam a passagem de ônibus com diversos destinos, como Anhumas, Ibitiruna e outras localidades da zona rural. À noite, alguns boêmios, embalados por cerveja gelada, soltavam seus acordes, sempre acompanhados de um violão. Em frente, onde hoje existe uma série de lojas, era um terreno vazio, mais tarde ocupado como depósito de materiais de

construção pelo jovem Luiz Marchini que, por muitas vezes, carregou areia para seus clientes com suas próprias mãos. Hoje um empresário de reconhecido sucesso. Mas enquanto era vazio, esse terreno foi palco das mais célebres apresentações artísticas. Ali se instalavam os parques de diversão, os circos e, na época de campanha política, célebres figuras arrancaram muitos aplausos com seus comícios, cheios de promessas que nunca se realizaram! Uma das atrações mais temerárias e irresistíveis era Monga, uma moça bonita, usando um maiô, coisa ousada para a época. Ela transformava-se em um horrendo e violento gorila, através de um truque hoje bastante conhecido. O desfecho da apresentação era quando o gorila arrebentava as grossas barras de aço da grade, caminhando em direção ao público. A debandada era geral e em ritmo aceleradíssimo! Ainda na Praça Takaki existia o Bar do Roque, propriedade de Roque Bortoletto, onde havia um jogo de bocha. Onde hoje é a Padaria Takaki, originariamente denominada Padaria Suíça, existia a casa do “velho” Lucas. O pronto socorro do bairro era a Farmácia Nossa Senhora da Penha, que teve diversos proprietários, entre eles Miguel Victória Sobrinho. Próxima à igreja Assembléia de Deus existia outra farmácia, de propriedade de Nelson Mattos. Ao lado havia a loja Ao Caldeirão de Ouro, de propriedade de um dos irmãos Crócomo. Era um misto de loja de venda de utensílios domésticos, consertos e fabricação de objetos em alumínio, painéis, folha de flandres. Na esquina da Rua do Rosário com a Rua Dr. João Conceição havia o armazém de Atilio Bortoletto que, por muitos anos, foi o único local do bairro onde havia telefone! Retrocedendo no tempo, na esquina da Rua Dr. Edgar Conceição havia o armazém de secos e molhados, de Isidoro “Nenê” Lopes; ainda na mesma quadra, na Rua do Rosário, ao lado da Farma Paulista, existia o armazém do seu irmão, Antonio (Toninho) Lopez. Em frente havia um depósito de atacado de cereais, açúcar, algodão, de propriedade de José Nassif. Nos períodos da entressafra tornava-se palco de muitos cururus e casamentos. Era o “espaço cultural” do bairro! Próximo à esquina da Av. Dr. Edgar Conceição, ainda na Rua do Rosário, existia a primeira bomba de

gasolina do bairro. Ficava na calçada, próxima ao meio fio. Era manual, bandeira Texaco, uma iniciativa pioneira de José Nassif. Ali também foi construído o primeiro sobrado do bairro, em 1934. Existe um modelo restaurado dessa bomba no prédio da Rua do Rosário esquina com a Rua Prudente de Moraes, no saguão de entrada do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

As brincadeiras daquele tempo eram até certo ponto limitadas ao poder aquisitivo das famílias, mas, nem por isso, menos divertidas. Um aro de borracha, geralmente encontrado em algum ferro velho, movimentado por um arame comprido com o formato de “U” na ponta, era impulsionado pelo garoto. Chamavam de “arquinho”. Quantos garotos não saíam pela rua rodando um pneu a título de brincadeira! Nos dias de hoje, tempo de internet e jogos eletrônicos, se uma criança sair pela rua com um desses brinquedos os responsáveis logo o encaminharão a um psicólogo! Os carrinhos de rolimãs eram verdadeira festa!

Na esquina da Av. Dr. Edgar Conceição existia uma máquina de beneficiar arroz de propriedade de João Sabino Barbosa e Augusto Grella. Na esquina da Av. do Café com a Rua do Rosário havia uma outra máquina de benefício de arroz dos Gasparotti. Poucos sabem, mas onde hoje existe uma fábrica de salgadinhos, em frente ao Posto Irmãos Sabadim, ficava a loja de número 3 dos Supermercados Brasil, do pioneiro Lélío Ferrari, que fundou uma das primeiras redes de supermercados do país. Um conceito inovador, que aposentava as velhas cadernetas onde os mercados marcavam os produtos consumidos pelo cliente.

A urbanização traz consigo mudanças de hábitos e determina novas denominações a locais. No final do Morro do Enxofre havia o bairro denominado Risca-Faca. (A hoje famosa Vila Madalena na cidade de São Paulo, reduto da inteligência e da boêmia, já foi um bairro conhecido também por Risca Faca: uma região barra pesada lotada de campinhos de futebol, botecos e gente mal encarada. Isso se deu no início do século 20, quando a vila não passava de um pequeno amontoado de casas). Na Paulicéia,

havia uma determinada região onde as desinteligências eram corriqueiras, o que levou o delegado de então, Dr. Geraldo Lopes Vieira, a referir-se ao local como Coréia. O que era apenas uma brincadeira de uma autoridade acabou caindo no gosto popular. Nessa época havia a Guerra da Coréia (1950 a 1953), havendo Coréia do Norte e China, por um lado, e Coréia do Sul, Estados Unidos (EUA) e as forças das Nações Unidas, por outro.

A televisão era um bem de consumo quase inacessível. Quem viveu nos primeiros anos da televisão sabe que o fenômeno da televisinhança não foi desprezível. Poucos tinham televisores em casa. Aos sem-TV restava correr à casa dos que a possuíam. O telezinho era um tipo social definido e reconhecido em seus direitos e sua individualidade. Os próprios apresentadores da TV se referiam a eles. Davam boa noite “aos telezinhos”. Uma nova tecnologia apareceu: um plástico colorido surgiu para ser colado na frente da tela e ter uma imagem meio colorida. Na Rua do Rosário, entre a Av. do Café e Rua Dr. João Conceição, em frente a uma igreja, havia o famoso Bar do Gepp. Na verdade, apenas o prédio lhe pertencia, ele tinha vendido o bar para outra pessoa, mas todos conheciam o local como Bar do Gepp. Muitos conheceram Roberto Carlos nesse bar, pela televisão é claro. Em 1965, um dos programas de TV de maior audiência da época era Jovem Guarda, apresentado pelos emergentes cantores Roberto Carlos (O Rei), Erasmo Carlos (O Tremendão) e Wanderléa (A Ternurinha), além de ídolos juvenis como o grupo vocal Golden Boys, a popular banda The Fevers, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Eduardo Araújo, Martinha (Queijinho de Minas), Ed Wilson, Waldirene (A Garota do Roberto), Leno & Lílian, Deny e Dino, Bobby Di Carlo e grupos como Renato & Seus Blue Caps, Os Incríveis, Os Vips e tantos outros. O programa de TV acabou em 1969. Na Paulista alguns jovens tinham Leonetti (motocicleta); um luxo para a época, de cor vermelha. Existiu até um moto-ciclo, talvez o único de Piracicaba, chamado, Colibri!

Todos conheciam “Seu” Guido, que tinha um sistema interessante de vender biju.

Deve ter sido o inventor do “roletrando”. Ele carregava um tambor azul, com uns 30 ou 40 centímetros de diâmetro. A tampa era composta por um grande número de pinos, da espessura de um prego. No centro da tampa havia um dispositivo onde o comprador girava a “roleta” e escrito entre um pino e outro estava o número de bijus a que o comprador tinha direito. A criançada ficava maluca para ganhar o maior número de bijus possíveis. Talvez hoje “Seu” Guido seria repreendido por incentivar menores ao “jogo de azar”. Mas, com certeza, ele se sairia bem, tinha um carrinho com vários doces em uma grande bandeja, cortados à vista do cliente, entre eles o colorido e famoso “quebra-queixo”. Seu Guido morava em uma vilinha existente na Rua do Rosário, entre a Av. do Café e Rua Dr. João Conceição.

Uma curiosidade: a Casa Rosário fica na Rua Benjamin Constant, mas mantém o nome de Rosário por ter sido fundada por Alfredo Bisson na Rua do Rosário, 2547. Mudou de rua mais não mudou de nome!

Estas são algumas das lembranças do bairro da Paulista, retiradas dos depoimentos reproduzidos integralmente nos capítulos à frente. Os nomes e fatos ainda não citados em breve serão mencionados. O Bairro da Paulista desperta a paixão dos seus moradores (Rasera, Pompermayer, Amstalden, Danelon, Silveira, Novello, Lopes, uma lista extensa e impensável de ser reproduzida neste espaço). Todos têm em comum o amor ao solo que consideram sagrado. Como se o Barão de Serra Negra, antigo proprietário daquelas terras, delegasse aos “paulistenses” o seu amor por essas terras.

c.1930
Fachada da Estação Paulista
de Piracicaba.
Autoria da foto desconhecida.
Acervo do Museu da
Companhia Paulista



1

Então a Paulista existe!

PARA CONHECERMOS MELHOR A HISTÓRIA do bairro da Paulista é necessário conhecer suas origens. A própria denominação de algumas ruas do bairro nos remete à família Conceição, que por muitos anos foi a proprietária das áreas onde se localiza o bairro. É interessante observar a mobilidade dos limites do bairro da Paulista, à medida que essa expansão ia incorporando mais áreas havia um desdobramento, nascendo assim outros bairros, como Jaraguá, Esplanada, Castelinho, Itapuã, Vila Cristina, Novo Horizonte. Onde começa e termina o bairro Paulista depende muito a que data está se referindo. É tido e sabido que os grandes empreendedores imobiliários são os responsáveis pela mobilidade das linhas de delimitação de um bairro, conforme as melhores perspectivas de comercialização de uma propriedade.

Hoje o centro de Piracicaba expandiu-se, englobando uma

área que Há algumas décadas era denominada de Paulista. Quem subia a Rua Boa Morte, ao chegar ao terreno plano, na Rua José Ferraz de Carvalho, prolongamento da Avenida Independência, já dizia estar na Paulista. Acima da Av. Independência, delimitada pela Rua São João, no conceito popular seus moradores diziam morar na Paulista. Acima dessa linha imaginária tudo era Paulista, até a Rua Benjamin Constant. A Paulicéia resumia-se no eixo da Av. São Paulo e ruas adjacentes, em um confuso emaranhado de bairros como a extinta denominação de Bairro da Coréia, hoje incorporado a Paulicéia. A grande expansão populacional e a urbanização de áreas vizinhas deram uma elasticidade surpreendente aos limites do Bairro da Paulista. Para definir quais foram os diversos limites do bairro só com um estudo detalhado de documentos cartoriais e fiscais emitidos em cada período de tempo. O advogado Dr. Sidney Aldo Granato em entrevista afirma: “Eu nasci ali, vivi ali, hoje estou um pouco mais afastado, estou no Jaraguá, mas continuo vivendo na Paulista. É bom que se diga uma coisa: oficialmente não existe o bairro da Paulista! Dizia-se que era a Vila Dr. João Conceição e mais tarde, dizia-se que era a Vila Nazareth. Paulista mesmo, oficialmente não existe. O nome deve ter a sua origem com a estação que era ali. Quem manda é o povo. É o povo quem diz. Então a Paulista existe! No conhecimento popular a Paulista era da Av. Dr. Paulo de Moraes adiante, sentido bairro. A Av. Dr. Paulo de Moraes não descia no sentido da ponte, ela era interrompida na Rua do Rosário. Ali havia os barracões que eram os depósitos de café da Chácara Nazareth, ficavam exatamente onde hoje passa a Av. Dr. Paulo de Moraes. Eu ia lá, a esses barracões, onde era a sede do Jaraguá Futebol Clube, havia algumas mesas, uniformes, taças. Isso foi nos anos 50”.

PAULISTENSES

Tomei a liberdade de emprestar a palavra "paulistense" do natural do município de Paulista, em Pernambuco. O Paulistense descrito aqui é todo aquele que nasceu, morou ou mora no Bairro da Paulista, município de Piracicaba. O Bairro da Paulista é um microcosmo da realidade brasileira, principalmente a ocorrida no Estado de São Paulo.

No final do século XIX e durante o século XX a Europa vivia conflitos políticos. O Brasil, com a libertação dos escravos, estava perdendo sua capacidade de produção agrícola; os barões e coronéis viam perspectivas pouco animadoras. Na Inglaterra, a Revolução Industrial massificava bens de consumo, logo seguida pelos Estados Unidos. A saída emergencial para os Barões do Café foi, juntamente com autoridades brasileiras e estrangeiras, elaborar peças de propagandas, panfletos, em que as maravilhas do Novo Mundo encantaram seus leitores. “Fazer a América” era a palavra de ordem. Com fome, frio, conflitos, a Terra Prometida movia multidões em direção ao Brasil. Atendia aos interesses de seus países de origem, que resolviam grande parte do problema da população local, e atendia aos interesses do Brasil, que pensava em substituir a mão de obra escrava por outra dócil e barata.

Piracicaba recebeu grandes grupos de imigrantes italianos, e espanhóis. Em menor número, portugueses, franceses, suíços, alemães, japoneses, árabes, russos. Pode-se considerar a Paulista com o maior número de descendentes de japoneses em Piracicaba, há até uma praça com o nome de um dos pioneiros: Praça Takaki. Os japoneses foram os únicos que tomaram o cuidado em preparar alguns de seus futuros imigrantes com conhecimentos básicos do que iriam encontrar no cultivo da terra, no país para onde iriam migrar, causaram a admiração do agricultor brasileiro pelas técnicas de trabalho, que optaram pela diversidade de produtos agrícolas. Isso chegou a gerar expressões como: “Tudo que o japonês plantar, produz e dá lucro!”

Conforme o professor e organizador Guilherme Vitti, a estimativa em 1900 era de que Piracicaba contava com 14.000 habitantes. Já existia a Estrada de Ferro Sorocabana. Uma curiosidade é que no final da Rua Direita (atual Rua Moraes Barros) havia o Largo do Cemitério; ao lado do Cemitério Municipal, havia o Cemitério dos Alemães.

Outra curiosidade é que ao lado direito da Rua do Rosário entre as Ruas Rangel Pestana e Saldanha Marinho (atual Rua São Francisco de Assis), havia o Posto de Benedito Cleophath. Acima da Rua do Rosário do lado direito era a Chácara do Dr. João Conceição. Nos fundos da Igreja dos Frades era a Chácara Constantino Santo Nunes, ainda nos fundos da Igreja dos Frades, mais à esquerda eram terras do Dr. João Conceição. A Rua do Rosário iniciava-se no matadouro, junto ao córrego do Itapeva, divisa com a Mata de Pedro Ferraz (Pedro Rico) e terminava na Rua Saldanha Marinho (atual São Francisco de Assis). Seguiu um caminho pela Chácara do Dr. João Conceição no sentido de outras propriedades agrícolas, denominada de Estrada ou Morro do Enxofre, atual Madre Maria Teodora.

Nessa época já existiam: Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Asilo de Órfãos, Museu, Igreja Coração de Maria, Colégio Assunção, Igreja da Boa Morte. A Rua Governador Pedro de Toledo era a então Rua do Comércio. A Rua Benjamin Constant era denominada Rua da Glória. A atual Rua da Glória era denominada Rua do Ytapeva por ser cortada por esse curso d'água. Logo no início da hoje Av. São Paulo o traçado era da mesma irregularidade que existe até hoje, só que era um descampado. A Av. São Paulo recebia o nome de Estrada do Tietê. E a Estrada de Ferro Ytuana cortava a cidade margeando o Rio Ytapeva. O núcleo urbano terminava exatamente onde hoje termina a Rua Boa Morte. Apenas a Estrada do Enxofre dava uma pequena continuidade às ruas Alferes José Caetano e do Rosário, e a Estrada do Tietê dava continuidade às ruas do Comércio e da Glória. A Rua São Francisco de Assis era denominada Rua Saldanha Marinho.

PIRACICABA E A COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO

É necessário entender o momento histórico que o Brasil vivia para situarmos a posição de Piracicaba.

Em 15 de novembro de 1693 ocorreu a doação da primeira sesmaria na região de Piracicaba a Pedro de Moraes Cavalcanti, pelo Capitão-Mor Manuel Peixoto da Motta. Em 3 de março de 1704, pela ordem real portuguesa, foram concedidas sesmarias em sítios de Piracicaba a Manuel Lopes Castelo Branco. Em 23 de novembro de 1709 foi criada a capitania de São Paulo, com sede em Ouro Preto, Minas Gerais. Em 2 de dezembro de 1920, Minas Gerais passou a ter governo próprio, separado de São Paulo. (o limite entre os dois estados gerou uma questão que só foi resolvida após mais de dois séculos, sendo árbitro, por São Paulo, o piracicabano Dr. Francisco Morato).

Em 6 de fevereiro de 1728, o padre Felipe Cardoso de Campos obtém do Reino de Portugal a confirmação de posse da sesmaria que lhe fora concedida em Piracicaba. Tornou-se, assim, o primeiro povoador da nossa terra. Em 16 de outubro de 1760, em documento de próprio punho, o povoador padre Felipe Cardoso de Campos transferiu a seu sobrinho Francisco Cardoso de Campos uma parte da sesmaria que obteve em 1726 em terras da povoação de Piracicaba.

Em 24 de julho de 1766, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, capitão-general da Capitania de São Paulo, nomeia Antonio Correia Barbosa para o cargo de Diretor Povoador de Piracicaba.

Em 1749 nasce em Itu, tendo falecido nessa localidade em 11 de setembro de 1825, o capitão-mor Vicente da Costa Taques de Góis e Aranha. Entre outros fatos importantes, presidiu a mudança da povoação da margem direita (lado onde há o Mirante), para a margem esquerda do Rio Piracicaba (atual Rua do Porto).

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Gonzaga de Bragança, a

Princesa Isabel, nasceu no palácio de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro em 1846. Tornou-se a herdeira do trono brasileiro, após a morte prematura do irmão mais velho. Filha de D. Pedro II, passou para a história do Brasil como a responsável pela assinatura da Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888. A Princesa Isabel era casada com um nobre francês, o Conde D'Eu.

A primeira ferrovia do Brasil foi inaugurada em 1854 por iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, e criada a Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis com uma extensão de 14 quilômetros. A ferrovia no Estado de São Paulo deu início a um momento de glórias, a imigração de colonos das mais diversas origens era incentivada pelas autoridades da época. Havia a necessidade de substituir o trabalho até então realizado pelos escravos. O escoamento da grande produção de café foi a mola propulsora da criação das ferrovias.

Em 1867 entra em operação a primeira ferrovia paulista, a São Paulo Railway, SPR, financiada com capital inglês. Seu trecho completo, entre Santos e Jundiaí, tinha a extensão de 159 quilômetros. A Companhia tinha o monopólio para explorar esse trecho pelo período de 90 anos. Em São Paulo, os trilhos da SPR cruzavam a cidade no sentido leste-oeste. No bairro da Luz, a SPR construiu um dos mais imponentes edifícios da cidade, a Estação da Luz, inaugurada em 1901. Todo o material empregado na sua construção foi importado da Inglaterra.

A Companhia Ituana de Estradas de Ferro foi fundada em 1870 por fazendeiros da região de Itu.

A Companhia de Estrada de Ferro Sorocabana foi inaugurada em 1872 com uma extensão de 120 quilômetros. Algumas décadas depois, ocorre a fusão das duas companhias. É formada a Companhia União Sorocabana e Ituana que juntas cobriam uma extensão de 820 quilômetros de trilhos e 222 quilômetros de vias fluviais nos rios Piracicaba e Tietê. A estação original foi inaugurada em 10 de julho de 1875 pela

Estrada de Ferro Sorocabana e denominava-se Estação São Paulo. A antiga estação ficava ao lado da Estação da Luz, o que facilitava o baldeamento do café para a São Paulo Railway, a única ferrovia que fazia o trajeto da capital ao porto de Santos.

A Estrada de Ferro Sorocabana chegou a contar com 2.074 km de extensão; a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, com 1.536 km.

Em 1827 foi criada a Agência Postal de Constituição (atual Piracicaba), por iniciativa da Câmara Municipal. 1886 foi o ano da criação da Agência Postal de João Alfredo. O ramal de João Alfredo foi construído para ligar a Ituana à navegação fluvial, em 1886. Ele saía da estação de Chave (depois Montana) e terminava na estação-porto de João Alfredo. O volume de correspondências inicialmente era muito pequeno, era escassa a atividade comercial, e havia elevado índice de analfabetismo. Os tipos de atividades de serviço postal da época eram documental (restrito), pessoal e geral. O primeiro refere-se ao transporte de documentos (ordens, etc.), restrito aos dirigentes; o segundo, o pessoal, era o correio incipiente, informal, entre pessoas comuns, geralmente executados pelos tropeiros ou estafetas específicos; e o último, o correio geral, nos mesmos moldes do atual, aberto ao público em geral.

O ramal de Piracicaba da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, km 123,593 passou a funcionar em 30 de julho de 1922. Permaneceu como Cia Paulista de Estradas de Ferro de 1922 até 1971, quando foi encampado pelo governo e passou a se denominar Ferrovias Paulistas S/A, ou simplesmente FEPASA, no período de 1971 até 1998. O que fora exemplo de eficiência, principalmente em seu patrimônio humano, bem como seu material rodante e patrimônio físico, foi implacavelmente deteriorado, sucateado, graças a uma política cujos autores (se todos vivos fossem) poderiam dar melhores explicações. Existem inúmeras suposições a respeito, desde as mais razoáveis até as mais descabidas. Como de praxe, a conta dos desacertos ficou para a população quitar.

HISTÓRICO DA LINHA DE TRENS

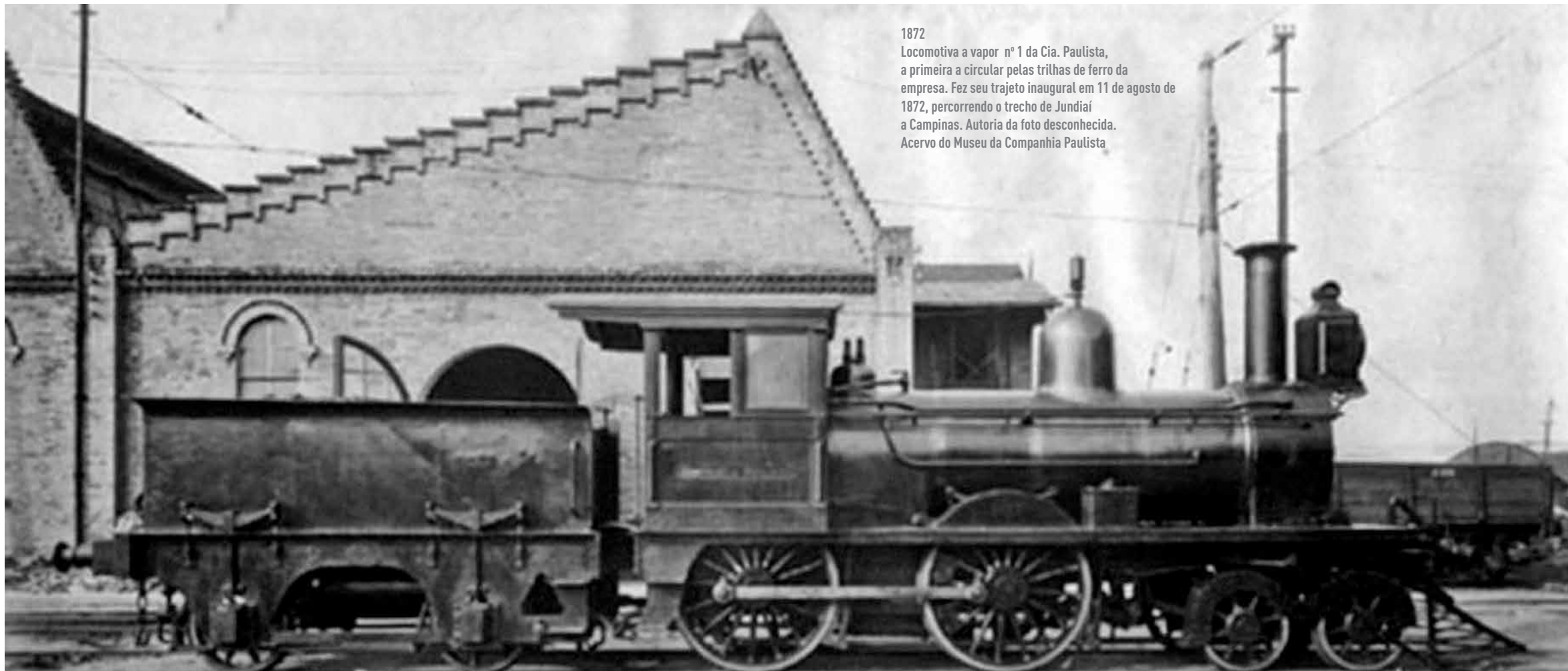
Embora idealizado desde o fim do século XIX para ligar Limeira a Piracicaba, somente em 1916 o ramal de Piracicaba começou a ser construído pela Cia. Paulista, mas saindo de Recanto, estaçãozinha logo após Nova Odessa. Em 1917 chegou a Santa Bárbara para aí estacionar até 1922, quando se prolongou até a estação terminal de Piracicaba. O ramal tinha bitola larga e não se ligava com o ramal da Sorocabana, cruzando-se na entrada da cidade em desnível. Em 1922, tencionava-se o prolongamento até Bauru, ideia abandonada em 1925 por causa das dificuldades das serras no caminho. Apesar disso, em 1969 voltou a se falar na ligação Piracicaba-Torrinha, que também não saiu. Em 20 de fevereiro de 1977, o tráfego de passageiros foi suprimido, e nos anos 90, o ramal foi abandonado. A estação de Piracicaba Paulista foi aberta em 1922, depois de mais de vinte anos de espera e promessas de chegada do ramal da Cia. Paulista à cidade, em terreno doado pelo Sr. João Baptista da Rocha Conceição, dono da fazenda Algodal, a nordeste da cidade, e que por causa dela se havia metido dez anos antes em uma briga jurídica com a Prefeitura em função da construção de Matadouro modelo em terras de sua fazenda. Segundo descrição do jornalista Cecílio Elias Netto, no Almanaque de Piracicaba 2000, “em 9 de setembro de 1922 o trem inaugural da linha Piracicaba-Santa Bárbara D'Oeste chega à Estação. A viagem inaugural saía de São Paulo às 13 horas, em uma composição com sete carros conduzindo representantes da administração da Companhia Paulista, senadores, deputados e jornalistas. Chegaria a Santa Bárbara D'Oeste às 15 horas e de lá à Piracicaba previa-se a viagem com duração de quatro horas! Às 19h30 o primeiro trem da Companhia Paulista chegou à Piracicaba.”

O nome da estação tinha a terminação “Paulista” para diferenciá-la da estação da Sorocabana, situada a não mais de dois quilômetros dali, no centro da cidade. As linhas

da Paulista e da Sorocabana não se encontravam; apenas se cruzavam (a da CP passando sobre uma ponte na linha da EFS) um pouco antes de chegar à estação nova. A arquitetura da estação era a mesma da de Jaú, construída poucos anos antes no ramal daquela cidade, da mesma CP. Piracicaba Paulista era a estação terminal do ramal. Após a supressão dos trens de passageiros do ramal, em 1976, a estação ainda seguiu aberta até cerca de 1990, mas, com a supressão quase total dos cargueiros na linha, acabou sendo fechada. Esteve anos abandonada, e a linha idem, com parte dos trilhos roubados. A estação esteve em reforma para ser um sambódromo, mas, no pátio, hoje existem campo de futebol, ciclovias, pista para caminhada de pedestres e parque para crianças. Ficou pronta, em dezembro de 2005.



A Companhia Paulista de Estradas de Ferro é lembrada com orgulho e saudade. Afinal, desde os seus primórdios, foi reconhecida como uma ferrovia exemplar e símbolo de excelência. Podia-se acertar o relógio com a passagem de seus trens. Seu famoso monograma, com as letras "C" e "P" entrelaçadas – na verdade, um símbolo emprestado do Conde de Pinhal, de São Carlos – ainda assombra os fãs ferroviários, inclusive alguns nascidos muito tempo após o fim da companhia.



1872

Locomotiva a vapor nº 1 da Cia. Paulista,
a primeira a circular pelas trilhas de ferro da
empresa. Fez seu trajeto inaugural em 11 de agosto de
1872, percorrendo o trecho de Jundiaí
a Campinas. Autoria da foto desconhecida.
Acervo do Museu da Companhia Paulista

Companhia Paulista de Estradas de Ferro

Estação de Piracicaba

Fachada Principal

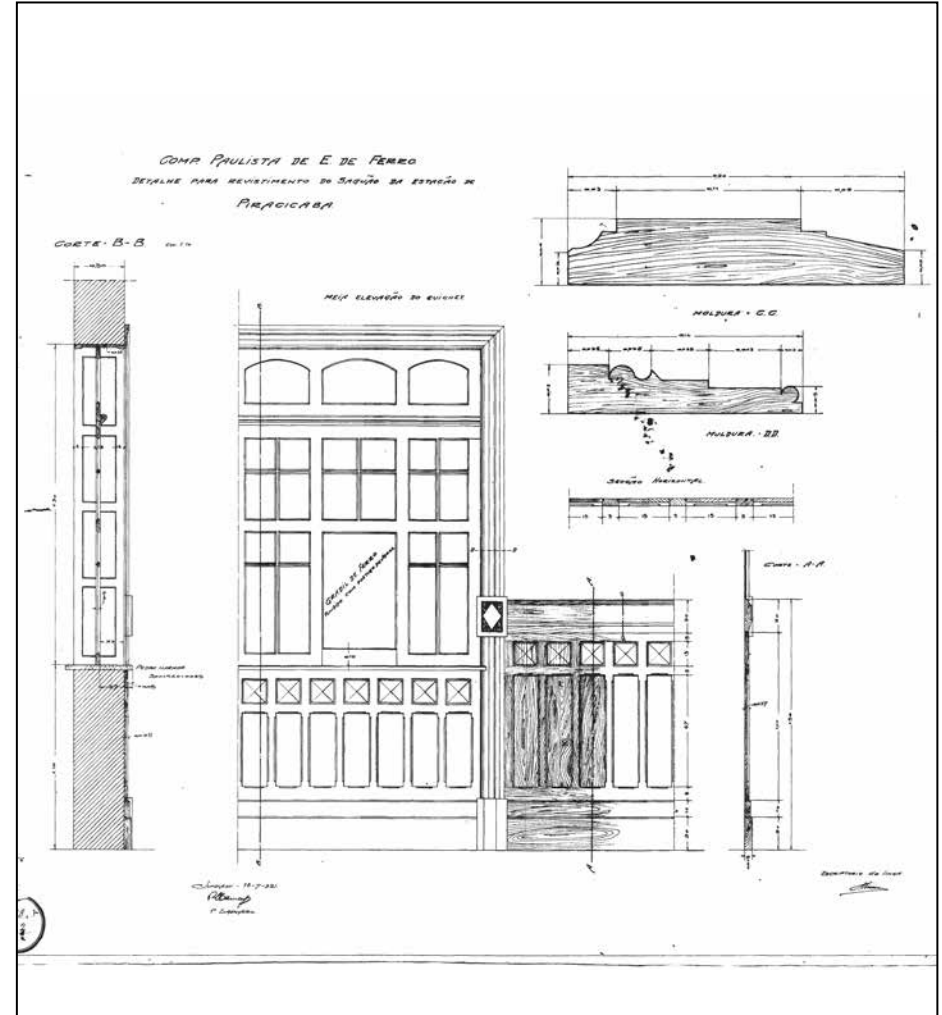
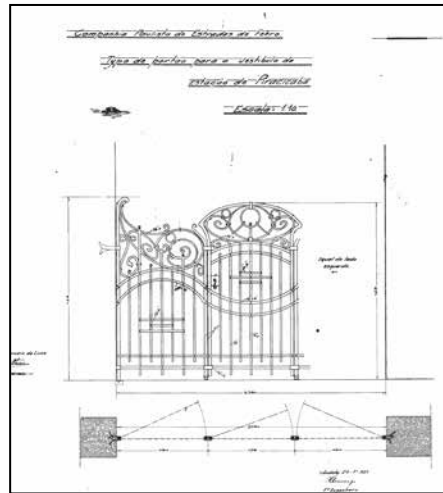
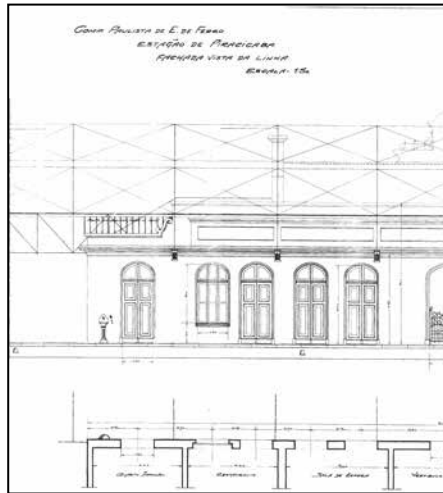
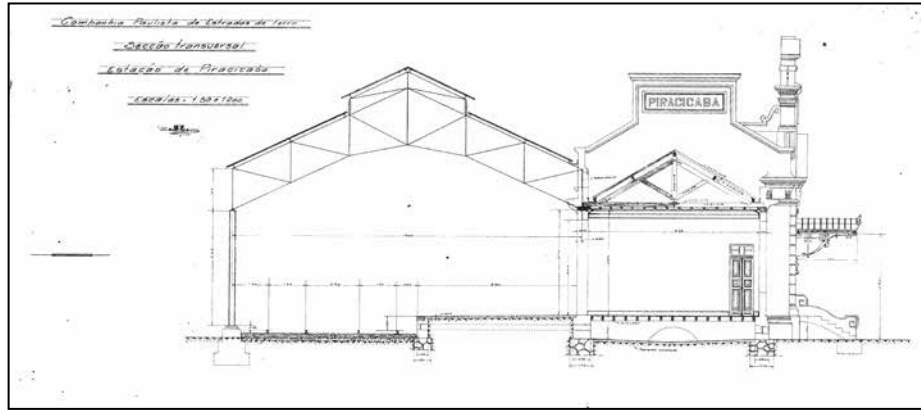
Escala - 1:50

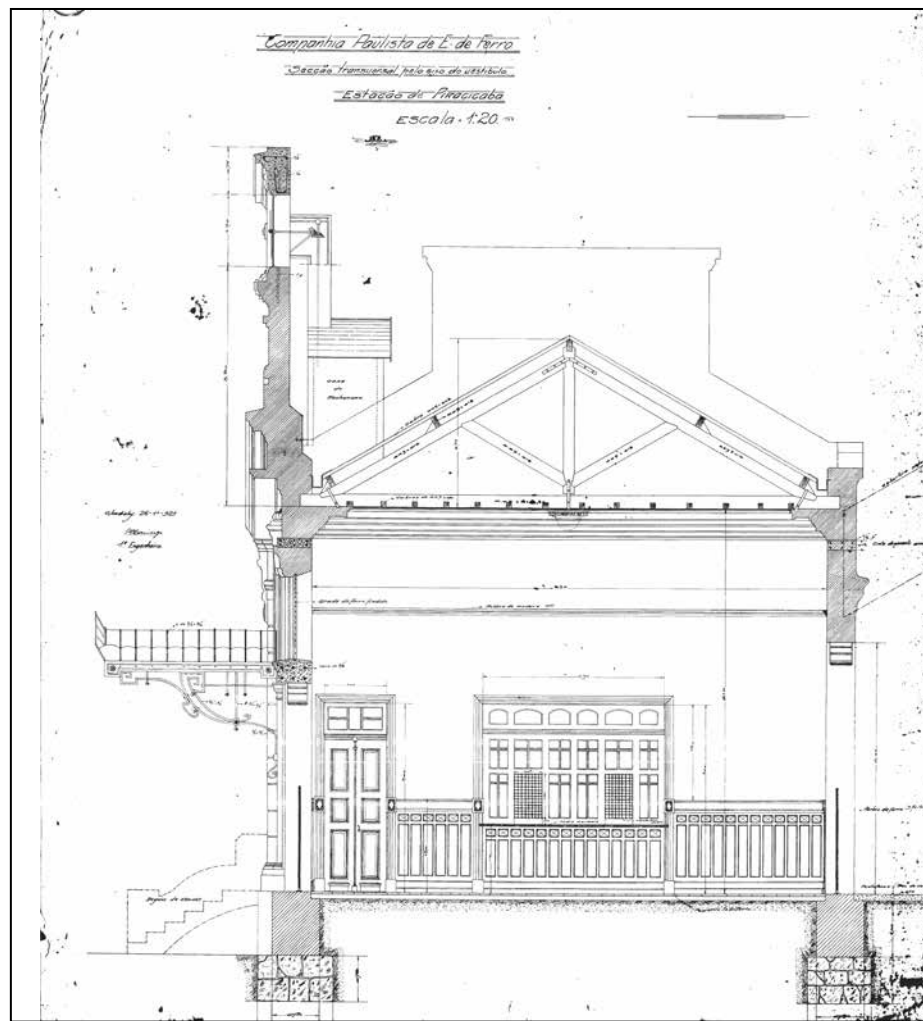
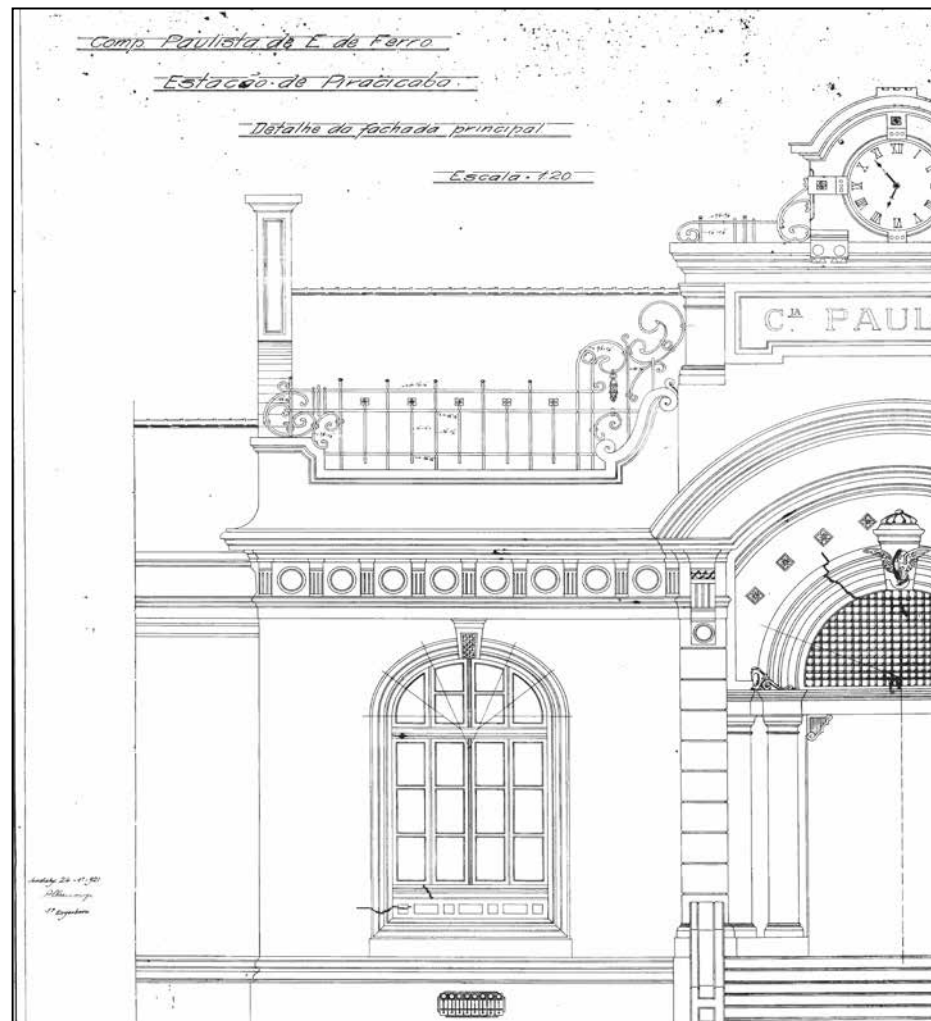
c. 1920

Sequência de plantas baixas do projeto
de construção da Estação Paulista.

Acervo do autor







Igrejas, santos e pregadores na construção do novo bairro

EM 1881, FAMÍLIAS DE PIRACICABA solicitam ao Padre Rosa que se construa um colégio católico na paróquia de Santo Antonio, junto à Rua do Pátio, em terrenos que, segundo planta da cidade de 1822, pertenciam ao Ten. Cel. Teobaldo da Fonseca e Souza, próximo da primitiva igreja da Boa Morte, construída pela Irmandade da Boa Morte, liderada por Miguel Arcanjo Benício da Assunção Dutra, “Miguelzinho”.

Em 26 de fevereiro de 1883 foi dada a bênção e feito o lançamento da primeira pedra do atual Colégio Nossa Senhora da Assunção pelo Padre Francisco Galvão Paes de Barros, vigário; José Custódio Soares de Barros, vice-presidente da Câmara; Dr. Afrodísio Vidigal, juiz municipal do Termo e Dr. Adolfo Alberto Nardy de Vasconcelos, promotor público. Em 10 de agosto de 1893 chegam as primeiras seis irmãs da Congregação de São José de Chambéry. A 15 de agosto é instalado o Colégio

Nossa Senhora da Assunção mantido pela Sociedade de Instrução Popular e Beneficência - SIPEB, cuja sede era em Itu. Na igreja de Nossa Senhora da Boa Morte celebrava-se a festa da padroeira. A reverenda Madre Maria Teodora Voiron era a Superiora Provincial.

A primeira superiora local foi Madre Maria São João de Cenepin. A primeira aluna matriculada, Ercília Teixeira, filha de Joaquim e Maria Ercília Teixeira. A primeira aluna interna foi Maria das Dores Corrêa, filha de Joaquim Mateus e Belmira Augusta Corrêa, que se tornou religiosa da mesma Congregação. Em 1896, o colégio contava com 200 alunas. Em 1898, a Madre Maria São João de Cenepin resolve construir novo templo sob o título de Nossa Senhora da Assunção. Foi então demolida a igreja da Boa Morte. Na madrugada de 25 de janeiro de 1901, um incêndio de grande porte destrói completamente o Colégio. No mesmo ano os alicerces do novo prédio são lançados.

Cria-se o Externato São José, alugando-se um prédio na Rua D. Pedro II, número 5, esquina com a Rua Alferes José Caetano, num terreno de 1.265,56 m², dos quais 366,14 m² eram de área coberta. Em 1903 tem início o trabalho com o Jardim de Infância. Em 1904, Madre Angélica da Cruz Mauris sucede Irmã Maria de Cenepin. Em 1910 é criada a Pia União das Filhas de Maria, no Externato. Em 1911 é o início do Jardim de Infância misto. Em 11 de maio de 1918, a diretoria geral da Instrução Pública autoriza o funcionamento do Curso Primário. Em 1919, as irmãs davam aulas de catecismo para várias escolas. O Externato contava com 300 alunas, sendo que 150 delas estudavam gratuitamente. Em 1921, a Madre Geral, em Chambéry, França, autoriza a construção do novo edifício.

O Externato São José conta com 426 alunas. Em 1922 inaugura-se o novo prédio. Com a morte da Madre Emília em 1925, Madre Maria Paulina Panquet passa a substituí-la inaugurando o prédio do externato, com a capelinha dedicada a São José. Em 15 de agosto de 1926 é inaugurada a igreja Nossa Senhora da Assunção com capacidade para 500 pessoas e é inaugurado também o orfanato com refeitório.

Cônego Manoel Francisco Rosa solicita a abertura do ginásio; seu primeiro diretor foi o Prof. Carlos Sodero.

A 15 de março de 1927, registra-se no Cartório Veiga (Largo São Bento, em São Paulo), uma escritura em favor da Sociedade de Instrução Popular e Beneficente, de Itu, relativa à doação dos terrenos onde se localiza o Colégio Dom Bosco Assunção. São doadoras Dona Maria Melanie Gex, Dona Josephina Chavier, ambas de Itu, e Dona Françoise Guiguet e Dona Antoniette Perrotin. Reportam-se a uma escritura de 13 de junho de 1891. Nesse mesmo ano as irmãs adquirem terreno na Av. Independência para ser utilizado no descanso das alunas.

No dia primeiro de março de 1928, com a concessão de uma inspeção provisória, cria-se no Colégio a Escola Normal Livre Nossa Senhora da Assunção (ENLNSA), equiparada à oficial, de acordo com o Decreto de 1927, do Presidente do Estado, Dr. Júlio Prestes. No dia 3 aconteceram os exames de admissão. Dia 9 instala-se a ENLNSA, ainda sob a designação de Colégio Nossa Senhora da Assunção. Dia 12 o curso entra em funcionamento. Nessa mesma data toma posse a primeira diretora da Escola Normal, Irmã Cacilda Ferraz do Amaral. A inauguração solene e oficial acontece em 24 de maio, dia dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora.

A primeira turma de 29 normalistas forma-se em 1930. Instalam-se os laboratórios de Física e Química, sala ambiente de história natural e museu didático. O Curso Complementar (ao Normal) é inaugurado em 1931. Em 1933 o Curso Normal se enquadra à Reforma Fernando de Azevedo: Curso Fundamental (Ginásio) e Curso Profissional (Colegial). O relatório de 1934 registra a existência de salas ambiente de Geografia, Desenho, Ciências Físicas e Naturais, Laboratório com gabinetes de Física e Química, biblioteca, área coberta para Educação Física e auditório com 160m². Período de funcionamento: matutino: das 8 às 12 horas; um só período: das 11 às 16 horas. A pedido de D. Francisco de Campos Barreto, bispo de Campinas, criam-se os cursos primário e ginásial para meninos.

Em 1935 é nomeado o primeiro inspetor federal: Prof. José de Campos Camargo, para o curso fundamental, que começa a funcionar com a 1ª série. O decreto nº 2113, de 8 de novembro de 1937, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, outorga inspeção permanente ao curso ginásial. Nos relatórios consta que nesse ano havia três bibliotecas, assim distribuídas: “Assumpção” para o Curso Normal, com 147 volumes; “Anchieta” para o Fundamental, com 950 volumes, e “Guido Fontgalland”, para o primário, com 236 volumes. Total de alunos, 544.

Em 1944, a Escola Normal Livre Nossa Senhora da Assunção ganhou prédio novo na Rua D. Pedro II, onde funcionou até 1953 (no local hoje está instalado um dos departamentos da Faculdade de Odontologia e Farmácia de Piracicaba). Em 1955, todos os cursos foram reunidos num único prédio, construído na Rua Boa Morte. Em 1988, a sociedade mantenedora do Colégio Assunção (Irmãs de São José Chambéry), situada em Itu, fez doação dos prédios e da igreja aos Salesianos de D. Bosco. O Assunção passa a se chamar Colégio Salesiano D. Bosco Assunção. O primeiro diretor comum aos dois colégios foi o Padre Antonio Hercio Raser e como vice, o Padre Marco Biaggi. A Comunidade Salesiana dos Colégios Salesianos D. Bosco de Piracicaba mantém Oratórios Salesianos e responde ainda pelas Capelanias de São João Batista, São Roque e Nossa Senhora no Distrito de Artemis, e a capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição no bairro Nova Suíça.

Em 23 de agosto de 1885, a Câmara Municipal projetava transformar em largo público o terreno fronteiro ao Colégio Assunção e Igreja Boa Morte. Para isso, resolveu desapropriar tal terreno, que pertencia ao vigário Francisco Galvão Paes de Barros e major Fernando Ferraz de Arruda, por compra aos herdeiros de Miguel Arcanjo Benício Dutra.

Em 12 de outubro de 1863, um dos vereadores propunha em sessão que se fizesse “um chafaris singelo e modesto na Rua Paralella, (Rosário), a do Pau Queimado,

(Alferes José Caetano), atrás da Chácara do Cap. Bento Francisco de Matos, no lugar onde existem sempre olhos d’água”. Um desses olhos-da-água se localiza hoje no terreno do Dispensário dos Pobres. Em 20 de outubro de 1878, em um trecho de ata está escrito: “Officiou-se ao Exmo. Sr. D. Lino Deodato de Carvalho (arcebispo de São Paulo), relativamente ao cemitério unido à Igreja Nossa Senhora da Boa Morte”. Nessa época, Piracicaba possuía dois cemitérios: um público, (o atual Cemitério da Saudade), e outro, junto à Igreja da Boa Morte, privativo de associações religiosas. Em 1883 ocorreu a resolução da edilidade referente aos benefícios de uma fonte de água, de que se servia o público, a fim de torná-la mais cômoda aos que a procurassem. Tal fonte se localizava ao lado do Itapeva, no fim da Rua Alferes José Caetano, sendo que esta rua era conhecida por “Rua da Pocinha” e também como “Rua do Pau Queimado”, no extremo do bairro da Paulista.

Em 7 de fevereiro de 1887, informava a Gazeta de Piracicaba, que existiam em nossa cidade 2.107 casas, em ruas e largos. Em 7 de abril do mesmo ano, conforme a Gazeta de Piracicaba: “Segundo dados oficiais recentes, possui a nossa cidade 2.108 casas. Calculando, termo médio, 5 pessoas para cada casa temos o algarismo de 10.540 habitantes”.

IGREJA SÃO BENEDITO

A Igreja São Benedito já se denominou Igreja Nossa Senhora do Rosário, origem do nome Rua do Rosário. Adquirida na França, por Dona Elidia de Rezende, filha dos Barões de Rezende, em 6 de janeiro de 1889 chega à cidade uma imagem de São Benedito. É que no ano anterior, por ocasião da libertação dos escravos, os recém-libertos compareceram em massa à Igreja Nossa Senhora do Rosário, para agradecer a grande conquista alcançada em 13 de maio de 1888. Foi então que Dona Elidia lhes

prometeu uma imagem de São Benedito, o único santo negro então conhecido. Desde esse dia em diante, a igreja Nossa Senhora do Rosário, construída às expensas de Dona Elídia, que também mandara vir da França a respectiva imagem, passou a chamar-se Igreja de São Benedito, com a festa de seu padroeiro em 6 de janeiro. Por efeito da denominação primitiva do templo, é que, até hoje temos a tradicional Rua do Rosário.

IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – IGREJA DOS FRADES

Em 10 de novembro de 1895, o bispo de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde, benze a Igreja Sagrado Coração de Jesus. Ao que parece foi a primeira vez que Piracicaba viu um bispo. Esta informação, assim como as que se seguem, foram coletadas por Frei Nelson Berto e publicadas no livro “Capuchinhos em Piracicaba - Igreja Sagrado Coração de Jesus”, editado em 1960.

Frei Luiz Maria de São Tiago nasceu no norte da Itália e veio ser missionário no Brasil. Viveu apenas 48 anos, sendo que passou treze anos entre Taubaté e Piracicaba. Ele foi o fundador da Província dos Capuchinhos de São Paulo, fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, fundador da Ordem Franciscana Secular em Piracicaba e em Taubaté, fundador do Seminário Seráfico São Fidélis, fundador da devoção ao Imaculado Coração de Maria e formador de grandes missionários trentinos.

Não fundou sozinho todas essas obras, sempre foi um dos fundadores. Em seu caminho surgiram adversários muito fortes pelos mais diversos motivos. Por motivo de doença e da ação de opositores teve que se retirar de volta para a Itália, quando tinha ainda quarenta e dois anos, onde morreu seis anos depois.

Frei Luiz Maria nasceu em 26 de abril de 1862, em San Giacomo, pequena aldeia dos Alpes italianos, com o nome civil de Benjamin. Foi o nono dos dez filhos de Catarina e João Batista Zucali. Frequentou a escola de 1868 a 1870. Em 1876, foi morar

com Camilo, seu irmão mais velho, que era professor na vizinha Mezzolombardo. Aos quinze anos de idade resolveu ser frade capuchinho. A Ordem estava em um período de plena restauração, e uma das grandes bandeiras era a abertura de missões nos países estrangeiros. Frei Bernardino de Lavallo foi pregar em sua terra, quando tomou a decisão de seguir a vocação sacerdotal. Em 28 de setembro de 1877, Benjamin recebeu o hábito de noviço no convento de Ala. Nesse dia lhe deram o nome de Frei Luiz Maria. Comprometeu-se pela profissão como frade em 29 de setembro de 1878. Foi ordenado sacerdote a 21 de setembro de 1884, com apenas 22 anos completos. Tornou-se professor no convento de Ala.

Em julho de 1889, Frei Luiz Maria foi escolhido para fazer parte da primeira turma de missionários que deveria partir para o Brasil. Os capuchinhos estavam presentes no Brasil com um bonito trabalho missionário, desde o começo do século XVII. Esse grupo trentino era o primeiro mandado pelo superior geral para assumir como Província a implantação da Ordem dos Capuchinhos no Brasil. Posteriormente, vieram outros de outras regiões e hoje os capuchinhos têm no Brasil dez províncias, uma vice-província e uma custódia, totalizando mais de mil e duzentos frades.

O dia 29 de julho de 1889 ficou bem gravado na vida da Província Capuchinha de Trento, na Itália: quatro de seus filhos, animados pelo espírito apostólico-franciscano, deixavam irmãos, família, pátria. Eram eles: Frei Felix de Lavallo, 47 anos, superior; Frei Luiz Maria de São Tiago, 27 anos; e os irmãos leigos Frei Virgílio (alguns autores o chamam de Vigílio) de Trento, 32 anos e Frei Caetano de Pietramurata, 43 anos. Antes de partirem, eles foram recebidos pelo papa Leão XIII, que lhes deu a bênção e os presenteou com uma estampa do Coração de Jesus, que haveria de ser o padroeiro do primeiro convento fundado em Piracicaba, relíquia que se conserva até hoje. No dia 27 de agosto de 1889, embarcaram no porto de Gênova pelo Napoli. No início a viagem correu bem, houve celebração da missa no navio todos os dias. Frei Virgílio começou a reclamar de dores e febres, falecendo em 16 de setembro, às 19 horas. O

navio estava na altura de Pernambuco. Para não alarmar os passageiros, às 4 horas da madrugada, depois que os frades rezaram missa de corpo presente, feitas as absolvições, parou o vapor e, entre os soluços dos companheiros, seu cadáver foi lançado ao mar, amarrado entre dois colchões, como era praxe nessas ocasiões. Frei Vigílio tinha morrido de tifo. Ninguém pôde desembarcar no Rio de Janeiro, porque havia suspeitas de que a bordo houvesse contágio de cólera-morbus que grassava na Itália. Prosseguiram viagem até Montevideo, onde desembarcaram em 22 de setembro. Os missionários ficaram hospedados com os capuchinhos genoveses até embarcarem em outro navio para o Brasil no dia primeiro de outubro. Chegaram ao Rio de Janeiro em 6 de outubro de 1889 pelo Araucania. Foram recebidos pelos capuchinhos do Morro do Castelo. Frei Silvério de Rabbi os esperava. Com ele puderam exercitar-se um pouco na língua portuguesa. No dia 6, primeiro domingo do mês, Frei Félix e Frei Luiz puderam celebrar suas primeiras missas no Brasil. A República foi proclamada no dia 15 de novembro. É interessante observar que outros capuchinhos, de outras Províncias, percorreram anteriormente nosso Estado, dedicando-se a missões, aldeamentos indígenas, em Campos Novos, Itaporanga, Pirajuí, ou também assumindo paróquias como Santa Isabel, Parnaíba, Santa Bárbara, Monte Mor, Capão Bonito e outras.

De 1856 a 1878, a pedido do bispo D. Antonio Joaquim de Melo, capuchinhos franceses dirigiram o Seminário Diocesano de São Paulo, tendo como auxiliares frades de outras nacionalidades, todos dotados de ampla cultura e raros dotes prestaram imenso serviço na formação do clero paulista. Distinguiram-se, entre outros, o primeiro reitor, Frei Eugênio de Rumilly e o primeiro vice-reitor, Frei Firmino de Centelhas, famosos oradores; o matemático e astrônomo, Frei Germano de Annecy. A eles se uniu Frei Vital M. Gonçalves de Oliveira, sagrado bispo de Olinda em 17 de março de 1872 com apenas 26 anos.

Seguindo as ordens do ministro geral, Frei Felix de Lavallo foi falar com o bispo de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que lhe rogou para substituir o

velho pároco Valeriano Lopes, em Tietê. Um mês e meio depois de estar no Brasil, ele já chamava seus companheiros para Tietê. Frei Luiz e Frei Caetano chegaram a Tietê em 23 de novembro. Não havendo clima para hospedar-se na casa do padre, foram gentilmente acolhidos em um sítio fora da cidade, de propriedade do Sr. João de Almeida Prado. O pároco local não os via com bons olhos, a resistência do vigário provocou a vinda do Internúncio Francisco Spolverini a Tietê, onde, incógnito, viu o que de fato estava ocorrendo. Depois de conhecer a situação, apresentou-se aos frades e com eles se congratulou. O pobre vigário faleceu dois meses depois. Outro pároco foi provisionado para Tietê. Era fim de 1889. A partir de 19 de fevereiro de 1890 os missionários ficaram hospedados no Mosteiro da Luz, em São Paulo, acolhidos pelo capelão Monsenhor João Gomes.

Apesar das grandes obras materiais realizadas pelos frades capuchinhos, a verdadeira grandiosidade está nas obras de missões. Essa é a maior obra de todas. Imensurável. Quase sempre a cavalo percorriam fazendas, onde muitas vezes encontravam a oposição de administradores, temerosos que os missionários viessem a conhecer as enormes injustiças cometidas contra os colonos. A barbárie era cometida contra pessoas indefesas. Jovens esposas e moças, especialmente as bonitas, eram ameaçadas com revólveres, de serem expulsas com suas famílias, constringidas a satisfazer desejos abomináveis desses administradores. Os missionários entregaram-se de corpo e alma a um trabalho de instrução e regeneração moral, através de discursos acessíveis, simples, adaptados à capacidade do auditório. Pela dedicação e paciência conquistavam a admiração, a estima e a veneração do povo.

Em São Paulo, Frei Félix encontrara com o fervoroso vicentino Dr. Saladino Bruno Figueira de Aguiar, amigo do Sr. Ricardo Pinto de Almeida, seu confrade na Conferência de Piracicaba, que havia sido fundada em 16 de maio de 1888, composta pelos senhores: Carlos Morato de Almeida, Conrado Hebling, João Batista Sampaio de Arruda, Salvador Ferraz do Amaral, Ricardo Pinto de Almeida, Luís de Toledo,

Belarmino do Canto (Nhô Belo). Em 12 de março de 1890, Frei Felix, acompanhado de Frei Silvério Rabbi, fez uma visita “de reconhecimento” à Piracicaba. Foram recebidos festivamente pelo Vigário Padre Francisco Galvão Paes de Barros. Foram hospedados em uma casa contígua à antiga Igreja da Boa Morte. A casa e a igreja destinavam-se às Irmãs de São José de Chambéry, que deveriam vir de Itu. Esse oratório foi inaugurado em 1º de setembro de 1854 e mais tarde seria destruído para dar lugar à igreja atual. Era zelosamente cuidado pelo piedoso artista Miguel Dutra que, além da devoção à Senhora da Boa Morte, conservava a memória de seu pai Miguel Archanjo Benício de Assunção Dutra, construtor do oratório.

Enquanto as irmãs não chegavam, os frades puderam morar nessa casa. Frei Luiz pregou todos os dias do mês de maio de 1890. Ao final do mês, quarenta crianças tiveram a sua primeira comunhão. Frei Luiz Maria passou a dar aulas na escola desde o primeiro dia do mês. Ainda em maio, chegou Frei Silvério para fazer parte da missão. Em 24 de julho chegaram da Itália mais três frades: Frei Gregório de Rumo, Frei Mansueto de Valfloriana e o irmão leigo Frei Benjamin de Vigo. A partir de agosto, abriram-se duas classes na escolinha.

A permanência na Boa Morte era provisória. Em 28 de fevereiro de 1891, compraram da Sra. Leopoldina Hebling um terreno e uma antiga casinha onde passaram a residir. Consta no Livro de “Actas das Sessões da Intendência Municipal 1890-1892” que a 9 de março de 1891 tinha havido uma sessão do conselho de intendência municipal, na qual foi lido um requerimento de Manoel Morato de Carvalho e do Major Fernando Ferraz de Arruda, pedindo, por aforamento ou permuta, um terreno denominado “Encosto”, pertencente à municipalidade, para nele edificarem uma escola que seria dirigida pelos reverendos capuchinhos, bem como a construção de uma capela. O pedido foi indeferido. O “Encosto” era o depósito de lixo da cidade. Novos requerimentos de Ricardo Pinto de Almeida, Padre Galvão e Fernando Ferraz de Arruda foram discutidos em 8 e 15 de julho de 1891 e a 3 de janeiro de 1892. Havia

vereadores contrários aos frades. A sessão de 3 de janeiro exige que a construção da igreja, casa, ou estabelecimento não impeça o prolongamento da Rua Alferes ou de qualquer outra, sob pena de anulação de qualquer concessão. A construção da igreja era planejada para abranger espaços da Rua Alferes, motivo de divergências e do antigo túnel ou passagem subterrânea que havia nela. Para situarmos-nos melhor com relação às construções existentes hoje, a passagem subterrânea existia apenas abaixo do que mais tarde seria o prolongamento da Rua Alferes José Caetano. A primeira pedra foi lançada em primeiro de janeiro de 1893.

Na oportunidade foi lido e assinado o seguinte documento:

“Auto de lançamento da primeira pedra nos alicerces abertos e preparados ad hoc para edificar-se a nova Igreja dos Missionários Capuchinhos nesta cidade de Piracicaba.

Ao primeiro dia do Mês de Janeiro do ano do Nascimento de Nosso S. Jesus Cristo de mil oitocentos e noventa e três, imperando na Santa Igreja Católica Romana o SS Papa Leão XIII; na Igreja Paulista o mui digno Exmo. Sr. Dom Lino Deodado Rodrigues de Carvalho; com assistência de 4 a 5 mil pessoas dos dois sexos, inclusive os padrinhos, mordomos e zeladoras, no fim deste assinados, pelas doze horas do referido dia, saiu da Igreja da Boa Morte em direção dos alicerces previamente abertos da nova Igreja, que vai edificar-se, uma solene procissão oficiada pelo Revmo Fr. Félix de Lavalle, Comissário Provincial dos Missionários Capuchinhos, devidamente paramentado, acompanhado pelo Revmo Vigário desta paróquia, Francisco Galvão de Barros, e pelos Missionários Fr. Luis de S. Tiago, Fr. Daniel de S. Maria e Fr. Vigílio de Breguzzo, indo em seu centro o andor com a pedra que devia ser lançada nos alicerces.

Esta procissão chegou na melhor ordem possível, aos referidos alicerces,

onde, depois, de análogo sermão, pregado pelo Revmo Fr. Luís, tendo sido colocada a pedra no alicerce, procedeu o Revmo Comissário à bênção da mesma com toda a solenidade, e assim finalizou este ato imponente e majestoso, com o maior entusiasmo e alegria de todos os assistentes.

E para todo o tempo constar, se lavrou o presente auto, que será igualmente transcrito no livro tomo da Matriz.

Piracicaba, 1º de janeiro de 1893.

aa) Fr. Félix de Lavalle, Comiss. Prov.

Fr. Luis de S. Tiago, Guard. De Taubaté

Fr. Fr. Daniel de S. Maria

Fr. Vigílio de Breguzzo

Assinam também: Antonio de Almeida Rocha, Francisco Florêncio da Rocha, Major Fernando Ferraz de Arruda, Antonio Morato de Carvalho, Ricardo Pinto de Almeida, Dr. Torquato da Silva Leitão, Dr. Paulo Pinto de Almeida, Jayme Pinto de Almeida, Conrado Hebling, Jacob Wagner, Luis Augusto de Toledo, José Perches de Menezes, João Baptista de Mattos, Pedro Paulo Lagreca, Bel. Cherubim Ferraz de Andrade, Carlos Morato de Carvalho, Belarmino Leite do Canto, Ricardo Pinto César, Carlos Zanotta, Antonio Manoel de Moraes Sampaio, Eulália Pinto de Barros, João Morato de Carvalho, Natália Angélica de Mello, Antonia Perches, Rita D'Elboux da Rocha, Maria Gabriela D'Elboux.

Houve uma enorme afluência popular, presença de autoridades. A cerimônia foi presidida pelo Padre Galvão. Às 11 horas houve missa solene cantada, com participação dos Tiroleses do “Banco”, que haviam se estabelecido na região em 20 de novembro de 1892.

Em 1892 Frei Luiz Maria de São Tiago foi nomeado o primeiro guardião do convento

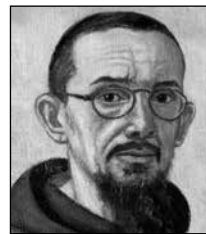
de Taubaté, onde tomou posse em 13 de janeiro de 1892. Em 1895 voltou a Piracicaba como guardião do novo convento, ainda por construir. No dia 8 de dezembro de 1895 teve a alegria de inaugurar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, com missa celebrada pelo Cardeal Arcoverde (Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti), nono bispo paulistano, primeiro cardeal brasileiro e primeiro cardeal também da América Latina. Em 1896 os frades começaram a construir o convento ao lado da igreja.

Dados sobre a Igreja Sagrado Coração de Jesus

A Igreja Sagrado Coração de Jesus é conhecida em Piracicaba como a Igreja dos Frades. É uma obra fisicamente monumental, até os dias de hoje. Um marco na cultura piracicabana, a sua importância foi muito além das fronteiras do município de Piracicaba. A execução coube aos pedreiros piracicabanos Luís Morandi, Carlos Adâmoli e Antônio Del Fávero. Baseado em estudos de Guilherme Vitti, assim sintetizou o jornalista Cecílio Elias Netto, Almanaque de Piracicaba, em 2003, sobre as obras: “O término da igreja deu-se em 1898, quando se colocaram, no topo da fachada, a imagem do Sagrado Coração de Jesus no meio, com 2,50 metros de altura, ladeada pelas estátuas de São Pedro e São Paulo, com 1,23 metros de altura cada uma. O escultor das estátuas foi o pedreiro Antônio Del Fávero que, sob a direção do desenhista Luís Facchini, as fez com tijolos e cimento. O estilo da igreja é um misto do toscano, do jônico e do romano. A nave central tem 25 metros de altura por 30 metros de comprimento e 12 metros de largura. As capelas laterais, três de cada lado, medem 9 metros de comprimento por 6 metros de largura. O presbitério tem 8 metros de comprimento, por 7,70 metros de largura e altura de 22 metros. Os coros laterais, em continuação das capelas, medem 9 metros por 8 metros e as tribunas ficam acima deles. O altar-mor é de estilo toscano.” O próprio Guilherme Vitti complementa

que “a imagem do Sagrado Coração de Jesus, é de papelão ‘Pierre’, uma doação das devotas Donas Eudóxia e Maria Pinto de Almeida. Em 1900, ficou pronto o tabernáculo do altar-mor, construído pelos irmãos Trentini, de Taubaté, ao preço de 4 contos de réis. O púlpito foi esculpido por Antônio Spinelli, com ajuda do marceneiro Emílio Adâmoli, custando 3 contos de réis. E foram eles, também, que esculpiram os altares das capelas laterais, por 6 contos de réis, misturando estilos toscano, romano e da renascença.”

Em 1902, chegaram, da Europa, os santos de madeira esculpidos pelo entalhador tirolês, Antônio Tavella de Gardena. São as imagens de São Francisco, Santo Antônio, São Félix, São Fidélis, São Luís de França, Santa Isabel, Santa Clara e São Benedito, ao preço aproximado de 6 contos de réis. A imagem de Santo Antônio foi paga por Antônio Morato, pai de Francisco Morato, e a Ordem Terceira pagou as imagens de São Luís e Santa Isabel. A fachada da igreja foi pintada pelo frei Paulo de Sorocaba, em 1915, tendo como serventes Plácido Zenatti e Eriberto Zabrecato, um espanhol. Emílio Adâmoli projetou e construiu os andaimes, que custaram 900 mil réis. E foi, também, Frei Paulo, com os mesmos Zenatti e Zabrecato, quem fez a pintura do presbitério e do altar-mor, de 1916 a 1917, além de idealizar os respiradouros das paredes, que melhoraram a acústica e a ventilação. Em 1917, Frei Paulo de Sorocaba pintou o quadro de São Francisco recebendo os estigmas, obra que mede 3 metros por 2 metros.



FREI PAULO MARIA DE SOROCABA

Filho do músico-maestro e santeiro Pedro Rodrigues de Melo e Frutuosa da Rocha Pinho, Frei Paulo de Sorocaba, cujo nome civil era João Batista de Melo, nasceu em Sorocaba, em 24 de junho de 1873. Aos 10 anos foi levado ao desenho artístico por influência de amigos, passou a ter contato então com o ensino de perspectivas e desenhos com crayon através de gravuras litografadas e fotografias. Com um tio, passou a pintar paredes de 1887 a 1891. Sentiu-se inclinado à ordem religiosa. Em 6 de agosto de 1900, veio à Piracicaba como noviço, recebeu o hábito no dia 11 de agosto de 1900, na Igreja Sagrado Coração de Jesus. Em 1903, partiu para missões de Campos Novos de Paranapanema, sob comando de Frei Boaventura de Aldeno. Doente, voltou em 1906, indo exercer o ofício de sacristão e porteiro no Convento Imaculada e no São Francisco, em São Paulo. Em 1912, os superiores o enviam para a Europa a fim de aprimorar os seus dotes de pintor.

Nas cidades de Trento e de Rovereto, teve por mestres Camilo Bernardi e Antonio Mayer. Voltando ao Brasil, em fins de 1913, passa a residir no convento em Piracicaba, onde permaneceu por 10 anos. Após residir em Santos e Botucatu, volta para nossa cidade, indo morar no Seminário Seráfico em 1928. Entre seus inúmeros alunos estão artistas piracicabanos como Angelino Stella, Eugenio Nardin, Manoel Martho, Álvaro Segá. Frei Paulo faleceu em 11 de julho de 1955 no Seminário Seráfico São Fidelis. Tinha 82 anos de idade e 54 anos de vida religiosa. Fez obras a óleo, terracota, aquarela, crayon, carvão, pintou não apenas a arte sacra, mas paisagens e natureza morta. Integrou o corpo docente que, em 10 de dezembro de 1928, instalou o Seminário Seráfico São Fidelis. Frei Paulo influenciou grandes artistas piracicabanos.



FREI FRANCISCO ERASMO SIGRIST

Frei Francisco Erasmo Sigrist nasceu em Helvécia, Indaiatuba, em 30 de maio de 1932. Seus pais eram Francisco Xavier Sigrist e Lina Ambiel Sigrist. Cursou o 1º grau na Escola São Nicolau de Flue, nos anos de 1939 a 1943. Entrou para o Seminário São Fidélis de Piracicaba, onde cursou o 2º grau nos anos de 1944 a

1949. Em seguida pediu afastamento do Seminário.

Depois de vários anos de reflexão, pediu novamente para ingressar na Ordem Franciscana Capuchinha. Fez contato com a Província, em 1º de março em 1975, em Nova Veneza, SP. Vestiu o hábito franciscano capuchinho, iniciando o noviciado no Seminário São Fidélis, no dia 19 de janeiro de 1976. Foi seu mestre Frei Rogério Rodrigues Dias. No dia 1º de janeiro de 1977, fez a profissão temporária perante Frei Francisco Bellotto.

Teve os Ministérios de Leitor e Acólito conferidos pelo Padre Bonifatius Strack, na Igreja Käppele, em Wurzburg, Alemanha, aos 15 de junho de 1983. Foi ordenado diácono por D. Paul Verner, na Catedral de Wurzburg, em 16 de julho de 1983. Recebeu a Ordenação Sacerdotal pela imposição das mãos de D. Constantino Amstalden, Bispo Diocesano de São Carlos, na igreja Nossa Senhora de Lourdes, em Helvécia, no dia 18 de dezembro de 1983.

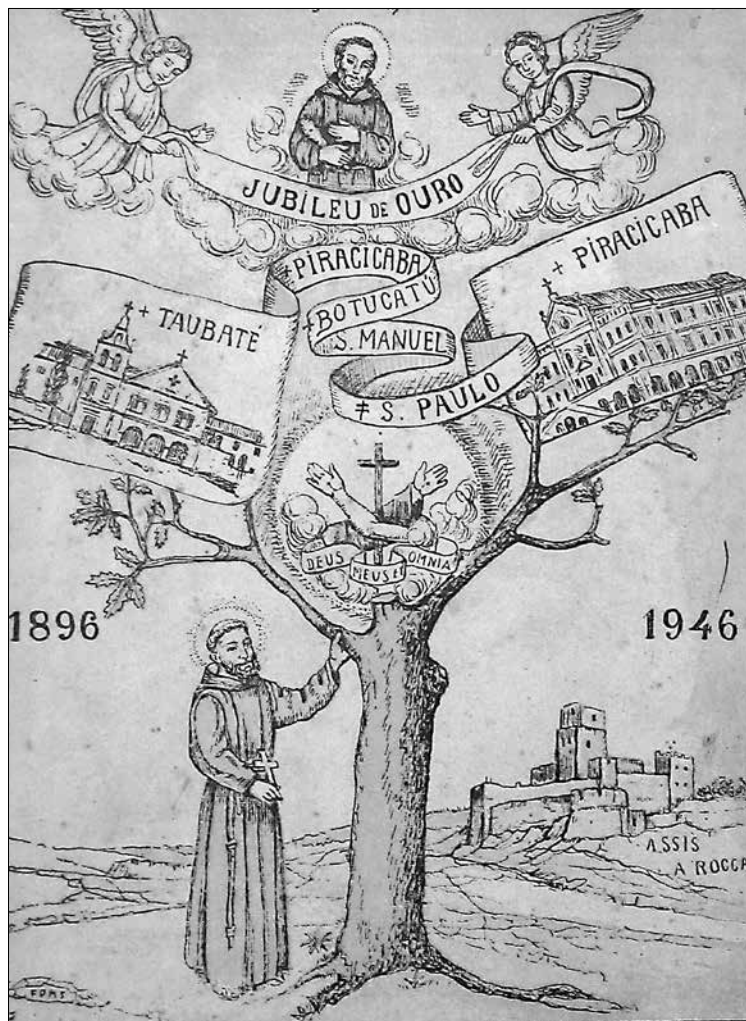
Depois de ordenado, em janeiro de 1984, foi para o convento e paróquia Sagrado Coração de Jesus, como Vice-Mestre de Noviços e Vigário Paroquial. Em janeiro de 1985 foi para a Fraternidade Nossa Senhora da Glória, no Jardim Glória, onde viveu e trabalhou até a morte, buscando realizar intensa e radicalmente a proposta fundamental do Evangelho para nossa vida religiosa.

Na manhã do dia 18 de outubro de 1998, às 7 horas, fulminado por infarto agudo do miocárdio, Frei Francisco Erasmo Sigrist morreu no seu barraco, no Jardim Glória, onde era Guardião da Fraternidade. Como diz o Evangelho, para ele a morte chegou mesmo “como um ladrão”. Foi encontrado morto no chão, sendo velado pelo cachorro e por uma gata de estimação, num velório bem franciscano. A notícia da morte de Frei Francisco Sigrist abalou a comunidade do Jardim Glória e provocou uma dor muito profunda em todo o povo cristão de Piracicaba, pois era muito conhecido e estimado pelo seu testemunho de vida, pelo seu trabalho que transformou uma favela, pelas aulas no curso de Teologia da diocese e no curso de Vida Religiosa da Província. Frei Francisco Erasmo Sigrist exerceu o ministério sacerdotal durante quase 15 anos, somente em Piracicaba.



FREI SAUL PERON

Os frequentadores da Igreja dos Frades conhecem e respeitam muito Frei Saul Peron, um frade convicto da sua vocação. Com seu jeito despachado e objetivo, conquista cada fiel que vê nele toda a fé e caridade típicas de um capuchinho. Frei Saul se define: “É meu caráter. Eu não mostro os dentes com muita facilidade. Se mudar, não sou eu. A incapacidade de gerenciar as próprias emoções são defeitos, limites do próprio caráter. Temos que trabalhar nosso caráter. São meus pontos de vista, se você me provar o contrário eu não tenho dificuldades em aceitar. Eu peço muitos conselhos às pessoas! Não tenho também muita preocupação em ficar agradando, ou deixar de fazer alguma coisa porque o outro não concorda. Na minha vida nunca deixei de ter nenhuma iniciativa por medo do fracasso. Nem tudo deu certo. O fracasso é não tomar uma iniciativa por medo do fracasso”.



c. 1893
Escola Nossa Senhora Assunção
Autoria desconhecida. Acervo IHGP

c. 1855
Igreja Nossa Senhora da Boa Morte
Autoria desconhecida. Acervo IHGP

1946
Capa da revista interna publicada em comemoração aos 50 anos de existência da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, fundada por Madre Cecília, com as ramificações que foram criadas em outras cidades. Acervo do autor

É filho de Guerino Peron e Cezira Caldari Peron, família muito conhecida em Piracicaba, especialmente na Vila Rezende. Nasceu em 5 de novembro de 1934, na localidade rural que uns chamam de Guamium por causa do córrego, também conhecida por Santa Fé, que fica entre Vila Nova e Cruz Caiada.

Seus pais tiveram cinco filhos. Até os quarenta anos de idade, seu pai trabalhou na agricultura, mudando depois para Piracicaba, onde montou um armazém de secos e molhados, o Empório São Benedito, na Av. Dona Francisca, Vila Rezende, próximo ao local onde em 2012 era o Restaurante Monte Sul.

Da casa do seu pai, quando se olhava na direção de onde atualmente é o bairro Jardim Monumento, onde está o Mosteiro e a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, plantava-se arroz. O local onde hoje é o Hospital dos Fornecedores de Cana praticamente determinava o limite das casas construídas. Quando menino conheceu a Av. Dona Francisca com meia dúzia de casas, piso de terra, cercas de pau a pique. A única rua calçada era a Av. Rui Barbosa, o bonde passava pela Casa Valler e fazia seu ponto final onde hoje há um Posto de Saúde Municipal. Estudou por dois anos em um grupo escolar que ficava onde na época denominava-se Bimbóca, hoje Av. Manoel Conceição. Era uma escola mista, situada entre uma dúzia de casas, inclusive dos Vitti. O Grupo Escolar José Romão já existia. Aos 16 anos incompletos foi estudar no Seminário Seráfico São Fidélis. Frei Saul procede de uma família muito religiosa, seus avôs eram líderes da comunidade e recebiam em casa os padres que iam celebrar a missa na localidade. Desde pequeno teve sempre um bom relacionamento com os frades, e a boa maneira de ser deles o encantou.

Antes de se ingressar na carreira religiosa havia dois anos de preparatório, era a base. Três anos de ginásio, dois anos de curso clássico e o noviciado, onde era feita a formação religiosa. Em seguida, mais três anos de Filosofia pura, estudando francês, italiano, grego clássico, grego bíblico, latim. Naturalmente se dava grande importância ao português. No Seminário Seráfico foram cinco anos de estudos e de lá foi para

Mococa por dois anos, ficou um ano em Taubaté, voltou para Mococa onde permaneceu por três anos, depois mais quatro anos e meio em São Paulo.

Naquele tempo, do começo ao fim, passava-se por 13 a 14 anos de estudos.

No seu conceito, a oratória é um dom pessoal, um carisma, é a habilidade e convicção daquilo que o orador vai falar, tem que ser usada técnica específica, fora do seu ambiente é natural ocorrer um pouco de inibição. Frei Saul diz: “Tenho facilidade em falar, desde que seja dentro do meu campo. Há pessoas que falam sobre tudo de forma bastante natural, e podem ocorrer em erros. Quando você está expondo um assunto, naquele assunto seu domínio provavelmente é acima da grande maioria que o escuta. Pode acontecer de haver entre os ouvintes alguém que está com posições divergentes, e nem sempre quem está apresentando tem uma resposta convincente. Em palestras de um nível mais elevado, isso pode ocorrer com mais frequência. Temos pessoas muito cultas, com grande capacidade, mas quando se apresentam em público pronunciam-se muito acima do entendimento da platéia.”

As coisas mudam!

Por que Missa do Galo? Porque era celebrada à meia-noite, hora do galo cantar. Naquele tempo a missa tinha todo um encanto, por ser rezada à meia-noite. Era a missa festiva do Natal. Há padres que guardam essa tradição até hoje, a Matriz da Vila Rezende manteve esse costume até muito pouco tempo. Relata Frei Saul: “Naquele tempo você rezava a missa e ia embora para casa a pé. Quando eu era menino, por muitos anos participei da Missa do Galo, celebrada pelo Monsenhor Gallo! Na nossa igreja é às 20 h, vem uma enormidade de fiéis. Depois irão para suas casas, onde celebrarão em família com a ceia. Fato que acho muito importante, por reunir os membros da família.”

E prossegue: “O Natal está totalmente descaracterizado. O que vale hoje é o consumismo. Praticamente tudo que se encontra ‘brilhando’ no comércio vem da China. Qual é o Natal na China? O cristianismo tem uma pequena parcela da população

chinesa que pratica e sofre perseguições. É comércio e acabou. Isso existe em todas as partes do mundo. Se você for ao Japão poderá ter a impressão de que é o país mais cristão que existe! Natal para nós não é comércio! Sempre trabalhei, e consegui obter sucesso principalmente em cidades menores, incentivando os comerciantes a montarem presépios em suas vitrines. Inclusive alguns comerciantes chegaram a fazer a novena de Natal. Em uma cidade grande como Piracicaba isso se dilui. Eu tentei dar um colorido diferente à igreja, através de enfeites, de presépios, mensagens. Tentei fazer um pouco diferente daquilo do que está aí. É um consumismo desnecessário. De angústia, inclusive! Os pais que não têm poder aquisitivo para adquirir presentes, as crianças que não irão receber praticamente nada, o vizinho que mora ao lado têm coisas muito boas. O que deveria ser motivo de grande alegria para todo o mundo, para grande parte acaba sendo motivo de angústias e frustrações. Até que ponto as pessoas que estão nessa situação financeira, econômica e social têm condições religiosas de superar o problema e ter uma visão diferente do sentido do Natal?”

Frei Saul afirma que é importante a existência da confissão, mas é importante também que haja psicólogos, psiquiatras. Muitas vezes alguma pessoa que o procura para uma confissão, ele manda para o psiquiatra, para o médico. O problema da pessoa é muito mais de saúde psíquica do que problemas de pecado. Muitas vezes, as pessoas não têm condições para pagar um psiquiatra, ela confessa seus pecados e eles são resultados de desajustes emocionais, familiares, sociais. Na sua paróquia não diminuiu o número de confissões, pelo contrário, aumentou. Em uma confissão comunitária, havia praticamente 900 pessoas! É um rito especial. Vem pessoas de todos os cantos da cidade, inclusive de outros municípios.



FREI TITO

Francisco de Assis Pereira de Campos ainda hoje é chamado de Frei Tito, nome adotado no período da sua vida dedicada exclusivamente à sua missão religiosa. Frade quer dizer irmão, significa viver a fraternidade. O frade capuchinho pode ser sacerdote ou irmão leigo, vivendo em fraternidade e servindo a Igreja, preferencialmente em tarefas e lugares difíceis. Realiza os serviços simples, humildes, estando entre os pobres e marginalizados. O frade capuchinho procura trabalhar pelo bem do povo com preparação e competência, sem ambições pessoais. Piracicaba tem grandes exemplos de frades capuchinhos como referência. Frei Tito partilhou com Frei (Francisco Erasmo) Sigrist o mesmo teto do barraco em que moravam, na favela, hoje tombado como patrimônio histórico. Frei Tito realizou a experiência de vida onde só a fé intensa desenvolve a coragem de vencer os inúmeros obstáculos encontrados. Vivenciou o mundo desconhecido pela maioria da população, o cotidiano dos marginalizados, onde o significado da vida tem referências e valores próprios.

Francisco de Assis Pereira de Campos tem formação em Filosofia e Teologia, especialização em Filosofia Política e Filosofia da Arte, mestrado em Educação. Foi assessor executivo do Gabinete do Prefeito de Sumaré, o piracicabano José Antonio Bacchin, secretário de Obras, diretor de Educação, diretor de Cidadania, gerente da Cidade, chefe de Gabinete, na cidade de Sumaré.

Nasceu em 14 de junho de 1954, na Nova Suíça, bairro rural distante poucos quilômetros do centro de Piracicaba. Filho de Benedito Pereira de Campos, conhecido como Dito Gica, seu avô paterno tinha o apelido de “Seu” Gica. Sua mãe é Barbara do Amaral Campos, conhecida como Dona Barbica. Sempre foram agricultores, eram proprietários de um sítio com aproximadamente dez alqueires. Ao longo de muitos

anos tiveram gado leiteiro: naquele tempo entregavam o leite direto ao consumidor, em litros de vidro acondicionados em um engradadinho de ferro, com a entrega feita de casa em casa. Época em que o padeiro também entregava o pão em domicílio. Eram nove irmãos, Antonio, Maria José, Maria Alice, João Pedro, Maria de Lourdes, Francisco, José Deodato, Reinaldo, Vera. Na roça começa-se a trabalhar logo que se aprende a andar e as crianças, ainda muito novas, já iam para a roça. Na época, às três horas da manhã, já se levantavam para tirar leite, às seis horas da manhã o leite deveria estar sendo entregue na rua.

Francisco tirou muito leite. Usava-se aquele tradicional banquinho, com um pezinho e amarrado à cintura para poder fazer o trabalho de forma mais rápida. Amarrava-se a cabeça da vaca para evitar chifradas, imobilizavam-se as patas traseiras para não tomar coices do animal. Era um serviço que oferecia riscos para uma criança. Chegou a levar uma chifrada em uma das mãos, que provocou um ferimento de certa gravidade, mas sem que ficasse sequela. Na época, não havia mecanização, toda a lavoura era feita com arado, tracionado por burros. Uma das coisas que mais gostava de fazer era arar a terra, gradear a terra. Gradear a terra era quase uma diversão, subia em cima da grade para que ficasse mais pesada. Era gostoso passar ferramenta em roça de milho, de arroz. Trabalhava com uma dupla ou “pareia” de animais até a hora do almoço e, em função do calor, após o almoço utilizavam outra “pareia”.

Tinha uma mula chamada Chalana, muito estimada. É interessante observar que seu pai gostava da música Chalana e, em função disso, várias gerações de mulas receberam esse nome. As vacas também recebiam nomes como Mansinha e Pintada. Chegaram a ter vinte vacas produzindo leite diariamente.

Houve uma época em que o leite “in natura” não podia mais ser vendido. No início do Morro do Enxofre a fiscalização pegava os leiteiros, prendia-os, dava-lhes banho de água fria. Francisco ainda pequeno, não entendia muito bem o que estava acontecendo, que por trás disso havia a industrialização, a obrigatoriedade de colocar o

leite nos laticínios e tirar o produtor da venda direta ao consumidor. A fiscalização era rigorosa. Havia produtores que vinham de longe para trazer o produto, a caminhonete carregada de leite, e era comum pararem em sua casa, por ser o sítio que também produzia leite e ficava mais próximo da cidade.

Fez o Grupo no Bairro Rural Pau Queimado. Lembra-se das suas professoras, Dona Ruth, Dona Filomena e Dona Dalva. Na época, Dona Dalva tinha um carro DKW, branco e vermelho e se ouvia o ronco do carro quando ele estava vindo. Quando chovia, às vezes elas não conseguiam chegar até a escola; a criançada torcia para não ouvir o carro, assim não haveria aula.

Vinha a pé assistir a missa na Catedral de Piracicaba. A distância deve girar em torno de uns seis quilômetros. O sítio ficava bem em frente ao Seminário Diocesano. A entrada do Seminário e uma faixa de terra que dá acesso ao mesmo foram cedidas pelo seu pai.

A energia elétrica chegou bem cedo à região, por conta do prefeito Francisco Salgot Castillon. Ele levou também o telefone. Na sua casa havia um aparelho, de número 94, e na venda de Santo (Santin) Novello havia outro aparelho. Para completar uma ligação tinha que solicitar à telefonista que a fizesse. O telefone tocava na sua casa e tocava no Santin, eram extensões um do outro. Esse telefone acabou virando um orelhão. E era esse também o objetivo, não era visto como um privilégio pessoal.

O rádio chegou muito tarde à sua casa, deve ter sido na década de 60. Tinha um rádio a bateria, com válvula. Ouviam muito o Zé Bétio, seu pai ouvia Alziro Zarur da LBV – Legião da Boa Vontade.

Havia espírito de solidariedade na alegria e na tristeza. Quando ouviam o porco gritando lá no sítio do vizinho sabiam que iria aparecer um pouco de carne para comerem. O vizinho matava o porco e trazia um pedaço de carne. Isso era recíproco. Era interessante essa relação de vizinhança, quase nunca um vizinho chegava na casa do outro de mãos vazias. Sempre trazia limão, laranja, pão caseiro.

Quando a família veio para Piracicaba, foram morar na Vila Boyes, próximo à Igreja São Dimas. Seu pai adquiriu de um tio um armazém. Permaneceram por um tempo em Piracicaba, preservando o local onde moravam na zona rural. Seu primeiro emprego ficava embaixo da rádio PRD-6, em um laboratório de prótese de propriedade de Washington e Roberto. Faziam dentaduras, pontes. Trabalhou um tempo também como cobrador de ônibus, da Viação Marchiori, fazendo a linha Piracicaba-Rio Claro. Depois, passou a fazer também a linha Piracicaba-Pirassununga. Após trabalhar por um determinado tempo nessa linha, voltou para o sítio.

Com 15 para 16 anos de idade foi estudar no Colégio Agrícola de Rio das Pedras. Estudou por três anos lá, é da primeira turma formada pelo Colégio. Quando iniciou os estudos lá, o alojamento não estava ainda pronto, permaneceram morando em umas casas da CDHU, na entrada de Rio das Pedras. O caminhão do Colégio os levava para a escola, subiam em cima da carroceria, era um frio danado.

Francisco gostava de jogar futebol, sempre foi goleiro. Em Rio das Pedras, na Rua Prudente de Moraes, havia um cinema, era também um local de distração. Às quartas-feiras, saía do colégio e ia às reuniões dos Vicentinos. Ele era vicentino. Conheceu muito bem Caetano Gramani, uma pessoa que sempre esteve muito presente na sua vida.

Surgiu um concurso na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Francisco fez, foi aprovado e passou a trabalhar na ESALQ, no departamento de Solo e Geologia. O responsável pelo departamento era o Prof. Dr. Guido Ranzani, sogro de João Hermann Neto. Morava no Bairro Nova Suíça e trabalhava na ESALQ, Pedro Hidalgo era um vizinho de sítio que trabalhava em uma metalúrgica próxima e tinha um Fusca novinho; Francisco ia e voltava com ele. Permaneceu trabalhando na ESALQ por dois anos.

Ele sempre teve uma vida muito ligada à Igreja, em especial aos Franciscanos. Seu avô, “Seu” Gica, Terceiro Franciscano, foi sepultado com hábito da Ordem Terceira. Hoje, Francisco pertence à Ordem Terceira. São Francisco queria uma ordem de

irmãos, por isso a denominação “frei”. A origem está em “fratello”. Na Idade Média, para pregar o Evangelho precisava ser diácono, não era padre, mas pertencia ao clero. Ele fundou a ordem dos frades e abriu a possibilidade para que todos possam viver o Evangelho na sua espiritualidade. A Ordem Terceira é para todos cristãos que querem viver o espírito franciscano.

Quando trabalhava na ESALQ, Francisco fazia a coordenação da Pastoral Rural da Diocese de Piracicaba, foi o período em que ocorreram os movimentos como Topada, Gen, TLC. Criou na Igreja dos Frades a Pastoral Rural, à época em que o capelão era Frei Saul Perón. Lembra-se do Frei Afonso. Frei Marcio era o frade mais jovem. Essa relação com os frades acabou criando um envolvimento. Frei Marcio era responsável pela Pastoral Vocacional, com isso era provocado em determinadas situações a ser padre. Eram jovens empolgados com a pastoral.

Gostava e gosta da Igreja até hoje, na época entendeu que deveria tomar uma decisão. A sua família gostou. Lembra-se que estava sentado na soleira da porta, quando disse à sua mãe que estava pensando seriamente em ir para o seminário. Ela respondeu-lhe: “Mas você já está muito velho para isso!”. Na época, quem queria ser padre ia para o seminário muito cedo. Foi para o seminário, onde teve formação da Filosofia antiga e da nova, sobretudo a Filosofia da Libertação. Teve professores como Hugo Assmann, Frei Beto, Rubem Alves, Leonardo Boff.

O frade pode morar em um convento e exercer o trabalho como advogado, médico, veterinário, professor. Houve o caso de um frade que exerceu a profissão de cobrador de ônibus. Tem que estar ligado à fraternidade. Tem que ter feito os estudos e a profissão de fé. Francisco fez seus primeiros votos em 1980, no Seminário Seráfico São Fidélis. Fez seus estudos em Nova Veneza. Em 1982 foi morar na periferia de Sumaré, com Frei João, que hoje é bispo. Ele diz: “Eu entendi que o meu papel na igreja fundamentalmente era o de contribuir para a formação catequista, dar cursos bíblicos aos leigos e, sobretudo, estar presente nos movimentos sociais. O ser humano constrói

seus próprios obstáculos. Só que ele não procede assim por acaso. Somos frutos de uma formação. Paulo Freire diz que “a nossa cabeça é onde estão os nossos pés. Somos produtos do meio.”

Francisco ficou conhecido como Frei Tito por conta da ordem. Na favela algumas crianças o chamavam de Título. Foi morar em uma fraternidade dos frades no Jardim Glória. Frei Sigrist tinha acabado de voltar da Alemanha, onde tinha feito Teologia. Ele era uma pessoa muito especial, de grande espiritualidade, grande senso de humor. Alguns estudantes tinham construído um barraco na favela e foram morar lá. Frei Tito pediu ao Provincial Frei Sermo Dorizotto para também ir morar na favela.

Francisco relata: “É uma experiência muito boa. Foi o período mais interessante da minha vida. Eu já tinha convivido com uma favela, mas não havia morado em um barraco, junto com o povo, vivendo 24 horas por dia na favela. Acabei indo morar com Frei Sigrist. Nesses anos todos que vivemos na favela, tínhamos apenas um pequeno rádio, quando ia lavar roupa eu ficava ouvindo Toninho da Engenhoca. Não tinha televisão, não tinha muro, não tinha cerca. Criamos uma relação muito saudável com a população. O barraco não tinha fechadura. Quando chegamos à favela tínhamos problemas de todas as ordens. A primeira coisa que fizemos foi capacitar algumas mulheres de boa vontade no sentido delas fazerem curativos, procedimentos básicos de saúde. O barraco acabou sendo um pequeno ambulatório.”

E ele continua o relato: “O sentimento das pessoas das favelas é de quem está à margem da sociedade. Sem auto-estima. Às vezes o único espaço que encontram é na marginalidade. Eu participei de mutirão rebocando casa. A nossa presença ali era de extrema importância para eles. Aprendi a fazer muitas coisas com eles. Montamos uma fábrica de blocos lá dentro. Compramos um caminhão Mercedes-Benz e eu, dirigindo o caminhão, ia buscar areia na Codistil. Ganhamos do Colégio Dom Bosco a antiga estrutura, eu e Frei Sigrist em cima de andaimes, vigotas, com a criançada, mulherada, todos juntos, derrubamos aquilo tudo. Isso os animava e mudava a vida deles. Foi um

trabalho de muita integração, viver a vida deles. Desistimos de ter colchão nas duas camas, tanto na minha como na do Frei Sigrist. Um dia, chegando em casa, chovendo, o Sigrist me disse: “Tito, você me desculpe, mas chegou uma mãe, com o filho deitado no chão, no barro, eu disse a ela que só tinha o meu colchão e o seu para dar a ela. Ela aceitou. Não fique bravo, Tito, amanhã eu compro outro colchão”. Eu respondi: “Vamos ficar sem colchão! Se comprar, você vai doar de novo!” Ficamos por vários anos sem colchão. O barraco está lá, do jeito que deixamos, aberto à visitação”.



MADRE CECÍLIA

Irmã Luiza Bertazzoni, da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, fez seu relato sobre Madre Cecília.

Nosso objetivo principal é dar uma pequena imagem de quem foi Irmã Cecília, que muitos piracicabanos conhecem como nome de rua, Rua Madre Cecília, muitos sem saberem da importância dessa religiosa. Madre Cecília, ou Mamã Cecília como é carinhosamente chamada, nasceu em Piracicaba aos 7 dias do mês de julho de 1852, filha de Pedro Liberato Macedo e Rosa Martins Bonilha, e foi batizada com o nome de Antonia. No dia 11 de fevereiro de 1888, na presença do Padre Francisco Galvão Pais de Barros, por imposição paterna, casou-se com Francisco José Borges Ferreira, português, com quem teve três filhos: João, Antonio e Rosa. Seis anos após, ficou viúva (seu marido faleceu no dia 7 de dezembro 1894, aos 43 anos de idade) e foi com seu trabalho de costureira que conseguiu criá-los. Piracicaba contava com 10.540 habitantes em 1888. Em 1895 ingressou na Ordem Terceira Franciscana, recebendo o nome de Irmã Cecília do Coração de Maria. Aos 6 de janeiro de 1896, sentiu uma inspiração de Deus, que expressou às suas companheiras de trabalho e ao Diretor Espiritual da Ordem Terceira

Franciscana - Frei Luiz Maria de São Tiago: “Desejava arranjar uma casa, onde, junto com outras Irmãs Terceiras, pudéssemos viver a oração, o trabalho, ajudando os Capuchinhos em suas missões”. Dizia que essa casa seria “um asilo para as meninas órfãs”. As Irmãs Terceiras começaram a pedir ajuda ao povo para essa construção, foi inaugurada em 2 de fevereiro de 1898. No dia 30 de setembro de 1900, sete Irmãs Terceiras davam início à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria. Madre Cecília era a superiora geral da nova Congregação. Transcrevemos na íntegra, texto publicado na época:

“Extracto para publicação dos estatutos da Asylo de Nossa Mãe

Artigo 1º – Com denominação de Asylo “de Nossa Mãe”, fica fundado com sede e estabelecimento na cidade de Piracicaba, um instituto destinado a educar e sustentar meninas desvalidas, orphans ou não, sem distinção de cor ou classe. Artigo 7º – O asylo será representado activa e passivamente em Juízo e em geral nas suas relações para com terceiros pela Directora, que poderá outhorgar mandato em delegação de poderes. Artigo 8º - A administração fica a cargo exclusivo da Directora, com as restrições expressamente consignadas nestes estatutos. (Essas restrições só dizem respeito à admissão ou retirada de alguma aluna, benfeitora ou mestra.) Artigo 3º – Os membros do Asylo não respondem subsidiariamente pelas obrigações que os seus representantes comtrahirem expressa ou intencionalmente em nome della. Artigo 6º - Das disposições transitórias. Fica a directora auctorizada a fazer inscrever estes estatutos e a fazel-os publicar no jornal official do estado, na forma da legislação em vigor. Pelo Art. 9º das mesmas disposições foi declarada directora a sra. D. Antonia Martins de Macedo. Piracicaba, 27 de outubro de 1896 – Antonia Martins de Macedo”.

A primeira pedra ficou bem embaixo de onde se vê, até hoje, o quadro de Coração de Maria, exposto em uma das janelas, de tal forma que todo transeunte pode vê-lo. No dia 2 de fevereiro de 1898, mesmo sem estar feita a instalação da água, o Asilo foi inaugurado.

A respeito do quadro do Coração de Maria, Irmã Luiza Bertazzoni diz:

“Esse quadro tem um significado muito grande para nós. Frei Luiz Maria de São Tiago, no dia 21 de setembro, aos 22 anos de idade, recebeu o hábito dos capuchinhos, no noviciado da Província de Trento, Itália, no convento de Ala. Ele era colaborador de Irmã Cecília. Quando foi enviado da Itália para o Brasil, recebeu um quadro do Coração de Jesus do Papa Leão XIII, com a incumbência de propagar a devoção ao Coração de Jesus. Por isso a Igreja dos Frades é Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ele decidiu propagar também a devoção ao Coração de Maria. Quando foi construído o Lar Escola, foi ele quem esboçou aquele espaço para que um quadro sempre iluminasse a vida daqueles que passam à frente do Lar Escola. Na fachada lia-se: ‘Asilo Coração de Maria Nossa Mãe’ e um quadro do Coração de Maria, sempre iluminado, ocupa a janela mais alta até os dias de hoje. Já são mais de 20 quadros utilizados nesses mais de 100 anos. De tempos em tempos temos que mudar por causa do efeito do sol que incide sobre o quadro. O sol queima a pintura.”

Existe um espaço de relíquia da Mamãe Cecília no Lar Escola. Irmã Luiza conta: “Costumamos dizer que é um espaço de relíquia. Tem as últimas coisas que ela usou, que pudemos guardar e conservar até hoje. Inclusive coisas que se desgastam rapidamente, como tecidos, por exemplo. Estamos conseguindo conservar um pouco.”

Mamãe Cecília teve três filhos, sendo que a sua filha Rosa era portadora de deficiência múltipla, dando bastante trabalho, pois era cega e tinha deficiência mental. Viveu por 65 anos. Quando seu marido faleceu, em 1894, Antonia, ou Mamãe Cecília, tinha 42 anos. Nesse mesmo ano também faleceram seu pai: Pedro e Rosa, com uma diferença de apenas três meses.

No ano de 1895 os capuchinhos inauguraram a Igreja do Coração de Jesus em Piracicaba. A Ordem Terceira Franciscana é constituída de homens e mulheres que não deixam suas famílias nem seus trabalhos. Muitas fraternidades da Ordem Terceira do Brasil Imperial eram verdadeiros clubes que reuniam pessoas influentes e poderosas, como um sinal de prestígio e para garantir vantagens como... jazigos em cemitérios! O Papa Leão XIII enfrentou uma corajosa reforma para que a Ordem Terceira voltasse às suas origens. Irmã Cecília foi nomeada conselheira da Ordem Terceira. Constam ainda como terceiras Dona Maria das Dores Morato (Da. Mariquinha) e Dona Luiza Josefina de Matos (Da. Luizinha). Um dia, passando pela Rua Boa Morte com sua amiga, Dona Mariquinha Morato, na altura onde ficava nesse tempo a casa provisória dos Capuchinhos, Da. Antonia ficou encantada com uma paineira em flor, do outro lado da rua, e manifestou que aquele poderia ser um bom lugar para construir o Asilo. Disse então: “Eu gostaria tanto que a casa fosse construída no lugar dessa paineira. Mas aonde vamos arrumar o dinheiro necessário para adquirir esse terreno?” Dona Mariquinha disse: “Já é seu! Esse terreno é a minha herança de família!” Foi a mais forte manifestação de que Deus queria que essa casa fosse erguida! Muitas crianças nesses mais de 100 anos já tiveram seu aconchego, seu descanso, seu alimento.

Hoje o Lar Escola funciona como creche. Até a década de 1980 era internato, abrigo para meninas, onde eram abrigadas até 130 meninas abandonadas, órfãs que não tinham com quem ficar. A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente veio a proposta do desinternamento. Irmã Luiza prossegue: “Foi um longo processo que fizemos para que nenhuma criança ficasse abandonada, na rua. A partir daí passou a funcionar como creche e educação complementar. Hoje, temos cerca de 250 crianças de 2 a 11 anos”.

Sobre as possíveis 130 meninas que poderiam estar abrigadas no Lar Irmã Luiza diz: “Hoje, se olharmos tantas unidades da Febem com situações sérias, é possível que não tivéssemos o passo do desinternamento. Não seria uma Febem, mas um abrigo com crianças com encaminhamento, saem aos 18 anos já com emprego, algumas das

meninas bem adiantadas em seus estudos. O mesmo acontece com o Lar Franciscano de Menores. Um dos serviços que eles prestavam à comunidade era o de encadernação. Um trabalho de muito boa qualidade.” Ela prossegue: “A partir de 1917 nossas irmãs começaram a trabalhar no Lar dos Velhinhos de Piracicaba. São quase 90 anos de serviços prestados aos idosos, de serviço à saúde. No ano passado completamos 90 anos cuidando de doentes na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba.”

De 1898 a 1900 apenas era o Lar Escola cuidando de crianças. Em 2 de fevereiro de 1898, o Asilo foi inaugurado: um edifício simples e pobre, de três andares para economizar terreno. Naquele dia instalaram-se D. Antonia com quatro companheiras da Ordem Terceira Franciscana, seus três filhos e duas órfãs. Elas, porém, não eram freiras. Simplesmente moravam juntas, viviam uma vida religiosa. A casa era tão pobre que elas quase sempre trabalhavam descalças. Alguém lhes doou doze latas de marmelada, abriam uma lata cada vez que entrava uma órfã: a lata vazia servia de prato. Até que Luiz de Toledo, um comerciante, visitou a casa e vendo aquela pobreza mandou como donativo talhas, pratos, jarras e outros utensílios.

Em 1900, foi fundada a Congregação, com sete irmãs. Logo no início, ficando com sua filha Rosa, de oito anos de idade, Madre Cecília mandou os filhos João, com sete anos, e Antonio, com cinco anos, para o Liceu Coração de Jesus, mantido pelos padres salesianos em São Paulo. As despesas correram por conta do Sr. José Estanislau do Amaral e, segundo dizem, também Da. Tereza de Jesus Aguirre auxiliou. Mamãe (Madre) durante doze anos abriu novas casas, e cresceu o número de irmãs.

Madre Cecília recebeu uma carta do Bispo Diocesano de Campinas, Dom João Batista Correa Nery, em que ele dizia: “Madre,[...] cumprimentos. Se a senhora puder conservar os seus filhos do locutório para fora (locutório é o compartimento separado por grades, donde falam as pessoas recolhidas em conventos, prisões etc, com as de fora que as procuram) poderá ficar em qualquer casa; do contrário, ficará dispensada da Comunidade, em lugar onde possa recebê-los e cuidar deles”.

Pouco tempo antes, uma sua benfeitora tinha comprado para a Congregação uma casa vizinha ao Asilo, com um lote intermediário. Pertencia a uma tal de “Nhá Eva” e de lá vinha sempre muito barulho. Mamãe Cecília, brincando, chamava o lugar de “urupuca da cabocla”. Era um sobradinho a que as irmãs apelidaram de “o chalé”. Quando o bispo perguntou se não havia onde alojar a fundadora, essa foi a casa indicada. Teve de ir para lá, com sua filha Rosa, cada vez mais difícil por causa dos seus gritos, e com a dedicada Irmã Maria do Carmo, que lhe fez companhia até o fim. Esse chalé foi adquirido em nome do Asylo Coração de Maria em 1910: seus proprietários eram. Veridiano Rolim Barbosa e Maria Joaquina Barbosa. Localizava-se à Rua Saldanha Marinho, 13, atual Rua São Francisco. Madre Cecília morou nessa casa por 31 anos; depois o chalé foi derrubado e foram construídas algumas casas para sustento do Lar. Hoje está sendo reconstruído, não o chalé, mas um pequeno espaço de oração onde as pessoas podem ir para rezar, se encontrar, bem nas costas de onde era o chalé. Existe a maquete do chalé na sala de lembranças.

Todos os anos, ela enfeitava a sacada do chalé e a parte debaixo com belas flores - eram dois pavimentos. Era um dos lugares onde o Santíssimo parava e todo o povo rezava, naquele momento, de uma maneira especial. O chalé era mesmo a casa da Mamãe Cecília. Um lugar da Eucaristia. Mamãe Cecília tinha um amor muito grande por Jesus. À noite, quando acordava, ela visitava em pensamento todas as igrejas de Piracicaba. A gente sente em Mamãe Cecília uma pessoa muito envolvida com a comunidade, com a sociedade, com a pobreza, com os necessitados. Quando a Catedral sofreu um incêndio, ela fez um apelo pelo jornal aos piracicabanos, dizendo que conhecia a generosidade deles e tinha a certeza de que todos iam doar o equivalente a 2 reais para o projeto de reconstrução.

A documentação para a canonização de Madre Cecília foi reunida, tendo Monsenhor Luiz Giuliani como secretário da causa. São aproximadamente trinta volumes que

foram enviados a Roma. Em Roma o processo já está se encaminhando, a questão das virtudes heróicas. Existe um sumário, onde se colocam as virtudes heróicas de Madre Cecília. São elas a dedicação ao pobre, a disponibilidade, a obediência, o carinho e a dedicação para com o doente, o velhinho, a criança. A fé que ela tinha. O cuidado com as crianças. Isso praticamente está pronto. Foi tudo traduzido para a língua italiana e hoje está se fazendo outra biografia documentada. Irmã Armanda Franco Gomes de Camargo é a responsável na Congregação pelo processo, já na fase dos milagres. Por isso, todos aqueles que alcançam graças por interseção de Madre Cecília devem se comunicar com a Congregação descrevendo-os. Às vezes, são verdadeiros milagres que acontecem, e não apenas pequenas graças. Mamãe Cecília durante o tempo em que ficou no chalé dava muitas bênçãos. Era chamada “Mulher das Bênçãos”. Essas bênçãos eram de acordo com a conversa que ela tinha com as pessoas.

Hoje, as irmãs somam aproximadamente 200, espalhadas em 8 estados do Brasil. Irmã Celina é missionária na África. Esse carisma é ter o coração de mãe como Nossa Senhora. As irmãs hoje trabalham na saúde, em hospitais, com crianças, em várias creches, na educação em colégios, com lares de velhinhos e na pastoral. Surgiu um novo ramo na Congregação, que é para os leigos Franciscanos do Coração de Maria, para pessoas casadas, que queiram ter esse coração como o de Nossa Senhora. Viver o carisma. É uma reunião por mês, de formação, e a expressão do carisma é onde cada um estiver, onde trabalhar. O encontro é todo segundo sábado do mês, entre 15 h e 16 h aproximadamente. Isso é para jovens, casados, solteiros, para todas as situações da vida. Todo ano, no primeiro domingo de setembro, é feita uma peregrinação. Pessoas vêm do Rio de Janeiro, do Paraná, da Bahia, Minas Gerais. Passam o dia em oração e reflexão, em convívio com Mamãe Cecília. Visitam o quarto, conhecem a sua história. O encontro ocorre 8h30 às 16h. No último encontro, participaram aproximadamente 450 pessoas.

Pouco adiantam as palavras. É marcante que, fundada a Congregação em 1900, em

1904 ela foi para Descalvado, e no ano seguinte iniciou, naquela cidade, o Externato Imaculada Conceição. Logo depois, em 1906, veio o Hospital de Jundiaí. Em 1914, a Santa Casa de Limeira. Mamã Cecília tinha o coração voltado para quem sofria. Hoje contam-se aproximadamente 34 casas. Mas, se formos olhar quantas abriram e saíram, porque o carisma é de peregrinas, como São Francisco, esse número atinge cerca de 80 e poucas casas, inclusive no Amazonas. Irmã Luiza já esteve lá várias vezes.

3

Breves histórias paulistenses

CINE PAULISTINHA

O Cine Paulistinha, situado na Rua Benjamin Constant, do lado esquerdo no sentido centro-bairro, tinha capacidade para 400 pessoas sentadas em cadeira de assento dobrável, porém inteiramente de madeira, fornecidas pela então Móveis Cimo de Curitiba, PR. Era de propriedade da família Cassano. Ali eram exibidos os filmes que já tinham sido projetados em cinemas do centro. Muitos aguardavam que o filme entrasse em cartaz no Paulistinha para assistir ao filme pagando um ingresso de valor menor. Outra característica própria desse cinema é que meia hora antes de começar a sessão inúmeros garotos e também adultos levavam suas revistas de histórias em quadrinhos, os famosos gibis, para fazerem trocas.

PAULISTINHA
 Hoje, matinê, às 14h — CABRIOLA — Livre
 A noite, às 19h45 — ESPETACULO DE SAN-
 GUE (proib. 14 anos)
 Segunda-feira, o mesmo programa.
 Terça-feira, às 19h45 — DA TERRA NASCEM
 OS HOMENS — (Proib. 14 anos)

Logo na entrada, do lado esquerdo, havia uma bombonière. Do lado direito, ficava um quadro com fotos e cartazes dos filmes que seriam projetados em breve. Talvez pela tecnologia da época, ou por causa dos equipamentos de projeção, às vezes durante a projeção a fita “quebrava”. Era uma algazarra geral, acendiam-se as luzes, o projetista rapidamente consertava o defeito e voltava tudo ao normal. Hoje funciona no prédio uma oficina de reparo de freios de automóvel.

O piso em declive foi nivelado, mas algumas características originais foram mantidas, como a moldura em alvenaria do palco do cinema, os locais de projeção, situados acima, onde hoje existem duas janelas.

O LEÃO DA PAULISTA

“O MAF FC, o Leão da Paulista, foi fundado em 19 de abril de 1950 pelos esportistas Olintho de Matos, Mário Previatti, Lázaro Rissato, Dante Mariconi, Luiz Detoni, Lázaro Detoni, Tito Previatti, Pereirinha, Chico Tobias e Chico Engenheiro.

A sua primeira diretoria foi formada por: Olintho Pinheiro de Matos, presidente; Mário Previatti, vice-presidente; Antônio Pedro Detoni, secretário geral; Luiz Detoni, 1º secretário; Virgílio Beraldo, 2º secretário; Ernesto Previatti, 1º tesoureiro; Pedro Beraldo, 2º tesoureiro; Júlio Zangelmi e Acácio Zambon, diretores técnicos.



c. 1960
 Time de futebol amador do MAF Futebol Clube, o “Leão da Paulista”
 Autoria da foto desconhecida. Acervo IHGP

Por que MAF? Um empresário de São Paulo comprou um uniforme para um grupo de esportistas cuja intenção era formar um time. Seu nome? Manoel Ambrósio Filho, proprietário da indústria de máquinas de costura Leonam (que vem a ser “Manoel” escrito de trás para frente). O nome MAF é formado pelas iniciais de Manoel Ambrósio Filho.

Depois que o time recebeu o seu nome, Manoel Ambrósio Filho passou a dar apoio financeiro para seu afilhado. Frequentemente doava máquinas de costuras para serem rifadas, cujo produto era revertido em favor do grupo que tomava corpo de clube.

Quando o MAF entrou na era do profissionalismo, nos anos de 1976 e 1977, a Leonam deu bom suporte financeiro para a agremiação.

Fazem parte do currículo do clube diversos títulos do futebol amador de Piracicaba e da Taça Cidade de Piracicaba. Foi duas vezes vice-campeão do Amador do Estado.

Revelou muitos jogadores, entre eles Ademir Chiarotti (São Paulo, Portuguesa), Teodoro (Juventus), Jura (Guarani), João Miguel (XV), Tutu (São Bento), Zorinho (XV). Também defenderam as cores do MAF jogadores como Oncinha, Ubiratan, Sérgio Trobeta, Zé Trombada, Joca, Pedrinho, Loca e muitos outros que marcaram época no futebol amador de Piracicaba.

O MAF tem um pleito de gratidão a muitos esportistas, principalmente para Antônio Pedro Detoni, o popular Branco, e a Jorge Antonio Angeli. Falar em MAF sem citar os nomes desses dois monstros sagrados do Leão da Paulista, a história não estaria completa. Esses esportistas, literalmente, levaram o MAF nas costas. Branco, ao se afastar do futebol, e Jorge, ao falecer, deixaram lacunas que jamais serão preenchidas.

Campeão Piracicabano em 1961, 1963, 1964, 1965, 1967, 1970.”

(Texto reproduzido do livro de José Luiz Guidotti, “65 anos de luta pelo futebol amador”)

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA

A primeira associação de japoneses em Piracicaba começou em 1920 entre os imigrantes que moravam na Fazenda Pau D’Alho, a “Pau D’Alho Nihonjin Kai”. A associação mudou de nome várias vezes e, em 1975, se tornou o atual Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba. Sob a presidência de Mussashi Nishimura,

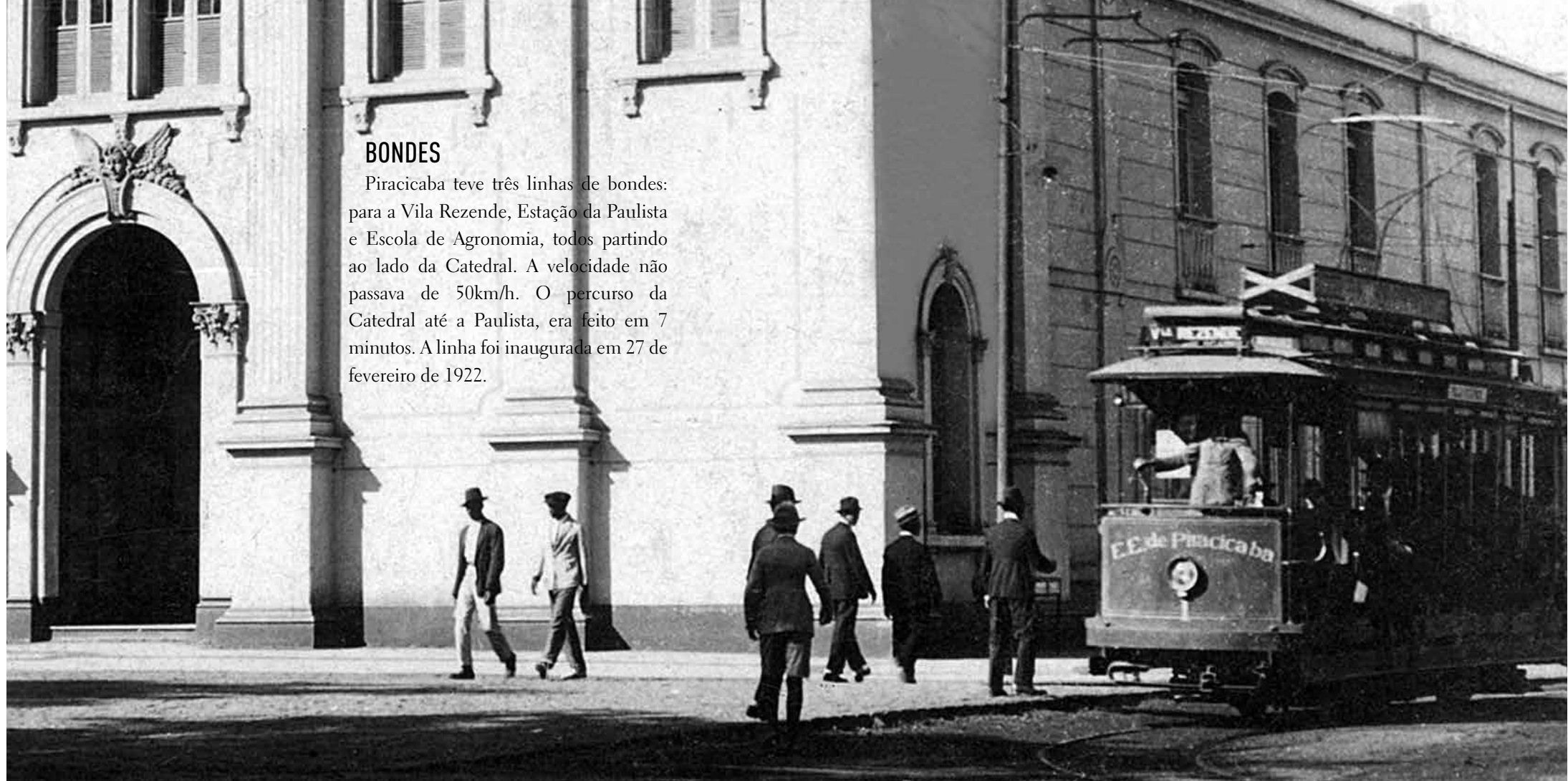
a associação japonesa comprou e construiu com recursos dos participantes a sede própria na Av. do Café, no Bairro da Paulista, onde se mantém até hoje.

Em homenagem à colônia japonesa e a Shigueki (José) Takaki, falecido em junho de 1958, seu nome foi dado a uma praça que se tornou ponto de referência em Piracicaba, a Praça Shigueki Takaki, inaugurada pelo prefeito Francisco Salgot Castillon, em 17 de abril de 1960. A Paulista é o mais japonês dos bairros de Piracicaba. A construção da caixa d’água situada na Praça Takaki, com a capacidade para 500 mil litros, foi iniciada em abril de 1973 e concluída em 5 de setembro de 1974, na administração Adilson Benedito Maluf.

O JEQUITIBÁ PROPRIETÁRIO

Na década de 50, para quem seguia em direção a Tietê, logo que terminava a Av. São Paulo, era tudo mata, existia uma árvore, cuja copa era bem acima das outras. Era um Jequitibá jovem de 300 anos. Todo mundo dizia que ele era o proprietário da terra.

Mas no início da década de 60 ele foi barbaramente assassinado: puseram fogo em sua base e o Jequitibá tombou destruído. Quem fez isso? Até hoje não se sabe quem fez essa monstruosidade e nunca foi apurado.



BONDES

Piracicaba teve três linhas de bondes: para a Vila Rezende, Estação da Paulista e Escola de Agronomia, todos partindo ao lado da Catedral. A velocidade não passava de 50km/h. O percurso da Catedral até a Paulista, era feito em 7 minutos. A linha foi inaugurada em 27 de fevereiro de 1922.

c. 1920. Bonde circulando em frente à Catedral de Piracicaba, região central da cidade

Autoria da foto desconhecida. Acervo IHGP

Paulistenses, depoimentos



Carmela Pereira

CARMELA PEREIRA NASCEU EM PIRACICABA, em 28 de abril de 1936, filha de Berbelina Maria de Jesus e Aprígio Pereira. Tiveram doze filhos. Nasceu no sítio Rio Acima, de propriedade de seus avós, que ficava no bairro Monte Alegre, seguindo pela estrada que vai até o Aeroporto de Piracicaba, em terras situadas em frente ao Centro de Tecnologia da Copersucar. A avó tinha o mesmo nome da mãe, Berbelina Maria de Jesus, e o avô era Bonifácio Jesuino de Souza. Carmela é uma verdadeira usina de criatividade. De personalidade forte, tem a seu favor a disciplina adquirida ainda na infância e adolescência, com as religiosas do Lar Escola Coração de Maria, situado à Rua Boa Morte. Ali ela recebeu uma visão de cultura que sempre norteou sua vida e desenvolveu seu talento para artes plásticas e literatura. Hoje é uma escritora de sucesso, embora muitos em Piracicaba

desconheçam o fato. Algumas de suas obras publicadas: “S.O.S. Lambari”, “500 Anos De Brasil – 305 Anos Sem Zumbi dos Palmares”, “A Galinha Carijó”, “Era Uma Vez”, “Estrada Sem Fim”, “Manual da Empregada Doméstica”, “Felipe”, “A Gata Malhada”, “Um Rapaz Chamado Aprígio”, “O Natal Hoje”, “O Menino Riacho Itapeva”, “Nossa Senhora Dos Prazeres”, “O Manual da Bruxinha Boa” (coletânea de 8 volumes), “Abecedário do Irado Que Joga No Lixo”, “O Folclore de Piracicaba”, “Conflito Entre Astros”, “Engenho Central, Prefeitura, Casa Do Povoador”, “Evidências em Ponto Cruz”. Como artista plástica, ela revela uma autenticidade preocupada com as coisas de Piracicaba. Carmela encarna a genialidade latente da população. Acometida de uma deficiência visual decorrente da pressão ocular (glaucoma), Carmela, como uma guerreira que sempre foi, prossegue em sua luta, realizando primorosos trabalhos de artesanato, pintura e literatura. Sua figura física tem ares soberanos, que pode ter origem nos seus antepassados trazidos à força da África. Carmela Pereira é uma pessoa carismática.

Quando tinha sete anos, seu pai faleceu. Houve uma grande confusão com relação à propriedade da família. Seu pai dizia que havia perdido parte das terras em um jogo de carteados denominado 21. Segundo a narrativa do pai, antes de falecer, a aposta era referente a apenas uma parte da propriedade. Acabaram perdendo tudo.

O pai faleceu, sua mãe contraiu tuberculose e teve que ser tratada em Campinas, mas logo que voltou para Piracicaba acabou falecendo também. O Comendador Morganti providenciou para que Carmela, na época com sete anos de idade, e sua irmã Margarida, com dois anos e pouco, fossem para o Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe, localizado à Rua Boa Morte, 1955. Na época chamava-se Asilo de Órfãos Coração de Maria Nossa Mãe, onde existiam 102 meninas internas.

Ali acordava-se às cinco e meia da manhã. Havia um dormitório para as meninas na sua faixa etária, outro para os bebês, e um terceiro onde ficavam as meninas já adolescentes. Mãe Nhana (Mamãe Ana) abria a cortina da clausurinha dela, que era

composta por uma cama, um criado mudo e uma cadeira. Ficava dentro do grande dormitório. Ela saía já paramentada com seu hábito de freira. Batia por três vezes as palmas da mão. As meninas levantavam, escovavam os dentes, arrumavam a própria cama, não podiam deixar uma rusga nos lençóis. Em seguida, iam à capela, assistiam à missa, rezavam-se até às sete horas da manhã. As missas eram celebradas por Frei Evaristo, Frei Anselmo. A seguir, iam para o refeitório onde comiam pão sem nenhum recheio, e tomavam uma xícara de café com leite. As freiras davam o que podiam oferecer. Depois iam para o lazer. Só que lazer não significava brincar e, sim, trabalhar. Umam varriam, outras limpavam os banheiros, separavam roupas, descascavam batatas, molhavam plantas, lavavam as meias. Isso tudo até as dez e meia da manhã. Nessa hora, uma irmã batia as palmas da mão, como sinal para voltarem ao refeitório. Comiam arroz, feijão, polenta. Quando havia mistura, ou seja, o acompanhamento do prato principal, era uma verdurinha, chuchu, elas sentiam-se felizes. Voltavam para o trabalho, umas iam para a sala de costura, outras para a sala de bordados. Bordavam muito enxoval de noivas. Às quatro horas da tarde desciam, comiam metade de um pão, sem nada dentro, depois brincavam um pouco. Tinham a hora de brincar. Quando encerrava o tempo de brincadeiras, lavavam os pés, iam jantar. Normalmente o jantar era constituído de uma sopa, de feijão, de macarrão, de fubá, era sopa do que havia. Voltavam à capela, onde rezavam o terço. Carmela diz: “Rezávamos tudo o que tínhamos direito! Depois íamos dormir.”

Aos domingos, havia algum tipo de refeição diferente. Às vezes havia carne moída com pão. Comiam retalhos de hóstia, as hóstias eram fabricadas pelas irmãs. Eram doze irmãs: Clara, Luiza, Joana, Escolástica, Maria Bernadete, Madre Gertrudes, Maria da Glória, Mamãe Cecília, Raimunda; as mais temidas, eram as Irmãs Maria Ermelinda e Irmã Sofia.

Carmela relata: “Eu prestei um depoimento para o Vaticano sobre a Mamãe Cecília. Pelas suas realizações espirituais e materiais, a Congregação Irmãs Franciscanas do

Coração de Maria, em 1992, deu início ao processo de sua canonização. Todas as crianças que conviveram com ela foram procuradas para depor sobre a convivência com Mamãe Cecília no Asilo. Eu disse em meu depoimento que lá foi o meu lar. Eu não tinha outro local para ficar. Lembro-me claramente que logo que cheguei ao Asilo eu não conhecia absolutamente nada a respeito das regras de disciplina estabelecidas no local. Eu morava em sítio, na roça. Quando entrei no Asilo parecia que tinha uma melancia na goela (garganta). Deram-me uma saia azul-marinho. Essa saia tinha um buraquinho. Eu enfiei o dedo naquele buraquinho, que já estava esgarçado. A Irmã Sofia viu e me falou que eu estava rasgando a saia. Eu disse-lhe que a saia já estava assim. Ela então me disse que, pelo fato de eu ter enfiado o dedo, o buraco ficou maior. Eu disse então que tinha sido um gesto sem a intenção de aumentar o defeito da saia. Ela pediu-me que a acompanhasse. Fomos até a lavanderia, ela me deu uma agulha e ordenou que eu costurasse o buraco. Costurei do jeito que eu sabia. Ela disse-me, então, que não estava bom, mas dava para passar. Disse-me ainda, que eu tinha que fazer o curso de corte e costura. Recebi também 12 bolachas na mão. De palmatória. Até hoje sou alérgica a batida. Fiquei triste. Fiquei sem vontade de comer. Mamãe Cecília mandou me chamar. Ela já era idosa, estava sentada com um cobertor sobre as pernas. Perguntou porque eu não comia. Eu contei-lhe sobre o fato acontecido. Ela disse-me que sentasse no seu colo. Sentei-me. Então ela quis ver as minhas mãos. Mostrei. Ela perguntou-me porque a Irmã Sofia havia batido em minhas mãos. Eu contei a história do buraquinho que já existia quando vesti a saia. Ela então argumentou que a causa da repreensão tinha sido o fato de eu aumentar o furo da saia. Eu disse para Madre Cecília: ‘Ela (Irmã Sofia) bateu em mim porque ela não é a minha mãe. Minha mãe jamais faria isso’. Mamãe Cecília respondeu: ‘Mas eu estou aqui’. Foi um momento muito especial. Esse meu depoimento está no Vaticano.”

Nos dias comuns, usavam as roupas que ganhavam, o “se me dão”. Não tinha cor a escolher. Era marrom, preto, branco, o que tivesse, usavam. Mas tinham também

quatro “pareio” de uniforme. Havia um que era xadrez vermelho, um vestido com manga comprida. Outro, a saia era azul e a blusa era branca. O de gala era de fustão branco. Seu primeiro serviço foi o de engomadeira do uniforme de gala. O sapato era o correinha, um sapato preto com uma tirinha. Parecia sapato de boneca. As meias eram brancas e os sapatos pretos. Nos dias que não eram de gala, o sapato era marrom. Sempre com meias.

Carmela conta: “Tudo que eu sei eu aprendi lá. Era regra o ensino ser ministrado até o quarto ano. A Irmã Maria da Glória, de forma muito discreta, dava aulas particulares para mim: geometria, história natural, ela tentou ensinar francês para mim. Aprendi muito com essa grande Irmã.”

Até quase quinze anos de idade, Carmela permaneceu no Asilo. A partir dessa idade tinha, então, que dar espaço para outras crianças. Senti que deveria enfrentar um desafio: encarar a vida “de frente”, praticamente sozinha. Uma das suas irmãs a levou para São Paulo. Foi de trem pela Companhia Paulista. Ficou abismada por São Paulo, trabalhou na tecelagem Manufatura de Tecidos Santa Helena e voltou a ser interna em um colégio para menores. Quando faltavam uns seis meses para completar 18 anos, veio para Piracicaba. Trabalhou na casa de Dona Gessy Nogueira Leitão, dormia no emprego. Ela disse a Dona Gessy que ia bordar o enxoval da sua filha Amelinha. Quando completou dezoito anos de idade, foi embora para São Paulo. Tinha uma irmã que trabalhava na Rua Frei Caneca, dormiu lá, em seguida foi para Santos, onde permaneceu por quatro anos trabalhando como ajudante de cozinha do extinto Hotel Amapá, bem no centro da cidade.

Tinha 18 anos de idade, levantava-se às cinco horas da manhã, pegava o bonde 32, ia até a praia, tomava um banho de mar, voltava correndo, fazia almoço e lavava cem lençóis por dia. Ali permaneceu até a idade de 22 anos. Folgava aos domingos, das quatro até as seis horas. Eram apenas duas horas de folga por semana.

Voltou para São Paulo, passou a trabalhar no Hospital Santa Cruz. Foi quando

conheceu seu futuro marido... Frequentava o programa “Balança mas não cai”, do apresentador Manoel da Nóbrega, pai de Carlos Alberto de Nóbrega. O auditório ficava na Rua Barão de Itapetininga. Lá começou a namorar seu marido, que era pedreiro. Comprou um lote de terra em Santo Amaro, pagou em dez anos e nele construiu uma casa de pau a pique. De lá tomava o ônibus Santo Amaro ao Parque Primavera.

A partir de então, passou a trabalhar em casas melhores. Trabalhou na casa de Ermírio de Moraes, Rodrigues Alves e para os donos do Leite Mococa. Era cozinheira dos funcionários que trabalhavam na casa, uns 30 empregados e Carmela diz que Dr. Antonio era muito discreto, mas sempre educado. Cumprimentava a todos de forma amistosa. Uma ocasião ela cozinhou milho verde, não era para fazer. Um dos filhos de Ermírio de Moraes pediu para que ela cozinhasse milho para ele. Carmela disse-lhe que não podia atender a um pedido sem ordem de sua mãe. Ele insistiu tanto, que ela acabou fazendo. O menino devorou a espiga de milho cozido. Dr. Antonio passou e viu. Foi quando Carmela perdeu seu emprego. Ele disse que as ordens dele eram para serem obedecidas. Seus filhos não podiam comer nada fora de hora.

Carmela trabalhou na casa de Dona Maria Helena Rodrigues Alves, neta do presidente Rodrigues Aves. Na Rua Barão de Itapetininga em São Paulo havia uma agência chamada Agência Carusi de Serviços Domésticos. Por 22 anos Carmela trabalhou através dessa agência como faxineira profissional, fazia uma faxina de dar gosto. Chegou a ficar no 22º andar de um prédio, limpando vidro pelo lado de fora. Trabalhou seis anos para os Talans, cinco anos para a família de um químico da empresa Alfa Laval.

Carmela sempre escreveu, desde criança, assim como sempre pintou. Procurou especializar-se em nosso folclore. O primeiro livro editado foi “A Gata Malhada”, voltado para o público infantil, assim como a “Galinha Carijó”. “Conflito entre os Astros” é um dos livros que ela gosta muito. “Manual da Empregada Doméstica” ela sozinha conseguiu vender 350 exemplares.



**Maria Josete
Latorre Bragion**

O LAR DOS VELHINHOS DE PIRACICABA foi fundado em 26 de agosto de 1906 por Pedro Alexandrino dos Santos. A princípio, denominado como Asylo de Velhice e Mendicidade de Piracicaba, sempre contou com inúmeros colaboradores e beneméritos, muitos dos quais anônimos. Sob a direção de Jairo Ribeiro de Mattos, transformou-se na primeira Cidade Geriátrica do Brasil. O Lar não é um lugar de abrigo e esquecimento, um depósito, é uma cidade com habitantes que têm cada um sua moradia, podem entrar e sair conforme a vontade e disposição próprias. A beleza do lugar aquece os corações dos seus moradores e dos que ali passam. O desafio é diário para a existência desse complexo, que abriga também bom número de idosos quase sem recursos. Hoje é de fato uma cidade dentro da cidade de Piracicaba. Jairo Ribeiro de Mattos é o símbolo vivo do Lar dos Velhinhos. Aqueles que o acompanham de forma mais próxima sabem da sua luta, sua obstinação. Dr. Jairo fez do Lar a sua causa, e como é de seu caráter, resoluto, deixou muitas pessoas, inclusive autoridades de alto nível em nosso país, simplesmente admiradas ao verem suas realizações. Graças à fé inabalável de Jairo, que a transmite a todos que o rodeiam, Deus tem provido tudo e suplantado o longo histórico de falta de recursos da instituição. A primeira Cidade Geriátrica do Brasil é uma das maravilhas da Noiva da Colina.

A Profa. Maria Josete Latorre Bragion escolheu o Lar para residir. Pertencente à instituição Vicentina, por muitas vezes foi procurar abrigo no local para as pessoas que atende. Vinha

muito também para passear, olhar, ver as pessoas residentes ali. Começou a perceber que era um lugar muito bom. Em 2006, conversou com Jairo Mattos e adquiriu a casa onde hoje mora. Fez uma reforma, adaptando-a conforme desejava. Passou a morar no Lar em 2008. Alguns acharam que ela era demente! Não conseguiam entender o porquê da sua decisão de ir morar no Lar dos Velhinhos. Chegaram a passar e-mails. Maria Josete acha que temos que viver. Não adianta se enclausurar. Faz parte do Friendship Foundation, já estive nos Estados Unidos, México, Alemanha, França, Holanda, Colômbia. Também já viajou pelo Brasil. Está planejando uma vigem à Rússia. Recebe regularmente correspondência dos amigos que fez nesses países.

Como não domina outros idiomas comunica-se em mímica! É divertido.

Faz hidroterapia na piscina térmica do Lar, quase no quintal da sua casa. Realiza atividades de acordo com a idade, sob a orientação de uma professora.

Ela chama o Lar de “Porta do Céu”! Josete descreve: “É tanta paz! Quando passamos pelo portão de entrada sentimos uma tranquilidade, uma paz que é difícil explicar o porquê sentimos isso. Todas as pessoas que passam pela portaria falam a mesma coisa. Aqui temos os recursos que são necessários, além de convivermos com pessoas da mesma faixa etária. Nos dias atuais, temos que ter a consciência de que uma família tem suas obrigações diárias, filhos, faculdade. Uma pessoa com mais idade exige cuidados especiais. Aqui temos as irmãs, as enfermeiras, médicos, ambulância, ônibus, perua, motorista. É um paraíso!”

A convivência com pessoas de faixa etária semelhante é importante. Todo o mundo é alegre, todo o mundo é feliz, um ajuda ao outro. É uma família. Existe muita amizade, muito respeito. Existe privacidade, mas também uma grande amizade, sem a intromissão. Suas vizinhas vêm até a sua casa, jogam cartas, dão risada, fazem uma comidinha, uma sopa.

Josete entrou para a instituição dos Vicentinos quando seu esposo, Geraldo Bragion, advogado, faleceu. Ficou por cerca de dois anos deprimida. Decidiu que deveria voltar

a fazer algo, ela sempre trabalhou bastante. Foi até a Igreja do Bom Jesus, conheceu o grupo e entrou. Nasceu em Itatiba, em 8 de janeiro de 1938, filha de Mariano Latorre e Noemia Pupo Latorre. Seu pai veio da Itália, de Tito, próxima a Nápoles. Sua mãe era itatibense. Seu pai veio como imigrante, os navios vinham para o Brasil ou para a Argentina; às vezes fechava a imigração no Brasil, eles iam para a Argentina. Existem irmãos de seu pai que moram na Argentina. Josete foi à Itália, conheceu a casa onde seu pai morou, onde ele dormia, a carreta em que o seu avô transportava as coisas com o boi.

Conheceu seu marido, Geraldo Bragion, filho de Pedro Silvestre Bragion e Amália Túlio Bragion, em Campinas. Faziam a Faculdade de Canto Orfeônico juntos. Ele estudava Direito de manhã e Canto Orfeônico à noite. Ela estudava como interna no Colégio Coração de Jesus, tinha feito o curso de piano: o seu curso era dentro do colégio, mas era o Conservatório de Campinas que vinha realizar os exames das alunas. O diploma tinha validade.

O primário estudou no Grupo Conde Parnaíba, em Jundiá. O ginásio fez como interna no Colégio Coração de Jesus das freiras da Ordem Nossa Senhora do Calvário. Permaneceu interna por oito anos. Na sua família, mulheres iam para o Colégio Coração de Jesus. Seus pais tiveram quatro filhas. Faziam pinturas em quadros, bordados, crochê, tricô. Levantavam-se às cinco horas da manhã, todos os dias. Às seis e meia iam à missa na capela, o café era às sete e meia, as aulas às oito horas. Ao meio-dia almoçava, não tinha o recreio. Cada uma tinha a sua carteira, aquelas de levantar a tampa. Levavam o tinteiro em uma caixinha de pó de arroz, tinham as penas, o mata-borrão. A caneta era composta por um cabinho de madeira e a pena na ponta. Trocavam as penas. Aprendiam latim, francês e inglês. A missa era celebrada em latim.

Tinham vários uniformes. Para o dia-a-dia era uma saia azul-marinho, uma blusa branca, de manga comprida. Por cima um avental xadrez quadriculado, quatro dedos acima da saia. O comprimento da saia ia quase até a canela, com meias grossas e sapatos fechados. O uniforme para sair consistia em tirar o avental, trocar a blusa,

que era de algodão, por uma blusa de seda. A saia era a mesma. O uniforme de gala consistia no uso de boina, luvas azul-marinho combinando com a saia, sapatos de verniz preto, meias de náilon. Nesse caso, a saia era trocada por uma saia pregueada.

Se tivesse boa nota e disciplina, uma vez por mês saíam para ir até a casa dos pais. Usavam o trem da Companhia Paulista. Nessa época, o colégio tinha comprado uma chácara, onde hoje é o Colégio Coração de Jesus. Iam a pé do colégio até essa chácara, atravessavam pelo centro. Todas andando em fila! Passavam o dia na chácara.

A parte mais difícil para elas era a hora do banho. Era tudo na base do sino. Sino para tirar roupa. Sino para abrir a água. Sino para se ensaboar. Ainda tinha que tomar banho com camisolão! Cada moça tinha um box individual, fechado, com porta. Havia um estrado de madeira, colocavam a camisola sobre esse estrado e pisavam em cima. Com isso podiam tomar um banho de verdade. A freira responsável mandou cortar um palmo da porta na sua parte inferior. Josete achava um abuso. Isso fazia com que aprontassem algumas artes para com as freiras. Trocavam as roupas delas de lugar.

Eram 120 alunas. Os ambientes eram separados por faixa etária. As pequenas eram da ala “Anjo da Guarda”, a turma do ginásio era a “Nossa Senhora do Carmo”, a das mais velhas era a “Nossa Senhora Auxiliadora”. Em cada dormitório dormiam duas freiras, elas ficavam no que era chamado de “cela”, fechada por cortinas. Deitavam-se depois que as alunas dormiam e se levantavam antes.

Saiu como professora e foi trabalhar no Sesi em Jundiá. Isso foi em 1958. Em 22 de janeiro de 1959, casou-se e veio morar em Piracicaba. Seu sogro reformou uma casa para o casal na Rua Boa Morte, bem em frente ao Colégio Assunção, ao lado do Tola. Depois se mudou na casa vizinha à Padaria Jacareí, do Sartini, ainda na Rua Boa Morte. O vizinho era Julio Dihel. Josete gostava muito da grande amizade que existia entre os vizinhos, o pessoal colocava as cadeiras na frente das casas e ficava vendo o bonde passar. Lá pelas nove, nove e meia da noite, entravam em casa. Era muito bom.

Frei Estevão Maria de Piracicaba, irmão do seu sogro, cujo nome civil era Miguel

Bragion, foi guardião da Igreja dos Frades, foi ele quem celebrou o seu casamento.

Josete também morou 28 anos em frente ao prédio da Câmara Municipal, onde funcionou a Biblioteca Municipal, na Rua do Rosário.

Quando morava ao lado da Padaria Jacareí, a empregada levava os três meninos para passear de bonde. O motorneiro, para fazer folia com as crianças, ao passar em frente da casa fazia barulho com a sineta do bonde. As crianças davam várias voltas de bonde, iam e voltavam por diversas vezes.

Josete começou a lecionar na Escola Assunção, as salas eram alugadas para o Sesi. Isso foi em 1962. Em 1964 foram ocupar o prédio vazio que o Grupo Escolar Dr. João Conceição havia desocupado, por sua mudança para o prédio novo. Veio então o Ginásio Estadual Dr. Jorge Coury, com aulas no período da tarde e período da noite. Depois o Colégio Jorge Coury quis o período da manhã. O Sesi foi então para a Rua Antonio Bacchi, 1030, onde funciona até hoje. A primeira coordenadora do Sesi 164, que é o número da escola, foi Leonora Januzzi; depois, Maria do Carmo Dias de Souza. A mudança de prédio foi em 1965, a Av. São Paulo ainda não era asfaltada, a torre da Igreja da Paulicéia ainda estava em construção. Josete ia trabalhar de “Fusca”, às vezes revezava de carro, outras subiam de ônibus.

Havia mais ou menos 300 alunos. Naquele tempo não havia pré-escola, a criança vinha “nua e crua”. Começavam com treino ortográfico. Em agosto, setembro, as professoras estavam dando o primeiro livro. Josete comenta: “Criança é criança. O método de ensino era muito eficiente. Quem sabe a tabuada faz qualquer conta. Hoje, se você tirar a pilha da máquina de somar acabou o aluno”.

O prefeito era Luciano Guidotti, quando começou a merenda na escola.

Um ex-aluno frisou bem essa parte. Eram incentivados a amar o Estado, a família, havia uma fanfarra, toda semana havia apresentação de teatro, hasteavam a bandeira, cantava-se o hino nacional.



**Nelson Alves
de Mattos**

NELSON ALVES DE MATTOS NASCEU em 10 de março de 1915, em Rio das Pedras, filho de Sebastião de Mattos e Vitalina Alves de Mattos. Em 1932 seus pais decidiram ir morar em São Paulo. Nelson veio para Piracicaba, sua irmã Otília Toledo Pizza, casada com um farmacêutico, cuidou de sua educação. Passou a residir em Gália, onde conheceu Carmem Nunes de Mattos, nascida a 27 de outubro de 1913, em Limeira. Casaram-se na Igreja São Judas, em São Paulo. No número 2386 da Rua do Rosário, havia a Farmácia São Judas Tadeu. Carmem lecionou no sítio, depois veio lecionar no Grupo Francisca de Castro, na Rua do Porto, onde se aposentou. Pelo fato de ter lecionado bastante tempo na área rural, ela se aposentou mais cedo, com 21 anos de magistério. Tiveram os filhos Maria Aparecida Nunes de Mattos, Maria Sílvia Nunes de Mattos, Nelson de Mattos Filho, Maria Argentina Nunes de Mattos, Maria Otília Nunes de Mattos. Em janeiro de 1950, Nelson e sua família mudaram-se para a Rua do Rosário, o chão era ainda sem calçamento, terra nua, a embarcadeira de gado funcionava logo adiante, uns 150 metros aproximadamente. Os bois passavam pela Rua do Rosário, havia a preocupação de que “estourasse a boiada”.

Guido Mencone morava em frente à Farmácia São Judas Tadeu, ele trabalhava com a venda de doces, principalmente nas portas das escolas. Tinha um tambor com uma tampa, onde havia uma roleta: o cliente, geralmente crianças, virava a roleta, podendo ser contemplado com dois ou mais bijus. Além disso,

ele vendia baião, quebra-queixo, puxa-puxa. José (Gepp) Tozzi e sua esposa, Dona Maria, tinham o bar quase em frente, o famoso Bar do Gepp. Na esquina da Rua do Rosário com a Av. do Café, o Vechinni tinha um armazém. Na esquina da Av. Dr. João Conceição com a Rua do Rosário, a família Bortoletto (Oswaldo e o pai Atílio) tinha armazém, e talvez, se não fosse o único, era um dos raros telefones do bairro. Quem precisava, corria até lá para receber ou fazer ligações. Mariano Frank e seu filho João tinham uma sapataria junto ao armazém do Bortoletto. Alfredo Casarim morou com sua família no imóvel onde hoje é a Imobiliária Bortoletto; antes ali morava uma senhora de nome Adélia. Onde foi um bar de propriedade do “Seu” Alcides e Dona Alzira, o sapateiro Fustaino teve uma loja de consertos de calçados, ao lado do Bar do Gepp. Ao lado, um corredor servia de entrada para algumas casas, onde o casal morava. Ivo e Moacir Grande, que se casou com a Dalva Brieda, também residiam ali, em uma das casas.

Existia um barracão onde o Tietê tinha oficina de carro. Dona Filomena do Marco vendeu a casa para Júlio (Carteiro) Galvão, pai do famoso radialista. Onde há a Pauli Tintas, morava Aristides Costa; em seguida vinha a casa de Alfredo Casarim, casado com Catarina, filha de Atílio Bortoletto. Mais acima, morava e trabalhava com o estabelecimento “Ao Caldeirão de Ouro”, Salvador Antonio Crócomo (Dudu); antes havia sido a Igreja Assembléia de Deus, foi a loja de Ciro Mendes, em 2012 é uma ótica. Ao lado morava a italiana Lucrécia Sabino juntamente com sua mãe, Dona Tereza. A mesma igreja adquiriu a propriedade do “Seu” Lino, que ferrava cavalos, e construiu o prédio onde atualmente funciona a Igreja Assembléia de Deus na Rua do Rosário. Rubens Zílio morava ao lado e tinha açougue onde atualmente é a Vidraçaria Fuji. Na esquina, onde mais tarde foi construída a Alvarco, havia um pasto enorme, com uma casinha no fundo do terreno, cerca de bambu, sem calçada. Esse terreno foi depósito de calcário da empresa Amaral Machado. Os pais do “Seu” Zeca, funcionário da Escola de

Agronomia, moravam ali. Ele casou-se com Dona Alaíde, que foi professora no João Conceição, e foram morar na Rua Joaquim André.

Maria Aparecida Nunes de Mattos estudou no Colégio Assunção; do jardim de infância no Externato São José - que depois veio a dar lugar à Faculdade de Odontologia de Piracicaba, na Rua D. Pedro II - até o ginásio. Ela e Nelson de Mattos Filho, que também fez o jardim de infância lá; mais tarde ele estudou no Colégio Dom Bosco. O “Seu” Nego os levava na charrete. Iam o charreteiro, os dois, e a mãe, Dona Carmem. Na esquina da Rua Alferes com D. Pedro II, os dois desciam e a mãe prosseguia na charrete até o grupo onde lecionava. A Rua XV de Novembro, entre as ruas Alferes José Caetano e do Rosário não tinha sido asfaltada ainda, é um declive acentuado.

Onde atualmente é a Paulistinha Cosméticos, existia a máquina de beneficiar arroz do José Grella. Na esquina seguinte, sentido centro para o bairro, havia o armazém do Gasparotto, era a Dona Domingas e, entre seus filhos, o Agenor e a Inês. Mais adiante, morava o “Seu” Vicente, conhecido como Nhóca ou Nhô Noca, que tinha entre seus atributos ser benzendor de cavalos. À sua frente morava Manoel Castilho, que tinha oficina de consertos de calçados. Dona Lourdes, mãe da Gerseni, que fazia costuras, morava no local que foi transformado em prédio comercial e hoje é a Packer Materiais Elétricos. Manin Casarin teve um açougue vizinho a um terreno baldio. Esse açougue foi vendido para a família Scarpari: o pai e dois filhos, Antonio e Alcides, irmãos de Cenira e Cecília. Manin teve entre seus filhos Lorimar, Isabel e Helio.

O início da Angemar foi num terreno famoso pelos parques e circos que ali se apresentavam. Um espetáculo à parte era o famoso “Dia de Malhar o Judas”. No início, Luiz Marchini construiu uma pequena edícula, na esquina da Rua do Rosário com Av. Dona Jane Conceição, que, com o tempo cresceu, transformou-se em uma loja que posteriormente foi desmembrada onde hoje funcionam diversas lojas. A Angemar mudou-se para a Av. Madre Maria Teodora, sendo que mais tarde locou os prédios para o Banco do Brasil e Banco Itaú. Os Baglioni - o patriarca Benedito e, entre seus

filhos, o Marco e a Marina - moravam em frente, na casa ao lado do Supermercado Balan. Onde hoje é a Praça Takaki, havia só um triângulo com terra vermelha. João Nhô morava em uma casa situada na Praça Takaki. Na esquina, onde hoje funciona a Drogal, era o Bar Serenata, de Miguel Fernandes.

O técnico de rádio era o Luiz, onde hoje é uma papelaria e xerox, quase na esquina da Av. do Café com a Rua do Rosário. João e Dirce de Mattos Rossi eram proprietários da Padaria São João. Em frente à Igreja dos Frades, ao lado do jardim, projetavam-se filmes. A Av. 9 de Julho era uma estrada de terra. Isso na década de 50. Havia uma casa que estava construída no meio da Av. Dr. João Conceição, esquina com Basílio Machado, próxima onde foi a madeireira do Galesi.

Nelson faleceu em 1989, com 74 anos; sua esposa Carmem faleceu com 84 anos, em 2006.



Sidney Aldo Granato

SIDNEY ALDO GRANATO NASCEU em 4 de agosto de 1941, em Piracicaba, no bairro da Paulista, na Rua Dr. João Conceição. Viveu boa parte de sua vida na casa de número 696 da mesma rua. Casou-se com Antonia Dirce Pandolfo Granato. Ele narra: “Meu pai se chamava Demétrio Granato e minha mãe Josefa Domingues Granato. Somos cinco irmãos, quatro homens e uma mulher. Meu pai era ferroviário da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, seu cargo era auxiliar de manutenção de locomotivas. Isso no tempo da locomotiva a vapor. Eu brinquei na locomotiva a vapor! A nossa maior festa era subir na locomotiva, ver onde tinha o tanque de água, o local onde se colocava a lenha, abrir a fornalha. Existia um dispositivo circular, com um trilho que ficava exatamente no nível da linha férrea, era o viradouro. Sua função era virar a locomotiva a vapor, colocando-a no sentido contrário ao que tinha chegado à estação, um trabalho manual. Esse dispositivo ficava na direção do embarcadouro de gado.”

Naquela época, aos sete anos de idade era possível se matricular no grupo escolar. Com essa idade, ele foi estudar no Grupo Escolar João Conceição, situado ao lado da Igreja dos Frades, na Rua Alferes José Caetano, no prédio que existe até hoje. Onde há uma construção com três andares, havia um salãozinho onde eram passados filmes para a criançada, atividade promovida pela igreja. Sidney diz: “Assisti a um filme onde o bandido tinha dado um tiro. Aquilo me marcou tanto que meus irmãos tiveram que realizar um grande esforço para que

eu voltasse a assistir outro filme, novamente”. A Missa do Galo era a missa da meia noite. Depois que saíam da missa se fartavam de comer.

Onde hoje existe um Posto Petrobras, já havia um posto de gasolina. Era o posto construído por Joane Cantagalo. Ele tinha uma fábrica de vassouras chamada Cantagalo, com um galo desenhado como logotipo.

Onde era a Alvarco - área hoje ocupada por uma série de lojas, entre esses estabelecimentos o Restaurante Frios Paulista - era um pasto só, com uma casinha de tábuas, lá funcionava uma carvoaria de propriedade de Joel dos Santos. Sidney brincava com os filhos dele. Após o embarcadouro da Paulista, havia um fim de linha reforçado. Subindo ali, conseguia-se ver o rio Piracicaba. Sidney conheceu a Serraria do Galesi, que ficava na Av. Dr. João Conceição. Antes da Serraria do Galesi, existiu ali uma fábrica de carretel, cuja madeira utilizada era o guatambu, mais tarde também utilizada para fazer tamancos de madeira. Heitor de Melo, também conhecido como Pé de Ferro, trabalhou nessa fábrica de carretel. Na Av. Dr. João Conceição havia uma casa, que chamavam de casarão; essa construção interrompia metade da rua. Por ser rua de terra, quando chovia o trânsito era quase impossível. Para conseguir passar, dependuravam-se na cerca da Estrada de Ferro Paulista. Pisavam no arame, para não pisar no barro. Mais tarde, a cerca foi feita com umas pranchas de peroba. O casarão, que ficava na esquina com a Brasília Machado, logo depois foi demolido.

Existe um barracão na Av. Dr. João Conceição, que hoje está reformado. Ali funcionava uma fundição, atual imobiliária Ricardo Lima. Até algum tempo, podia-se ver escrito na parede: A. Langriney. Era o nome da empresa. Segundo o que se dizia, foi utilizado sal na massa do reboco, era muito comum se ver cabras lambendo os tijolos e o reboco!

Ao lado, na Rua Sud Mennucci, havia uma escolinha, que foi demolida e é um ponto de venda de carvão vegetal; era de responsabilidade da Companhia Paulista. A propriedade era do Sindicato dos Trabalhadores da Companhia. Sidney fala:

“Lembro-me de uma senhora que morava ali, Dona Noca, uma pessoa fabulosa”.

O seu pai trabalhava na Companhia Paulista na manutenção de locomotivas, então alimentadas a lenha, transportadas na sua parte posterior. A pessoa que conduzia a locomotiva era o maquinista; havia também o foguista, que alimentava a locomotiva com lenha. A locomotiva ia até Nova Odessa, a partir de Nova Odessa já era eletrificada. Em seu retorno a Piracicaba, era feita a descarga das cinzas e do carvão que ficavam na caldeira. Perto do viradouro havia uma construção reforçada, duas paredes em forma de “V” onde se fazia, sob pressão, a descarga dos resíduos que ficavam na caldeira da locomotiva. Lamentavelmente, seu pai estava passando ao lado da locomotiva quando ocorreu uma descarga. Ele teve o braço esquerdo totalmente queimado. O tratamento foi feito com arnica e azeite e, às vezes, com pomada Beladona.

A primeira linha de ônibus de Piracicaba era o ônibus circular. Subia pela Rua Boa Morte, ia até a Rua José Ferraz de Carvalho, seguia até o início da Av. Independência, que na época era uma pista só e de terra. Ia até a Rua XV de Novembro e descia, voltando ao abrigo. Mais tarde, passaram a ser duas linhas: uma fazia o mesmo percurso no sentido inverso. Não havia mão de direção. Todas as ruas eram utilizadas em ambas as direções, não havia mão única. Os primeiros ônibus foram as jardineiras, com os motores sobressaindo na frente. Mais tarde vieram os outros ônibus, que muitos chamavam de Gilda, era o “Girdão”! Um ônibus cara chata, não havia o motor exposto. Era comum a criança perguntar a quem ia tomar o ônibus: “-Vai tomar o Girdão?”

Sidney morava na Av. Dr. Jorge Pacheco e Chaves, 696. Ficavam aguardando o bonde, quando ele ia até a garagem, que se situava logo abaixo da Rua Benjamin Constant, na Av. Dr. Paulo de Moraes, ao lado de onde foi o destacamento do Corpo de Bombeiros. Quando o bonde ia nessa direção, saíam de casa, iam até a Rua do Rosário e dava tempo de apanhá-lo quando voltava do seu ponto final. Com o tempo, passaram a fazer uma esperteza: atravessavam o terreno da Estrada de Ferro Paulista.

Havia um guarda cuja função era impedir a passagem de pedestres pelas linhas, mas enganavam o guarda. Enquanto um pulava e ele ia atrás, outro pulava de outro lado, e assim o deixavam atrapalhado, com isso todos atravessavam. Isso no tempo que usavam calças curtas!

O ponto final do bonde da Paulista era no centro. Ele parava na Rua XV de Novembro com a Rua Boa Morte. Ali havia um cartório. Em frente, havia a sorveteria A Soberana. O bonde, que vinha da Escola de Agronomia, parava em frente à Farmácia do Mattos, mais tarde Droga XV. Atravessando a Rua XV de Novembro, uns 50 metros adiante, havia a Farmácia do Tico, que tinha uma marquise onde os passageiros se protegiam do sol, enquanto esperavam o bonde que ia para a Vila Rezende. Ao lado da Farmácia do Tico havia um imóvel simples, ao lado do qual havia um terreno vazio. Nesse imóvel funcionou a Escola do Sesc.

Na Av. Dr. Paulo de Moraes, no trecho entre a Rua Governador Pedro de Toledo e a Rua Benjamin Constant, as crianças colocavam palitos de fósforo na linha do bonde, uma fileira de palitos. Como a roda era de ferro, no impacto com o palito produzia-se um estouro, assustando o pessoal que estava no bonde. Outras vezes passavam sabão na linha: o bonde tinha um depósito de areia e quando o trilho estava muito escorregadio ele soltava um pouquinho de areia.

O nome da primeira professora de Sidney era Dona Maria Baiana. Muito brava, diziam que ela não gostava que a chamassem por Maria Baiana, parece que o nome dela era Bahena. Mas como ela era muito brava, brava mesmo, a chamavam de Baiana. A diretora da escola era Dona Domitila, a sua professora do segundo ano era Dona Estela, o seu professor do quarto ano chamava-se Pedro Negri. Sidney foi colega do seu filho, Pedro Negri. Pelo fato de nunca ter repetido o ano, não podia prosseguir seus estudos por não ter idade suficiente e a única escola que o aceitou foi o Senai.

Na época, o Senai ficava na Rua Dr. Otávio Teixeira Mendes: eram prédios antigos e na região existe uma casa antiga na esquina (em frente à Escola de Música), que é

ainda daquele tempo. Passou a fazer tornearia mecânica, de onde foi transferido para a marcenaria. Formou-se em marcenaria em 1957, na primeira turma que se formou no prédio novo, que existe atualmente. O seu número durante o curso era G 56, G de Granato. É interessante observar que a planta de marcenaria era feita na escala natural, ou seja, 1:1, o tamanho da planta é o mesmo do objeto a ser construído. Foi para a Escola Industrial estudar desenho mecânico, um curso de quatro anos de duração, onde Sidney se lembra de um professor que diz ter sido excelente, o Prof. Olavo Ferreira da Silva.

Conheceu Danilo Sancinetti e viajaram muito com a Banda Marcial. Sidney tocava trombone na Fanfara da Industrial. O uniforme era muito bonito. Quando foram a São Paulo, passaram uma vergonha tremenda, porque até então o uniforme era uma roupinha branca com um quepezinho azul. Ao chegarem em São Paulo viram todas as fanfarras e bandas marciais com aqueles uniformes lindos. Retornando a Piracicaba começaram a trabalhar para fazer um uniforme bonito. Danilo Sancinetti, que era de Jaú, foi um grande incentivador da Banda Marcial da Escola Industrial, e Piracicaba deve muito a ele.

Sidney conta como era sistemático o namoro na época e como conheceu sua futura esposa: “Na minha época de mocidade nós quadrávamos o jardim, eram quatro quadras. A primeira quadra virava no sentido da Rua São José para a Rua Moraes Barros, seguia para a Rua Governador, prosseguíamos no sentido da São José, onde fechávamos a quadra. Virava outra quadra junto, no sentido contrário. Na parte interna do jardim virava outra quadra no mesmo sentido dessa primeira. A maior delas, a primeira quadra, era de pessoas mais simples. A quadra interna era das pessoas de classe média, e a mais fechada, situada internamente, era a classe dos mais abastados. Não adiantávamos ficar olhando para as mocinhas da quadra interna porque elas nem tomavam conhecimento da gente. Já havia uma pré-seleção. Quanto a isso não havia nenhuma dúvida!”

Ele detalha ainda mais o hábito de quadrar o jardim. “Os negros não podiam quadrar jardim. Não que houvesse uma proibição, eles se separavam mesmo. Eles caminhavam pela calçada onde havia a Brasserie, do Banco do Brasil até a esquina da Tabacaria Tupã, e de lá até a Rua Governador. Eles faziam um “L” que ia e voltava. Com o tempo, a Rua Moraes Barros tornou-se um lugar mais luxuoso, havia o Café Haiti, que tinha uma frequência mais selecionada. Nós tomávamos chope no Bar do Tanaka, na Rua São José. Eu não ia comprar nada na feira, mas ia para encontrar os amigos, ver o movimento, passear.”

Sidney também conta que viu a esposa pela primeira vez na Paulista. “A primeira vez que vi a minha esposa foi na feira que existia na Paulista, na ocasião ela estava carregando um sobrinho. Vi aquela mocinha, nossos olhares se cruzaram, e era comum, quando você visse alguém e você cruzasse o olhar, que se encontrassem no jardim. Isso era matemático. Em qualquer ponto da cidade que um moço visse uma moça e trocassem aquele primeiro olhar poderia ter a certeza de que no sábado ou no domingo se encontrariam no jardim.”

Ele foi funcionário admitido através de concurso na ESALQ por cinco anos. Lembra-se de um professor de Entomologia que queria fazer um arquivo para insetos: ele pediu três armários com sessenta gavetas cada um. Cada uma delas tinha 60 milímetros de altura, a tampa era de vidro, os arquivos foram feitos de cedro e o professor elogiou. Provavelmente, na ESALQ será possível se encontrar essas peças.

Casou-se em 1969, na Igreja dos Frades, em cerimônia celebrada pelo Monsenhor Luiz Gonzaga Giuliani.

Fez o curso de Direito de 1971 a 1975, é da terceira turma da Faculdade de Direito da UNIMEP.



Heitor de Mello

HEITOR DE MELLO, CUJO COGNOME ERA "PÉ DE FERRO", nasceu em 16 de outubro de 1929 e morou no bairro da Paulista por 76 anos. Foi membro da diretoria da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Piracicaba, exercendo a função de delegado junto à Federação dos Aposentados do Estado de São Paulo. Nasceu em Piracicaba, na Vila Saraiva, uma vilinha que ficava entre o Clube 13 de Maio e a Av. Armando Salles de Oliveira. Seu pai trabalhava na Casa Falanghe, uma casa de cereais. Era criancinha de colo quando foi levado para o Bairro da Paulista, para a Av. Dr. João Conceição, 644. Seus pais, Nestor Mathias de Mello e Antonia Medeiros de Mello, tinham adquirido um terreno no bairro, onde na época existiam apenas 27 casas. O local, denominado de Vila Nazareth, era quase só mato, uma casa salteada da outra. Não existia plantação, era um descampado com animais soltos: cabras, gado. As brincadeiras eram com carrinhos com rodas de madeira, arquinho que ficava virando na rua; uma roda, geralmente um pneuzinho de borracha maciça e um pegador de ferro que ia empurrando o aro de borracha. Era um brinquedo muito popular. Hoje, se uma criança sair com um brinquedo desse pela rua irão achar que ela está com algum desequilíbrio!

Heitor estudou no Grupo Escolar Dr. João Conceição, que ficava no prédio existente até hoje na Rua Alferes José Caetano, ao lado da Igreja dos Frades. Na esquina, onde existe um prédio de uns três andares, na época era a escolinha velha, onde sua irmã estudou. Ele a acompanhou por alguns dias nessas aulas.

Em frente à Igreja dos Frades havia um terreno onde eram feitas quermesses, faziam ringue de patinação, o piso era de chão batido, os patins eram alugados.

Começou a jogar bola frequentando o campo do Paulista, situado na Av. São Paulo. Na época, ele disputava campeonato com o XV de Novembro. Heitor jogava como half esquerdo, correspondente ao hoje chamado lateral esquerdo. Jogou no Dragão da Paulista, o Juventus, que ficava na Av. Armando Salles de Oliveira; onde está o Teatro Municipal era pasto. Ali, as freiras do Lar Coração de Maria soltavam as vacas que forneciam o leite para as crianças do internato. Onde hoje está o Edgar Chaveiro, existia um pessoal que gostava de criar galo índio, galo de briga.

Passaram a chamá-lo de "Pé de Ferro" depois que deu uma chegada firme no adversário, ele não dava moleza. Usava chuteiras que existiam naquele tempo, feitas artesanalmente. Conforme ia jogando, elas iam gastando, se ficasse com prego exposto era melhor! Naquele tempo o negócio era tirar o corpo fora, se pegasse era para valer. Jogou contra o Mazzola, que jogava no time da Rua do Porto. O apelido do Mazzola naquele tempo era Cuíca. Heitor garante que fora do campo Mazzola era muito boa pessoa. Ele não brincava em serviço. Foi Idílio Giannetti quem levou Mazzola para o E.C. Palmeiras, de São Paulo; na época Mazzolla usava Alpargatas Roda e trabalhava na fábrica Boyes. Do futebol, ele também se lembra que eram realizados jogos de negros contra brancos.

Seu primeiro emprego foi na empresa Irmãos Gobeth, uma fábrica de carretéis de madeira, utilizados na indústria de linha de costura, situada na Av. Dr. João Conceição. Permaneceu nesse emprego por 9 anos e 11 meses. De lá foi para a Société de Sucrerie Brésiliennes, o famoso Engenho Central, onde permaneceu por 7 anos. Trabalhava com sacaria, carregava e descarregava caminhões, naquela época o saco de açúcar pesava 60 quilos. A empresa comprava milho, o pessoal da roça para aproveitar a sacaria colocava 80 a 100 quilos em cada saco e sofria quem os descarregava. Com 1,60 m de altura, Heitor conseguia descarregar um saco de 100 quilos. Ele comenta:

“Na descarga, quem soltava o saco dizia: ‘Eu não tenho parente aí!’ E socava a santista na gente. Quem pudesse pegar, pegava; quem não pudesse, o saco ia para o chão. Aí tinha que tirar do chão e continuar o serviço”.

Heitor conheceu Nhô Nhoca que morava na Rua do Rosário, em frente onde é a Casa dos Presentes. Nhô Nhoca benzia animais, era possível vê-lo dando os passes! Ele era um cavaleiro muito imponente, passava no trote, ensinava o cavalo a trotar, passeava pela Rua do Rosário entusiasmado, olhando de lado a lado, cavalo marchador. Naquela época, o gado vinha pelo trem, era descarregado, descia pela Rua do Rosário em direção ao matadouro. Depois acharam melhor passar pela Av. Dr. João Conceição, passavam pelo Bairro Verde, pelo Cemitério, São Dimas, para chegar na ponte e pegar a Av. Rui Barbosa. Quando passava o gado, todos ficavam preocupados. Onde hoje é o leito da Av. Dr. Paulo de Moraes em seu cruzamento com a Rua do Rosário, existia uma tulha. Existiam dois barracões, era um depósito da Chácara Nazareth. Heitor trabalhou lá estocando algodão, apanhado onde atualmente é o Jardim São Miguel, o bairro do Jaraguá. Participou de colheita de algodão onde hoje são bairros de Piracicaba. Com o tempo, virou uma sede do Jaraguá, colocaram umas mesas de snooker para se distraírem. Na casa ao lado, onde hoje existe uma locadora de vídeos, morava Ernesto Previatti. Em frente ao barracão de cargas da Estação da Paulista, existia um bebedouro de água para os cavalos.

Heitor registra o preconceito da época: “Conheci o Confete. Era um camarada que trabalhava no pesado. Só que ele falava sete idiomas! Em uma ocasião ele foi ver serviço de motorista na Escola de Agronomia. Mandaram-no providenciar seus documentos pessoais. Ele assim o fez. Com os documentos na mão dirigiu-se até a Escola de Agronomia e então lhe disseram que não contratavam negros. Ele então subiu em um carro que estava parado, propriedade da Escola de Agronomia, subiu pela Rua Benjamin Constant e desceu pela Rua Governador Pedro de Toledo, indo parar onde existe um posto de gasolina, na esquina com a Rua Prudente de Moraes. Na época

chamava-se Posto Petrocelli. A autoridade policial chegou e deu apoio a ele. Havia preconceito racial. Algumas empresas em Piracicaba não admitiam funcionários negros. Em algumas grandes empresas os negros não tinham vez! Era difícil a gente arrumar um emprego para ter um ofício! Só arrumava bico. E só serviço bruto, braçal. Até hoje ainda há um pouquinho! Na época, os brancos quadravam o jardim na Praça José Bonifácio. Davam a volta em torno da praça flertando. Os negros paqueravam a vitrine no lado da Rua Governador. Não se misturavam. O negro via que existia um complexo pela cor, então nem se manifestavam para lá. Os brancos quadravam o jardim, os negros quadravam a Rua Governador.”

Heitor fala da rivalidade entre moradores de diferentes bairros, que também existia. “Tive uma namorada que morava na Vila Rezende. Ela tinha quadrado a vitrine aqui no centro. Depois de conversarmos, fui levá-la até a Vila Rezende, de bonde, ela morava ali pelos lados do Paiero. Quando chegamos no fim da linha do bonde, onde era a estaçãozinha velha da Sorocabana, percebi que ela estava meio preocupada, olhando de lado, então perguntei o que estava acontecendo. Ela respondeu: ‘É que eu tenho amizade com o tal de Manto’. Quando ela disse Manto, eu pensei: ‘A coisa arruinou!’ Fui caminhando até certo ponto, despedi-me dela e voltei. Naquele tempo o bonde se recolhia à meia-noite. Peguei o bonde na carreira! Para poder me livrar da Vila Rezende! Se eu encontrasse o Manto não teria capacidade de enfrentá-lo! Na época existia muita rivalidade entre os bairros. Ninguém ia para a Vila Rezende, e ninguém vinha para a Paulista. Da ponte do Pisca (Piracicamirim) não era para passar. Era assim no Bairro Verde, na Av. São Paulo da padaria Pansa para cima desconhecido não entrava. Cheguei a ver briga de navalha. Onde passa a lâmina é a mesma coisa que um toucinho que se corta. Se puder, o negócio é correr! E não cair no chão!”

E há, ainda, outras histórias: “Lembro-me do tempo da Cavalaria. Tive uma pequena passagem com eles! Eu estava levando uma namorada para a sua casa, na Rua São Francisco de Assis, para lá um pouco da Igreja dos Frades, cerca de nove e

pouco da noite. Eles chegaram e disseram que não podia andar com passo de namorado ali. Perguntaram onde a menina morava. Eu disse que era na Rua São Francisco com a Rua Santa Cruz, eles disseram: ‘Nós vamos acompanhar você até lá!’ Eles nos acompanharam, deixei a moça na porta da casa dela!”

Heitor costumava frequentar o cinema no centro. Naquele tempo só havia dois: Broadway e São José. Ele frequentava o São José, que era mais barato. Ficava em cima, na galeria. O dinheiro era meio curto.

Na Paulista havia muitos circos, armados na Praça Takaki. O Circo Robbatini marcou época por ter apresentado muitos animais. Na Av. Dr. Edgar Conceição há uma agência do Banco do Brasil, anteriormente era a Nossa Caixa Nosso Banco, agência Paulista, onde foi armado um circo com muitos animais. Onde existe a Igreja São José era uma raia de cavalos.



Abel da Silva Bueno

HÁ UNS 60 OU 70 ANOS, UM CAIPIRA TÍPICO, de barbinha rala, cabeça de palha de milho na algibeira, faca de picar fumo, um pedaço de fumo no bolso, recebeu a visita de um moço da cidade que começou a conversar com ele. Troçando do caipira, disse: “Vocês não sabem falar! Vocês não foram à escola, são muito caipiras! Precisam mudar um pouco essa vida!” O caipira respondeu que para eles ali estava bom. Não iriam para a cidade, não queriam trocar a vida sossegada deles. Depois de um pouco de prosa, o moço da cidade disse o motivo da sua visita: “Eu vim aqui para tirar um retrato de vocês!” O caipira concordou em ser fotografado cobrando 5 mil réis para cada foto tirada. Após concordar com o pagamento, foram feitas as fotografias. Na hora da despedida, o moço da cidade disse: “Vocês são caipiras mesmo! São atrasados demais!” Ao que o caipira respondeu: “É, semo atrasado, mas nunca paguemo 5 mir réis pra ninguém pra tirar retrato!”

Essa historinha foi contada por Abel da Silva Bueno, nascido em 12 de junho de 1934 na Fazenda Figueira, Bairro Pau Preto, filho de Oscar da Silva Bueno e Helena Cândida da Silva. Teve sete irmãos e uma irmã: Maria Aparecida. O mais velho Antonio, o Buenão; depois o Benedito; o Sebastião da Silva Bueno, mais conhecido como Nhô Serra; o José Maria e o Antenor. O Silvio e o Ditinho faleceram ainda meninos. Todos os homens eram cantadores de cururu.

Quando tinha de 4 a 5 anos já acompanhava nas festas,

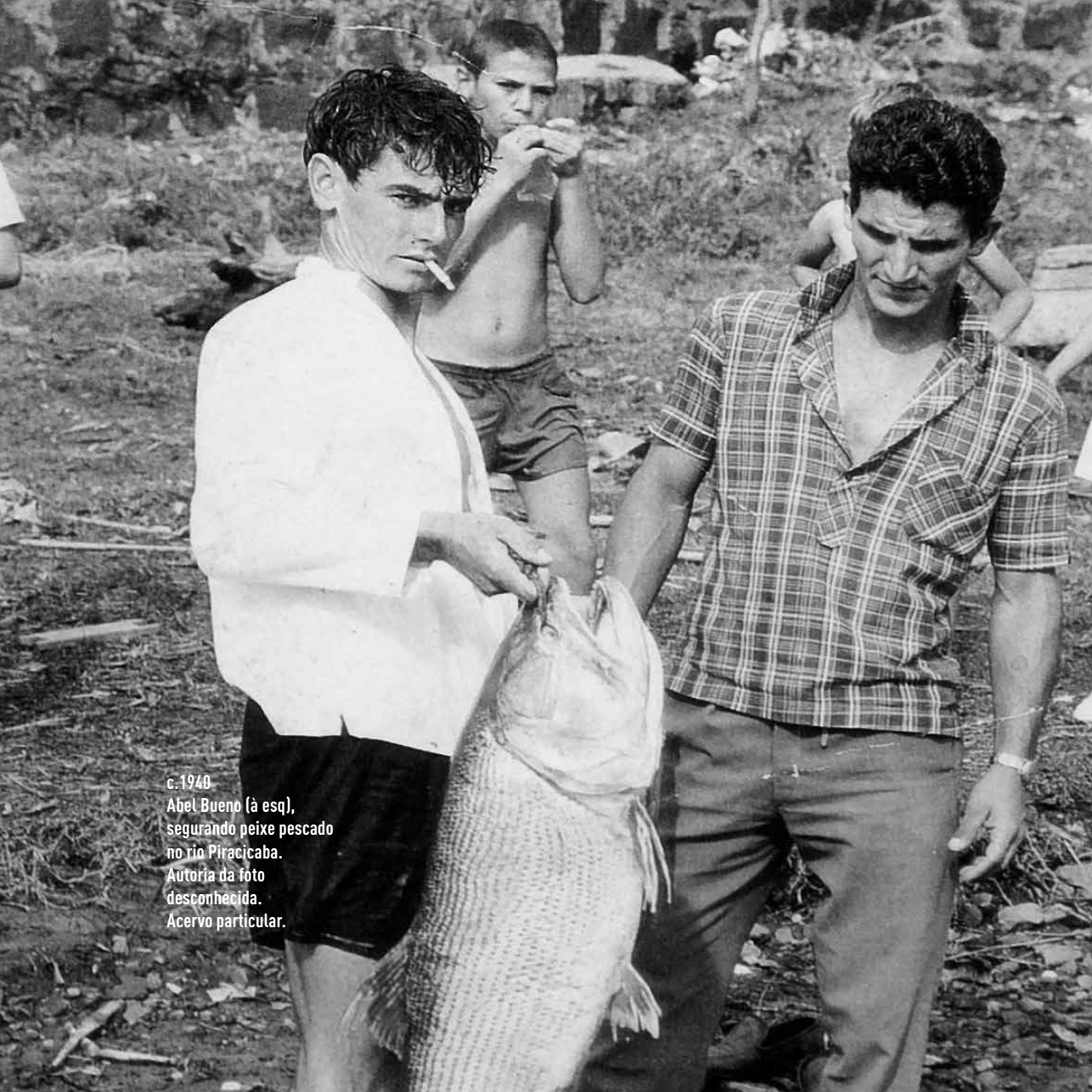
amanhecia o dia acordado junto com a turma; se o sono apertava no madrugada, dormia ao lado da fogueira. Aquele tempo era gostoso, nem gripe pegava, seus pais foram festeiros a vida inteira. O avô materno, Theodoro Rodrigues de Campos, foi um grande violeiro: chegava na casa das pessoas às 8 horas da noite e ficava até o amanhecer, com a casa lotada para escutar as suas músicas, todas compostas por ele mesmo. Seu avô paterno já não era muito de cantoria, mas gostava também. Abel não tocava viola, dizia que não tinha dom para instrumento nenhum, embora seus irmãos todos tocassem. Com um ouvido muito bom, uma cordinha desafinada ele reconhecia na hora. Era cantor.

Alguns historiadores dizem que no cururu existem cantadores profissionais, falam que o cantor famoso recebe o nome de canturião, e o aprendiz é canturino. Abel Bueno diz: “Ser cantor não dá comida para ninguém. Comecei a cantar no ano de 1954, já no segundo sábado cantei com Sebastião Roque que era um campeão. Passei a cantar na rádio PRD-6, cantava com os 4 bambas: João David, Zico Moreira, Sebastião Roque e Pedro Chiquito. Antes do Pedro Chiquito, era o Gustinho de Aguiar.”

Assim ele define cururu: “Existem muitas interpretações. Cada um pinta o olho do diabo na cor que quer! Quem pintar mais bonito fica o dono da palavra. Uns falam que o cururu tem a origem no muxirão (mutirão) realizado para cuidar de uma área de terra. Uma planta do mato, chamada caruru, era cozida no feijão, com farinha de mijolo (monjolo) e oferecida aos trabalhadores do mutirão. Isso despertou o desejo de participar de outros mutirões para comer o cururu. No tempo em que eu era criança ia aos velórios de sítio, cantava-se uma oração chamada Silêncio. Era retirada uma porta da casa, colocavam o defunto em cima, na sala da casa, o pessoal ficava sentado na beira da parede e cada um cantava uma reza improvisada. Faz sentido alegar que o cururu saiu dali também. Dizem ainda que a Irmandade do Divino, na região do médio Rio Tietê, deu origem ao cururu. O triângulo do

cururu é formado por Sorocaba, Piracicaba e Botucatu. Estão incluídas nessa região as cidades de Tatuí, Laranjal Paulista, Conchas. Em Piracicaba está a raiz do cururu. Aqui em Piracicaba tivemos um número maior de cantadores de cururu. Muitos historiadores dizem que o cururu veio de Portugal, mas lá não tem cururu, como é que veio de lá? Eu acredito que a Bandeira do Divino veio de Portugal. O cururu era acompanhado de viola, adolfo (pandeiro) e reco-reco. Dizem que o cururu era dançado. Eu não cheguei a ver o cururu dançado. O festeiro montava um altar na sala da sua casa nas épocas de festas de São João, São Pedro, São Roque ou outro santo de sua devoção. Após a colheita do milho, o mato que crescia na tiguera (roça), era queimado produzindo as coivaras (varas que sobravam das queimadas) então utilizadas nas fogueiras. As candeias (velas) eram feitas com um pavio de lamparina enfiadas na samora (cera de abelha). A procissão seguia com a imagem de São João em um andor até a margem de um rio onde era lavada a imagem do santo. As pessoas caminhavam pela beira do rio ou córrego, olhando na água, para ver a sua própria sombra. Os que não enxergavam o seu reflexo na água voltavam chorando, significava que não iriam mais ver outro São João, morreriam antes! E morriam mesmo! A procissão retornava à casa do festeiro, rezavam o terço, acendiam o fogo, o pessoal jantava. Para começar o cururu tinha que ser tirada a licença, era pedida a licença para o santo e para o dono da casa. Sem tirar licença não se cantava. Como o santo autorizava a licença ninguém sabe! Eles achavam que autorizava! O violeiro tocava a viola e o cantor licençaheiro entrava na frente: Eu faço isso. Cantavam assim: “Eu quero pedir licença oi ai... Licença eu quero pedir ei ai... Depois da licença dada ei ai... nós queremos divertir ei ai...” A turma fazia um coro. Era bonito! Ai tinha o pedestre, que puxava a carreira, o primeiro cantor entrava e cantava, aí amanhecia na briga!

Abel explica que carreira é rima. “Por tradição começa na carreira de São João. Quando a festa é de São Roque, o festeiro quer que seja cantada a carreira de São



c. 1940
Abel Bueno (à esq),
segurando peixe pescado
no rio Piracicaba.
Autoria da foto
desconhecida.
Acervo particular.

Roque. Tem pouca rima. Na festa de Bom Jesus não tem rima! Vai rimar com Luz, Cruz, Avestruz, Azuis e depois acaba! Santo Antonio não tem rima! Então existe a carreira de São João, carreira do Sagrado e carreira do a.”

Ele também diz que cana verde é um tipo de desafio como é o de hoje, só que cantavam mais homenageando. “Naquele tempo se falava cantar com quexume. Quexume era próprio de pessoas que tinham sentimento, gostava de uma moça e a moça não gostava dele. Então ele cantava para mostrar a ela que estava gostando dela. Não tinha papo para conversar, então fazia isso em versos. Exemplo de caninha verde: ‘Para cantar a caninha verde primeiro canta o violeiro, depois que o violeiro canta, canta outro companheiro!’ Outro violeiro entrava e cantava: ‘Pra cantar caninha verde, canta homens e mulher depois que o violeiro canta, canta tudo que quiser!’ Era coisa muito bonita! Eu faço versos com a caninha verde, como por exemplo, o nome do passarinho: ‘Vou dar a minha despedida como deu o papagaio, despediu-se e foi-se embora, deixou uma pena no gaio!’ Outro fala do bem-te-vi, do tico-tico. Por exemplo: ‘Vou dar a minha despedida como deu o tico-tico, despediu-se e foi-se embora levou uma pena no bico!’ Tem rima que não é muito fácil. Urubu é meio difícil.”

Abel lembra que uma das coisas que se diz no cururu é ser falta de educação o cantador não pedir licença para cantar. “A turma então pede licença. Daí entra na pataquada, que é tirar sarro do outro. O baixão ou rezoado é para a afinação do peito, para ver se está bom, se o violeiro está combinando, cada um faz o baixão à sua maneira. Antigamente o cantador tinha que fazer toada e tinha que ter o seu baixão, não podia cantar baixão e nem toada de outro. Toada é a música. O cururu de hoje não tem quase mensagem, os cantadores de hoje não são de tradição, foram criados pela vontade própria. Hoje tem italiano cantando cururu! Nunca ninguém da sua família cantou cururu, ele está cantando! Ele tem vontade de fazer, mas é mais difícil para ele cantar o cururu. Cururu sempre foi rural. O cururu entrou na

zona urbana por volta de 1943, 1945. Ai mudou tudo. Começaram a cantar em festa de palco. Não tem mais aquela mensagem bonita que mandavam.”

Abel trabalhou muito em cima de apresentar uma mensagem ao povo. Evangélica. Sobre a História. Mas diz que hoje o que se tem é um cururu mais jocoso, que é que o povo queria. O avô da sua mulher fazia todo ano festa no bairro Almeida, perto da Capela São Sebastião, quando o cantor começava a cantar ele não queria que ninguém conversasse na sala. Era para escutar. Quando um conversava, ele falava assim: “Ói gente! Eu fiz o cururu para vocês escutarem o cururu, mas quem quiser barganhar égua sai lá pra fora!”

Ele continua contando: “Nós, em Piracicaba, temos a recordação do tempo bom, tempo da vaca gorda, tempo em que chegava boiada na Estação da Paulista, descarregava a boiada na estação e descia a Rua do Rosário até o Matadouro, ia pelo meio da cidade, passava pela ponte do Mirante, eram 400, 500 bois. A Rua do Rosário tem uma história muito grande. Onde hoje é a Praça Takaki, no lugar em que existe a caixa d’água, se montava circo, o campo de futebol do Jaraguá era encostado. Naquele tempo tínhamos uns homens de fibra em Piracicaba, como Manin Casarin, Romeu Gomes de Oliveira, José Nassif. O famoso Zé Nassif foi o pai dos cantadores de cururu em Piracicaba. Zé Nassif tinha um barracão que existe até hoje na Rua do Rosário, lá assisti os maiores cururus de Piracicaba. Zé Nassif não tinha tristeza, a qualquer hora do dia ele era bom pra gente. Em Piracicaba tivemos Zé Nassif, o Aldino de Oliveira, conhecido como Nhô Juquinha; em Laranjal Paulista, o Luiz Garpelli; o Toco na cidade de Tatuí. Essa gente se foi e não deixou ninguém para representá-los. Na época difícil, não tinha apoio de ninguém eles faziam por conta própria os cururus, e sempre Deus ajudou. Naquele época o cururu era acompanhado por todos, inclusive pelas autoridades: juízes, delegados, prefeito.”

Cada um tem o seu tempo, sua época. Ele diz que cantor igual a João David ainda não apareceu. “O João era cantor em qualquer ambiente; Zico Moreira;

Sebastião Roque, que era um escritor, todo mês que ele vinha para cá trazia um livrinho de histórias dele, era um homem inteligentíssimo; Pedro Chiquito não fazia cultura, ele era cultura! Ele conhecia tudo! O Parafuso foi um comediante. O que encantava nele era o jeito e não os versos. Ele fazia o povo vibrar. Era muito educado. Fazia as brincadeiras com muita educação. Ele recebeu o nome de Parafuso através da minha família. João David dava uma voltinha no palco e mandava o Parafuso rodear em volta, ele virava, a turma achava graça naquilo. Ele falava que era o parafuso sem porca, pra ninguém apertar, dizia assim: ‘Viro em roda que nem fuso, sem tirar o pé do lugar!’ Aquilo pegou muito bem! Ele tinha 17 filhos. Nós cantávamos na casa do Dr. Zilca Cavalcante Maranhão, professor da Esalq, ficava ali na Rua Santa Cruz. Por volta de 1957, nós fomos cantar no Quartel General do Exército em São Paulo: eu, meu irmão Nhô Serra, Pedro Chiquito e o Parafuso. O Parafuso não cantou, deu uma tremedeira nele de ver um número muito grande de pessoas, umas 20.000! Era uma festa de São Pedro. O Capitão Cássio era de Piracicaba e conhecia o cururu. Lá ninguém conhecia.”

Era um tempo em que cada um queria fazer uma moda mais bonita que a do outro. Abel diz que seu avô materno cantou uma moda assim: “Arrumei uma namorada, uma bonita donzela/ Num fim de semana fui passear na casa dela/ Em prazo de meia hora contei mais de mil rodela! (naquele tempo rodela eram as prosas dele)” E diz que era assim que eles ganhavam as moças bonitas! Na viola. Cantando.

“Hoje não tem mais sabor. Essas grandes duplas sertanejas estão ganhando dinheiro em cima do sertanejo, mas eles não são sertanejos! Usam o nome sertanejo por causa da vendagem de discos. Eu admiro certas pessoas que fazem programas sertanejos e nunca foram ao sertão. Não sabe contar o nome de uma peça de um carro de boi! Nas entrevistas me perguntam se é difícil ser caipira. Não sei se é difícil ou é fácil. Ninguém pode ser caipira se não nasceu no berço de um caipira. Como a pessoa pode ficar caipira depois de velho? Não fica! Tônico e Tinoco são caipiras

autênticos. Conheci o Zico Moreira há mais de 50 anos. Ele era muito amigo do meu pai. Ele é descendente de português. Começou a cantar com uns 20 anos de idade. Ele era o caçador que dá o tiro no passarinho que está mais perto, para acertar. Já começou a cantar com o nome feito. Manteve seus 75 anos de cururu sem derrota. Apareceram bons cantadores como o Dito Silva de Sorocaba; o Silvio Paes de Sorocaba; Luizinho Rosa de Tatuí; Horácio Neto de Tatuí; Geraldo Colombo de Santa Bárbara D'Oeste; Jonatha Neto. Existem cantadores que cantam muito bem, mas não emplacam. Outros agradam o povão de primeira mão. O Luizinho Rosa ninguém conhecia em Piracicaba, pela primeira vez que cantou no rádio, já abafou! Cantou muito lindo! Trouxe uma bagagem muito grande para Piracicaba.”

Abel tem muitas histórias também de seu irmão, Nhô Serra. “O meu irmão, Nhô Serra, começou a cantar em 1947, começou no lugar de João David. Dona Julia era uma patrícia (negra), bem conhecida em Capivari, ela fez uma festa e o Serra era violeiro de Lazinho Marques. Chegando lá o Bastião Roque tinha faltado, colocaram o Serra para cantar. Abafou a noite toda. Ali pegou nome! Nunca caiu. Representou Piracicaba muito bem, a vida toda.”

Ele sabe que não se agrada todo mundo sempre. “O cantador pode ter o nome muito forte em uma cidade e fraco em outra. Tem cidades em que deixei um nome muito bom, como Botucatu, Conchas, Porto Feliz, Itu, Sorocaba, mas tem cidades como Tietê, por exemplo, que não ficou aquele nome emplacado. Talvez a gente não acertou aquela noite. Antigamente o público do cururu era muito exigente. Queriam coisas bonitas.”

E hoje? “A diferença é que hoje é um cururu mais moderno, com mais liberdade, respeita menos o povo, o público. Falam muita coisa que não é para falar. Apela. Tem cantador que apanha no assunto, amanhece apanhando, porém não apela.”



Jorge Razera

A RUA DO ROSÁRIO, na sua continuação após a Av. Dr. Paulo de Moraes, conserva forte tradição do passado. Por muito tempo foi corredor de passagem para quem se dirigia à zona rural. Derradeiro posto para se fazerem as compras. Duas máquinas de beneficiar arroz, a do Barbosa e Grella e a do José Grella funcionavam ainda na base do benefício em troca de parte do produto. As lojas de sapatos, tecidos, bares - como o Serenata, de Miguel Fernandes, Bar do Gepp, Garaparia do Crispim - onde se tomavam refeições rápidas, armazéns como o de propriedade de Vitório Fornazier. Os moradores da zona rural, além de se abastecerem de alimentos, adquiriam peças de vestuário, armarinhos, frequentavam o barbeiro, como o Sebastião ou o Dito e, acima de tudo, era ali que se informavam das últimas novidades. Os ônibus, então chamados de jardineiras, faziam ponto na Praça Takaki. O bairro era uma grande família, onde todos se conheciam, riam e choravam juntos, dependendo da ocasião. Religiosos, os moradores dividiam a frequência entre a Igreja dos Frades e a Igreja São José. Gostavam muito de acertar os relógios com o som do apito do trem da Companhia Paulista, que partia na hora exata.

A Praça Takaki está hoje descaracterizada por um enorme reservatório de água em seu canteiro central, que teve suas obras concluídas em 5 de setembro de 1973. Um mastodonte de gosto duvidoso. Muitos cresceram no bairro vendo Jorge Rasera andando com sua inseparável bicicleta. Inicialmente, em conjunto com seu irmão Pedro Rasera, possuía uma loja de

tecidos e armarinhos, na Rua do Rosário, do lado direito, entre a Av. Edgar Conceição e Av. do Café. Ali, Jorge se estabeleceu ainda bem moço, permaneceu por longos anos até mudar para o quarteirão seguinte. Provavelmente seja o comerciante mais antigo do bairro: embora a família mantenha as atividades, o olho comercial de Jorge segue de perto o movimento.

Filho de Pedro Raser e Rosa Trevisan Raser, Jorge nasceu no dia 12 de abril de 1931 em uma chácara situada onde hoje é o Jardim Elite. Seu pai tinha gado de leite nessa propriedade. Eram oito irmãos, cinco homens e três mulheres. Na época, aquela região era formada por chácaras, havia apenas uma entrada para o Saibreiro, pela rua D. Pedro II. Quem ia para o bairro Dois Córregos subia pela Rua Moraes Barros. Da Rua Benjamin Constant até chegar às chácaras, lá em cima, era tudo fechado, não havia caminho. O leite era transportado em um litro comum, tampado com um sabugo de milho envolto em palha de milho. A venda era feita para o próprio consumidor, transportado em um carrinho de tração animal, conduzido por seu pai, seu irmão ou ele mesmo. Depois vieram os laticínios Ideal e Piracicabano.

Jorge tinha uns vinte anos de idade quando frequentou a Escola do professor Zanin e um de seus colegas de escola foi Valdemar Fornazier. Nessa época passou a ser proprietário de loja. Era um salãozinho que seu pai deu para ele e para seu irmão Pedro tocarem um comércio. Jorge era solteiro ainda. Quem montou essa loja para ele foi o Toninho Sallum. Com um empregado da loja dele, pegou um pouco de cada mercadoria que tinha e abriu a lojinha lá. Isso foi em 1951. Na época, a Rua do Rosário era uma rua com duas mãos de direção, os veículos subiam e desciam por ela até o dia em que na esquina com a Av. do Café um caminhão carregado de areia matou uma menina. Após aquele dia a Rua do Rosário passou a ser mão única.

Alcides Saipp também tinha um estabelecimento comercial na época, na Rua do Rosário esquina com a Av. Dr. Edgar Conceição.

Naquele tempo, era hábito entre os jovens quadrar o jardim. Foi assim que Jorge

conheceu Maria José Barbelli Raser. Casaram-se em 1957, na Igreja da Vila Rezende. O celebrante foi Monsenhor Martinho Salgot.

Ela trabalhou na Fábrica Boyes desde os 14 anos de idade até se casar. Nasceu em 29 de outubro de 1934, filha de Salvador Barbelli e Vitória Volpato. Salvador trabalhava no Engenho Central e Maria José ia levar o almoço para o seu pai: havia aqueles montes de açúcar escuro, pegavam aqueles pelotes para comer. Uma vez por ano havia um churrasco lá na Santa Rosa.

A Boyes deu emprego a muita gente na cidade. Maria trabalhava na fação, trabalhou um ano como aprendiz, depois passou a contramestre da seção. O horário era feito de forma alternada. Uma semana entrava às cinco horas da manhã e saía à uma hora e trinta minutos da tarde. Na outra semana, entrava à uma hora e trinta minutos da tarde e saía às dez horas da noite. A produção basicamente era de sacaria para ser utilizada em usina de açúcar. Uma das coisas que guarda é o fruto de uma semente de abacate que seu pai trouxe do Engenho Central e que produz abacate até hoje! Ela garante que é um abacate muito gostoso.

Jorge afirma que quando abriu a loja havia uma relação de confiança muito grande entre comerciante e freguês. Vendia fiado para todo o mundo e recebia de todos. Os clientes compravam de peça inteira.

Ela diz que Nhoca era muito conhecido. Seu nome era José Vicente, era cego de um olho. Benzia todo o mundo, pessoas, animais, cavalos! Vinha gente de longe para ser benzido por ele. Sua mulher era Dona Idalina. Eram pais de dois filhos.

O Manoel Castilho era morador do bairro, ele já morava na Paulista. Ele fazia sapato, colocava meia sola, era um sapateiro muito habilidoso. Onde é hoje a Igreja Assembléia de Deus existiam duas casas, foi o Nino Ferreiro quem vendeu para a construção da igreja. Mais à frente morava uma senhora italiana, a Dona Lucrécia. Onde foi a Alvarco existia uma casinha no fundo.

Onde hoje é a loja Capital, antes de Antonieta adquirir a propriedade e construir a

Boutique Antonieta, existia um imóvel de propriedade de Crispim Durrer, um terreno com muitos pés de banana. A casa ao lado, onde morava Benedito Baglione, foi construída por Alcides Fornazier. O bonde tinha como ponto final a frente da Padaria Cruzeiro, próximo onde hoje é o Toninho Lubrificantes. Quando o bonde vinha no sentido do bairro para o centro, à noite, era possível ver o farol aceso que se aproximava. Jorge e Valdemar Fornazier corriam bastante para poder pegar o bonde em frente à Estação da Paulista e irem para a escola. Corriam o máximo que conseguiam e pegavam o bonde correndo. Onde hoje é o posto Petrobrás, na esquina da Av. Dr. Paulo de Moraes com Rua do Rosário, havia o bar da Dita Pé Grande. Quando voltavam da aula, paravam ali, onde tomavam uma cerveja Caracu com pão.

Na Paulista, em 1948 não havia água encanada. A água era tirada de poço, puxada com uma corrente de ferro, de vez em quando quebrava e tinha que ficar pescando a corrente no poço. O fogão era a lenha.

A Av. Dona Jane Conceição terminava onde hoje é a Rua Campinas. Dali em frente era plantação de cana de açúcar. A Av. Madre Maria Teodora era a rua com mais movimento, depois havia apenas algumas casinhas dispersas. Era tudo propriedade da família Conceição.

Na esquina da Dona Jane Conceição com a Rua do Rosário, onde hoje existe uma Farmácia Drogal, era uma sapataria. Onde hoje estão os Bancos do Brasil e Itaú havia duas casinhas. Jorge tinha um timinho de futebol, o União Paulista, todo domingo jogavam. A sede do time era em cima do caminhão! O Pitão era o treinador.

Purunga era um vira-lata pequeno, Jorge tinha uma cestinha, escrevia um bilhete fazendo o pedido que queria e ele ia até o açougue. A vantagem é que pelo fato de ele ser pequeno, entrava entre as pernas dos clientes e era o primeiro a ser atendido pelo açougueiro. A cestinha não era amarrada e sim presa por ele entre os dentes. Ninguém conseguia tirar essa cesta dele. Ele trazia o pedido que estava escrito no papel. O mais interessante é que ele nunca mexeu na carne, o açougueiro era o Rubens Zillio.

Infelizmente o Purunga um dia morreu atropelado por um carro na esquina da Rua Sud Mennucci com a Av. Dona Jane Conceição.

Na esquina da Rua do Rosário com a Av. Dona Jane Conceição, onde hoje existe uma diversidade de lojas, existia um terreno vazio, que era usado para lazer. Ali se apresentavam circos, eram instalados parques de diversões, e até comícios políticos foram feitos nesse local. Um dos circos que esteve ali foi um grande cliente de fitas de tecido. Era fita número 5, o palhaço enchia a boca de fita e ia tirando, parecia que não ia terminar mais, a criançada vibrava. Onde hoje é a caixa d'água na Praça Takaki passava um caminho de terra que ia até perto da estação. Existia a carregadeira de boi, hoje uma área fechada ao público, ao lado do Restaurante Frios Paulista. Os bois eram conduzidos pelas ruas, fechavam-se os portões das casas para evitar que eles entrassem. Um dia um boi escapou na hora da saída do pessoal da missa, e desceu a Rua Alferes José Caetano causando grande polvorosa.

Jorge andou muito de bicicleta: tinha uma de marca Philips, preta, adquirida quando ainda era mocinho. Todo domingo após o almoço ia andar de bicicleta, ia lá para o Taquaral.

Fez muitas viagens acompanhando os jogos do XV. Uma delas foi marcante. Foi a São Paulo assistir a um jogo do XV contra o Paulista de Jundiá. O XV perdeu o jogo. Ele e o falecido Alcides Saipp conseguiram uma carona para voltar a Piracicaba, em uma caminhonete. Não marcaram o tempo que levaram para chegar, mas ele acha que fizeram o percurso em uma hora de viagem. Foi uma viagem de terror! O motorista estava revoltado com a derrota do XV. Quando chegaram a Piracicaba e desceram do veículo, deram graças a Deus.

Milton Novello foi um personagem folclórico da Paulista. Ele era mecânico, tinha grande facilidade para divertir-se e divertir os outros. Criava situações cômicas, como arrancar minhoca do solo com eletricidade. Havia um farmacêutico no bairro que sofria de deficiência auditiva. O Milton arrumou uma boneca grande, embrulhou em

um xale, pediu ao farmacêutico que medisse a temperatura da “criança”, que estava toda embrulhada. Após uma demorada aferição, o farmacêutico deu o diagnóstico: “Não tem febre nenhuma!”. Para espanto e horror do farmacêutico, Miltinho jogou a “criança” no chão, deixando parecer que se tratava apenas de uma boneca! Na feira livre havia um japonês muito zeloso com suas frutas, que ficava bastante contrariado quando alguém as apertava para testar a maciez. O Miltinho, que tinha amputado parte de um dedo, resolveu fazer uma brincadeira. Vendo um mamão muito bonito, apenas encostou a ponta do dedo amputado na fruta, dando a entender que tinha enfiado parte do dedo no mamão. Chamou o japonês e disse-lhe: “Esse mamão está bem mole, né!” Furioso, o proprietário usou todo o seu vocabulário de impropérios, até o Miltinho mostrar que a fruta estava intacta.

Outro da família Novello era o Zico Novello. Ele conseguia matar (desligar) o motor de um caminhão apenas encostando os dedos no contato elétrico de alta voltagem.



**Dirceu Olívio
Pompermayer**

DIRCEU OLÍVIO POMPERMAYER NASCEU em 5 de abril de 1925, na Fazenda Pompermayer, situada no bairro rural Campestre. É filho de Frederico Pompermayer e Angelina Sândalo Pompermayer; seus irmãos são Nair, Angenor Antonio, Henriqueta, Nelson, Nivaldo. Trabalhou com a plantação e preparo de fumo de corda, incorporou e realizou o loteamento de diversas áreas de terras urbanizadas, sendo que uma delas deu origem à Rua Xavantes, em Piracicaba. Tornou-se sócio de uma pequena loja de tecidos, que veio a ser uma das grandes fornecedoras de artigos comercializados pelos chamados “frangueiros”, comerciantes de miudezas que percorriam as zonas rurais. Seu estabelecimento tornou-se um dos mais representativos do seu setor em Piracicaba e região. Ainda menino acompanhava o pai na vinda do sítio para a cidade; em sua juventude vinha a cavalo até a propriedade da família, situada à Av. Dr. Paulo de Moraes, onde deixava sua montaria, preparava-se com os trajes de passeio e rumava com alguns amigos para o centro de Piracicaba, onde a juventude costumava quadrar o jardim.

A área cultivada pelo seu pai na Fazenda Pompermayer era de 63 alqueires, inicialmente com pés de café; depois passou para o plantio diversificado. Por doze anos e meio fabricou fumo de corda. Dos sete até os dez anos, embora seu pai tivesse colonos, ele tinha que tratar de animais. Arrancava mandioca para cozinhar e dar aos porcos, cortava cana de açúcar para doze parelhas de burros. Com o tempo, seu pai deu um pedaço de terra para ele e seu irmão mais novo plantarem algumas

coisinhas, e assim foi até quando completou dezoito anos. Então veio para a cidade e foi trabalhar na oficina do Rui Consentino. Isso no tempo da Segunda Guerra.

Era o período em que se usava gasogênio, o ônibus que ia de Piracicaba a Anhembi era de Renato Angeli, e o que ia a Botucatu era de Romeu Rolandi. À tarde eles chegavam de viagem com os ônibus e tinham que retirar o carvão que estava quase todo queimado nos dois tambores de cada veículo. Dirceu tinha que limpar e encher de carvão novamente. Era colocada uma estopa na abertura inferior. Às sete horas da manhã, quando iria funcionar o ônibus, era colocada uma estopa embebida em querosene e colocava-se fogo. O Romeu Rolandi dizia que para subir a serra de Botucatu o motor tinha que passar a funcionar a gasolina, com o gasogênio não subia. Não se acostumou com aquele serviço, voltou ao trabalho com a terra. Ficou com seu pai, passou a trabalhar com seu tio, Antenor Bragatto, casado com uma irmã do seu pai. Plantavam um pedaço de terra com a lavoura de fumo, faziam uma “fumadinha”, ele gostava de negociar, comprava e vendia fumo. Dois irmãos da sua mãe, Tio Luiz e Tio Zezinho, tinham uma propriedade boa, de sessenta e poucos alqueires, tinham derrubado dois capões de mato e capoeira e estavam querendo plantar fumo. Dirceu foi trabalhar lá. Um primo, Alfredo Sândalo, o ensinou a preparar o canteiro para as mudas e ele fez duas fumadas bonitas e boas.

Ele explica como era o processamento do fumo: “conforme a folha ia amadurecendo embaixo, eu ia tirando; hoje se colhem todas as folhas, eu só apanhava a folha que estava amarelando. As folhas colhidas iam para o rancho coberto, era tirado o talo grosso e colocadas em um estaleiro feito de bambu, onde as folhas ficavam dependuradas. Esse processo era feito nos meses de junho e julho. Agosto já era um mês com tempo seco. Quando a folha estava no ponto, maciazinha, fazia-se a corda. Era uma corda comprida, com mais de 10 metros de comprimento, ficava alguém com um cambito. Após enrolar três cordas, elas eram novamente enroladas entre si, em torno de um pau, onde era então feito o rolo. Após esse processo, o rolo era levado para a

cambota, que tinha uma catraca. Puxava-se bem apertado e dava-se uma volta, fazia-se isso até concluir o rolo. O fumo ia melando, ficava marrom, soltava uma mela preta, aí é que estava a ciência de não deixar o fumo azedar. Não havia como deixar o serviço para o outro dia, perdia-se a qualidade. Às vezes alguém ia buscar o caldo que saía do fumo para tratar animais com bernes, mas normalmente era jogado fora.”

Fazia-se o canteiro no fim de fevereiro. Tirava do canteiro em março e plantava na roça; uns 50 dias depois ele já estava com 22 a 23 folhas. Conforme ia amadurecendo ia apanhando, colocava na carroça, levava ao rancho onde a meninada, moças, mulheres “destalavam”. No quartinho de fumo se tem os rolos de fumo separados por suas qualidades. O fumo “bachero” é feito com as folhas debaixo da planta, é um fumo mais fraco, de qualidade inferior. O fumo extra é o que não tem uma corda quebrada, é amarelo. Naquele tempo se pegasse uma lasquinha daquele fumo bom, amarelinho, e mascasse, sentiria até a sua doçura.

Dirceu costumava fazer um rolinho de fumo para ele, outros para os seus tios. Escolhia as folhas no estaleiro, mesmo as folhas iguais na roça. No estaleiro umas ficavam diferentes das outras e se houver uma folha verde na corda o fumo fica amargo. Fazendo-o com folhas selecionadas, o fumo durante o ano todo, tem a mesma qualidade. O comprador só de pegar o canivete e bater no rolo sabe a qualidade do fumo.

Ele fazia rolos de 17, 18 quilos cada quando prontos, curados. Ao vender, quebravam-se ao meio, os compradores não queriam rolo muito grande, que era mais difícil de vender. Dirceu tinha um vendedor em Sorocaba, um aposentado da Sorocabana, que se chamava Alfredo Marques. Após as vendas, ele mandava uma carta com o pedido e essa carta era entregue em um barracão que seu pai e seu avô tinham na Av. Dr. Paulo de Moraes, bem em frente ao barracão de cargas e descargas da então Companhia Paulista de Estradas de Ferro, ao lado da casa onde morava Dr. Jacob Diehl Neto, vizinho de Giovanni Ferrazzo, mais conhecido como Joane Vassoureiro, que comprava toda vassoura que a família Pompermayer plantava.

Heitor Pompermayer, Jorge Angeli, Carlos Bortoletto e Fahjala foram seus colegas. O Tiro de Guerra ficava em um quarteirão onde mais tarde foi construída a Escola Industrial. Saíam a pé da Paulista e iam até lá, uns oito a dez rapazes, entre eles Aristides Costa e Guilherme Cella. O comando era do sargento Ayres. Usavam fuzil para treinamento de tiro e como Dirceu tinha a prática, adquirida no sítio, de atirar em caça voando, acertava três tiros “na mosca” quando o alvo era fixo. Vanor Pachani morava na Chácara Nazareth, trabalhava na fábrica de barcos do Adâmoli. As aulas práticas de tiro eram feitas junto ao rio Piracicaba, no trecho em que passa pela Escola Agrícola. O sargento, sabendo que Vanor era bom carpinteiro, disse-lhe para arrumar um companheiro e ficarem em uma trincheira de onde colocavam os alvos para o exercício de tiros. Desciam os alvos e colavam uma rodinha de papel onde havia sido acertado o tiro. Ali embaixo, o sargento anotava a pontuação dos tiros.

Dirceu veio para a cidade para a casa de duas tias, irmãs do seu pai, Tia Emilia e Tia Elvira, cujos maridos eram da família Furlan. Emílio Furlan namorava a irmã de Dirceu, Henriqueta. Dirceu trabalhou com ele na lenhadora da sua família com um caminhão Ford 1948, F-8, um caminhão valente. Puxavam lenha Emílio, Dirceu e um funcionário chamado Antonio Caetano. Chegavam a carregar vinte metros cúbicos de lenha, eucalipto, cortados ali na região de Rio das Pedras. Emílio ficava em cima do caminhão, Dirceu e Antonio jogavam a lenha, às vezes precisava manobrar o caminhão. Como estava embaixo, ele passou a executar essa tarefa, aos 22 anos.

Onde hoje está o Shopping Paulistar foi por muitos anos a caieira de Felício Tozzi, de onde ele tirava pedra de cal. Ali já era um buraco que, com a extração, aprofundou-se mais. Dirceu ia com uma Kombi ano 1960 buscar cal para a construção de uma casa que construiu.

Em 1951 casou-se com Luiza Beisman, filha de Elvira Estela Beisman e Antonio Beisman, na Igreja dos Frades. O celebrante foi Frei Felício. Conheceu a esposa quadrando jardim.

Após regressar da experiência na oficina mecânica, permaneceu por seis anos na plantação de fumo. Com o dinheiro que foi economizado adquiriu um alqueire de terra de seu tio, Orlando Furlan, onde hoje é a Paulicéia, No local em que existe a Rua Xavantes, Rua Nossa Senhora Aparecida, até a atual Av. 31 de Março, era tudo ocupado por eucaliptos. Loteou três alqueires ali. Comprou o primeiro alqueire nessa região; seu tio Antenor, com quem trabalhava na lavoura de fumo, comprou outro alqueire. Adquiriu mais uma área de terras com eucalipto plantado, já no terceiro ou quarto corte. Vendeu 153 lotes de terrenos, isso em 1948. Pedro Bragion e Pedro (Peu) Clemente lotearam uma extensa área nas imediações.

O início na Casa Dom Bosco ocorreu em 1951. Dirceu entrou como sócio de Rubens Broglio, que sempre foi muito amigo. Ele já tinha a loja, que ficava na esquina da D. Pedro II com a Rua Governador Pedro de Toledo, em prédio de propriedade de Dona Thaaaji. Eram sócios em partes iguais. Já se chamava Casa Dom Bosco, nome que permanece até hoje. No início, comercializavam tecidos e retalhos; com o tempo passaram a comercializar máquinas de costura, venderam muitas máquinas Vigorelli e Leonam. Seu irmão Nelson ficou um mês na fábrica Leonam para adquirir conhecimentos técnicos sobre as máquinas produzidas pela empresa. As máquinas vinham desmontadas e eram montadas aqui. As moças que casavam, adquiriam-nas na Casa Dom Bosco. Dirceu permaneceu na loja de 1951 a 1983. Expandiram, adquiriram imóveis vizinhos, chegaram a ter mais de quarenta funcionários. Trabalhavam com armarinhos em geral, linhas, agulhas, Melhoral, Sonrisal, brim aço, pano de roça, tecido xadrez, Casimira Aurora, Brim Ave-Maria, Cretone Lapa, artigo da Simão Rossi. Cada peça tinha em média 25 metros de comprimento por 2 metros e 20 centímetros de largura, muito utilizado para fazer lençóis, linho irlandês, acetinado. Chegou a fornecer para mais de trinta “frangueiros”: eles iam para os sítios de carrinho, vendiam os produtos que traziam do sítio no Mercado Municipal e se abasteciam na Casa Dom Bosco. Alguns desses frangueiros são Durvalino Brancalion, Benedito (Dito) Franzol,

Francisco Franzol, Arlindo Petian de Rio das Pedras, Miguel Lopes, três irmãos do Bairro do Peruca, de Rio das Pedras, Capivari, Saltinho, Charqueada, fornecia para a região inteira. Além da Casa Dom Bosco, os fornecedores dos frangueiros eram os Irmãos Muniz, situados na Rua do Rosário, e a Casas Pernambucanas. Nos últimos anos tinham crediário próprio, mas antes anotavam as compras de alguns clientes em um caderno.

Na esquina da Rua Governador Pedro de Toledo com a Rua D. Pedro II, onde hoje existe uma farmácia, era o Hotel dos Viajantes, um prédio comprido, com janelões. Quando era menino, Dirceu vinha com seu avô até o hotel. O proprietário era Sr. Mario.

No sítio jogava de half esquerdo, se a bola passasse o jogador não passava. Na quarta feira já tinha o ingresso no bolso para assistir às partidas do XV de Novembro, realizadas no Estádio Roberto Gomes Pedrosa, mais conhecido como “Panela de Pressão”. Era sócio do XV, tempo de De Sordi, Gatão, Rabeca.

Foi por muito tempo jogador de bocha: frequentava o bocha do João Canale, do Costa, havia um no primeiro quarteirão da Rua da Boa Morte, próximo à Estação da Paulista. José (Juquinha) Dionísio, que trabalhava com o Vitório Fornazier, foi seu companheiro de bocha, o Lovadini da Companhia Paulista; o Alcides Fornazier com o Pachani; o Helio Saipp com o João Franceto; o Tio Zé Novello jogava também. Naquele tempo as bolas eram de madeira, mas nem todas eram da mesma madeira o que dava diferenças de até 150 gramas no seu peso. Cada bola de madeira pesava 1,250 kg. Algumas de madeira com cerne branco chegavam a pesar 1,100 kg. As bolas se diferenciavam umas das outras porque uma era lisa e outra riscada. Nos jogos de campeonato exigia-se uma caixa de bolas novas para jogar. O Biche-Biche foi uma lenda do bocha em Piracicaba.

Dirceu participou do Cesac (Centro Social de Assistência e Cultura Paróquia São José), junto com João Sabino, Antonio Scanavacca, Ciro Mendes Silveira e outros. Neco Cardoso e a sua equipe eram os pedreiros responsáveis pela construção da

Igreja São José. Para cobrir a igreja foram utilizadas telhas francesas: ele, Antonio Scanavacca, Juquinha, participaram dessas ocasiões. Era amarrada uma telha em uma corda e quem quisesse colaborar dava uma oferta em dinheiro, sendo a telha levantada em seu nome.



**Encarnacion
Marins Sturion**

ENCARNACIÓN MARINS STURION É uma das pessoas mais conhecidas e estimadas da comunidade piracicabana. Dona Encarnação e “Seu” Toninho, durante décadas, foram proprietários de uma banca no Mercado Municipal de Piracicaba. A especialidade deles eram os famosos pastéis, folhados, salgados, sempre acompanhados de uma “Caçulinha”, um café com leite ou um pingado. Piracicaba evoluiu, o Mercado sofreu reformas em suas estruturas, mas as lembranças permanecem límpidas na memória dessa senhora que até hoje é extremamente dinâmica. Nascida em 24 de setembro de 1926, Dona Encarnação parece ainda estar no mesmo ritmo que sempre levou, de muito trabalho e disposição para viver.

Encarnación era o nome de uma moça que foi namorada do seu pai, João Miguel Marins, quando ele ainda morava na Espanha. Sua mãe era Henriqueta Sanches Frias.

Foi muito amiga da Dona Rosa Canaan Nassif. Passavam muitas tardes juntas, conversando, lanchavam juntas. Lembra-se de Dona Rosa, que ficava sentada no estabelecimento comercial, na esquina das Rua do Rosário e Av. Dr. Edgar Conceição. Uma imagem que permaneceu na sua lembrança foram os braceletes de ouro que ela usava! A casa onde Encarnación residia ficava onde hoje é o Banco do Brasil da Paulista. Dessa casa saíram cinco noivas! Ela foi uma delas. Onde hoje é o Banco Itaú havia uma casa de propriedade do seu pai, que era alugada. A casa tinha portas de duas folhas, colocava-se uma cadeira segurando

as duas folhas. A distração da sua mãe era conversar com Dona Rosa e uma outra comadre. A casa permanecia o dia todo com apenas a cadeira segurando a porta! Não era comum usar chave, cadeado nem pensar.

Seu pai, João Miguel Marins, tinha sítio no bairro do Marins. Lá se chama bairro do Marins por causa dele e do seu avô. Seu pai veio da Espanha com 17 anos de idade e sua mãe com 9 anos. Eles tiveram os filhos Isabel, Augusta, Maria, Encarnación, Inês, José, Adelaide. Quando João Miguel deixou de trabalhar exclusivamente no sítio, ia ao Mercado Municipal, comprava produtos de excelente qualidade, juntamente com banana e feijão, que vinham do seu sítio, e vendia para as donas de casa da Rua Governador. Naquele tempo as donas de casa não tinham o hábito que nós temos hoje de ir ao supermercado. Nem havia supermercado. Na Paulista, quase não havia casas. Não havia calçada, eram armazéns com uns poucos sacos de cereais a granel. As compras eram marcadas em cadernetas, a lápis. Ninguém “tungava” ninguém naquele tempo.

A Av. Madre Maria Teodora era terra nua, na época conhecida como Morro do Enxofre. Havia uma valeta tão grande na frente da casa do seu pai que, em decorrência das águas das chuvas, muitas das crianças que brincavam naquela água acabaram afogando-se, indo parar no bueiro lá no fim da hoje Av. Madre Maria Teodora.

Naquela época era hábito o namoro terminar às nove horas da noite. Sua mãe já falava: “Menina, amanhã você tem que levantar cedo!” O namorado, que veio a ser o seu marido, chamava-se Antonio Sturion. No período em que namoraram ele tinha a profissão de alfaiate. Era de família com origem em Saltinho, mas já estavam todos morando em Piracicaba, em frente à Santa Casa, onde hoje há um edifício com consultórios médicos. O Antonio e seus irmãos José e Nozor Sturion eram alfaiates. Naquela época, usava-se muito terno e ninguém comprava pronto. O seu sogro, Martinho Sturion, era guarda no Mercado Municipal. A sua sogra chamava-se Angelina Ramelli Brancalion.

Casou-se no dia 28 de julho de 1946 na Igreja São Benedito. Antonio pertencia à

Paróquia da Catedral, que naquela época estava em reforma e então o casamento era feito na Igreja São Benedito. Os móveis do seu casamento foram feitos pelo “Seu” Luiz Nardin. A festa foi feita na casa do seu pai, as cocadas eram fornecidas pelo Martini. Mirtes Sturion, irmã do seu marido, trabalhava na casa do Dr. Nelson Meirelles e Dona Livica. Ela os convidou para virem ao casamento, que foi realizado às 2 horas da tarde. Teve bolo, em um período em que o trigo estava racionado. Quem fez o bolo foi Dona Alzira Adâmolli, que há 60 anos era a única que fazia bolo de casamento. Quando Dona Livica e Dr. Nelson chegaram à festa tinha praticamente acabado tudo! Alguém foi até o local mais próximo buscar refrigerante, que naquele tempo era servido a temperatura ambiente! Não havia geladeira onde foram buscar.

O seu sogro, pelo fato de já estar trabalhando no Mercado, acabou comprando um negócio voltado a servir café, pastel, lanches. Comprou um box para cada filho, eram três irmãos. O Mansur era um comerciante que possuía loja no Mercado, e que mais tarde veio a ser a Arca de Noé, já na Rua Governador Pedro de Toledo. Ele era solteirão, depois se casou com uma moça que veio da sua terra de origem. Chamava-se Sonia. A banca de Encarnación vendia pastel, folhado, bolo de fubá, bolo de trigo, sanduíche. Abria às seis horas da manhã e fechava às seis horas da tarde. Ela ficava o dia inteiro fora de casa. Ia a pé, correndo amamentar o seu filho quando ele era ainda pequeno. E voltava a pé. O pastel era “puxado” na mão, seu marido fazia um pastel que era uma delícia. Até hoje pessoas dizem sentir saudades do pastel, do folhado. Naquela época eram feitos pastel de queijo, carne, bacalhau, geralmente acompanhados de uma Caçulinha, uma cervejinha, pingado ou uma média. Era uma delícia.

Sua mãe, Henriqueta, criava cabra onde hoje é a Praça Takaki. Encarnación diz: “À noite, antes de dormirmos, minha mãe fervia aquelas paneladas de leite e tomávamos. Nós disputávamos a nata do leite! Minha mãe fazia até manteiga. Quase em frente à sua casa morava o único motorista de táxi da Paulista, o Zaíco Martins. Era uma pessoa muito prestativa. Foi dele que meu marido e eu compramos o lote onde mais

tarde construímos a nossa casa. O lote já tinha até poço d'água, naquela época não havia água encanada na Paulista. Pagamos em prestações. Um freguês nosso, de nome Antonio, trabalhava no Mercado e nas horas vagas construía casas. Ele construiu nossa casa. Eu me comunicava com meu pai e com a minha mãe por cima da cerca! Papai cultivava uma horta no terreno da sua casa. Ele tinha um amigo chamado Manoel Castilho, casado com Dona Lili, pai da Ivone, Hélio, Verônica. A Ivone era muito amiga da minha irmã Adelaide. A Ivone deve ter sido a moça mais bonita da Paulista.”

Acima da Praça Takaki era uma área descampada, havia cana de açúcar plantada e algodão. Onde hoje é a Rua Sud Mennucci havia uma santa cruz, muitos tinham medo de passar lá. Próximo onde hoje é a Peixaria Lagostim havia alguns pés de manga. O senhor que cuidava da área chamava-se Ló, muitas crianças iam apanhar mangas sem o conhecimento dele, era um homem bravo.

Encarnación prossegue: “Das construções existentes na época, há um sobrado que foi construído em 1934 que cheguei a frequentar. Eu ia lá para arrumar o cabelo da minha amiga que morava lá, a Isabel. Eu tinha vergonha de ir lá, achava tão chique a casa da Isabel, ela me convidava para ir enrolar o cabelo dela. Só tinha esse sobrado, era famoso, o lugar mais chique do bairro. Conheci um irmão dela, o Geraldo, que faleceu muito novo. Era um moço lindo.” Encarnación começou a trabalhar muito nova. Trabalhou na casa do gerente da Empresa Elétrica, Carlos Sachs. A sua esposa era a Dona Josefina, mãe do Dr. Japur. Depois foi trabalhar na Fábrica de Tecidos Boyes: voltava para casa, comia alguma coisa, colocava um chapéu de palha na cabeça e ia apanhar algodão, onde hoje existe o Posto de Gasolina Jóia. Era plantação da família Conceição. O dinheiro que recebia da Boyes entregava à sua mãe. O pouco dinheiro que conseguia ganhar apanhando algodão era para comprar tecidos para fazer suas roupas. Naquela época era tudo feito em casa. Comprar alguma coisa pronta era quase impossível. Na época, Generosa era uma das melhores costureiras da cidade, ela morava na Rua São Francisco de Assis. Só os mais abastados

mandavam fazer roupas lá. As roupas de Encarnación eram feitas pela sua irmã mais velha, que fora aluna da Dona Alice Caprecci Soares, professora de corte e costura.

Encarnación relata: “Guardo muitas lembranças do Mercado Municipal, a nossa banca ficava na primeira porta no sentido de quem vem pela Rua Governador no sentido centro para o bairro. Entrando, do lado esquerdo existe uma banca que tem uma grande variedade de itens para lanches, do lado direito tem um café. Seguindo, o nosso café ficava em frente ao açougue do Ubices. Hoje restou muito pouca gente da minha época. Naquele tempo a Aparecida Correia vendia flores. A Dona Therezinha também vendia flores. O Henrique Usberti, que tem o açougue. A Maria Portuguesa, que vendia verduras, a mãe dela veio de Portugal e logo foi trabalhar no Mercado. O José Bernardino está lá até agora. Vendi o meu café há 26 anos, quem comprou está lá até hoje. O Mori tinha uma peixaria. O Garcia tinha uma peixaria bem pegadinho a nós. Ainda está lá o Irineu Lopes, com armazém. Cada vez que vou ao centro, vou ao Mercado. Eu adoro lá. Éramos muito unidos. O Valdir Pachani tem banca lá. Os filhos do Spironelo permanecem. Existe a Banca do Laurinho. O Antonio Brancalion, que é meu primo e compadre. O Caetano tem dois filhos, cada um trabalhando em uma banca. Lá pelas 8 horas da manhã batia um sinal, quem estava com alface, abobrinha, em cima da banca, colocava em uma cesta e ia vender na rua. A banca ficava desocupada. Só permaneciam os açougueiros, pastelarias. Onde hoje está o Brancalion era tudo descoberto, eram bancas de granito, grandes, existiam as de madeira também. ‘Seu’ João Dutra, Archimedes Dutra, eram todos nossos amigos. Iam tomar café lá. Minha nora, Gilma Lucasechi Sturion, chegou a executar pinturas sob orientação deles. ‘Seu’ João Dutra, que era mais velho do que o Archimedes, ia tomar café com o meu marido. Ele dizia: ‘Sturion, vamos pescar na Rua do Porto?’ Meu marido sempre gostou de pescar. Eu pescava com uma varinha!”

Encarnación diz que chegou a ir a um estádio de futebol. “Sou quinzista e palmeirense! Hoje não vou mais por falta de condução. O meu marido jogava no MAF e

no Jaraguá Futebol Clube. O campo ficava onde hoje está o Bazar do Bebê e aquele conjunto de lojas, na Paulista. “No sobrado, que fica na Rua Boa Morte, em frente à entrada principal da Estação da Paulista, existia a sorveteria do “Seu” Augusto, sorveteria famosa. Ali os moços iam namorar as meninas que moravam acima da linha da estação do trem. A concentração era lá. “Seu” Augusto fazia um sorvete de coco delicioso, que custava duzentos réis.

Encarnación ia a todos os comícios que aconteciam na Paulista. Do Guidotti. Do Salgot. “Eles faziam comício e a carreta era com carrinho de tração animal, não havia quase carros. Ali no barracão de propriedade de José Nassif, que existe até hoje na Rua do Rosário, 2561, era o local onde havia reuniões de igreja, uma conferência como agora tem na Igreja São José. Que eu me lembre, não havia outro lugar para nos reunirmos. Às vezes, vinham missionários.”



Antonio Forti

ANTONIO FORTI NASCEU NO BAIRRO da Água Branca em Piracicaba, em 6 de maio de 1917. Aos 8 anos de idade já arava a terra, ajudando seus pais. Depois do expediente de trabalho na roça, ainda trançavam vassouras de palha à noite. Um acidente com uma colmeia foi o responsável pelo seu gosto pela apicultura. Aposentou-se após 35 anos de serviços prestados na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), em Piracicaba. Antes disso, foi, entre outras coisas, motorneiro de bonde. Tinha uma coleção de armas, gostava de caçar, abater animais do campo. Naquele tempo era apenas um esporte. Forti lembra que onde é hoje a Av. São Paulo, em dia de chuva as carroças atolavam até o eixo da roda no barro, por isso cortaram a cerca do cafezal do Ditoca. Antonio Forti acabou trocando as caçadas pelos seus 300 vasos de orquídeas, que cuida com todo carinho em sua casa.

Eram nove irmãos, seis homens e três mulheres. Seu pai trabalhava com carroça, puxava lenha. Tinham um sítio na Água Branca. A escola que ele frequentava era no Bairro do Chicó. Pegava o trem da Sorocabana na Água Branca e ia com outras crianças para a escola. Ajudava seu avô a carpir café e laranja. Tinha uma parelha de burros, arriava os burros e saía para arar a terra. Arado é uma coisa que só precisa segurar, só ao virar é que exigia um pouco de esforço. Havia dias que não ia para a escola, ia carpir café com seu avô. Nessas ocasiões, quando seu avô dizia que ele deveria ir para a escola, Antonio argumentava que estava com dor de cabeça. Depois começou a ajudar o seu

pai. O bairro do Matão tinha uns 80 alqueires de mato, ficava um pouco antes do bairro Pau Queimado. Ali, na Igreja de São Jorge, desciam e entravam no Matão. Puxava lenha junto com seu pai na carroça, fazia baldeação, às vezes o morrinho era muito bravo, não dava para subir com um metro e meio de lenha. Tinha que levar uma parte, para depois ir buscar outra. Também entregavam tijolos.

Eram 4 alqueires e meio de terras, meio alqueire de pastos, e o resto cultivado com laranja, café, milho. Mas a terra era muito fraca, seu pai vendeu o sítio na Água Branca e comprou outro, no Matão, com 4 alqueires e pouco, quase todo coberto de mato, ainda capoeirão. Havia três enxames de abelha, em caixas de querosene. Um dia Antonio estava almoçando quando um enxame pousou em uma árvore, bem pertinho da casa. Ele nunca tinha mexido com abelha. Colocou então uma caixa vazia de querosene, com a boca para cima, e puxou o galho para derrubar todas as abelhas dentro da caixa. Fez isso sem nenhuma proteção e acabou levando umas ferroadas no pescoço. Passou mal, ficou ruim, achou que fosse morrer. Um vizinho, um espanhol, trouxe um litro de álcool com eucalipto e mandou fazer uma esfregação boa. Ficou bom. Começou a comprar enxames de abelhas, ele mesmo fazia a colmeia. Transportavam em um carrinho de tração animal. Levavam sacos e ensacavam o caixote com colmeia. Isso era feito geralmente à noite. Nesse horário é mais fácil manusear as abelhas. Desse modo, formaram umas 40 colmeias. A terra era boa, tinha muita lixeira (um tipo de planta). Plantaram batatinha, cebola, uma boa horta. No local ainda passava um riozinho. Depois começaram a lidar com vassoura. Compravam a palha e à noite amarravam a vassoura. João Ferraz e Benê Gianetti compravam toda a produção. Antonio comprava de 2 a 3 mil quilos de palha. Durante o dia trabalhava para os outros com a enxada. À noite amarrava vassoura. Fazia isso com a luz da lamparina, naquela localidade rural não havia luz elétrica. Ele tinha então uns 18 anos. Seu pai resolveu vender o sítio. Vieram para a cidade, alugaram uma casa perto da Transportadora Rodomeu, na esquina da Rua Jane Conceição. O Romeu (dono da transportadora), tinha um

açougue no bairro, naquela época. Depois seu pai comprou um lote na Rua Sud Mennucci e construiu uma casa com um barracão nos fundos, onde pensava em trabalhar fazendo vassoura. Só que o negócio da vassoura caiu muito naquele tempo. Um carpinteiro, chamado Antonio Ferraz, alugou o barracão para montar uma marcenaria e Antonio passou a trabalhar com ele. Faziam carroceria de caminhão, consertavam ônibus, naquele tempo os ônibus tinham madeira embaixo do assoalho. Fizeram um serviço muito bonito, todo de madeira marfim, era uma espécie de pequena jardineira. Antonio tinha um quartinho, onde passou a trabalhar também com mel. A Nechar, fabricante de balas, comprou umas 40 latas de mel, com 25 quilos cada uma. Um amigo sabia que Antonio mexia com abelhas e perguntou se ele não gostaria de trabalhar na Escola Agrícola. No exame de admissão, que foi realizado em São Paulo, o médico recomendou que Antonio operasse as amígdalas. Voltou a Piracicaba e foi operado de uma forma extremamente simples, no próprio ambulatório. Após 30 dias, passou a trabalhar na Esalq. Tinha então 22 anos de idade e seu chefe era Érico Amaral.

Quando começou a trabalhar na Esalq, onde ficaria por 35 anos, Antonio encontrou 80 caixas de colmeias. Uma boa colmeia tem de 250 a 300 mil abelhas. Escolheu então as 3 melhores para retirar as larvas. Preparou os quadros para produção do mel conforme era feito na época: com cera de abelha e um pouco de geleia real. No segundo ano de colheita produziu 7000 quilos de mel. Com a quantidade de colmeias reduzida para 11, alcançou uma produção de 1100 quilos de mel, média de 100 quilos por caixa. Hoje não se chega a tirar nem 30 quilos por caixa.

Antonio gosta de contar detalhes sobre a atividade. “Todo mel, sendo puro, é bom, mas o melhor é o de laranja. De eucalipto também é muito bom, e o mel de cana de açúcar é como se fosse um melado de engenho. Própolis é a casca com que as abelhas fecham a colmeia no tempo de frio. O papel do zangão é cruzar, fecundar a abelha rainha. Distinguir entre um do outro é fácil. O zangão é pequeno, corpulento, a rainha tem um corpo comprido, bem diferente da abelha operária. Após 7 dias do

nascimento, a rainha sai voando para cruzar. Cruza uma única vez. Já o zangão, tem um destino trágico: após copular com a rainha, morre. Sequinho.”

Antes de começar seu trabalho na Escola de Agronomia, Antonio foi motoneiro de bonde durante uns 4 meses. Conseguiu o emprego temporário através de um primo que já exercia a função. Naquele tempo, o bonde nem era ainda da prefeitura. Apesar de não ter habilitação para motoneiro, Antonio conduziu o bonde de Piracicaba pelas três linhas existentes na cidade: para a Vila Rezende, Escola de Agronomia e a Estação Paulista. A velocidade do bonde tinha uma marcação de 1 a 4 pontos. O quarto ponto era a velocidade máxima. A linha da Agronomia era uma farra, lotado de passageiros estudantes. O bonde levava engatado um reboque e, quando os estudantes se enfezavam, faziam o “balancê”, que era um balanço para tirá-lo da linha. O rapaz que o acompanhou nas primeiras viagens dizia para quando ele chegasse nas esquinas olhar dos dois lados e bater o sinal com o pé e diminuir a velocidade.

Havia muita gente que descia do bonde em movimento. Ao atravessar a ponte sobre o rio Piracicaba, por exemplo, o veículo estava sempre em velocidade máxima, 4 pontos. Pois era nesse ponto que uma mulher de cor fazia sua descida e depois ficava rodando como um pião. Era uma forma de brincadeira com os passageiros e condutores do bonde. Um desvio na frente da Escola Industrial era o ponto onde se encontravam os bondes que faziam o circuito da Vila Rezende.

Antonio gostava de armas, de caçar também. Chegou a ter umas 70 armas de fogo, entre espingardas, revólveres e outros tipos. Às vezes, caçava na Chácara Nazareth, perto da Igreja São Jorge, onde plantavam algodão. Costumava dar uns tiros por lá. Caçava mais codorna, mas atirava até em rolinhas. Vendeu sua coleção de armas e passou a colecionar orquídeas. Comprou inicialmente 10 vasos.

Para ser comerciante de orquídea, o produtor deve ter 3 a 4 mil vasos. Antonio começou com 300. Suas orquídeas pegavam sol até meio dia mais ou menos, com o sombrite (um tipo de tela sintética) por cima.

Antonio narra recordações também do Bairro da Água Branca: “Naquele tempo, a Av. São Paulo era de terra. Havia um cafezal, que era do Ditoca, naquela baixada que tem para quem sobe a Av. São Paulo, do lado esquerdo. Hoje ali está tudo cheio de casa. Na época, era só plantação de café. Nós passávamos por ali para trabalhar no Matão. Depois começaram a lotear o lugar. Houve um ano que choveu durante 20 e tantos dias seguidos, chovia dia e noite. O Rio Piracicaba transbordou dois quarteirões acima e as ruas não eram asfaltadas naquele tempo. O carroceiro que subia a Av. São Paulo encalhava. Esses que iam levar mercadorias aos negociantes de sítio, aquelas vendinhas de sítio, carregavam a carroça do que era necessário, colocavam 4 ou até 5 burros para puxar, mas terminavam por encalhar na subida, afundando no barro até o eixo da carroça. E na Rua Sud Mennucci tinha uns japoneses que jogavam beisebol, no local não havia nada, apenas uma casinha. Era tudo campo”.



Naoki (Pedro) Kawai

PEDRO KAWAI OU PEDRO FUJI é muito popular entre os piracicabanos pelas suas atividades profissionais, por suas atuações em entidades assistenciais. Foi eleito vereador, mas não pode assumir o cargo, os meandros da legislação eleitoral vigente na época não computaram os votos de Pedro Kawai como sendo de Naoki Kawai, nome que constava em seu registro de candidato. Isso não o deteve em sua trajetória de trabalho em benefício daqueles que necessitam de ajuda humanitária. Católico devoto, uniu a sabedoria oriental com os ensinamentos cristãos. Já trabalhou na roça, foi fotógrafo de centenas de noivos, como técnico de laboratório fotográfico vivenciou a época em que as famílias dirigiam-se até o estúdio para serem fotografadas, em branco e preto. Por muitos anos guardou como “souvenir” uma multa lavrada por um guarda rodoviário: tinha atingido a absurda velocidade de 140 quilômetros por hora em seu preparadíssimo Gordini! Coisa da juventude! Casou-se em 28 de fevereiro de 1970 com Inês Terezinha Furlani Kawai e tiveram os filhos: Pedro Motoitiro Kawai, Cássia Kishino Kawai e David Naoki Kawai. Com uma extensa folha de serviços sociais prestados à comunidade piracicabana, entre as atividades exercidas foi presidente do Clube Nipo Brasileiro por 16 anos.

O nome Pedro Kawai surgiu porque a Igreja Católica não realizava o batismo com o nome japonês Naoki. O padre disse que iria batizá-lo como Pedro pelo fato de ter nascido no dia 29 de junho, dia em que se comemora o santo. Isso aconteceu em 1944. Natural de Rancharia, SP, o nome de seu pai é Motoitiro

Kawai e de sua mãe, Kishino Kawai. Naturais de Okayama, Japão, chegaram ao Brasil na década de 20. Desembarcaram em Santos, de lá vieram à São Paulo, na Hospedaria dos Imigrantes, e, em seguida, foram para a lavoura de café na Fazenda São Martinho, em Araçatuba. Seu pai foi integrante da guarda imperial japonesa, uma unidade de elite que exigia dos seus componentes o comportamento impecável das cinco gerações anteriores.

O choque cultural foi muito violento assim que seus pais chegaram ao Brasil. Sua mãe contava que tanto ela como o seu pai tinham estudos superiores (faculdade). Imagine o que significou ter que pegar um cabo de enxada, ela com 23 a 24 anos e ele com 27 a 28. Eram casados e já tinham uma filha.

Eles permaneceram na fazenda de café de 3 a 4 anos e quando saíram se mudaram para Rancharia, onde adquiriram 40 alqueires de terras e passaram a plantar algodão. Tiveram 12 filhos. Aos seis anos de idade Pedro foi para a escola em Rancharia. Embora a vida da família fosse difícil, seus pais tinham em mente que a educação dos filhos era prioritária. Em 1959 Motoitiro Kawai faleceu; em 1963 a família mudou-se para Piracicaba.

O filho mais velho, Paulo, já estava em Piracicaba. Nicolau Nakagawa, cunhado de Pedro, era fotógrafo, foi dono da City Foto, localizada na Rua Moraes Barros. A família adquiriu uma casa situada à Rua Benjamin Constant, próxima à Rua São Francisco de Assis, onde mais tarde veio a funcionar a Foto Fuji.

Pedro não atuava como profissional, mas conhecia o assunto. Trabalhou mais no estúdio, não fazia muitas reportagens externas. Eram quatro irmãos trabalhando na empresa: Paulo, Jorge, Pedro e Kenji. O irmão mais novo era metalúrgico.

A Foto Fuji por muitos anos foi uma grande força da fotografia em Piracicaba. Era uma das melhores da cidade, foi muito representativa em toda a região. Fizeram um contrato de exclusividade com a Fuji do Brasil e passaram a ser representantes exclusivos da marca na região, todo produto Fuji comercializado em um perímetro

determinado, envolvendo diversas cidades próximas, resultava em uma participação percentual a título de comissão. Logo depois que montaram a Foto Fuji passaram a adquirir cada vez mais filmes fotográficos, até que começaram a adquirir da própria fábrica, via distribuidora. A Fuji Film, vendo o sucesso do trabalho, ofereceu-lhes a distribuição regional.

Antigamente eram feitas muitas fotos em estúdio, de casamento inclusive. Muitas famílias iam tirar fotos de todos os integrantes reunidos, isso no estúdio, era um costume da época. Em um sábado do mês de maio de um determinado ano foram fotografados 50 casais. A matriarca Kishino Kawai ficava no andar térreo coordenando e Pedro ficava no estúdio no andar superior. Eram tiradas cinco a seis fotos por casal, em preto e branco, às vezes saía o noivo ou a noiva de olhos fechados! Isso só se sabia após a foto ser revelada! Tiravam muitas fotografias 3x4, faziam reportagens fotográficas, com 8 a 10 fotógrafos dedicados a elas como o Paulo, Jorge, Kenji, João Boaretto, Esneider Penatti, Leonel Menegatti. Reportagens são fotografias externas, realizadas em igrejas, casamentos, fatos, eventos.

Pedro chegou a trabalhar com a Polícia Técnica na época do perito Homero Anéfalos. Fotos de crimes e acidentes o impressionavam. Bastante! Ele tinha um amigo que cursava faculdade em São Carlos, quase todas as sextas feiras se reuniam no Jequibá para bater papo e tomar uma cervejinha. Uma noite, Pedro foi fazer a cobertura de um acidente no pontilhão da estrada de Iracemápolis e um dos envolvidos teve a cabeça desfigurada. Voltou ao laboratório, revelou o filme e se atentou para a pessoa da foto: era o seu amigo das sextas feiras.

A Foto Fuji tinha a exclusividade das fotos dos bailes de carnaval do Clube Ítalo Brasileiro.

Após um período na Foto Fuji por um ano e meio, Pedro trabalhou na feira livre, comercializando legumes. Ele afirma: “Se você quiser conhecer uma cidade e seus habitantes, o trabalho na feira é revelador, a cada dia você está em um canto diferente”.

Às segundas, quartas e sextas, Pedro treinava judô com os três irmãos Mubarak na academia deles, situada em cima do Cine Politeama. Foi lá que conheceu o Ju Antonelli, hoje Sétimo Dan, grande mestre.

Frequentava bailes em todos os clubes de Piracicaba, um dos mais animados era no Clube Treze de Maio. Como fotógrafo, encontrou sempre as portas dos clubes abertas e foi muito bem recebido em todos eles.

O primeiro veículo que adquiriu foi um caminhão Fargo, ano 1946, verde, “queixo-duro” (veículos sem direção hidráulica), para trabalhar na feira. Teve uma Rural Willys, depois cada um dos irmãos tinha um Gordini. Quando se casou, a viagem de lua de mel foi feita em um Gordini. Pedro conta um fato memorável: “Fui levar a minha irmã até Marília, na volta eu tomei uma multa por excesso de velocidade, 140 quilômetros por hora com o Gordini! Guardei essa multa por muitos anos. Era um Gordini com tala larga nas rodas traseiras, fios e velas importadas. Tive dois ou três Ford Landau, e um Alfa Romeo TI. Eu gostava muito de carro, hoje não ligo mais!”

A Foto Fuji encerrou suas atividades por volta de 1993. Pedro permaneceu de 1963 a 1973, ano em que deixou a sociedade, sua intenção era mudar para Curitiba. A Foto Fuji tinha uma máquina muito avançada para fazer revelações de filmes amadores. Era quase tudo automatizado, colocava-se o negativo, apertava-se o teclado e a máquina processava o filme. No Brasil só existiam sete máquinas dessas, a Foto Fuji tinha uma delas. Uma empresa de Curitiba necessitava de um técnico para operar essa máquina e ele foi convidado a ir trabalhar naquela cidade.

O seu sogro Davi Furlani, que era proprietário da Vidraçaria Santa Terezinha, convenceu-o a trabalhar com ele. Mais tarde Pedro montou a sua empresa, a Vidraçaria Fuji, na Rua do Rosário, esquina com a Avenida Dr. João Conceição, onde é hoje a Paulitintas. Logo que chegou a Piracicaba, em 1963 filiou-se ao Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba, o presidente na época era Oscar Nishimura, proprietário do Restaurante Alvorada.

Era um clube fechadíssimo, composto por japoneses ou descendentes. Atualmente existem diretores que não são nem descendentes de japoneses, como o Dr. Sérgio Pacheco e Rudinei Ribeiro. O critério para ser admitido como sócio do Clube Nipo Brasileiro é muito rigoroso. Deve ser uma pessoa de boa conduta, bom cidadão e que deseje participar das atividades do clube. Existem atividades esportivas com pessoas da terceira idade, como o beisebol, que é muito praticado pela comunidade. É famoso também o karaokê, assim como as aulas de japonês. A sede do clube fica na Av. do Café, 611, ela foi construída pela comunidade japonesa, tendo a frente Oscar Nishimura, a família Takaki, e outros. No ano 2000 foram adquiridos dois alqueires de terras no Bairro Pau D’Alinho, onde construíram um campo de beisebol com a infra-estrutura necessária.

Pedro diz: “Pela minha óptica o homem vem à Terra para ser útil, não só para si, mas para todos que o rodeiam. Está escrito na Bíblia Sagrada: ‘Tive fome e deste-me alimento; tive sede e destes-me o que beber; Estive preso e me visitaste’. Acredito que é uma obrigação do ser humano ser útil ao próximo. O fato de termos sido concebidos, o processo de fecundação do óvulo pelo único espermatozóide em milhões, determina que seja um vencedor dentro do maravilhoso processo da criação. Nascermos é um feito heróico! Por qual razão estamos nesse mundo? Para quê? No meu conceito, quando chegar o momento da minha partida eu estou pronto! Tenho a plena convicção de que fiz o que deveria ter sido feito na hora correta. Todos os dias ao me levantar eu agradeço a Deus, coloco um objetivo para ser alcançado pelo meu trabalho. Há dias que logo no período da manhã atingi a meta a que me propus, em termos financeiros, esse é um objetivo que todo homem tem que ter. A partir do momento que realizei meu objetivo pessoal passo a me dedicar à filantropia, o que eu necessitava Deus já proveu para mim, resta que eu faça pelo meu semelhante.”

A pedido do Bispo Dom Aníger, foi candidato a vereador, porém seu registro foi feito em seu nome civil, Naoki Kawai, e quem recebeu uma estrondosa votação

foi Pedro Fuji, o nome como ele era conhecido na cidade! Pedro Fuji foi eleito, Naoki Kawai não!

Na administração do prefeito João Herrmann Neto, Antonio Osvaldo Storel era presidente do Centro de Obras Sociais de Piracicaba, Pedro era vice-presidente e foi com um motorista buscar uma Belina que o governo estadual doara ao Centro de Obras Sociais. Havia uma fila de representantes de outras cidades que foram receber os respectivos veículos e o governador Paulo Maluf ia a cada representante para oficializar a entrega do veículo. Quando Maluf chegou, ele se apresentou: “Naoki Kawai, Piracicaba!”. Uns 90 dias depois, foi novamente à São Paulo buscar uma Kombi doada pelo governo à Casa do Bom Menino. Havia uma enorme fila de pessoas que foram receber doações. O governador Paulo Maluf veio novamente de um a um e ao chegar junto a Pedro, Paulo Maluf disse: “Naoki Kawai, de Piracicaba, o senhor está bom?”. A partir daquele momento ele passou a admirar Paulo Maluf! Ele tinha o famoso número do telefone vermelho de Paulo Maluf: em situações de muita necessidade era só ligar naquele número; caso não atendesse na hora, Maluf ligava depois.

Participou do Cursilho da Cristandade de 14 a 17 de abril de 1973, permaneceu por quatro dias no Seminário Diocesano, um acontecimento que marcou uma nova etapa na sua vida. “Foi um encontro comigo mesmo! O Cursilho me fez parar, olhar para o meu interior, analisar aspectos importantes da minha existência, assim tomei um novo rumo em minha vida. A pessoa que sofreu algum problema sério de saúde muda sua forma de viver. Ela percebe como é frágil”.

Pedro foi presidente da Casa do Bom Menino por 12 anos, vice-presidente e fundador da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), juntamente com Carlos Cantarelli e Arioaldo Pizzinato. Participou do Centro de Obras Sociais de Piracicaba e do trabalho que é desenvolvido na Igreja dos Frades, junto ao Cursilho.

Mantém contato com pessoas que ocupam cargos importantes, diretores de instituições, políticos, empresários, industriais. Como presidente da Casa do Bom Menino,

com 22 funcionários, houve época em que enfrentou um déficit muito grande. Ele chamou a TV Campinas, que fez uma matéria, expondo sua situação falimentar. A reportagem foi parar no gabinete do governador do Estado! Conseguiu que o vice-governador José Maria Marin trouxesse à Piracicaba, para a Casa do Bom Menino, um valor que cobria as necessidades e ainda dava uma grande folga de caixa.

A idéia de criar a APAC surgiu quando se reuniam, todas as quinta feiras, na Igreja São Dimas, de 10 a 12 casais cursilhistas, e o jornal estampou um pedido do Dr. Washington, delegado de policia que tinha vindo de São José dos Campos, solicitando voluntários para visitar os presos. Cantarelli se interessou e convidou Pedro para conhecer melhor o assunto. Foram até a cadeia, entraram no pátio, os presos fizeram muitas perguntas. Expuseram qual era a intenção: evangelizar, falar de Deus, escutar as queixas deles. Levaram ao grupo as impressões do que viram lá; entre outras pessoas tomaram parte desse grupo Sérgio Maluf, Waldemar Brunelli, Silvio Ferraz, Arioaldo, Antonio Benedito. Iam à cadeia as segundas, quartas e sextas-feiras, às seis horas da tarde e permaneciam por uns quarenta minutos mais ou menos. O maior desejo dos detentos era que voluntários visitassem as suas famílias para terem notícias sobre elas.

A cela quatro detinha os presos de maior periculosidade e, no início, foram vistos com certas reservas. Após uns seis ou sete meses, um deles chamou Pedro e lhe entregou, de uma forma muito discreta, um estilete comprido e suficientemente grande para atravessar o corpo de um homem. Ele disse-lhe: “Agora tenho uma arma maior do que essa. É Deus!” Pedro completa: “Tive que fazer o possível para sair com aquele artefato sem que ninguém percebesse, poderia agravar a situação do preso.”

Pedro conta que “a convivência na mesma cela acontecia entre presos com diferentes graus de periculosidade, quem tinha cometido um delito leve estava junto a alguém que havia cometido um grave delito. Essa mistura era péssima. Se tivessem uma assistência como a que era oferecida na Casa do Bom Menino, com uma

infância e adolescência, estruturada, bem cuidada, com educação, possivelmente não iriam cometer delitos. A formação é fundamental, é mais difícil recuperar do que formar. A APAC recuperou muitos detentos.”

Entre sonhos, ele fala de sua neta. “Meu maior sonho é ver a minha neta casada! Ela hoje tem apenas oito anos!”



**Kazuo (Mário)
Miazaky**

UMA FIGURA QUASE LENDÁRIA de Piracicaba, destaque nas atividades que se propôs a realizar, carismático, envolvente, muito bem relacionado, Kazuo Miazaky é o seu nome civil. Por sugestão do celebrante de seu batizado aos nove anos, Monsenhor Rosa, recebeu o nome de Mário. Dono de um movimentado restaurante, mudou de ramo e abriu uma loja de acessórios: a obrigatoriedade de uso de cinto de segurança nos veículos criou um afluxo enorme de veículos para seu estabelecimento. Após alguns anos, cansado, mudou novamente de ramo. Fundou uma pastelaria que logo se transformou em uma coqueluche na cidade: “O Pastelão”. Andar com Mário pelas ruas de Piracicaba é desfilarmos com alguém muito conhecido e querido na cidade: é incrível o número de pessoas que o conhecem e o cumprimentam com muito carinho!

Nascido no Japão, na Ilha de Kiychoo, província de Fukuoka, em 6 de junho de 1924, seu pai é Guinjiro Miazaky e sua mãe Tatsuo Miazaky. O pai era lavrador no Japão, na época o país vivia de agricultura. O Japão é um país pequeno, com 70 por cento do seu território formado por terras improdutivas. Na época o governo japonês fazia propaganda para que o povo emigrasse. Os destinos dos japoneses imigrantes eram Estados Unidos, China, Oceania e, por fim, o Brasil, que libertara os escravos e precisava de mão de obra. Kazuo Miazaky veio no navio Kanagawa Maru, com seu pai, sua mãe, três irmãs, sendo uma delas adotiva. O destino era a Fazenda Pau D’Alho, onde era cultivado o café. Vieram cerca de 10 famílias.

Já havia outras famílias japonesas fixadas na Fazenda Pau D'Alho, cujo proprietário era o Dr. Paulo de Moraes, que tinha uma grande admiração pelos japoneses. Naquele tempo a fazenda tinha uma colônia. Shigueki Takaki era o primeiro imigrante japonês que viera para Piracicaba. Mário chegou a conhecê-lo: ele foi o fundador da associação Pau D'Alho Kai. Veio em 1917, recém-casado, dizia que a lua de mel dele tinha sido no Brasil e morreu em 1958, com 54 anos de idade,

Chegaram ao Brasil, após 60 dias de viagem de navio, trazendo pouca bagagem, o que cabia na mala. Como o imigrante japonês não tinha dinheiro e a fazenda para qual ele vinha trabalhar pagava pouco, comiam basicamente angu! Naquele tempo, bacalhau era barato e como era bem salgado rendia bastante, de uma forma geral comiam arroz, angu, bacalhau, sardinha. Sua mãe aprendeu logo a aproveitar os matos nativos, que eram cozidos apenas com sal, e eram servidos de mistura.

Mário conta: “Tenho em minhas lembranças as imagens dos meus avôs que ficaram no Japão. Embora aqui no Brasil fossemos pobres, éramos muito felizes, porque nos amávamos muito: meus irmãos, irmãs, meus pais. Cresci no meio do amor! Meu pai, mesmo após 20 anos aqui no Brasil, não falava bem o português. Em família só usávamos o idioma japonês. Meu pai veio do Japão com um contrato de trabalho por dois anos na fazenda. Por incrível que pareça, naquela época havia ladrões de imigrantes. Um fazendeiro, que não era aquele que havia patrocinado a vinda do imigrante, mandava um emissário que falasse alguma coisa de japonês para roubar os colonos daquela fazenda para outra. Diziam: ‘Vá para a minha fazenda que lá é melhor!’ Assim tiravam imigrantes do trem e levavam para a fazenda de outro proprietário. Por isso os imigrantes vinham no vagão trancados”.

Quando chegaram ao Brasil ficaram por 2 ou 3 dias na Hospedaria do Imigrante, em São Paulo, para fazerem exames médicos e serem distribuídos por certos fazendeiros que proporcionaram a sua vinda ao Brasil. Seu pai permaneceu trabalhando como colono por 2 anos, que era o período do contrato. Não ganhavam quase nada, com

o pouco dinheiro que conseguiram economizar no período de 2 anos, arrendaram um terreninho e foram plantar por conta própria. Seu pai pesquisou lendo revistas japonesas e viu que os produtos que em pouco tempo produziam eram rabanete e alface. Então, naquele pequeno terreno que ele havia arrendado, o que ele colhia colocava em dois cestos, que chamavam bigolo, compostos de um bastão com duas cordinhas amarradas nas pontas. O pai amarrava os cestos nessas cordinhas e vinha para o Mercado Municipal, de onde moravam. Ele vinha carregando a mercadoria até o Mercado, vendia e com aquele pouco dinheiro comprava alimentos que eram levados para casa. Após uns 2 ou 3 anos, passaram para um terreno de 7 a 8 alqueires, plantando algodão, batatinha. O casal teve nove filhos.

Naquele tempo os japoneses não conheciam as terras do Brasil e os primeiros japoneses que adquiriram terras compraram terra ruim. Quando Dona Jane Conceição e Ditoca plantaram algodão, enfrentaram uma praga chamada curuquerê, que é uma lagarta que dá no algodão. Foram usados os inseticidas compostos de Verde-Paris e arseniato, e eles convidaram os japoneses para ensinarem brasileiros a usarem o pulverizador com o veneno.

Kazuo lembra-se da sua professora Dona Avelina, recorda-se de quando ela o chamava de “campeão da tabuada”. E se lembra do que já se dizia: “Aonde vai um imigrante italiano logo ele constrói uma igreja, aonde vai um imigrante japonês ele constrói uma escola!”

Era comum com a maioria dos imigrantes que quando um membro da família casava permanecia morando com os pais. Na época em que Kazuo se casou também foi assim, só que com o tempo seu pai achava que o lugar em que estavam era muito pequeno para todos. Arrendaram um terreno em Ártemis e Kazuo foi com a esposa, Maria Eiko Miazaky, plantar melancia. Eram recém-casados e lá acabou adquirindo maleita. A colheita do primeiro ano foi boa, ganharam um bom dinheiro e, entusiasmados, tomaram emprestado dinheiro do banco, comprando fiado. Nesse ano

perderam tudo. Como gozava de certo crédito, compraram fiado o Bar Esportivo, que ficava em frente ao Teatro São José. Como naquele tempo não existia televisão, todo dia o cinema enchia de gente. As pessoas saíam do cinema lá pelas 9 a 10 horas da noite e comiam sanduíches e tomavam pingado (mistura de leite e café). Ele vendia, por dia, 120 litros de leite pingado por noite, era um sucesso! O forte era o lanche de bife, feito com alcatra, colchão mole. Seu vizinho João Lescovar, do Bar Comercial, vendia 3 pernis de porco por noite! A chapa onde eram fritos era a carvão, não existia ainda chapa a gás. O fogão era a carvão. O Armando Lescovar gozava todo mundo, brincava com todos. Falava: “Gengibirra! Cotubaína!” Repetia isso para todos, brincando com seus fregueses. Ele dava troco em moeda, batia a moeda sobre o balcão de uma certa maneira que provocava um efeito, ela ia próxima ao freguês e depois voltava, ele abria a gaveta e dizia: “A moeda não quer ir com você!” E caía no caixa dele. Em dois anos pagaram toda a dívida feita na compra do Bar Esportivo.

Próximo ao Bar Esportivo ficava a Tabacaria Tupã, propriedade do Justo. Naquela época havia também alguns clubes de jogo de baralho: Clube Paulista, XV, Coronel Barbosa. Kazuo abria o Bar Esportivo às 7 horas da manhã e fechava lá pelas 2 ou 3 horas da madrugada. Compraram fiado o Líder Bar, que estava em decadência, foi para lá junto com a esposa e seus irmãos ficaram no Bar Esportivo, isso na década de 1960. O Líder Bar situava-se na Rua Gov. Pedro de Toledo esquina com a Rua São José. Não fechava: apenas às 4 horas da manhã faziam um intervalo para lavar o bar; quando acabava a limpeza, sua esposa ficava no bar e ele ia dormir. Serviam almoço comercial. Naquela tempo não existiam tantos postos de gasolina: os motoristas de caminhão passavam pela cidade e paravam para almoçar no Líder Bar. Vinham muitos motoristas de Brotas, São Pedro. Kazuo diz: “A comida era muito boa. Todas as coisas que você faz com amor são gostosas! O filé a parmegiana era um prato muito procurado na época”. Após alguns anos, Kazuo ficou doente. Os médicos, naquela época, Dr. Cera, Dr. Samuel Neves, Dr. Tolentino, o aconselharam a deixar o bar onde ficava

a noite inteira trabalhando, para que trabalhasse em outra atividade. Vendeu o Líder Bar, pesquisou, e viu que com o pouco dinheiro que tinha o único negócio em que poderia entrar era com auto-acessórios. Tinha visto em São Paulo, na Av. Duque de Caxias, várias lojas de acessórios com cromados. Percebeu que aquilo não era muito caro. Assim, montou uma casa de acessórios, a Auto Acessórios 880, na Rua Gov. Pedro de Toledo, 880. Isso foi na década de 1960, ocasião em que a indústria automobilística lançava veículos sem os acabamentos cromados, sem rádios. Ele vendia rádio e antenas já instalados nos veículos. Foi até a fábrica de antenas Telespark em São Paulo, e lá perguntaram quanto tempo ele levava para colocar uma antena em um veículo Volkswagen. Respondeu: “Levo de 10 a 15 minutos!” Ficaram admirados e pediram que mostrasse como instalava. Kazuo conta: “Pedi uma ferramenta chamada punção. Com a punção (instrumento pontiagudo) fiz 3 furos no carro e coloquei a antena, os técnicos, surpresos, disseram que funcionava melhor assim, por dar mais aterramento à antena.”

Na época os carros paravam em frente à sua loja e com um fio de extensão elétrica ele furava todo o carro; às vezes ia até do outro lado da rua com o fio de extensão ligado à máquina de furar! Foi naquele tempo que apareceu o rebite. Até então era tudo parafusado. Os melhores dias para realizar as vendas e instalações de acessórios eram no sábado à tarde e no domingo de manhã. Kazuo narra: “Um fiscal implicou comigo, dizendo que eu não poderia trabalhar aos sábados à tarde nem aos domingos. Os filhos do prefeito Luciano Guidotti eram meus amigos, um dia ele passou em frente à loja e eu disse a ele: ‘Seu Comendador, o fiscal não quer que eu trabalhe no sábado e domingo, só que nesses dias é que vendo mais!’ Ele disse: (nesse momento Kazuo imita o jeito do ex-prefeito falar) ‘Uma das qualidades que você tem é ser trabalhador! Não sou eu que vou tirar esse direito não! Vai, continue trabalhando!’” Kazuo ficou com a loja de acessórios por um período de 7 a 8 anos. Foi quando surgiu a lei que tornava obrigatório a instalação de cintos de segurança nos veículos. Ele ia de ônibus buscar cintos em São Paulo, na época ele não tinha carro. As oficinas pediam que o cliente

deixasse o carro para que os cintos fossem instalados, mas na sua loja ele colocava na hora! Foi um sucesso! Em uma hora ele colocava todos os cintos, não usava máquina de furar, usava punção. Com uma marretada só já furava o local.

Chegou um tempo em que ele se cansou da atividade de vender e instalar acessórios e sua esposa lhe disse: “Para que você vai trabalhar tanto se os nossos filhos já estão todos formados e trabalhando? Vamos montar uma coisa que seja mais leve!” Montaram uma pastelaria e seu cunhado Silvio Romero se interessou em entrar como sócio. Trabalhavam em 4 pessoas na pastelaria, tinha tanto cliente que não cabia no local, da rua batiam no vidro e faziam sinal de quantos pastéis queriam. A pastelaria chamava-se Pastelão. A receita do pastel foi de um amigo seu, o Ézio Toledo. Ele disse: “Mario, os mineiros é que fazem um pastel gostoso! Vou trazer uma receita para você”. Ele trouxe a receita de Minas Gerais. O Pastelão fazia pastel de carne, queijo e palmito. O mais vendido era o de carne. O de palmito era recheado com palmito em forma de creme. Kazuo diz: “Segundo o jornalista e escritor Cecílio Elias Neto eu sou o melhor pasteleiro do mundo!”

A receita do famoso pastel do “Pastelão”, segundo Kazuo: “Vou dar a receita para 5 quilos de farinha. Se a pessoa for fazer uma quantidade menor é só dividir nas mesmas proporções os ingredientes. São 5 quilos de farinha; 2,1 litros de água, essa água depende da farinha, tem farinha que exige mais água outras exigem menos água; 5 copos americanos (200ml) de óleo; 3 colheres de sopa de sal e amassar, amassar até criar calo na mão! Se a pessoa desejar um pastel bem armado inclua meio copo de pinga. Fica crocante. O óleo, onde será frito o pastel, tem que estar bem quente. Pegue um pedaço de massa e jogue no óleo, se a massa subir está na temperatura ideal, a massa não pode demorar muito para subir. O recheio do pastel é a gosto. Sempre usei aji-no-moto no recheio de carne e de palmito. O queijo mineiro branco é muito melhor para ser usado no recheio do que outro queijo. Ele não derrete tão bem como a mussarela, mas para o paladar é melhor.”

Ele também fala sobre “O Pastelão”: “Começamos o Pastelão em 1975 e a minha vaidade era tão grande, a vontade de ficar rico... Como eu tinha duas pastelarias em Piracicaba, montei uma em Araraquara, uma em São Paulo e duas no Rio de Janeiro. Eu pensava que iria me tornar o Mc Donald’s do pastel! Mas perdi tudo! Não deu certo. Com o Plano Real não tive o lucro que poderia ter tido.”

Kazuo sempre gostou de avião! Queria ter sido aviador, mas a sua situação financeira não permitia. No período em que teve o Líder Bar, a situação melhorou um pouco e seus pais foram para o Japão. Fez em Piracicaba o curso de piloto, com Lívio Duarte como seu instrutor. No primeiro exame para obter o brevê foi reprovado no exame prático: quando o mandaram fazer 8 sobre marco, que tem que ser feito na mesma inclinação e ângulo, ele errou. Na segunda época, foi o aluno que teve a melhor nota, o Capitão Lameirão era o examinador. Isso aconteceu no aeroporto de Bauru: quando subiram 10 metros do solo ele desligou o motor e disse: “Panel!” Kazuo inclinou o avião, voou menos de 10 metros e parou no chão, pensou tivesse sido reprovado. O examinador disse-lhe: “Depois desse pouso que você fez, não precisa fazer mais nada!” O Lameirão tinha desligado o motor e o avião Paulistinha só pegava virando a hélice, portanto pousou com o motor desligado.

Sobre um episódio da Ponte de Ártemis, ele conta (nesse momento Kazuo assume um ar de conselheiro, até certo ponto constrangido, mas percebe-se também o olhar de um menino arteiro tomado de surpresa): “Isso é um exemplo muito ruim para os novos pilotos! Naquele tempo o Sidney Valsechi, o José Penna, de Charqueada também passaram! Eu passava com o avião embaixo da ponte de ferro de Ártemis! Precisa ser muito louco, muito besta para fazer isso! Hoje me arrependo de ter feito isso. É uma sensação muito grande, tentei várias vezes, debaixo para cima, não dá para passar, logo na frente tem uma montanha. Tem que passar raspando a montanha no sentido rio abaixo, a roda do avião tem que passar raspando a água do rio, não se pode olhar de lado. Dei muito susto em pescadores, pilotando meu avião. Tem um caso em que

o pescador foi até o aeroclube perguntar quem estava com o avião naquela hora e ele foi até o Líder Bar me procurar, queria brigar comigo! Eu tinha reduzido o motor e simulado a queda do avião bem em cima do barco! O pescador tinha pulado do barco para a água! Nessa época eu tinha uns 30 e poucos anos de idade.”

Sobre o período da Segunda Guerra Mundial Kazuo dá suas impressões: “Sofri muito preconceito no período da Segunda Guerra Mundial. Acho que não se vencem preconceitos com leis. A pessoa tem que mostrar o seu valor. Foi o que os japoneses fizeram. Para ser respeitado tem que ser rico ou então ter estudado. Hoje, 70 por cento dos netos dos japoneses são universitários. Na época da guerra eu era mocinho. O indivíduo japonês ou descendente não podia viajar, não podia dispor de imóvel, as grandes indústrias evitavam contratar o japonês. Havia uma propaganda que dizia que o japonês era terrorista. Falavam que era ‘quinta coluna’. Eu passava na rua a cavalo e a molecada gritava: ‘Ei, quinta coluna! Vá embora para a sua terra!’ Diziam que os japoneses iriam dinamitar fábricas, trens, ônibus. Não nos deixavam subir nos ônibus, no trem, com medo. Era difícil. O que nos ajudou muito foi a educação milenar do japonês de ser humilde, trabalhador e honesto diante de qualquer preconceito. Os japoneses sempre viveram em sociedade. Formaram então a associação chamada Pau D’Alho Kai, kai em japonês quer dizer associação. Com o crescimento da comunidade japonesa, surgiu a Piracicaba Nippon Ginkai que significa associação dos japoneses de Piracicaba. Gin significa gente. Com a Segunda Guerra foram dissolvidas as associações. Oscar Nishimura reabriu após a guerra, mas como não era permitido usar um nome tipicamente japonês ele optou por Piracicaba Baseball Clube, que fica situado na Av. do Café esquina com a Rua Sud Mennucci.”



**Tereza Takagi Sato e
Susumu Sato**

A COMUNICAÇÃO IMEDIATA de qualquer acontecimento no planeta colocou por terra as grandes distâncias entre os povos de cada nação, um fato impensável há um século. A mobilidade de massas populacionais pelas mais variadas razões, fatos políticos, pouca disponibilidade de recursos naturais para a sobrevivência, discriminações religiosas e, algumas vezes, o espírito de buscar novas oportunidades fez com que os países da América ganhassem uma nova face, uma fenomenal mistura de raças que conserva as melhores características de cada uma delas. No Brasil os japoneses e seus descendentes são respeitados pelo profissionalismo e honestidade de propósitos com que atuam nas mais diversas áreas. Os descendentes já nascidos no Brasil são carinhosamente denominados também de japoneses. Ninguém questiona a qualidade de um pastel feito por um japonês, da mesma forma que confia no projeto estrutural de um edifício feito por um engenheiro calculista japonês. O imigrante japonês sempre foi muito criativo, adaptou-se logo ao Brasil, transformou o que seriam dificuldades em oportunidades, a custa de uma dedicação obstinada avançou com coragem e firmeza, conquistando o respeito e admiração, evoluindo rapidamente na pirâmide econômica e social. Uma enorme diferença cultural, de hábitos alimentares, costumes, barreira do idioma, foram obstáculos demolidos pelo imigrante japonês a custa de muito suor. Com raríssimas exceções, podemos afirmar que é um povo que veio, viu e venceu. O bairro da Liberdade em São Paulo é um pedaço do Japão no Brasil; em Piracicaba o

bairro com maior presença de japoneses e seus descendentes é a Paulista, que exhibe, entre outros, sobrenomes como Takaki, Sato, Ito, Nishimura, Kawai, Kubo, Otsubo, Icizuka, Mizutani, Takematsu, Hara, Yamashita, Komatsu, Nishide, Kamiyama, Hayashi, Onishi, Sudo, Miyazaki. Na esquina da Av. do Café com Rua Sud Mennucci está a sede do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Piracicaba, que preserva os costumes e tradições japonesas.

Tereza Takagi Sato nasceu no Porto João Alfredo, hoje Ártemis, em 10 de junho de 1930. Susumu Sato nasceu em Yokohama, Japão, a 27 de outubro de 1924. Casaram-se há seis décadas conforme o antigo costume japonês, onde a futura esposa era escolhida e após a concordância paterna celebrava-se o casamento. Ela é filha de Shigueki Takaki, o primeiro imigrante japonês falecido em Piracicaba, cujo nome denomina uma das mais conhecidas praças de Piracicaba situada na Paulista. Takaki em japonês significa “árvore grande”.

Ao completar seis anos, Susumu veio para o Brasil com sua família, composta pelos seus pais e mais cinco filhos. Desceram em Santos, de onde seguiram para Piracicaba. Ao chegarem havia uma recepção festiva com banda de música e tudo: ficaram contentes achando que era pela chegada deles, quando na realidade era em homenagem ao Governador do Estado que vinha naquela composição do trem. Foram para a Fazenda Pau D’Alho, de propriedade de Paulo Moraes Barros, médico e político piracicabano. Era colônia de café. No Japão não se carpia o mato, e sim se arrancava com a mão, aos imigrantes carpir era quase uma novidade. Plantavam arroz no Japão, para consumo próprio.

Cada família passou a residir em uma casa da colônia, já havia japoneses que tinham chegado antes. O primeiro impacto que sofreram foi com a barreira da língua: próximo a sua casa moravam uns meninos negros, tinham vontade de brincar, mas não havia forma de se comunicarem pela palavra. Tanto a linguagem como as brincadeiras eram muito diferentes. Logo que Susumu chegou, já foi para a

escola, só que por três anos permaneceu estudando no primeiro ano simplesmente porque não sabia falar português! Alguns colegas japoneses, que tinham chegado antes, tinham um pouco mais de domínio da língua e o ajudavam. Em matemática conseguia excelentes notas, mas quando o professor fazia o “ditado”, lendo e os alunos tendo que escrever, ele recebia péssima nota. A professora era a Dona Candinha.

Sua família, após permanecer por três anos no Bairro Pau D’Alho, mudou-se para o Bairro dos Marins, para tomar conta da chácara de Emilio Fabri. Sua mãe estava grávida e logo nasceram seus irmãos gêmeos, Maria e Mario. “Seu” Emilio queria batizar as crianças: ele e a sua filha batizaram a menina; sua esposa e o filho batizaram o menino. Com seu Ford 1929 ele ia sempre ao sítio, era proprietário de um armazém situado onde hoje está o Bradesco da Paulista. Ali, em uma área que abrangia boa extensão do quarteirão, além do armazém, havia um salão onde ele estocava algodão que adquiria de plantadores da região.

A família de Susumu mudou-se para Tanquinho e de lá se transferiram para o bairro da Assistência, próximo a Rio Claro. Com doze anos, ele passou a trabalhar na lavoura, arar, gradear, em lavoura de algodão, na Fazenda Itaúna, onde permaneceram por sete anos.

No período da Segunda Guerra Mundial os japoneses no Brasil sofreram algumas restrições, mas pelo fato de morarem no sítio sentiram pouco as medidas tomadas em relação aos imigrantes. Como era natural, tinham armas de fogo para a defesa contra possíveis ataques de animais silvestres. Seu pai tinha um revólver Smith & Wesson que ele deu para o administrador da fazenda guardar. Desmontaram as espingardas, acondicionaram em papel e as colocaram debaixo do paiol. Não podiam ter rádio, os japoneses, italianos e alemães eram chamados de “quinta-coluna”.

Seu pai, percebendo que a rentabilidade do trabalho na lavoura estava ameaçada pela ambição do proprietário das terras arrendadas, decidiu que deveriam mudar ou para terra própria ou para a cidade. Estavam cansados de tanto trabalhar com agricultura e decidiram mudar para a cidade, adquiriram o Restaurante Central, na cidade de

São Pedro. Não entendiam nada de cozinha brasileira, conheciam a comida japonesa e com eles permaneceram trabalhando o cozinheiro e dois garçons. Susumu e seu cunhado tomavam conta do restaurante, foram adquirindo prática.

Sua esposa morava com a família em Ártemis, ia sempre a São Pedro para visitar um irmão que morava lá. Foi assim que se conheceram. Naquela época não havia namoro, os padrinhos é que ajeitavam o casamento. O Chico, que era verdureiro, foi quem ajeitou o casamento. Toda vez que Tereza ia visitar seu irmão, passava em frente ao bar onde Susumu trabalhava. O Chico falou com o pai dela, ela nem sabia que iria se casar com ele.

Dona Tereza recebeu a notícia que iria se casar com uma pessoa que praticamente nem conhecia. Tinha dezenove anos, Susumu tinha quase vinte e cinco anos. Ela disse que não queria se casar, mas seu pai a convenceu a aceitar. O padrinho falou com seu pai e já marcaram a data do casamento, que foi realizado na igreja de São Pedro, em 28 de março de 1951, pelo padre Peroni.

Após o casamento, permaneceram trabalhando no restaurante. Depois de algum tempo, em 1952, Susumu foi plantar em uma área de terras cujo administrador era o Sr. Orestes: por um ano cultivou arroz e algodão. Ia para lá na segunda feira, retornava na quarta feira e na quinta feira já ia de novo. A lavoura era próxima a Santa Maria da Serra, ia de caminhão com o encarregado da fazenda e sua esposa permanecia trabalhando no restaurante. Terminada a colheita, um conhecido, dono de uma leiteria, ofereceu-lhe uma área de terras para cultivar verduras. Susumu o ajudava a entregar leite para a freguesia: eram litros fechados com sabugo e palha de milho. Então seu pai voltou para a fazenda Itaúna e o convidou para fazer uma lavoura de dez alqueires de mandioca, Susumu sempre fui muito bom para riscar a terra. Seu sogro, em uma visita que lhes fez, achou que ele poderia ter melhores condições trabalhando na cidade e seu cunhado Julio ajeitou-lhe um trabalho com o “Seu” Maneco, um português proprietário de um bar e restaurante na esquina da Rua Gov. Pedro de Toledo com a

Rua D. Pedro II, onde hoje está a loja de roupas Hot Point. Trabalhou lá por um ano como pasteleiro, fazia coxinhas. Em 15 de junho de 1953 mudou-se para uma casa de propriedade do Sr. Vecchini, situada a Av. do Café, 533, onde morou por três anos. As ruas eram de terra, com pedregulhos.

Susumu diz que “pastel é a coisa mais simples de se fazer, não adianta ensinar, mesmo ensinando nunca fazem igual. A massa de pastel é feita com farinha, água, sal e óleo, não se acrescenta mais nada, nem fermento, pinga, ovos.” Faziam pastel de carne e queijo. Comprava no Mercado frangos, galinhas, abatias e fazia coxinhas.

Susumu comprou uma banca no Mercado, no tempo em que havia mesas de um metro, parte do prédio era descoberta. Por três anos ficou no mercado, época em que o mercado foi reformado. Ele tinha trabalhado como pasteleiro com o Abe, pai do Antonio, Ricardo e do Fernando. Aos sábados e domingos ele o chamava para ir trabalhar na pastelaria. Os irmãos Plínio e João Zaia tinham um bar situado atrás da Catedral, chamava-se Americana. Encostado ao bar existia a agência de viagens da Viação Piracicabana, eles ofereceram-lhe uma porcentagem sobre as vendas de pastel para ir trabalhar com eles. Entrava às seis horas da manhã e ficava até às onze horas da noite, nessa ocasião ele morava no Jaraguá. Até a esquina da Rua do Rosário com a Av. Dona Jane Conceição havia casas, da Rua do Rosário para baixo, sentido Jaraguá, não havia nada, apenas pastos.

Susumu chegou a jogar futebol no Campo do MAF, no campo do Jaraguá Futebol Clube. Na quadra entre a Rua da Palma, Rua Campinas, Av. Dona Jane Conceição e Av. Dr. Edgar Conceição era o campo do MAF. As ruas estavam com suas quadras definidas, mas era tudo mato. Quando ele tinha horta, como havia muitos animais soltos - vacas, cavalos - ele catava esterco por essa região onde hoje é o Bairro Jaraguá. Após parar com a horta, aprendeu a trabalhar como cabeleireiro, montou um salão na Rua Prudente de Moraes entre a Rua do Rosário e a Rua Tiradentes. Corta cabelo até hoje. Seu cunhado Ângelo fez o curso de cabeleireiro em São Paulo e veio trabalhar



1962
Reunião do Piracicaba Baseball Club,
formado por membros da colônia japonesa
em Piracicaba.

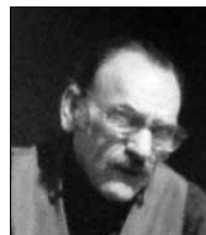
Autoria da foto desconhecida.
Acervo pessoal

com ele, uma mocinha era manicure. Susumu penteava cabelo de senhoras, fazia permanente. Sua esposa passou a trabalhar também como cabeleireira. Uma das freguesas era funcionária da Ultralar na Rua Gov. Pedro de Toledo, eles precisavam de uma pessoa para trabalhar lá. A princípio ele foi trabalhar com botijão de gás. Aprendeu a montar e desmontar fogões a gás e passou a cuidar disso, fazia entregas, teve a oportunidade de conhecer a cidade de ponta a ponta.

Pelo fato de ser japonês, diz Susumo, tinha o budismo como religião em sua terra natal. Em Piracicaba, participou do Movimento dos Cursilhos da Cristandade, queriam batizá-lo. Foi batizado, quando tinha 52 anos, pelo Cônego Luiz Gonzaga Juliani.

Dona Tereza diz que seu pai, Shigueki Takaki, ao chegar a Piracicaba dirigiu-se à Fazenda Pau D'Alho, em seguida ele adquiriu uma área na Fazenda Cachoeira. A denominação da Praça Takaki em homenagem ao seu pai foi em decorrência de diversos fatores: ele foi o primeiro imigrante japonês a falecer em Piracicaba, em junho de 1958; fizeram essa homenagem a ele e a colônia japonesa; a Paulista é o bairro onde existe a maior concentração de japoneses. A Praça Takaki foi inaugurada em 17 de abril de 1960. Seu pai foi um dos fundadores do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Piracicaba, cujo objetivo principal era fortalecer a união entre os japoneses. Desde aquela época existe a gincana, com participação de concorrentes em diversas modalidades de atrações e premiação aos melhores colocados. O beisebol já existia e festas de casamentos eram realizadas ali. Naquele tempo era um clube destinado exclusivamente a japoneses, atualmente há até diretores brasileiros, como o médico Dr. Sergio Pacheco.

Na administração do prefeito José Machado, a primeira dama Janete Machado disse que seria interessante montar um grupo de terceira idade dos japoneses. Na época, uns trinta associados nessa faixa etária participavam do beisebol, incluíram essa turma toda no novo grupo. Com o tempo foram aproximando-se mais associados, inclusive brasileiros. Tanto Susumu como Tereza foram diretores do grupo da terceira idade por vários anos.



**José Estevam
de Paula**

PERGUNTARAM A MICHELÂNGELO como ele criava esculturas tão magníficas a partir de um bloco de mármore frio: "Como criou tamanha beleza, tanta divindade na Pietá? Como infundiu tanta magnificência ao Davi?" Conta-se que Michelangelo respondeu: "Não fiz nada. Deus os colocou dentro do mármore, já estavam lá, apenas tive que retirar as partes que não permitiam que você os visse". O "rei" Roberto Carlos tem um dos mistérios mais bem guardados no meio artístico. Foi uma fatalidade. Aos 6 anos, o menino pobre de Cachoeiro do Itapemirim, ES, saiu de casa para ir à festa de São Pedro, padroeiro de sua cidade natal. O barulho das ruas impediu que ouvisse o apito da locomotiva. Foi atropelado por um trem em marcha à ré, teve ossos da perna esquerda esmagados e a amputação parcial foi inevitável. Por seis anos, caminhou com o auxílio de muletas e só aos 12 recebeu a primeira prótese. Donato d'Angelo foi quem conseguiu interná-lo na Santa Casa de Misericórdia do Rio e, lá, fez a operação reparadora definitiva. Não dá detalhes sobre ela. "É algo que diz respeito a médico e paciente", alega. O americano George Eyser ganhou três medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze nos Jogos Olímpicos de Saint Louis-1904. O curioso é que Eyser, que treinava na Alemanha, tinha uma prótese de madeira no lugar da perna direita. Em ambos os casos, o valor do indivíduo está acima de suas limitações físicas, se é que são limitações! Durante a maior parte da História, a substituição de membros foi feita com apêndices pouco elegantes. Diferente das primeiras pernas,

a princípio de madeira, atualmente a C-Leg usa um chip que controla a hidráulica, da mesma forma que o cérebro controla os músculos. Sensores eletrônicos na perna e no joelho alimentam o processador, tomam 50 medidas por segundo de fatores cruciais no caminhar, como o ângulo do joelho e mudanças de terreno. O chip analisa esses dados para determinar em qual fase do caminhar o usuário está e o que é preciso para completar o passo com estabilidade. O programa usa algoritmos baseados em milhares de ciclos de passo. Como resultado, o processador pode também ajudar a perna a se ajustar a diferentes condições, como descer escadas ou virar repentinamente. A perna é ligada a um soquete feito sob medida, alimentado por baterias de lítio-íon, semelhantes às usadas nos laptops.. Poucos têm a menor idéia de que uma nova geração de pessoas está incorporando tecnologias revolucionárias ao próprio corpo para superar deficiências físicas, e não têm vergonha de expor isso em público.

Julinho, um menino de 7 anos, foi até uma loja para escolher um cachorrinho. O vendedor mostrou vários tamanhos e raças para que escolhesse. Depois de olhar um e outro, escolheu um deles. “Quanto custa esse?”, perguntou ao vendedor. “Este custa 50 reais.”, respondeu. “Nossa! Só tenho 5 reais.” Neste mesmo instante, veio vindo do fim da loja um cachorrinho manco que pulava meio diferente e queria brincar. O menino foi ao seu encontro e brincou com ele. Virando para o vendedor perguntou: “E esse quanto custa?” “Ah! Esse não está à venda, pois tem um defeitinho na perna e nem corre direito!” “Mas é este que eu quero! Ele precisa de alguém que entenda suas dificuldades e goste dele mesmo assim. E tenho certeza que sou o dono ideal para ele. Também não posso correr e nem pular direito, pois tenho uma perna mecânica! Dificuldades não são motivos para desistir de vencer, muito pelo contrário, as dificuldades nos ajudam a dar mais valor na vitória.”

José Estevam de Paula possivelmente foi um dos últimos piracicabanos que tiveram uma prótese em madeira, ou seja, uma perna de pau. É impressionante uma fotografia onde ele aparece com seus três cães ao lado. Eles reconhecem efusivamente o amigo.

Com absoluta certeza daria conteúdo para muitas monografias. José morava com suas irmãs, de quem recebia o amor familiar. Por muitos anos José Estevam com a sua voz acompanhou os sentimentos e lágrimas dos usuários do Terminal de Ônibus Interurbano. Muitos ainda têm a lembrança muito clara da sua voz grave anunciando a plataforma, o destino e a hora da partida dos próximos ônibus. Obrigado, José! Você talvez não imagine o quanto participou involuntariamente da vida de muitos piracicabanos!

José Estevam de Paula nasceu em 18 de setembro de 1923, filho de Angelina Occhiuse de Paula e Benedito Estevam de Paula, vigilante da Estação de Vila Rezende da Estrada de Ferro Sorocabana. Antes ele tinha sido alfaiate. Sua irmã Wilma nasceu em 31 de julho de 1931; a outra irmã, Maria Francisca, nasceu em 15 de agosto de 1933; os irmãos Oswaldo em 10 de agosto de 1928 e Mario em 30 de maio de 1930. Moraram na casa situada à Rua Riachuelo, entre as ruas Alferes José Caetano e Rosário por mais de cinco décadas. Na época, a Rua Riachuelo e a do Rosário eram de terra. O bairro da Paulista era quase sítio. Existiam casas esparsas. José estudou até o terceiro ano, quando sofreu o acidente. Ficou por nove meses no hospital, que naquela época situava-se na Rua José Pinto de Almeida, entre as ruas Morais Barros e XV de Novembro.

José anunciava as partidas de ônibus para outras cidades da seguinte forma: “Atenção, senhores passageiros! Atenção para a primeira partida às cinco horas: Ava com destino a Tupi, Caiubi, Santa Bárbara, Americana e Campinas, plataforma meia dúzia! Ava, direto a Campinas. plataforma sete! Viação Piracicabana, com destino (paravam em cidades intermediárias durante a viagem) a São Paulo, plataforma nove. Viação Piracicabana direto a São Paulo, plataforma dez.” Ele falava assim mais para “florear”!

Entrava à 1 hora da manhã e saía às 9h30 ou 10h da manhã. A pessoa que deveria assumir o seu trabalho dali em diante às vezes chegava atrasada. José relatou: “Tinha gente que vinha fazer a locução de graça! Pedia: ‘Deixa eu falar um pouco!’ Se fosse

uma pessoa responsável e capaz, deixava que matasse a vontade de falar no microfone! Tenho saudades desse tempo! Quem não tem? Eu gostava do meu serviço. Sempre gostei. Sempre entrava mais cedo do que deveria entrar. Na segunda-feira e no sábado tinha um ônibus que saía para Ribeirão Preto às 4 horas da manhã.”

Tornou-se locutor da Rodoviária quando trabalhava no abrigo (terminal de ônibus urbano), perto da Estrada de Ferro Sorocabana, entre as ruas XV de Novembro e Moraes Barros. Trabalhava no lavatório, estava sentado, lendo uma notícia, quando chegou Guilherme Barbosa, que era um dos chefes. Disse-lhe: “Vamos até a rodoviária, se der certo você fica lá!”

José fumava Continental ou Lincoln sem filtro. Fumou por uns 50 anos. Ele diz: “O que eu ganhei foi isso aqui! A minha voz não sai!”

Por ter uma característica física própria, isso o ajudou. Sempre foi ajudado. Sempre foi tratado com dignidade. “O Armando Dedini chegava para mim e dizia: ‘Tem dinheiro?’ Eu respondia: ‘Dinheiro nunca é demais!’. Ele então pegava no porta-malas do carro, abria o bagageiro, tirava mil cruzeiros e me dava. Não. Nunca pediu nada, nenhum favor em troca desse dinheiro. Ele nunca deu menos do que mil cruzeiros!”

Mas José não teve privilégios. “Nunca viajei por cortesia (sem pagar a passagem). Tinha que pagar, nunca viajei de graça.”

Gostava de passarinho, de qualquer música, principalmente a sertaneja. Gostava de jogar damas, trilha. Não gostava de passarinho preso. Cachorro preso, também não, achava que ele devia ficar solto. Houve um tempo que ele fazia coleção de moedas, gostava de tomar aguardente da marca Cavalinho, quando era fechada com rolha, sempre depois do serviço. Muitas vezes, depois de ajudar seu pai a fazer cobranças de assinaturas do Jornal de Piracicaba.

Passou a usar uma perna de pau quando eu tinha 9 anos de idade (1932/1933). José subiu em um muro na Rua Governador. Pegado ao Bar do Jujú, virando a Rua Riachuelo, na metade do quarteirão tinha um bar; ao lado tinha o Pedro Maricone,

que era barbeiro e José foi brincar com o filho dele, o Francisquinho. Ao pular tomou impulso para subir o muro: o tijolo, daqueles antigos, veio com ele e caiu no seu tornozelo, que quebrou. Seus pais o levaram para a Santa Casa. O médico enfaixou, colocou uma tala. Deu gangrena. “O médico disse ao meu pai: ‘Ou corta o pé dele ou ele morre’. Cortou abaixo do joelho. Eu tenho perna de pau. Coloquei prótese uma vez, sofri, cada tombo que levava!”

Essa perna de pau foi colocada há muito tempo atrás, por Paschoal Guerrini, irmão de Leandro Guerrini. É José que conta: “Fomos à Vila Rezende, meu pai e eu, encontramos com o Mário Dedini. Ele então perguntou ao meu pai: ‘Posso colocar uma perna de pau nele?’ Isso foi em 1934. Nunca mais tirei a perna de pau! Mario Dedini dizia: ‘Na Itália todo mundo que perde a perna coloca perna de pau!’”



Ralph Mennucci
Giesbrecht

RALPH MENNUCCI GIESBRECHT, neto de Sud Mennucci, é autor do livro “Um Dia o Trem Passou Por Aqui”, que trata da história e de estórias dos trens de passageiros no Estado de São Paulo. O interesse de Ralph por ferrovias veio dos estudos que fez nos arquivos de seu avô, Sud Mennucci. Embora não fosse ferroviário, ele tinha muito material em seus arquivos falando sobre ferrovias. Primeiro, porque ele gostava de geografia. Segundo, porque ele andava muito de trem. Os contatos políticos dele envolviam os donos de ferrovias, poderosos na época. Em 1996, quando Ralph fez uma viagem a Porto Ferreira, escrevia o livro que fez sobre o avô. Foi a Porto Ferreira para buscar alguma informação sobre ele e viu a estação de trem ali meio jogada, tinha ainda linha, que hoje não tem mais, ficou pensando: “Ainda passa trem aqui?” E então ele conta: “Disseram que tinha parado de passar já fazia muito tempo. Perguntei sobre a estação, disseram que a Secretaria da Cultura estava sei lá o que, perguntei sobre as outras estações que ficavam no meio do caminho, disseram não sei, ninguém sabe. Aí bateu! Pensei: vou descobrir onde estão essas coisas! Comecei então a ir atrás das Estações Ferroviárias, ver onde elas estavam, fotografar, acabei indo para as histórias das ferrovias, das estações em si, ouvindo relato de pessoas e isso gerou o livro Um Dia o Trem Passou Por Aqui e um site na internet, que hoje é um monstrego. Faço-o sozinho, e as pessoas acham que eu sou louco em fazer isso sozinho. Ele mostra todas as estações ferroviárias do Brasil. Uma a uma. O site é www.estacoesferroviarias.com.br Você

tem a estação que você quiser. Isso tudo começou há apenas sete anos. Eu tenho 51 anos de idade. Antes eu tinha andado muito pouco de trem.”

O início do trem em São Paulo aconteceu com a estrada Santos-Jundiaí, em 1867, feita de Jundiaí a Santos. Feita para escoar café, com concessão até Rio Claro, quando encampada pelo governo, em 1946, passou a ser chamada de Santos-Jundiaí, antes era São Paulo Railway. Embora houvesse concessão para ser contruída até Rio Claro, quando o trecho Santos-Jundiaí foi entregue, desistiu-se de continuar a expansão. E Ralph comenta: “Os ingleses pararam para pensar da seguinte forma: ‘Nós já temos a estrada, é monopolista. Para descer a serra é um funil, qualquer um que vá querer construir agora, qualquer ferrovia, vai ter que entroncar na nossa, vai ter que descer pela nossa, grande negócio! Não queremos mais nada!’ Então eles deram a concessão para Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que foi fundada em 1868, para ela fazer o trecho até Campinas e depois até Rio Claro.”

O governador da Província era Saldanha Marinho, um pernambucano que ficou 9 meses como Presidente da Província, assim se chamava na época o Governador do Estado. Para Ralph, “deve ter sido o maior governador que São Paulo já teve. Não por que colocou a ferrovia, e sim porque ele tinha uma visão do futuro impressionante. Ele sabia que havia interessados em construir ferrovias, mas sem a iniciativa de juntar esforços. Saldanha Marinho fez isso, reuniu os fazendeiros da região de Campinas, Amparo, Araras, Limeira, etc... catalisou essa união para fundarem uma ferrovia. Convocou reuniões em São Paulo, Campinas, fundaram a ferrovia, formaram uma diretoria, fundaram a Companhia Paulista. E ele brigou pela concessão da ferrovia inglesa, São Paulo Railway, e, na hora de assinar tudo, ofereceram para ele um cargo, ele declinou da posição alegando que a sua função era só montar a estrutura agora formada. Ele nunca ocupou nenhum cargo dentro da Companhia Paulista. Só fez isso porque era um idealista. Poucos reconhecem Saldanha Marinho e seu valor talvez por ele ser pernambucano e ter ficado apenas nove meses no cargo.”

A ferrovia Companhia Paulista também foi feita para escoar café. Depois da Paulista, vieram a Mogiana, a Sorocabana, a Ituana, e outras mais. A intenção era transportar algo além do café. O outro motivo pelo qual a São Paulo Railway caiu fora da construção de outras ferrovias é que, além de ela ter o monopólio, uma garantia de dinheiro suficiente, existia uma guerra acontecendo. A Guerra do Paraguai ainda estava ativa e o Brasil não estava num período em que poderia afirmar com certeza que ganharia a guerra. Ralph detalha o que ocorria: “Em fevereiro de 1867 a coisa estava feia. Os ingleses não queriam essa incerteza. O Governo passou a pressionar as ferrovias, principalmente as de São Paulo, para que elas fossem sempre em direção ao Mato Grosso, no sentido de defenderem as fronteiras nacionais. Qualquer relatório da Paulista, Mogiana, Sorocabana, relatórios de 130, 140 anos, dizem exatamente isso. Nós transportaremos café, mas também temos a obrigação de levar a ferrovia até o Mato Grosso para defender as fronteiras brasileiras. A Paulista passou a levar a sua linha ao Triângulo Mineiro e daí desviando pelo Rio Paranaíba até atingir Mato Grosso. A Mogiana também deveria seguir essa direção através do Triângulo Mineiro, da mesma forma que a Sorocabana, que ia direto ao Mato Grosso. Mais tarde a Noroeste seguiu nessa direção. Essas são as duas principais razões porque as ferrovias existiam em São Paulo: transporte de café e a defesa nacional no Mato Grosso.”

O início da ferrovia no Brasil aconteceu com o Barão de Mauá. O início da SPR – São Paulo Railway - se deveu realmente a Mauá. Segundo Ralph, “ele chamou os ingleses como sócios e depois tomou uma rasteira deles. Rasteira mesmo. O empréstimo que ele fez aos ingleses para que entrassem na sociedade nunca foi devolvido. Nem por meio judiciário. Quando perceberam que o negócio era bom, ele foi roubado. Isso está escrito em muitos livros.”

Especialista no assunto, ele explica que o transporte de passageiros sempre existiu. As ferrovias, ao contrário do que muitos pensam, não foram feitas para carregar pessoas. Foram feitas para carregar cargas. Em São Paulo, o café; em Minas Gerais, o minério;

no Paraná era o mate; no Rio de Janeiro era café. Porém, em uma época em que as cidades eram pequenas, longe umas das outras, com estradas de rodagem horrorosas, as pessoas pouco saíam. Quando viajavam era uma aventura e demorava muito. As ferrovias viram aí a oportunidade de oferecer transporte que já existia em outros países. Em ferrovia, transporte de passageiros dificilmente dá lucro. Quando existe o transporte de carga dando muito dinheiro, vale a pena transportar pessoas também. Primeiro, porque o transporte de pessoas não chegava a dar prejuízo; segundo, porque era uma forma de canalizar a simpatia da cidade para com a ferrovia. Ralph é claro: “Ferrovia é e sempre foi um trambolho. Geralmente quando a cidade estava formada a ferrovia era construída no limite da cidade. O trem atropelava pessoas, gado, fazia uma fumaceira danada e uma barulheira enorme. Em outras palavras, era um pepino. Como você pode colocar isso em uma cidade sem que as pessoas reclamem? A ferrovia dava, em troca, o mundo aos habitantes da cidade. A partir da sua instalação na cidade seu habitante tinha o mundo a sua disposição. Dava emprego para muitos habitantes da cidade, construía um patrimônio imobiliário suntuoso e muito bonito. Ela ‘comprava’ a simpatia da cidade para passar por ali. Quando isso deixou de ser feito, o transporte de passageiros começou a acabar, a partir dos anos 60, a ferrovia voltou a ser um trambolho. Hoje têm muitos dizendo: ‘Tirem essa ferrovia da minha cidade, passem ela por fora.’ Isso aconteceu em Piracicaba, foi quando tiraram o ramal da Sorocabana.”

A Companhia Ituana foi a primeira a chegar a Piracicaba. Ela chegou em 1877. A Ituana foi fundida com a Sorocabana em 1892 e extinta em 1905, ficou sendo apenas Companhia Sorocabana.

Viajar pela Sorocabana em geral não era uma aventura, Mas o ramal de Piracicaba nunca foi muito agraciado. A Ituana era uma companhia que vivia em dificuldades financeiras. A linha que passava por Piracicaba era a linha tronco, a linha principal. A situação financeira da Ituana ia piorando dia a dia. Ralph conta sobre a mudança da estação: “Em Piracicaba, quando eles já estavam em uma situação horrível, tiveram

que mudar a estação de lugar. A estação ficava no Bairro Alto e mudaram-na para onde está hoje o prédio junto ao terminal de ônibus. Isso foi em 1886. Foi uma época em que eles não tinham dinheiro. Economizavam em tudo, dane-se o passageiro. Se quiser andar de trem vai ser assim, você não tem outra alternativa mesmo! Esse era o raciocínio da época. Isso melhorou um pouco depois que a Sorocabana foi comprada em 1905 pelo Percival Facquard, que era o dono de mais da metade das ferrovias do Brasil. Só que em 1913 ele faliu. Entre 1913 e 1919, ele queria empurrar a Sorocabana a todo custo para o governo, e o governo resistiu durante anos, a Companhia era um lixo! Em 1918, andar na Sorocabana era um martírio.”



José Honório

COM SEUS 84 ANOS DE IDADE, José Honório nasceu no Bairro Monte Branco, a cerca de 20 quilômetros de Piracicaba, no dia 19 de janeiro de 1925, filho de Manoel Honório de Godoi e Maria Correia Toledo. Perfeitamente lúcido e independente para locomover-se, José Honório é o perfil clássico do agricultor que lutou muito, em uma época de poucos recursos de mecanização, insumos, comunicação, com estradas rurais muitas vezes quase impraticáveis. Após casar-se, resolveu procurar, no centro urbano, melhores condições para a sua subsistência. A particularidade é que, ao contrário, de muitos que fizeram o mesmo caminho, José Honório conservou com a máxima observância os valores tão dignos e importantes do homem do campo, onde a palavra dada dispensava o registro escrito. Isso só era possível porque os poucos que se atreviam a faltar com a palavra empenhada viam-se em palpos de aranha. Foi um tempo em que o indivíduo desocupado era recolhido no xadrez por crime de vadiagem e era comum o cidadão de bem andar com uma arma na cintura. Eram armas de fogo, armas brancas como punhal, navalhas. A incerteza de que tipo de consequência poderia haver em uma eventual discussão, estabelecia um respeito mútuo. Era claro que se as partes partissem para as vias de fato, provavelmente um deles sairia sem vida. A presença de advogado não era corriqueira como hoje. O delegado resolvia de forma sucinta o destino dos brigões. Em resumo, havia um respeito tácito.

José Honório iniciou suas atividades na propriedade agrícola

dos pais. Foi pedreiro, tendo inclusive participado da construção dos barracões da Mausá, ao lado do terminal de ônibus intermunicipal. Com o objetivo de um futuro melhor, iniciou-se na carreira de vendedor no atacado, para o comércio varejista. Um arquivo vivo, “Seu” José Honório cita nomes, endereços, proprietários de estabelecimentos que, com o tempo, desapareceram.

Seu avô, Manoel Honório Godoi, e sua avó, Mariana Barbosa, compraram um sítio que tinha 180 alqueires. José fazia a lide do campo: plantava arroz, feijão, algodão, mandioca, batata. Para vir à cidade tinha que vir a cavalo. Depois apareceu uma jardineirinha que fazia uma viagem por dia. Ele frequentou até a quarta série, a professora chamava-se Dona Amélia, casada com Otávio Prates Ferreira.

Havia vizinhos próximos: José Fernandes, Manoel Fernandes e Antonio Fernandes. Eles plantavam algodão e José Honório chegou a apanhar algodão para eles. Cresceu no sítio, casou-se aos vinte anos com Maria Inocência Honório. Permaneceram mais dois anos no sítio. É ele quem conta: “Plantei um pouco de batata, tomei na cabeça. Fiz uma lavourinha de algodão, não deu nada. Resolvi vir embora para a cidade.”

Mudou-se para a Rua da Colônia, no fim de 1947, quando era tudo mato. Só tinha a Caieira do Felício, onde hoje está o Shopping Paulistar. Onde hoje é o Bairro Jardim Esplanada era a Fazenda do Ditoca. Então, essa região da Paulista era mato, soqueira de algodão, milho. Já havia a Estação da Paulista, mas acima da linha do trem a maior parte era tudo sítio. Iniciava-se a formação do bairro com construções. Havia uma raia de corrida de cavalos que se iniciava nas proximidades de onde hoje está construída a Igreja São José e ia até a atual Rua Benjamin Constant. Seu vizinho, Abel Pereira, era “parede e meia” (casas que têm uma única parede dividindo-as em duas construções) com ele, tinha um caminhãozinho Mercedes-Benz, daqueles bicudos, 1957, verdinho. O filho dele, Jaime Pereira, casou-se com a filha de Vitório Fornazier.

José Honório prossegue: “Na Rua da Colônia havia só aquelas casas velhas, cujo dono era um espanhol. Um dos filhos dele chamava-se Pedro Lopes, era guarda-livros

do ‘Seu’ João Mendes, proprietário de um armazém na Av. São Paulo esquina com a Rua da Glória. Fiquei lá uns vinte dias apenas. Tinha trazido na minha mudança dez sacos de arroz, para consumo da família. Os ratos ali existentes passaram a devorar o arroz! Dava até medo do tamanho deles. Mudei em uma casa antiga, acima de onde hoje existe o Supermercado Canale. Fiquei morando ali por um ano. De lá mudei para a casa que o meu sogro tinha comprado do Romeuzinho (Romeu Gomes de Oliveira). Na época, o Romeu tinha um açougue ali. Descendo onde hoje é a Av. Dona Jane Conceição, um quarteirão abaixo da Rua Campinas, já havia a cerca que delimitava a propriedade da Dona Jane Conceição. Após morar ali por cerca de um ano, mudei para a Rua Gov. Pedro de Toledo, logo no primeiro quarteirão, do lado esquerdo, próximo à Av. Dr. Paulo de Moraes. É uma casa antiga, que existe até hoje. Morei ali por cinco anos. Depois mudei para a Rua São Francisco, abaixo da Rua Benjamin. Depois mudei para a Rua São João, onde havia três sobradinhos de propriedade do Gobet, onde permaneci também por cerca de um ano. Em seguida fui morar na Rua Governador, entre as ruas São Francisco e Joaquim André. Na esquina da Rua São Francisco, onde hoje há um edifício, existia uma pensão. Ao lado da pensão havia um terreno de propriedade de Francisco Pelegrino. Entre a pensão e o terreno tinha um corredor que era a entrada da minha casa. Ali morei por quinze anos.”

Foi trabalhar como ajudante na fábrica de tecido Boyes, de 1948 a 1951. Quando tirou férias, falou com um vizinho, que era empreiteiro, e se propôs a trabalhar de graça para ele, por trinta dias, para aprender o ofício. Comprou suas ferramentas. O empreiteiro pagou quatro mil réis por hora, José Honório ganhava cinquenta mil réis por mês na fábrica de tecido. Foi trabalhar na construção de uma casa na esquina da Rua São João com Rua Samuel Neves. Fizeram o alicerce, esticou a linha e subiu a parede. A casa está em pé até hoje. Trabalhou por seis anos como pedreiro. Ele trabalhou no barracão da Mausá, na Rua Riachuelo com a Rua São João, ao lado de muitos pedreiros, enfrentando um encarregado que ele conta que era muito sem

educação, malcriado, humilhava todo o mundo. Teve um dia em que José Honório foi até armado, com o revólver na cinta, era um HO, calibre 38, niquelado com cabo de madrepérola. Se o encarregado gritasse, ele diz que iria dar um jeito nele. Um dia esse encarregado, que já é falecido, foi implicar com José, sem motivo nenhum. Ele conta: “Passei a mão em um martelo e ‘engarupei’(subiu nas costas) nele. Os colegas me seguraram, não deixaram que eu brigasse com ele. Ele correu. Peguei as minhas ferramentas, encaixotei e fui ao escritório para acertar as contas. Fazia dez meses que eu estava trabalhando lá. Queriam que eu permanecesse. Eles estavam precisando de pedreiro. Mas eu disse que estava saindo para não matar o encarregado.”

Foi trabalhar como vendedor, naquele tempo era fácil arrumar emprego. Trabalhou com os irmãos Nelson e Oscar Piacentini, na Rua São Francisco esquina com a Rua da Glória, onde hoje existe uma academia de ginástica. Foi vender pinga, a Caninha Água Santa. Diziam que a “praça” de Curitiba era muito boa para vender pinga de Piracicaba. De ônibus ele não sabia ir. De avião, diz que não iria de jeito nenhum. Hermínio Dezem puxava açúcar e ia sozinho; José pegou uma carona com ele para Curitiba, levava umas miniaturas como amostra da pinga. Saíram de Piracicaba com um caminhão Dodge amarelo, pararam em São Manoel para passar a noite. Chegaram a uma pensão, foi uma noite terrível. José conta que não conseguiu dormir de forma nenhuma, ficou a noite inteira sapateando, as pulgas subiam como formigas pelas suas pernas. Saía, ia para fora da pensão, retirava as pulgas, quando voltava estava novamente tomado por elas. Logo de madrugada seguiram viagem. Em Curitiba foram para o hotel que ele conhecia. À tardezinha José viu chegar uns homens com revólver na cinta, facão na cintura, sentavam na calçada, nem a polícia mexia com eles. Eram grileiros, tomadores de terras para fazendeiros. E ele lá no meio daquela gente, não conhecia nada da cidade. Santo Pavanelli tinha uma pensão, subindo a Rua XV de Novembro, em Curitiba. José vendeu 460 caixas de pinga, mas carga fechada tinha que completar 600 caixas, com isso esses pedidos não foram entregues. Na época havia

a pinga Malucelli, que estava mais barata. José saiu daquela pensão e foi à pensão do Pavanelli. Seu dinheiro estava acabando, tinha os compromissos a cumprir em Piracicaba. Chegou um rapaz jovem ainda, com um caminhão Chevrolet novo, carregado de madeira. Ele era de Piracicaba, José conseguiu uma carona para voltar. Na volta dormiram no caminhão mesmo, não gastaram dinheiro nem tiveram que dormir com pulga!

Passou a vender aqui na região a pinga e o álcool do Piacentini. Quem fornecia a pinga e o álcool para ele era Arlindo Oriani, que morava na Av. Rui Barbosa. Uma ocasião houve alguma falha na formulação do álcool, de cuja carga o Munhoz tinha adquirido. O Munhoz recebeu a visita de alguém da fábrica e, despejando um litro de álcool em um largo que havia em frente ao seu estabelecimento, disse para essa pessoa: “Entre aí no meio desse círculo de álcool. Vou acender: se pegar fogo no álcool eu pago a carga que foi entregue!” O álcool não pegou fogo! José passou a vender pinga na cartola, que já era uma pinga pura, e também a pinga de garrafa.

Para trabalhar no bairro andava a pé. Quando mudava de bairro, utilizava o bonde. Acrescentou à sua oferta de produtos, algumas bebidas vendidas pelo Anorando Marconi, que tinha a água sanitária com o nome Varex.

Trabalhou na praça como vendedor por 37 anos, aposentando-se aos 65 anos de idade. Conheceu quase todos os comerciantes antigos de Piracicaba. Chegou a vender Alpargatas Roda, que também eram chamadas de “enxuga-poças”, o pobre utilizava muito. Nessa época ele vendia para o Silvio Motta, que tinha um atacado onde hoje é a Casa do Papai. Na Rua Governador estava estabelecido o Gabriel Salles, em frente tinha o estabelecimento de José Stipp. Na esquina das ruas Ipiranga com Governador havia o Supermercado Moral, antigamente era a Casa Dois Martelos.

O melhor fumo era o de Bairrinho, o fumo que o Libardi fabricava era famoso. O Libardi morava em uma casa de esquina da Rua Governador com a Rua São Francisco, onde hoje há um estabelecimento que vende produtos cosméticos. Benedito Baglioni

teve uma fábrica de balas na Rua Benjamin Constant. Funcionava no prédio que mais tarde foi reformado e passou a ser o Cine Paulistinha. José Honório conheceu o falecido João Canale quando ele ainda tinha armazém no Pau Queimado; depois ele veio para a cidade e montou um armazém na Av. Dona Jane Conceição.

Na Av. São Paulo há um posto de gasolina, é o Posto São Jorge, que foi de propriedade do Pampaluche. Em frente, onde hoje está o prédio da Pansa, era tanto barro que quem ia de bicicleta tinha que colocá-la nas costas e passar. Do lado esquerdo havia o armazém do “Seu” João. O Teotônio Silveira tinha um armazém e um atacadinho. Outro comerciante era o Américo Sátolo. Ao lado do posto existia o Armazém do Fiore Torrezan. Na esquina de cima existia o armazém do Gildo Menegatti.

Naquela época a maioria das pessoas andava armada, ninguém mexia. O Abel Bueno morava no início da Rua Governador, tinha um caminhãozinho, puxava madeira. José Honório frequentava a Igreja dos Frades, era pertinho da sua casa, tempo de Frei Liberato, Frei Ambrosio, Frei Guilherme. Como pedreiro, José Honório construiu a Igreja da Serra de São Pedro, a igreja no Patrimônio.

Os homens conhecidos pela constituição física mais avantajada na época eram o Hugo Olivetto, o Chorilli e o Chico Aguello, que morava em Anhumas.

O Itapeva ainda era aberto. Na Av. Independência com a Rua Benjamin Constant havia a Funerária Libório. Na Rua Benjamin Constant, uma quadra acima da Av. Independência, existia o armazém do Nê Barbosa, que também era atacadista. “Seu” Zé Ferraz era o vendedor nele. Na esquina da Rua São Francisco com a Rua Benjamin havia o Armazém do Angeli.



**Osmair Funes
Nocete**

A UM CUSTO ESTIMADO EM 10 BILHÕES de dólares, o trem bala que fará o percurso entre Rio de Janeiro e São Paulo, com extensão até Campinas, retoma um assunto que gera ferrenhas discussões: o transporte ferroviário no Brasil. Com o estabelecimento das concessões ferroviárias, cujos prazos atingem até 50 anos, desapareceu o trem de passageiros, a malha ferroviária está a serviço do transporte de cargas. O valor a ser investido na construção do trem bala, se aplicado na construção de ferrovias convencionais, considerando o valor de 1 milhão de dólares por quilômetro, permitiria a construção de 10.000 quilômetros de ferrovia em todo o país. Percebe-se claramente que recursos não faltam, o que temos são decisões de cunho político. Vivemos tempos de internet de alta velocidade, quando já são realizados testes para a transmissão por fios de energia elétrica, onde qualquer tomada de luz poderá passar a ser um ponto de conexão com o mundo, em alta velocidade, muito acima das utilizadas até o momento. Em meio a essa verdadeira panacéia, fazemos uma incursão ao passado recente. Uma figura quase extinta das nossas lembranças é o telegrafista.

A chegada de um telegrama era um acontecimento. Fechamento de negócios. Notícias familiares. Tudo que era de extrema urgência tinha no telegrama o seu instrumento maior. Até então a telefonia era precária, era muito comum ir e voltar a São Paulo em um tempo menor do que conseguir uma ligação telefônica para o mesmo local. Isso em uma época de estradas e veículos com tecnologia muito inferiores a atual.

Osmair Funes Nocete é ferroviário aposentado e filho de ferroviário, começou trabalhando como telegrafista e chegou a ser Chefe de Estação. É ele quem proporciona uma rápida lembrança da realidade que já pertence ao passado. Nasceu em Rio das Pedras, em 31 de dezembro de 1938, filho de Francisco Funes Fernandes e Laura Nocete, descendentes de espanhóis.

Seu pai, Francisco Funes Fernandes, era funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, trabalhava na via permanente, responsável pela conservação da linha do trem. Seu ingresso na empresa deu-se quando ele tinha aproximadamente 25 anos de idade. O ramal da Sorocabana vinha de São Pedro e ia até Itaiçi. Em Itaiçi existia a escolinha de telegrafistas. Havia o entroncamento, o trem que vinha de Piracicaba e seguia para Jundiaí. O trem que vinha de Mairinque ia para Campinas.

Quando o trem parava em Jundiaí e outras estações, havia os vendedores de biscoito de polvilho, um cone de papel com amendoim salgado dentro, uvas, figo. Na região de Jundiaí já havia a produção de figos e uvas.

Osmair cursou a escola primária em uma localidade denominada Chave do Barão, onde não restou mais nada das construções da época. Era o que chamavam de Turma de Conserva, com umas cinco casas construídas no local. Indo pela estrada que liga Rio das Pedras à Mombuca, próxima à Fazenda Lageado ficava a Chave do Barão. Ali moravam o feitor, o encarregado e os trabalhadores. Seu pai era o encarregado. Moravam cinco famílias, cada uma em uma casa, todas de alvenaria e compostas por sala, dois quartos e cozinha. O banheiro ficava na área externa da casa, ainda no sistema de fossa séptica. Havia dois poços de água em frente às casas. Faziam o primário lá. Osmair diz: “Lembro-me do nome de uma professora: Elza Moura Barbosa. O quarto ano primário era feito em Mombuca, nós íamos de trem. Como era filho de ferroviário, tinha o passe livre para viajar. Uma das minhas professoras nessa escola foi Dona Nair. Ela era da família Siqueira, que tinha uma loja de ferragens na Rua Gov. Pedro de Toledo esquina com a Rua XV de Novembro, a Casa Siqueira. Quando eu

mudei para Piracicaba já tinha 13 anos de idade. Passei a minha infância entre Rio das Pedras e Mombuca.”

Ainda criança, punha o bigolo nas costas, com dois baldes pequenos, um de cada lado e ia buscar água na bica. Era um pau, à semelhança de um cabo de enxada, com um prego em cada extremidade para evitar que o balde caísse. Um balde equilibrava o outro, fazia o contrapeso.

A linha de trem exigia uma área lateral a ser preservada ao longo do seu trajeto. De acordo com o regimento da Companhia, a faixa era de 15 metros de cada lado da linha do trem.

Ao longo da linha, junto aos trilhos, havia a plantação de erva-cidreira. Era para retenção de aterro, contenção de erosão. E evitava a invasão do mato sobre a linha de trem. Houve um tempo em que os dormentes eram assentados diretamente sobre a terra. Depois fizeram o que foi denominado de empedramento, foram colocadas pedras na linha. O dormente passou a ficar sobre a pedra e, quando chovia, a água infiltrava através das pedras. Chamava-se isso de deixar a linha “laqueada”. Funcionava como um dreno evitando o apodrecimento do dormente.

A madeira que era utilizada para fazer os dormentes mais nos últimos tempos era o eucalipto. Mas houve uma época em que era utilizada madeira-de-lei. Naquele tempo havia em abundância. A madeira já vinha prontinha, na forma de dormente, para ser colocada no leito da linha.

Para fixação da linha junto ao dormente furavam na verruma ou trado, um trabalho manual. Havia vários tipos de pregos ou pinos. Um modelo era fixado mediante golpes de marreta. Tinha um chamado de tirefon, esse utilizava rosca para ser parafusado no dormente.

A bitola da Sorocabana era de 1 metro, ou bitola métrica. A da Companhia Paulista era de 1m60. Não existia um acordo entre as ferrovias. A bitola de 1 metro leva desvantagem, não pode andar a mais de 80 quilômetros por hora. Quando passou a ser Fepasa,

em Campinas havia um guindaste que retirava o vagão da bitola estreita e punha em cima da bitola larga. Quando houve a fusão entre a Sorocabana e a Paulista, aqui em Piracicaba para tirar o trem de dentro da cidade na Água Branca foi feita uma ligação com a Companhia Paulista

Osmair começou a trabalhar como telegrafista de fato em 1958, em Pedro Barros, próximo a Juquiá. Estava completando 18 anos, já tinha feito o curso de dois anos para exercer a função de telegrafista e praticava na linha intermediária. Havia uma que se comunicava de Piracicaba até São Pedro; outra se comunicava com Rio das Pedras. Havia duas linhas exclusivas com São Paulo, mas nessas linhas os praticantes não interferiam. Havia diversos aparelhos de telégrafos na mesma sala, o som de um não atrapalhava o outro, cada um encostava-se ao seu telégrafo e tinha que ficar concentrado nele.

O primeiro local em que passou a trabalhar como telegrafista foi em Pedro Barros, no dia 5 de agosto de 1958. Eram dois telegrafistas, ele e Saccaro de Rio das Pedras. A cidade mais próxima era Miracatu. Para chegar lá, só pela ferrovia, levava um dia para chegar. Para vir a Piracicaba tinha que acumular as folgas, porque era um dia para vir e mais um dia para voltar. Na época, em São Paulo não havia estação rodoviária. Cada empresa de ônibus tinha uma agência na cidade. A Estrada de Ferro Sorocabana fornecia em Pedro Barros um quartinho para usar como dormitório, só que a comida os telegrafistas se viravam para prover. Era um quartinho de madeira, fazia um calor tremendo.

Na Sorocabana telegrafista não usava uniforme. Exigia-se o uso de gravata, e a companhia mandava um quepe em que estava escrito telegrafista. Havia uma cooperativa para fazer as compras de consumo doméstico, que ficava em Itu ou São Vicente. Era um sistema semelhante ao cartão de crédito de hoje, só que era feito através de uma caderneta, onde se marcava os produtos desejados e, ao final do mês, vinha descontado no pagamento. O trem trazia as encomendas, embaladas em um saco branco.

Osmair ficou por um ano em Pedro Barros. Depois disso pediu sua transferência e o único lugar disponível era Acaraú. Em Pedro Barros já havia certa infra-estrutura. Acaraú não tinha energia elétrica, só tinha água que caía da serra e era depositada em um tanque. Havia a estação, a casa do mestre de linha, um barracão de madeira meio caindo, e duas casas de madeira dos portadores. Ele comia pão com banana, comeu muito pão com banana. Acaraú era denominado de Quartel General dos Borrachudos. Osmair diz: “Permaneci ali por 4 anos. Até hoje tenho sonhos com esse local, quase verdadeiros pesadelos!” Uma curiosidade topográfica: a Via Anchieta tem de aclave sete por cento. A Estrada de Ferro Sorocabana, de Evangelista até Gaspar Ricardo, tem quatro por cento de aclave, tanto que a locomotiva subia com 350 toneladas. De Mairinque até Santos existem 32 túneis. Isso foi construído em 1932, projetado para linha dupla até Samaritá e para eletrificação. Quando Osmair saiu de Acaraú estavam terminando a eletrificação. Quando mudou para Fepasa, tudo virou sucata.

Osmair descreve o telégrafo: “O apelido do aparelho de telégrafo simples era Pica-Pau por causa do barulho semelhante ao que a ave faz com seu bico. É um aparelho de origem inglesa. O espanholete ou cabeça de cavalo era assim denominado por ter duas teclas. Staff são bastões de ferro, integrados a uma argola de couro, para facilitar a entrega ao maquinista. O bastão é engatado embaixo. Em Acaraú o trem passava a 40 quilômetros por hora, ele pegava o staff de Acaraú e deixava o dele em um arco na entrada. Em Nova Odessa, como o trem passava em alta velocidade eles jogavam o staff no chão da estação. O maquinista pegava no braço o staff da estação.”

Osmair permaneceu como telegrafista até quando foram unificadas as ferrovias, passando a serem denominadas de Fepasa. Nessa época o seu cargo passou a ser denominado auxiliar de estação. A função era a mesma. Ele narra: “Havia uma devoção do funcionário para com a empresa, e na época sentíamos que uma grande injustiça estava sendo feita com os funcionários, que sentiam orgulho em trabalhar em uma ferrovia. Nosso salário não era reajustado de acordo com os índices econômicos.

Nas minhas horas de folga passei a trabalhar como taxista para complementar o meu salário. Tinha um amigo, o José Segredo, trabalhávamos de forma alternada com o táxi, cada noite um. Fazíamos ponto ali na Rua XV de Novembro com a Av. Armando Salles. Chamava-se Ponto Santa Clara, mas era conhecido como Ponto Guerra, ficava de frente para o Supermercado Guerra, onde mais tarde funcionou a Márcia Pisos”.

Como telegrafista trabalhou por 15 anos, na época tudo era feito por telegramas: de aniversários a negócios. Em Pedro Barros havia diversos bananicultores, quando Santos mandava um telegrama mandando carregar frutas, já sabiam o teor do telegrama. O texto era: “Confirmo carregamento 800 cachos banana exportação embarque vapor Ana Maru Santos dia (dava até o dia)”. Era exportada muita banana por lá, dois a três trens por dia. Quando falavam o nome de um bananicultor já sabiam que era para carregar banana.

O telegrama era cobrado por palavras. Mais do que 25 caracteres cobravam-se como duas palavras.

Osmair conheceu o Rancho Alegre, em Piracicaba, que funcionava como um buffet. Chegou a trabalhar lá como ajudante de confeitiro, aos 14 anos. A proprietária era a Dona Joaninha. Trabalhou como ajudante de padeiro na Padaria Di Giácomo, na esquina da Catedral, onde está hoje um supermercado. O forno era a lenha, ficavam enrolando os pãezinhos. Era tudo feito no braço, padeiro não tinha pelos no braço. Tinha o filão, também conhecido por bengala. Havia outros tipos de pão, como o filãozinho, pão italiano, pão trançado. Ficava a noite inteira trabalhando e, ainda como ajudante, fazia o café para todos tomarem. Nessa época praticava telégrafo durante o dia e fazia bico na padaria.



Isaias Germano

ISAIAS GERMANO É PIRACICABANO, filho e neto de ferroviários, nasceu no dia 30 de janeiro de 1939, na Vila Saraiva, que ficava na Av. Armando Salles de Oliveira entre as ruas Prudente de Moraes e 13 de Maio. Onde hoje só há prédios comerciais, havia uma série de casas antigas. É um dos 15 filhos de Sudário Germano e Joana Leite. Seu pai, após ficar viúvo, casou-se em segundas núpcias e teve mais 13 filhos. Pelo lado paterno Isaias teve 27 irmãos, incluindo dois que faleceram logo após o nascimento. Esportista, defendeu a camisa de importantes times de futebol amador de Piracicaba: Vera Cruz, Regente Feijó, Unidos Clube, Palmeirinha, E. C. São João da Montanha. Seu pai trabalhou na via permanente da Estrada de Ferro Sorocabana como guarda-passagem, ou guarda-nível, como era denominado o responsável pela cancela que impedia o trânsito de veículos e pedestres quando o trem se aproximava.

Em cada rua por onde a linha do trem cruzava havia uma porteira de madeira que corria sobre um trilho, acionada pelo guarda. Seu pai trabalhava na Rua Voluntários de Piracicaba. Isaias trabalhou na equipe de trem de ponte, onde ocupou o cargo de chefe. Casou-se em Piracicaba, com Eunice Almeida Germano, filha e neta de ferroviários.

Na guarita onde ficava o guarda, havia uma campainha que tocava quando o trem partia da estação, alertando os guardas da aproximação da composição. O controle era feito pelo tempo que o trem levaria para chegar e pela visão.

À noite, quando o trem estivesse a uma distância de uns trezentos metros, já poderia ser fechada a porteira.

Socar-linha: era assim que se denominava o trabalho na via-permanente. Naquele tempo era tudo feito na moqueca, no braço mesmo. Tirar dormentes, nivelar a linha, era feito com a picareta, não havia máquinas.

As madeiras mais utilizadas para fazer os dormentes onde eram assentados os trilhos eram os dormentes de peroba. No trecho aqui de Piracicaba não havia dormente de eucalipto. Nos últimos tempos da ferrovia havia uma usina de tratamento químico de dormente, com caldeira. A linha era toda de terra, não havia a utilização de pedras britadas entre os trilhos, como mais tarde passou a existir. Às vezes eram socados quinhentos metros de linha; se à noite chovesse, era necessário fazer todo o trabalho novamente.

Isaías ingressou na Estrada de Ferro Sorocabana em 1963, quando tinha 22 anos de idade: parou de jogar futebol para trabalhar na Sorocabana.

Estudou no Grupo Escolar Moraes Barros. Ele conta: “Minha primeira professora foi Dona Edith. Também fui aluno da Profa Dijanira, casada com Sr. Nestor, pais da Profa Marly Therezinha Germano Perecin. Lembro-se que Dona Joana, sua avó materna, gostava muito de mim. Frontino Brasil foi diretor da escola, lembro-me também do Prof. Perpétuo.”

Ainda bem moço, gostava de frequentar a Brasserie, Gioconda, Sorveteria Paris que ficava na esquina da Rua Prudente de Moraes com a hoje Praça José Bonifácio, no local que veio a ser ocupado pelo Banco Safra.

Jogou futebol no Vera Cruz. Silvio Alarcon, irmão de Manoel Lopes Alarcon, foi praticamente quem fundou o time de futebol Vera Cruz, compondo os quadros infantil, juvenil e amador. No tempo em que jogou no Regente Feijó, quem tomava conta do time era Roberto Canoa, professor universitário. Isaías jogava como centro-médio, hoje equivalente à posição de quarto zagueiro. Ele diz: “Eu não era um craque!

Havia gente que jogava melhor do que eu. Tinha vontade própria, jogava com amor à camisa dos times em que participava, não ganhava nada para jogar, o uniforme levava para ser lavado em casa.”

O uniforme do Vera Cruz era como é atualmente, branco com faixas pretas. O uniforme do Regente Feijó era camisa zeburada, branca, vermelha e preta. Um grande técnico de futebol era Enio Mônaco, do Unidos Clube. Foi um time muito bem organizado, eram unidos mesmo. O segundo quadro em 1957, além de ter Enio Mônaco como treinador, era composto por alguns nomes como Airton, Abe - hoje cirurgião dentista-, Chico Pio – mais tarde dono do famoso Pastelão –, José Nascimento, Ademar Pavaneli, Heitor Zipe, Du, Homero, Toniquella, Zuza, Caipira, Lefon, Nelson, Neno. Os jogos eram realizados no Estádio El Tigre, onde atualmente é o Pão de Açúcar, no Bairro Alto. O campo era chamado de “ralador”, não havia nenhuma grama plantada, só a piçarra. Quando chovia a bola passava a ter o dobro do peso! Em 1957 jogaram uma partida contra o time Progresso, cujo presidente era Felício Maluf, e ganharam marcando 6 x 1.

Isaías serviu em Piracicaba, no Tiro de Guerra, que ficava no Largo da Sorocabana, onde hoje é o terminal de ônibus, na área onde hoje estão os camelôs. O armazém da Sorocabana ficava em frente.

Ainda moleque, saía da escola e ia trabalhar em uma oficina de artesanato. Aos 12 anos de idade já estava trabalhando como ajudante de encanador: seu patrão era Erasmo Diehl, quinzista roxo, que mais tarde veio a falecer durante um jogo do XV de Novembro, no campo de futebol da Portuguesa Santista, em Santos. Dali Isaías foi trabalhar na Estrada de Ferro Sorocabana.

Não havia encanamentos em PVC, ou plásticos. O encanamento era feito com ferro fundido e chumbo. Esgotos eram todos em ferro fundido; para fazer as curvas com o cano de chumbo era necessário primeiro enchê-lo com areia, se curvasse vazio ele amassava. A areia tinha que ser muito seca, às vezes tinha que ser colocada no fogo

para secar. Na tubulação de esgoto com ferro fundido de 4 polegadas, as emendas eram feitas com o chumbo derretido.

Prestou concurso para entrar na via permanente: trabalhava na “soca” da linha, batia o bico da picareta para tirar o dormente, que era arrastado dessa forma. Depois foi promovido a encanador. Trabalhou com o trem de ponte, com a turma que trabalhava só com pontes ferroviárias, fazia reformas e pinturas de pontes. Era necessário ter carpinteiro, encanador, eletricista. As pontes, em sua grande maioria, eram feitas em madeira: o marceneiro era quem entalhava a madeira, sendo a peroba e o ipê as mais utilizadas. O trem passava sobre as pontes de madeira, eram vigas de 40x40 centímetros. As estacas eram erguidas pelo guindaste, que também tinha um dispositivo, o martelo, para enterrá-las no solo. Chegou a bater estacas com 18 metros sobre leito de rio: na ponta era colocado um capacete de ferro, uma cuia, para que se atingisse uma pedra não se deslocasse.

O trem de ponte tinha a tração feita por uma locomotiva, inicialmente a vapor, nos últimos anos uma máquina a diesel. Havia o vagão de cozinha, o dormitório, o de ferramentas e um vagão gôndola. Nos anos mais recentes as estacas passaram a utilizar trilhos: eram três trilhos soldados em forma de triângulo. Se fosse um serviço de emergência eram utilizadas estacas de eucaliptos.

O “troca-truque” era um dispositivo para passar de bitola larga para bitola estreita e vice-versa. Foi muito utilizado na FEPASA, que unificou várias estradas de ferro do estado. Isaías narra: “Nós batemos estacas para fazer o lugar próprio para esse trabalho. Fizemos isso em Campinas, em Bauxita, em Bauru. O trem chegava pela bitola estreita, era suspenso o vagão, saía a bitola estreita e entrava a larga. Isso era feito só para vagões, carregados ou vazios, carro de passageiros não”.

De Piracicaba a São Paulo a viagem pela Sorocabana levava de 12 a 13 horas. Quem trabalhava na Sorocabana, se viajasse pela Companhia Paulista tinha que pagar uma diferença, além de preencher uma requisição.

A correspondência que chegava pelo trem era transportada naquele tempo por carroças. A família do Cardoso Monteiro, que jogava no XV de Novembro, eram funcionários da Companhia Paulista e do correio.

Havia algum ciúme entre os funcionários da Companhia Paulista e os da Estrada de Ferro Sorocabana. Isaías diz: “Eles tinham ciúmes de nós! O salário da Sorocabana era maior! Eles eram ‘mais bonitos’ porque o trem deles corria dentro do horário, o nosso não cumpria rigorosamente o horário mas tinha a maior linha de trem! A Sorocabana tinha mais de 5.000 quilômetros de linha. Houve um episódio muito interessante e com final feliz, quando um vagão tombou, dentro da cidade. Ocorreu com um vagão carregado de açúcar, que vinha da Usina Costa Pinto. No meio da passagem de nível ele saiu do trilho, correu sobre os dormentes e tombou. Por sorte o vagão desengatou da locomotiva, caindo em um lugar vazio, entre as casas que estavam ao lado. Algumas crianças brincavam nas proximidades da linha de trem, um dos meninos cavou, fazendo um buraco até a cabeceira do dormente. Quando ele percebeu que o trem ia tombar, entrou embaixo na cavidade que ele tinha feito e ficou preso ali, como se estivesse em uma gaiola. Foi um desespero muito grande, todos achavam que tivesse morrido. Ele está vivo até hoje! Foi uma grande correria até que meu pai tirou a criança de lá.”

Ao quadrar o jardim havia uma área ocupada por determinados grupos, uma área delimitada pelos próprios ocupantes do local. Ao passear quadrando o jardim entre os diversos grupos e setores percorridos, os negros faziam o trecho da Rua Governador, Rua São José, Praça José Bonifácio e Rua Moraes Barros.

O famoso Bar do Buriol, antes de ser na Rua Boa Morte, ficava na Rua Voluntários de Piracicaba esquina com a Rua Benjamin Constant; o prédio existe até hoje. O Hotel Paulista, prédio que foi derrubado, ficava na Rua Boa Morte esquina com a Rua Joaquim André, em frente onde hoje é a Padaria Asságio.

O trem da Sorocabana jogava lixo um pouco para frente de onde hoje é o viaduto

da Rua Gov. Pedro de Toledo, sobre a Avenida Armando Salles de Oliveira. Era feita a limpeza da estação, recolhidas as cinzas, estopas, ali havia um local que sempre estava desbarrancando, uma locomotiva trazia um vagão gôndola com o que deveria ser jogado no lixo. O encarregado pelo depósito era Juvenal Gallendi, vizinho de Isaias na Rua 13 de Maio: ele parava o trem, as crianças subiam em cima do vagão e iam ajudá-lo a descarregar, com pás. Eram dez ou doze garotos que iam pelo prazer de passear de trem, o que acontecia a cada 15 ou 20 dias.

Ao longo da linha havia casas dos funcionários da ferrovia. Onde havia uma colônia de casas de ferroviários era dado um número. O avô da esposa de Isaias, Manoel Marcelino de Almeida, era mestre de linha, morava na Turma 18. As casas existem até hoje, ficam atrás de onde hoje é o Atacadão Munhoz, na Av. 31 de Março. No local onde hoje funciona o Pronto Socorro da Vila Rezende, havia a Turma 19. No pátio da Usina Costa Pinto era a Turma 21. Isaias foi trabalhar na Turma 26, quase divisa com o município de São Pedro.

A Estrada de Ferro Sorocabana tinha 21 túneis na descida da serra para Santos. A manutenção dentro de um túnel é feita da mesma forma que era feita fora dele, apenas tinha que ser providenciada a iluminação. O projeto original era para construção de uma segunda linha, que nunca foi feita. O que existiu foi um terceiro trilho, possibilitando o tráfego de trens com bitolas diferentes.

Isaias passou a ser funcionário da então FEPASA em 1971, e, em 1979, passou a ser o Chefe do Trem de Ponte. Ele tinha habilitação para operar o guindaste, um serviço muito perigoso, principalmente se for um trabalho na curva da ferrovia: a lança do guindaste tinha 11 metros de comprimento e, se perdesse o equilíbrio, poderia tombar e arrastar todos que estavam trabalhando.



**Maria de Fátima
Pereira Gandelim**

MARIA DE FÁTIMA Pereira Gandelim nasceu em 29 de outubro de 1953 em Piracicaba. Sua mãe chamava-se Tereza Fornazier Pereira. Seu pai, Jaime Pereira, nasceu em Laranjal Paulista, porém, aos 15 anos de idade, passou a morar em Piracicaba. Foi vereador por duas gestões, com atuação bastante expressiva nos bairros Paulista e Jaraguá. Maria de Fátima é neta de Abel Francisco Pereira e Vitório Fornazier, pessoas muito conhecidas no bairro da Paulista, principalmente pelos moradores mais antigos. Aos 11 anos de idade, Maria de Fátima viu sua mãe falecer vitimada pelo câncer. Alguns anos mais tarde, seu avô Vitório Fornazier faleceu da mesma doença. Em 1997 perdeu seu pai, Jaime Pereira, vítima de câncer. Hoje, Maria de Fátima Pereira Gandelim é presidente da Fundação do Câncer Jaime Pereira.

A fundação surgiu após a morte do seu pai, quando um amigo da família sugeriu que fosse feita essa entidade. Sua família doou um terreno e bancou os primeiros recursos. Hoje se mantém do telemarketing, de eventos, sendo que as quantias apuradas são insuficientes para as necessidades básicas. Houve uma procura muito grande por parte de pacientes. Embora trabalhem com câncer, não trabalham com a morte, trabalham com a vida, ou possibilidade de vida. Contam com cem a cento e quinze pacientes.

A classe social predominante é formada por pessoas pobres. Poucos, um pequeno número de pessoas que possuem mais recursos busca ali o calor humano. São aulas de artesanato,

psicólogas. Alguns dependem da condução, fornecida para irem até Campinas. Geralmente o pai está trabalhando, a mãe não tem condições de ir sozinha com a criança doente. Ainda que tivesse o próprio carro e dirigisse, após uma sessão de quimioterapia o paciente sai com reações diversas, como vômito, choro.

Maria de Fátima completa: “Esses pacientes nos dão muito mais do que damos a eles. Todos eles. Até aqueles que necessitam de cesta básica. Nós damos a suplementação alimentar para muitos pacientes. Os nossos gastos com suplementação alimentar são bem expressivos. Temos pacientes com câncer, que tiraram o seio; outros que têm efeitos colaterais, resquícios que ficaram. Estão curados da doença, mas em que estado ficaram? Ficaram hipertensos, diabéticos, com deficiência de locomoção, ficaram as sequelas. Eles não conseguem ser aposentados pelo INSS! Hoje a nossa instituição não tem condições de pagar um advogado. Eu tenho paciente que tirou os dois seios e o médico a proibe de trabalhar. Mas o médico da perícia disse-lhe que ela deveria trabalhar, pois ainda era forte, bonita! Não assinou que ela esteja apta para trabalhar. Mas também não lhe dá a aposentadoria, nem auxílio-doença. Tem muitas pessoas nessa situação! Tem bastante! Há um jovem de 23 anos, que teve leucemia. Estava trabalhando. Fez o tratamento médico. Teve que sair do trabalho, ficou um tempo bem, teve uma recaída e não pode trabalhar, não pode ir à escola, o portador de leucemia tem uma resistência muito baixa, o médico não permite que ele frequente ambiente público. No período de crise da doença não pode nem receber visitas. Esse rapaz não consegue emprego nem recebe do INSS, ele vive com a mãe, que trabalha como ambulante.”

Maria de Fátima prossegue: “Não existe nenhuma relação entre a Fundação e a Prefeitura. Devo à Prefeitura a doação recente de um terreno. Tenho que agradecer ao Sr. Prefeito e aos Srs. Vereadores. É uma concessão de uso, não é uma doação. Vamos vender o terreno que foi doado pela família Pereira que, por ser um terreno de esquina, perde muita área com o recuo necessário. Com o recurso da venda desse terreno iremos construir naquele que agora nos foi concedido.”

A diretoria não recebe qualquer salário na Fundação, seu trabalho é totalmente voluntário. Existem funcionárias, motorista que vai para Campinas todos os dias, assistente social, psicóloga. Existe um período de adaptação do paciente com o profissional, para que se crie um vínculo. O paciente tem que sentir segurança. A Fundação não tem vínculo com nenhuma religião, é um local apolítico, o que não impede que religiosos ou políticos a visitem como amigos, sendo todos bem recebidos.

Maria de Fátima relata que estar de frente com uma pessoa em estágio terminal avançado, em princípio, é muito difícil. No momento em que percebeu que estava tentando fazer o impossível, ela chegou à conclusão de que não era Deus! Mas se esse doente tiver condições de cura, Maria de Fátima quer ter condições de dar tudo que ele precisa para se tratar.

Os pacientes assistidos pela Fundação são atendidos pelo SUS. As crianças são tratadas no Hospital Domingos Boldrini, em Campinas. O atendimento feito pela Fundação Jaime Pereira abrange outras cidades, com pacientes de Charqueada, Rio das Pedras, Saltinho, da zona rural. Maria de Fátima esclarece: “Em Piracicaba temos ótimos profissionais, os hospitais que nos atendem são excelentes. Medicamentos bem caros o SUS fornece. O medicamento de mais alto custo que a Fundação compra e é de uso contínuo são os antidepressivos, primeiro remédio que o paciente com câncer começa a tomar. O remédio do paciente terminal é a morfina.”

Trabalham com pessoas muito simples, alguns são cuidados de forma maravilhosa, outros precisam de uma atenção especial, particularmente os idosos que dependem de filhos, que não têm mais o companheiro ou a companheira. Ela diz que criança é mais bonitinha, desperta mais compaixão. Quando alguém vê uma criança com câncer pergunta: “Por que uma criança com câncer?” No caso de uma pessoa idosa o comentário é: “Também, já viveu bastante!” Por isso Maria de Fátima diz: “Não quero saber a idade dos meus pacientes, é uma pessoa, um ser humano.”

A meta é fazer campanhas de exames preventivos, a mulher tem muitos exames

preventivos e várias campanhas. Mas quando foi vista a última campanha preventiva de próstata? Há um preconceito muito grande. E o câncer de próstata pode ser diagnosticado bem cedo. Com a excelência dos profissionais de saúde de Piracicaba e com tudo que a medicina avançou, o câncer tem cura. Mas ele precisa ser diagnosticado muito cedo.

Maria de Fátima expõe sua visão: “Estou sendo vista por muita gente como: ‘Lá vêm a chata da Fundação Jaime Pereira para pedir ajuda de novo’. Na realidade todo diretor de instituição que trabalha sério e que tem amor pela sua instituição vai pedir ajuda, vai bater em todas as portas. O que ele irá fazer? Deixar a instituição morrer? Essas pessoas tiram horas do seu dia, gastam sua gasolina, deixam seus negócios, é por amor. Não fazem isso por serem candidatos a alguma coisa ou buscar algum retorno. Não queremos retorno nenhum!”

Para ela, o portador da doença deve ser informado do mal que o acomete, deve-se preparar a pessoa para receber a notícia. Ela deve receber um tratamento psicológico, um acompanhamento, sentir-se amada e amparada. A partir desse momento, sabendo da doença, terá como enfrentá-la. A orientação também é Maria de Fátima que conta: “A partir do momento que eles entram na Fundação Jaime Pereira, querem esquecer que são doentes ou que estão cuidando de pessoas doentes. Não se fala em doença. Batem papo, contam piadas. O pouco que se fala de doença aqui é quando um amigo ou algum conhecido que nos ajuda muito tem algum familiar com câncer. Dependendo da religião de cada pessoa, uns rezam, outros oram pelo doente. É o máximo que se fala de doença aqui dentro.”

Realizam festas todos juntos! A última festa de Natal foi ótima! A Caterpillar deu brinquedos para as crianças, compraram cestas básicas para todos, presentes para os adultos, rádios de pilha para os homens, com a Charm Cosméticos montaram um kit para as mulheres. As pacientes também gostam de ficar bonitas, toda mulher é vaidosa. Quando ela está doente, está “para baixo”, mas precisa sentir-se melhor ainda.

Maria de Fátima diz que a mulher reage à doença melhor do que o homem. “O homem é mais depressivo. A própria mãe do paciente reage melhor do que o pai do paciente. A companheira de um portador de câncer reage melhor do que o companheiro da portadora da doença. Talvez a mulher tenha mais fé. A criança vê todos os horrores que as pessoas sadias nem sequer imaginam que existem. Apesar de ser criança, ela não é cega nem é destituída de inteligência. Uma criança não vai entender que morreu o vizinho de quarto ou o vizinho de cama, e que estava com a mesma doença dela? Claro que ela vê isso. Portanto esse pequeno paciente também tem insegurança, medo, também sente a situação em que se encontra.”

O câncer mais comum na criança é a leucemia. A Fundação acompanha pacientes que fizeram transplantes de medula óssea e vê o quanto um pai, uma mãe não perde a esperança nunca. Enquanto houver um fio de respiração os pais estão segurando com todas as forças que eles tiverem. É muito difícil enfrentar o falecimento de uma criança, de um jovem. Os desígnios de Deus são infinitamente superiores ao que a nossa inteligência possa entender. Já existe a cura para o câncer. A demora no diagnóstico, o despreparo do paciente em procurar um especialista são fatores que agravam a doença.



**Silvério de Lellis
Altomani**

MUITAS VEZES, AO NOSSO LADO ESTÃO verdadeiros exemplos de lutas realizadas pelo ser humano. Em decorrência de nossa visão estar centrada em determinados objetivos, não se encontra mais tempo para o estudo de situações vividas por alguma pessoa, ou grupo de pessoas. Com isso abrimos mão de conhecer valores incalculáveis de superação do ser humano por ele próprio. Como por exemplo, o infinito amor de uma mãe por seu filho. Tangidos pela mídia insaciável, abolimos os verdadeiros valores da maravilhosa natureza humana, cujos limites até hoje são desconhecidos. Em Piracicaba encontramos diversos exemplos que a princípio consideramos serem quase sobre-humanos. São demonstrações concretas de domínio do espírito sobre o corpo. Exemplos de fé e persistência inabaláveis. Um jovem muito sorridente, brincalhão, que parece estar brincando a vida, aos poucos foi se tornando conhecido por muitos piracicabanos. O seu estado de espírito, sempre alegre, deixa para um segundo plano o fato de ter dificuldade física para realizar alguns movimentos. O seu brilho interior é muito maior do que as suas limitações. Silvério De Lellis Altomani nasceu em 25 de setembro de 1965, filho de Eliza Karl Altomani e Walter Sebastião Altomani e se tornou muito conhecido pelos deliciosos bombons que vendia. Fazia esse trabalho por brio próprio e por necessidade de complementar a sua aposentadoria precoce de um salário mínimo por mês. A grande lição de amor foi dada por sua mãe, Eliza Karl Altomani, paulistana, nascida na Vila Maria, criada nos bairros do Ipiranga e em Santana, mas

que se considera piracicabana, morando em Piracicaba há uns trinta anos. A cidade de São Paulo em que morou já não existe mais. Piracicaba é a sua realidade hoje. Aqui conseguiu muitas coisas boas. Seu marido é mecânico de máquinas de costuras industriais: ele se mudou para Piracicaba com a finalidade de trabalhar para Galdino Brieda, que era o proprietário da Brivest, que na época confeccionava para a empresa Alpargatas, tendo um bom parque de máquinas. Acharam que seria uma boa troca de cidades. Foram morar em uma casa situada no bairro Nova Piracicaba. Levavam uma vida tranquila.

No dia 29 de agosto de 1985 a vida da família mudou completamente. Silvério trabalhava no Banco Bradesco, situado à Praça José Bonifácio. O gerente pediu que ele e mais outro funcionário do banco fossem entregar o malote da Telesp em Campinas. Eram apenas documentos, que não tinham seguido com o carro forte que já havia passado. Na ida, bem em frente à Usina Furlan, o rapaz que estava dirigindo o veículo de sua propriedade, um Gol, tentou uma ultrapassagem de um treminhão e não conseguiu completá-la. Ocorreu uma colisão com outro veículo. Silvério, com a fratura do maxilar, teve sua boca obstruída e não conseguia respirar. Ao que consta foi um dentista que fez o procedimento médico chamado traqueostomia, usando uma caneta esferográfica (até hoje se desconhece o nome dessa pessoa). Trata-se de um dos procedimentos cirúrgicos mais antigos descritos na literatura médica, algo parecido com um "buraco na garganta para permitir a passagem de ar". A pista foi duplicada um mês após ter ocorrido o acidente. O pai, voltando de São Paulo, passou pelo local onde havia ocorrido o acidente. Ao chegar em casa comentou com sua esposa: "Estou exausto. Vi um acidente horrível quase na entrada da cidade." Era o acidente com o próprio filho. Logo após receberem o recado, dizendo que ele não estava bem, Pedrinho Libardi os levou até a Santa Casa de Piracicaba. Eles não tinham condições de dirigir. Lá o médico os informou que as quarenta e oito horas seguintes seriam decisivas para a sobrevivência do Silvério. Ele havia quebrado o maxilar em três partes.

A equipe que o atendeu era composta por quatro médicos: Dr. Luiz de Castro, Dr. Antonio Carlos Martins, Dr. Weber Reynolds, Dr. Eudes de Freitas Aquino.

As condições físicas do Silvério, quando o trouxeram para casa, após 60 dias de permanência na Santa Casa, eram as seguintes: ele tinha uma cânula número 5, para respirar. Usava fralda. O diagnóstico era de Tetraparalisia Estática (múltiplas deformidades de coluna e membros superiores e inferiores). Não movimentava os braços e pernas. Sua mãe ficou por quatro longos anos cuidando dele. A primeira providência que tomou foi retirar todos os objetos do quarto dele e forrar com espuma de náilon para ele ficar vontade. Na ocasião ela tinha duas empregadas e um motorista para ajudá-la a levá-lo à Santa Casa, para a fonoaudióloga, fisioterapeuta. De segunda a sexta feira, levava-o para as piscinas do Water Center, do Water Sports para que fizesse hidroterapia.

Dona Eliza diz: “O banco pagou tudo, até determinado ponto, quando o tratamento dele deu-se por encerrado. Foi quando ele sentou-se, pois até então ele não conseguia sentar-se. Ele não falava. Tinha ainda uma cânula muito grande, uma sonda para alimentação muito grande.”

A mãe precisou trabalhar muito até que ele mostrasse alguma reação. O Dr. Pérsio Azenha Faber, especialista em Cirurgia e Traumatologia Buco Maxilo Facial, foi quem cuidou do traumatismo sofrido na face e arcadas dentárias. Dona Eliza levou-o diversas vezes para ser examinado em Campinas. Um médico chegou a lhe dizer que o comportamento dele seria meramente vegetativo. Seu cérebro tinha uma bolha de sangue com o tamanho aproximado de um ovo, que poderia aumentar ou sumir. Ele era, de fato, estático. Se o colocasse sentado, o seu comportamento era o de um bebê de dois meses. Sem apoio, a cabeça pendia de um lado para outro. Ela dava quatro a cinco banhos nele por dia. Enrolava-o com faixas, colocava-o na cadeira de rodas e levava-o para passear na Nova Piracicaba. Ele olhava, observava. Mostrava os pássaros, motos, carros. Ele passeava com sonda para alimentação.

Dona Eliza diz: “Isso é a atitude de qualquer mãe dedicada. A primeira coisa que considero importante e que o ensinei, foi que ele pedisse para ir ao banheiro. Ensinei de que forma ele deveria proceder. Ele erguia a mão esquerda e dizia: ‘Lá!’. Eu o amarrava na cadeira de rodas e o colocava para tomar as refeições com a família. Minhas filhas choravam ao ver o irmão daquele jeito. Colocava várias batatas fritas e vários garfos. Mandava-o que pegasse e comesse. Com a mão esquerda ele colocava a batata na testa. Eu explicava que ele deveria ter coordenação motora, levar a batata até a boca. Isso foi por vários dias, bastante tempo. Até que ele começou a querer a andar sozinho. Ele ia se agarrando no que podia.” A primeira vez que ele saiu sozinho de casa, ela o seguiu, escondida entre árvores, muros. Ele já tinha se livrado da sonda, da fralda.

Nesse período ele ainda não tinha voltado a falar. Às vezes ele brigava com a irmã mais nova e sussurrava, com sílabas pausadas: “Sua imbecil!”. Era o máximo que ele tinha conseguido falar. Dizem que para falar mal logo se aprende! Perguntava o que ele tinha vontade de comer, ele então dizia: “Sanddd..”. Sabendo que ele queria sanduíche, a mãe forçava-o a dizer a palavra. Disse então: “Já sei, você quer sandália!” E deu-lhe a sandália. Imediatamente ele recusou. Ela providenciou um enorme sanduíche do qual ele comeu menos de uma mordida. Mas valeu. Essas foram as suas primeiras palavras.

Em uma ocasião seu marido extraviou o talão de cheques. Ficou procurando pela casa toda. Passou inúmeras vezes perto do Silvério que, na época, ainda estava amarrado na cadeira de rodas. Dona Eliza conta: “Meu marido disse em voz alta: ‘Se me lembrasse pelo menos o número da minha conta.’ O Silvério disse-lhe o número da conta! Com isso percebemos que determinadas coisas ele gravava de uma forma muito eficiente. Era mais uma esperança de que um dia ele faria tudo de novo.”

Silvério complementa: “Quando ocorreu o acidente, eu estava fazendo o curso de Técnico em Processamentos de Dados, que funcionava no prédio da Unimep. Antes

de ir trabalhar no banco trabalhei em uma empresa, hoje extinta, chamada ASES Assessoria, Serviços e Sistemas. Era uma empresa de processamento de dados, ficava na Rua do Rosário, entre as ruas Prudente de Moraes e São José. Em dezembro de 1985 estaria me formando como Técnico em Processamento de Dados”.

Dona Eliza diz: “O Silvério tinha Carteira de Habilitação antes de sofrer o acidente. Ele já era motorista e dos bons. Após o acidente, no período mais avançado de sua recuperação, ele ainda estava fragilizado. Quando tinha que ser feita faxina em casa, isso o incomodava muito. Então ficava com ele dentro do carro, com ele no volante. Nessa época ele já estava falando. Conversávamos, escutávamos música. O Silvério ficava inquieto, mexia em tudo dentro do carro. Até que um belo dia ele deu a partida e saiu com o carro. Deu uma volta no quarteirão e parou.”

Ele conheceu uma moça chamada Ana Paula Barros, uma ruiva de olhos azuis, muito bonita. Ela fazia e vendia bombons. Resolveram morar juntos. Um dia Dona Eliza estava descendo a Rua Ipiranga, quando viu o Silvério com uma caixa de isopor. Parou o carro e perguntou-lhe o que ele estava fazendo. Ele disse-lhe que estava vendendo bombons, que precisava ganhar dinheiro para manter a casa. Na hora ela teve uma crise de choro. E olha que é muito difícil vê-la chorando.

Casaram-se em uma chácara. Silvério com terno, ela com um vestido próprio para a ocasião. O registro foi no cartório da Vila Rezende. A lua de mel foi em Águas de São Pedro. Silvério foi dirigindo um Fusca. Voltaram de lá, continuaram a trabalhar com bombons. Inicialmente foram morar na Rua Benjamin Constant, logo acima da Av. Dona Jane Conceição em frente ao Varejão Benjamin. Depois, o sogro do Silvério providenciou um apartamento nas imediações da Av. Raposo Tavares. Alguns meses depois a esposa dele queria voltar para Florianópolis.

Nessa época eles já tinham uma filha de quatro meses. Acabaram mudando-se para lá. No final de mais de um ano, romperam o casamento. Silvério viajou sozinho, por vinte e duas horas. Dirigindo o Fusca. Saiu de lá às duas horas da tarde. Foi em uma

época de chuva intensa. De tudo isso o melhor fruto foi uma linda filha que eles tiveram.

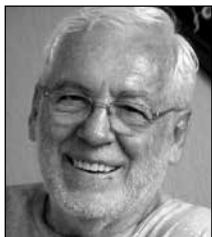
Da. Eliza teve, então, que aprender a fazer bombons, ela e suas filhas! No início foi um desastre!

Silvério chegou a viver alguns fatos pitorescos:

“Logo que comecei a andar, um médico aconselhou: ‘Dona Eliza, dê uma bengalinha para ele se apoiar, isso irá ajudá-lo no equilíbrio’. Eu peguei a bengalinha, e fui comprar pão em uma padaria a dois quarteirões de casa. Peguei o pãozinho com dificuldade, vim como um idoso, com a bengalinha, me apoiando nela. Uma senhora, já bem idosa, estava varrendo a rua. Ela disse-me: ‘Filho, posso fazer-lhe uma pergunta?’ Parei, olhei para ela. Aquela caminhada estava difícil para mim. Disse-lhe: ‘Pois não, senhora!’ Ela disse-me, então: ‘Por que você bebe? Pare de dar desgosto para a sua mãe!’. Uma outra ocasião meu pai me levou para pescar, no barranco do Rio Piracicaba. Um pescador do outro lado do rio gritou: ‘Que fogo, meu!’, achando que eu estava alcoolizado.”

Silvério diz que sua adiversão preferida é passear dirigindo seu carro. Gosta de assistir a filmes em DVD. Gosta de escrever, escreve a máquina. Ainda não tem computador.

Recentemente ele sofreu uma queda. Pelo fato de andar muito, ele está mais exposto a pisos e locais escorregadios. Há pouco tempo caiu ao pisar em uma superfície muito lisa e molhada. Após uma série de procedimentos, passou a usar um colete para sua recuperação. Já faz algum tempo que parou de vender bombons, embora já tenha se recuperado dos efeitos e do susto da última queda. Ele está namorando firme, uma moça aqui de Piracicaba, e tem planos.



Severino Galdi

NATURAL DE SÃO PAULO, CAPITAL, Severino Galdi veio para Piracicaba com cerca de 8 anos de idade, em 1946.. Aqui é a terra de sua mãe. Nasceu no bairro paulistano da Penha, na época em que seu avô paterno estava criando a linha de ônibus Penha-Lapa, o trajeto mais extenso de uma linha de ônibus urbano. Infelizmente a empresa não durou muito tempo com seu avô. Ele era recém chegado da Itália. Trabalhou em vários segmentos, tentando manter o padrão de vida que ele tinha na Itália, onde era panificador e foi proprietário da primeira panificadora movida a vapor, isso antes de 1900, em Nápoles, Itália.

Severino iniciou os estudos na Escola Romão Puiggari, inicialmente denominada Primeiro Grupo Escolar do Braz, foi criado por decreto de 8 de agosto de 1898 e instalado no dia 15 do mesmo mês e ano, em prédio de propriedade do Estado, atualmente EE Romão Puiggari, situado à Av. Rangel Pestana, 1482, próximo ao Largo da Concórdia. Naquela época havia a porteira do Brás, que fechava para o trem passar. Era menino, ia com seus pais a uma bela cantina, chamada Cantina Romana, que tinha uma deliciosa massa, aquela pizza! Isso já faz uns 60 anos!

Chegando a Piracicaba foram morar no centro da cidade. Sempre moraram no centro. A primeira residência foi na Rua Prudente de Moraes, quase esquina com a Rua do Rosário. Antigamente havia uma famosa casa de sapatos ali na esquina, a Casa Oliveira, junto ao Largo São Benedito, ponto de jardineiras. Severino brincava muito ali, usava calça curta. Faziam até uma molecagem, escondidos do Monsenhor Rosa: subiam

na torre, onde existe um sino que de hora em hora badala, através de um martelo que bate no corpo do sino. Colocavam uma caixa de fósforos, ou outro objeto, para ser esmagado! Como o sino não tinha apoio para segurar a caixa, era um cada vez para segurar até o badalo bater no objeto! Se tomasse a pancada no dedo, já imaginou? Isso lá em cima da torre!

Severino foi Mariano. Havia as Filhas de Maria, que eram as moças; os homens eram Marianos. Ele era aspirante, não passou disso, era muito sapeca. Houve um caso muito interessante. Um grande amigo seu, Arthur Correia Sanches, foi se confessar com Monsenhor Rosa. Após confessar seus pecados, Monsenhor Rosa perguntava: “Você se lembra de mais algum pecado meu filho?” Ele falava assim: “Se eu fui ao cinema?” Depois de repetir uma terceira ou quarta vez a pergunta, o Monsenhor gritou em alto e bom som para toda a igreja ouvir: “Você se leeeeeembraaaaa de mais algum peccadooooo?” Aquilo ecoou na igreja toda! Monsenhor Rosa foi uma figura excepcional que tivemos aqui.

Severino estudou no Colégio Moraes Barros, depois foi estudar no Colégio Piracicabano. As lembranças do Colégio Piracicabano são as mais gratificantes. Foi o primeiro presidente da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Piracicabano, recebeu total apoio do Dr. Almir Maia. Há uns 2 anos encaminhou ao Museu Martha Watts duas fotos da seleção do Piracicabano, da qual fazia parte em 1955. Foi instrutor da fanfara do Colégio Piracicabano: quando tocava um instrumento era a tarolla, gostava de repicar! Toca até hoje pandeiro, em bares, como o Arapuca da Rua do Porto. Se entrar em uma roda de samba, dificilmente sai! O seu pandeiro fica em uma caixa, no porta-malas do carro, 24 horas por dia, o ano inteiro!

O seu nome vem do italiano, de um santo chamado São Severino, que faz parte do calendário litúrgico de Roma. São Severino é protetor das parturientes. No Norte e Nordeste do Brasil, ainda hoje o parto é realizado no sistema mais empírico que existe. Era comum perder o filho e, às vezes, até a mãe acabava morrendo durante o parto.

Temendo perder o filho, era e é comum oferecer as graças de um parto normal, dando à criança o nome Severino - ou Severina, quando é menina. O pessoal, quando vê seu nome, estranha, porque ele tem muito mais porte de gaúcho do que de nordestino, com mais de um metro e oitenta, bem claro, olhos mais ou menos esverdeados e, de repente, se chama Severino! Isso chamou muito a atenção quando trabalhou na região do ABC paulista. Quando se anunciava em uma recepção como Severino, era obrigado a acrescentar Professor ao nome Severino, porque a escola em que trabalhava tinha a sigla ETI (Escola Técnica Industrial), cuja pronúncia era a mesma da fábrica de produtos enlatados ETTI. Então, se me apresentava como Severino, da ETI, e logo a pessoa dizia: “Assunto de alimentação é em outro lugar!” No primeiro contato com a gerência de Relações Industriais, Relações Públicas, havia aquela formalidade natural, mas depois que criava uma amizade eles perguntavam: “De onde surgiu o nome Severino? Um homenzarrão que está mais para gaúcho!” Ele teve que contar para todo mundo essa mesma historinha.

Formou-se professor em 1957 pela Escola Normal Miss Martha Watts, mantida pelo Colégio Piracicabano. Deu algumas aulas em Birigui, até se deslocar para Clementina. Antigamente havia até que dormir na cidade porque as aulas não davam certo com o horário do ônibus. Foi professor primário, depois exerceu em Piracicaba o que hoje se chama professor III (professor secundário de matérias pedagógicas) na Escola Sud Mennucci, na Escola Mello Moraes e Jerônimo Gallo. Trabalhou em duas faculdades em São Paulo. A primeira vez na FMU, depois reasumiu a carreira, fez concurso para professor, diretor, exerceu por muito tempo a função de supervisor, e se aposentou nessa função. Aí voltou a ser convidado para trabalhar em faculdade na cidade de São Paulo: começou como assessor, passou a diretor administrativo, exerceu o cargo de secretário geral. Foi Diretor Regional do Centro do Professorado Paulista em Indaiatuba.

Na saída da cidade, em direção à cidade de Tietê, há um posto de gasolina, o famoso

“Postão”. “Fundei esse posto junto com meus irmãos, principalmente com o irmão mais velho, Emilio Galdi, na ocasião diretor da Usina São Jorge. Historicamente esse é o local do posto porque meu irmão passava naquele cruzamento todos os dias: ele morava em Piracicaba e ia a trabalho em Rio das Pedras. Ele percebia que os caminhões que se dirigiam principalmente para o norte do Paraná, antes de prosseguirem viagem se acomodavam embaixo dos eucaliptos. Aí ele pensou: ‘Puxa vida! Ia bem um posto de gasolina aqui!’ Construimos um posto de gasolina em sociedade com um pequeno grupo, e passamos a desenvolver um trabalho com a Esso nos dando assessoria técnica, e acompanhando em São Paulo o fluxo da pavimentação da estrada, que antes era terra, para que nós tivéssemos uma inauguração dos prédios do posto ao mesmo tempo da inauguração da pista, que hoje está sendo duplicada.”

Esse posto recebeu um apelido. O piracicabano o chamou de Postão. Na ocasião ele era um dos maiores postos prestadores de serviços de todo o Estado de São Paulo. O nome da razão social era Comercial Irmãos Galdi, o nome fantasia era Posto Dom Giácomo. Giácomo é o nome do pai de Severino. A construção é a mesma que está até hoje lá. Não alteraram nada.

Severnio Galdi lembra histórias da época em que era diretor-gerente do posto. “Pela proximidade do Postão com a zona de meretrício, ficava a uns 100 metros, algumas casas a 200 metros, havia mais contato meu como gerente do posto com algumas profissionais que lá trabalhavam porque o posto tinha telefone. Na época telefone era muito difícil de conseguir, era um objeto raro. A origem da nossa telefônica em Piracicaba (Cipatel- Cia Telefônica de Piracicaba) foi constituída por um grupo piracicabano. As moças iam usar o telefone do posto muitas vezes acompanhadas do namorado. O contato com essas moças era extremamente respeitoso, de ambas as partes. Nós compreendíamos a função que elas exerciam, não compete a ninguém fazer juízo de conceito. Eram moças simples, algumas acabavam mantendo um pouco mais de contato. Elas telefonavam muito - sabe para quem? - para a mãe! Elas procuravam

omitir a ocupação do momento, mas acredito que as mães pressentiam o que elas estavam fazendo. Geralmente eram moças de muito longe. Naquela época as ligações, para serem completadas, demoravam até horas. Elas ficavam ali, numa salinha de estar, sentadas, esperando a telefonista completar a ligação. Conseguida a ligação elas iam para o telefone. Ouvi muito choro convulsivo, lágrimas, declarações de muitas saudades da mãe. No entanto, elas procuravam acalmar suas mães dizendo que estavam bem, que estavam trabalhando em casa de família. ‘Aguarde que tô mandando um dinheiro pelo correio.’ Elas punham o dinheiro no envelope, não era cheque nada. Eu vi isso.”

As casas chegaram primeiro. As casas já estavam lá quando se construiu o posto. Tanto é que muitos motoristas que ficavam à sombra dos eucaliptos entre o posto e a zona de meretrício acabavam indo lá para namorar, tomar uma cervejinha, eram clientes delas.

Severino diz que tem muito orgulho, uma das maiores satisfações de sua vida ter trabalhado com o ex-prefeito Salgot Castillon. “Fui oficial de gabinete do saudoso Dr. Francisco Salgot Castillon. Trabalhei junto com Dr.Salgot em duas oportunidades em que ele foi prefeito e, numa das vezes em que ele foi deputado estadual, eu fui seu assessor na Assembléia. Tenho vaidade disso. Para quem conheceu Dr. Salgot, fica uma mensagem aos que sejam candidatos a prefeito: tenham-no como espelho, porque ele foi um extraordinário administrador municipal. Ele nasceu para ser um homem ligado aos interesses da população. Foi extraordinário. Posso dizer que em casa a opinião era dividida. Somos vários filhos, meu pai era mais adhemarista, se tivesse que tomar partido eu era Janista.”

Severino tem um livro publicado, “A onça que queria ser cor-de-abóbora”, dirigido à clientela infanto-juvenil. Como ele diz, uma história bem simples, curtinha, própria para a leitura infanto-juvenil, mas que poderá ser lida também pelo adulto. Ele explica: “O meu gosto pela literatura surgiu porque eu sempre gostei de ouvir histórias, de

inventar um pouquinho de histórias. Fui aluno de professoras excepcionais, como Djanira Germano, mãe da historiadora Marly Therezinha Germano Perecin; fui aluno da Profa. Lady Jolly. Tive sorte de receber de meus professores na época de ginásio, mesmo na época de curso profissionalizante, na faculdade, um grande estímulo. Eu acabei assimilando alguma coisa.”



**Adalberto
Barrichello**

O ROTARY É UMA ORGANIZAÇÃO internacional de cerca de 1,2 milhão de empresários, profissionais e líderes comunitários. Os sócios dos Rotarys Clubs, conhecidos como rotarianos, prestam serviços humanitários, enfatizam altos padrões éticos em suas profissões e ajudam a promover a boa vontade e a paz mundial. Há mais de 33.000 Rotarys Clubs em mais de 200 países e áreas geográficas, os quais constituem entidades apolíticas, não religiosas e abertas a pessoas de todas as culturas, raças e credos. O principal objetivo do Rotary, refletido em seu lema “Dar de Si Antes de Pensar em Si”, é servir na comunidade, no local de trabalho e em todo o mundo. Os rotarianos desenvolvem projetos comunitários, que visam tratar de assuntos atuais e de extrema importância, entre eles crianças em situação de risco, pobreza e fome, preservação do meio ambiente, analfabetismo e violência. Além disso, eles apoiam iniciativas pró-juventude, promovem o desenvolvimento profissional e patrocinam oportunidades educacionais e intercâmbio para estudantes, professores e outros profissionais. Paul Percy Harris nasceu em 19 de abril de 1868 em Racine, Wisconsin, nos EUA. Em Chicago, Paul teve a idéia de criar um clube para homens de negócios e, em 23 de fevereiro de 1905, reuniu-se com três amigos - Silvester Schiele, Hiram Shorey e Gustavus Loehr - formando o primeiro Rotary Club. Paul atribui aos valores nele inculcados por seus avós e vizinhos a base que levou à concepção do Rotary: "O Rotary nasceu do espírito de tolerância, boa fé e serviço, qualidades características

de meus familiares e companheiros de infância na Nova Inglaterra. Tenho tentado transmitir minha fé nesses valores a outros seres humanos, com a mesma intensidade com que ela brilha dentro de mim". O emblema do Rotary, composto por 24 dentes da roda denteada (e não denteada) representa as 24 horas do dia, onde cada rotariano deve viver o Rotary em ação e pensamento. Os 6 raios representam as qualidades essenciais do rotariano em relação à Família (ser bom chefe de família), Ação (cumprir os deveres de cidadão), Amizade (cultivar a capacidade de fazer e manter amigos), Profissão (ter ética profissional, agindo sempre de acordo com os princípios rotários), Religião (respeitar normas e princípios religiosos), Instituição (manter a integração no movimento rotário, cooperando sempre). A cor dourada significa a nobreza e legitimidade dos propósitos rotários. A cor azul lembra o firmamento, indicando a universalidade e elevação dos mesmos propósitos. Em Piracicaba existem 7 unidades do Rotary Club. O que atrai nessa entidade é que, apesar de ser centenária, ela cultiva valores a cada dia mais essenciais para a saúde física e mental da humanidade. De certa forma vivemos uma nova versão do massacrante processo produtivo instituído na Revolução Industrial, a humanidade ainda não se adaptou a tantas mudanças em tão pouco tempo. A convivência em um grupo social é fundamental para a existência do ser humano, e entidades como o Rotary são verdadeiros oásis para quem busca amizade e companheirismo.

Adalberto Barrichello foi presidente do Rotary Club Paulista. De forma discreta, mas muito atuante, proporcionou eventos que levaram muitos visitantes às dependências do Rotary. Com sua atuação ele atingiu com maestria o objetivo principal da instituição, que é promover o ser humano em todos os seus aspectos. Nascido em Piracicaba a 16 de março de 1939, é filho de Alberto Domingos Barrichello e Vicência do Carmo. Diz com orgulho que é bairro-altense, nasceu na Rua XV de Novembro, uma quadra acima da Escola Sud Mennucci. Seus pais tiveram mais quatro filhas: Maria Aparecida, Maria Wilma, Vera Maria e Wanda Maria.

Começou a estudar em uma escola mista da Conferência São Vicente de Paula, foi matriculado antes de completar os sete anos de idade, isso em uma época em que as escolas consideravam sete anos a idade mínima para o ingresso. Diz ele: “A Profa. Dona Hermantina Brasil era uma pessoa extraordinária. Ela é tia de outra professora muito conceituada, Dona Conceição Brasil Vieira.” O prédio da escola da Conferência existe até hoje, na Rua D. Pedro I, próximo ao Colégio Dom Bosco, onde atualmente existe uma creche. Após seis meses estudando lá, a escola foi extinta, sendo que os alunos foram transferidos para o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, na Rua Gov. Pedro de Toledo. Pelo fato de ser ainda muito novo, a mãe não o matriculou no Barão, que era bem mais longe de sua casa. Dona Hermantina lhe passava lições particulares, seu objetivo era que ele aproveitasse o ano de estudos. Por questões burocráticas, aquele seu ano de estudo não foi considerado para efeito de promoção à série seguinte. No ano seguinte entrou no Grupo Escolar Alfredo Cardoso, na época um casarão situado atrás da Igreja Bom Jesus, onde hoje é o Edifício Morro Grande na Rua São José esquina com a Rua Alfredo Guedes. Estudou lá até 1949: no ano seguinte o Grupo Escolar Alfredo Cardoso mudou-se para o prédio que ocupa atualmente. Esse local era conhecido como Largo da Estação Velha, pois foi lá que funcionou a estação da Estrada de Ferro Ytuana, mais tarde denominada Sorocabana.

Foi estudar na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, situada na Praça José Bonifácio. A mesma área comportava três praças: a Praça Sete de Setembro, entre as ruas Prudente de Moraes e São José; a Praça José Bonifácio entre as ruas São José e Moraes Barros; a Praça da Catedral situada em frente à Catedral. A Escola Cristóvão Colombo situava-se em um prolongamento da Rua Boa Morte, em frente à Praça, em um prédio antigo, um sobrado. Embaixo havia o Cartório do Segundo Tabelião e o fotógrafo Cantarelli com seu estúdio. Entrou em 1951 e se formou em 1957, foram quatro anos de curso básico e três anos de técnico em contabilidade.

Ele conta que chegou a trabalhar um pouco com seu pai, ele era seleiro, uma

profissão que hoje não existe mais. Ele trabalhou muito tempo na Selaria União, situada no Largo do Mercado, exatamente na Rua D. Pedro esquina com a Rua Gov. Pedro de Toledo. Com nove anos de idade Adalberto já ia ajudá-lo. Naquela época o seleiro era polivalente, fazia de tudo, trabalhava como tapeceiro, sapateiro. O seleiro mais aperfeiçoado era trançador também, especialista em trançar couro de boi. Com o couro de boi seco era feita uma fita, com essas fitas trançava-se para fazer laços, rédeas. É um serviço artístico.

Ela detalha como eram as selas. “A sela mais bonita, chamada mexicana, tem uma armação de madeira, forrada com feltro. Atualmente usa-se espuma, antigamente até mesmo um acolchoado de couro era usado por baixo. Ela tinha depois a cabeça, o assento, das laterais desciam os estribos. Era um objeto que para fazer tinha que gostar do que estava fazendo. Uma sela demora em média três dias para ser feita.”

Quando o animal de carga é selado, coloca-se em sua cabeça o “tapa”, que cobre a cara, deixando-o com a visão direcionada somente para frente. Além do “tapa”, usa-se a rédea que sai do freio e vai na boca do animal. Uma boa sela pesa cerca de oito quilos. Elas não são feitas sob medida, têm que ser bem forradas por baixo, se a pessoa for muito pesada a sela acaba “pisando” o animal, provocando-lhe ferimentos. Antigamente existia o chamado arreio para animais de carga, eles puxavam uns carroções, que chegavam a puxar até mil quilos de carga. Geralmente eram puxados por uma parelha de animais, ou até três animais, dizia-se que dois iam no tronco e um ia na guia. Esses arreios de carga eram chamados de “selote”, não serviam como assento e sim para ter os varais da carroça engatados.

Um chicote pode ser feito em forma de tala, dobrado na argola que serve como empunhadura. Há também chicotes trançados. O laço normal media 10 braças; os laços maiores mediam 12 braças, o que equivale a aproximadamente 26 metros de comprimento. Para laçar um animal em movimento, a distância deve ser menor.

Adalberto arrumou um emprego no escritório de Onofre Pinheiro Nunes, lá teve

bons colegas que o auxiliaram muito no aprendizado. Seu mestre na contabilidade foi Geraldo Cillo. O escritório ficava na Rua XV de Novembro, em cima do prédio onde por muitos anos funcionou a Receita Federal, no Edifício Falanghe. Permaneceu nesse escritório por uns três anos. Trabalhou por um ano na Mercedesel, a agência Mercedes-Benz, de propriedade de Altamiro Garcia, Mozart Garcia, Walter Hahn, Osvaldo Inácio de Tella, Heny Atallah. A Mercedesel ficava bem em frente à Casa Krahenbuhl, na Rua Gov. Pedro de Toledo. Após um ano aproximadamente, em 11 de junho de 1961 apareceu a oportunidade de comprar a parte de Manoel Ferrari, que era sócio com José Martins, no Escritório de Contabilidade Paulista, situado na Rua Benjamin Constant, 2495. Continua até hoje lá, sendo que a sua filha assumiu o escritório. Teve muitos clientes da região, como Jacinto Bonachella.

Conheceu a Padaria Cruzeiro, de Alberto Secondo Sacchi. Existia a fábrica de barcos Ferrari, vizinho tinha o “Seu” Ciro Sansigolo que era um carpinteiro extraordinário. Existia a Indústria Morlet, não havia a passagem sob os trilhos da Companhia Paulista, na Rua da Glória.

O seu mandato no Rotary Club Piracicaba Paulista iniciou-se em 1º de julho de 2010 e terminou em 30 de junho de 2011. Atualmente há 21 associados. Em nome dessa correria intensa que movimenta as pessoas credita-se a falta de tempo ao associado em potencial. O ritmo atual de vida exige muito em suas atividades profissionais. Até mesmo em decorrência de sentir-se mais seguro face à violência, que cresceu muito, aliada à facilidade de interagir com o mundo a partir do seu domicílio, utilizando ferramentas tecnológicas, ele passa a praticamente refugiar-se em casa. Isso é muito triste. O indivíduo perde o senso de companheirismo se fecha a cada dia mais.

Reunião rotariana por internet, Adalberto é totalmente contra. Desde a sua origem o Rotary tinha como objetivo se reunir para trocar impressões pessoais, o Rotary é uma instituição que agrega profissionais das mais diversas profissões. A chamada comunicação virtual, utilizada em detrimento do contato pessoal, é contra a essência do

ideal rotariano. No Brasil a reunião é feita uma vez por semana, geralmente dura uma hora e meia. Não é uma instituição filantrópica, trabalha para resolver dificuldades que ocorrem na comunidade. Uma das atividades atuais é trabalhar na erradicação da poliomielite no mundo todo, é uma ação global. O Rotary em Piracicaba participa ativamente na construção de moradias para pessoas em situação de risco.

Em Piracicaba são sete, o mais antigo é o Rotary Club Piracicaba, que já completou 70 anos. Há o da Vila Rezende, da Cidade Alta, o Povoador, o São Dimas e o Luiz de Queiroz. O da Paulista, em novembro de 2011, fez 40 anos

Antigamente havia restrições à participação da mulher, hoje está aberto à participação feminina. Não há necessidade da mulher ser casada ou ter a participação do marido, ela pode ser individualmente rotariana.

A pessoa interessada em ingressar no Rotary Club geralmente recebe o convite de um rotariano: ela participa sem compromisso de algumas reuniões, conduzida por um padrinho fará o seu ingresso na instituição. O interessado pode manifestar o seu desejo em participar da instituição, provavelmente receberá o convite de algum associado.

A Casa da Amizade é o local que congrega os Rotarys da cidade. É a sede da Afrop (Associação de Famílias dos Rotarianos Piracicaba), uma entidade paralela do Rotary. Os Interact Clubs são grupos de adolescentes de 12 a 18 anos, patrocinados por um Rotary Club. A frequência do rotariano às reuniões é exigida com rigor. Se você estiver passeando em Manaus poderá recuperar a sua presença frequentando o Rotary de lá. O rotariano Luiz Fernando Marucco, em decorrência de suas atividades profissionais, viaja muito e diversas vezes participou de reuniões em Rotarys Clubs de muitos países, inclusive várias na Suécia.

Adalberto Barrichello diz: “Não é difícil ser presidente do Rotary, a preocupação desaparece quando se tem o apoio de companheiros experientes, a presidência não deixa de ser um aprendizado. No Rotary Paulista existe a participação do

companheiro Érico Bisson, que tem grande conhecimento sobre assuntos rotarianos, com isso exerci a função com grande tranquilidade.”

É a ocupação de um espaço onde pode ser útil, o Rotary oferece a oportunidade de se tornar útil à comunidade. É um local onde todos se tratam como companheiros. São todos iguais, sem os rótulos ou títulos habitualmente usados no cotidiano. Todos se tratam por “você”, em um ambiente respeitoso, descontraído e agradável.



**Monsenhor Luiz
Gonzaga Giuliani**

MONSENHOR LUIZ GONZAGA GIULIANI, além de ser um pescador de almas, é um tocador de obras. Administrou a construção do Seminário Diocesano, localizado no bairro rural Nova Suíça, para onde seguia dirigindo uma velha caminhonete Ford ano 1946. O caminho de terra era semelhante à pista para prática de esportes radicais. Por determinação superior, assumiu a Paróquia São José, que na ocasião resumia-se a uma igreja em construção e um terreno com uma construção rústica e acanhada, onde eram realizados os festejos com a finalidade de arrecadar fundos para as obras da igreja.

O limite da paróquia abrangia uma imensa região rural e grande extensão de terras urbanas, habitadas em sua maior parte por pessoas extremamente carentes, muitos migrantes. Onde hoje existem bairros importantes como Jaraguá, Vila Cristina, Jardim Monte Cristo, havia um amontoado de casas precárias. Altos da Paulista era a definição dada para a localização da Igreja São José. Monsenhor Luiz encontrou pouco mais do que as paredes levantadas e a cobertura do telhado realizada. As portas eram tábuas de construção fechadas a cadeados; nas paredes os furos por onde se encaixavam madeiras dos andaimes, no madeiramento do telhado, eram os locais ideais para ninhos de pássaros. Durante as cerimônias religiosas, alguns fiéis concentrados no ato poderiam ser vítimas de algumas das aves que faziam seu vôo rasante. Além dos pássaros comuns, corujas, morcegos, sentiam atração pelo santo espaço.

O enorme descampado que se avizinhava da igreja favorecia

a existência de espécimes da fauna. Com muito talento e dedicação, Monsenhor Luiz reuniu em torno da igreja as forças vivas do bairro, despertou vocações, realizou um enorme trabalho social junto às comunidades carentes, inovou com a criação do Cesac (Centro Social de Assistência e Cultura), um baluarte de formação moral e educacional. A imponente igreja e as grandes construções voltadas às atividades paroquiais hoje são orgulho para o bairro e sua comunidade, e motivo de realização para monsenhor Luiz. Além de suas pregações paroquiais, por décadas ocupou o microfone da Rádio Difusora de Piracicaba, a famosa PRD-6, de onde transmitiu preces e orações. É um dos poucos padres brasileiros que teve a oportunidade de concelebrar a santa missa junto com o Papa João Paulo II, no Vaticano. Nasceu em Capivari, em 02 de junho de 1927, filho de Thomaz Juliani e Maria Maschietto Juliani. Monsenhor Luiz deixa um depoimento humano, realista e bem humorado, com o tempero de quem é vitorioso em sua missão.

Estudou no Grupo Escolar Augusto Castanho, cursou o ginásio e o colegial no Seminário Diocesano Nossa Senhora da Conceição Aparecida. O padre diocesano é uma ordem distinta, diferente das ordens dos religiosos que vivem em comunidade, em conventos. Prosseguiu seus estudos no Seminário Central do Ipiranga, no bairro do mesmo nome, em São Paulo. Foi ordenado padre na Catedral de Piracicaba, em 8 de dezembro de 1952, pelo primeiro bispo diocesano de Piracicaba, Dom Ernesto de Paula.

Começou ajudando Monsenhor Rosa (Manoel Francisco Rosa) em seu trabalho na Catedral de Piracicaba, mas logo depois o padre de Santa Barbara D'Oeste adoeceu e foi mandado para ser operador na única paróquia existente naquela cidade, a Paróquia de Santa Bárbara, onde permaneceu por quase um ano. No início eram dois padres, mas o bispo chamou o outro para cuidar do Seminário e ele permaneceu sozinho lá. No final de 1953 veio para ser coadjutor da paróquia da Imaculada Conceição de Vila Rezende.

Padre Jorge (Simão Miguel) ainda não estava lá, ele ordenou-se três anos após a ordenação de Monsenhor Luiz. O vigário era o Padre Romário Pazzianotto, Padre Luiz veio para ajudá-lo, ele estava muito cansado. O Seminário da Imaculada Conceição tinha sido fundado, Padre Luiz fez parte da primeira equipe, trabalhando como diretor espiritual, professor e diretor de disciplina. Em 1958 tornou-se reitor do Seminário, cargo que ocupou por quase seis anos, chegando a ter 83 seminaristas estudando lá.

Ele conta: “Fui designado pelo senhor bispo para uma administração um tanto quanto pesada, que foi a construção do Seminário da Nova Suíça. A construção mais antiga era a casa de campo, a parte mais recente é constituída por três pavimentos. Em 1961 eu dirigia uma caminhonete Ford 1946, ‘queixo-duro’ (direção que não é hidráulica), andava mais no céu do que na terra, não havia asfalto, sentia que o veículo voava. As consequências dessas viagens até hoje se manifestam em minha coluna vertebral, mas mesmo assim ainda dirijo. Eu tinha que administrar a construção, providenciar os materiais necessários, além de cuidar dos animais, criações. Dalí saía muita coisa para a cozinha do Seminário, que continuava funcionando no prédio da Vila Rezende. A construção de um seminário é muito mais difícil do que construir uma paróquia.”

Em 15 de julho de 1963 os seminaristas passaram a utilizar o novo prédio do seminário.

Acatando as ordens do senhor bispo, em 1 de janeiro de 1964, no período da manhã, ele dirigiu-se à Igreja São José. Já tinha 12 anos de atuação como padre. Encontrou apenas a igreja coberta com o telhado. Dom Ernesto de Paula era muito devoto de São José, foi ele quem deu início à construção em março de 1957, o terreno fora comprado. O decreto que criou a paróquia é do dia 29 de outubro de 1959, mas só passou a funcionar em 1963.

O projeto da igreja foi do arquiteto Menotti Luchesi, muito conhecido em Piracicaba. O arquiteto Israel Nobre Gil acompanhou a obra, o engenheiro Francisco Salgot Castillon também deu sua contribuição técnica.

Depois de assumir a paróquia de São José, por seis meses, Cônego Luiz ainda morou na Vila Rezende. Ele ia e voltava todos os dias, com o “piquá” (sacola simples, rudimentar) nas costas! Não era possível guardar nada na igreja em construção, as portas eram tábuas de construção. Na época ele tinha uma Kombi velha que mais o deixava na mão do que andava. Depois arrumou um Fusquinha 1951. Alugou uma casa na Rua Sud Menucci esquina com Av. Edgar Conceição, onde permaneceu por quatro anos e meio. Naquele tempo a maior parte da paróquia era rural. Havia umas duas mil pessoas morando em condições precárias na Vila Cristina, cujo apelido era “Risca-Faca”. O bairro Jaraguá era um loteamento ocupado com casas improvisadas, bem rudes. Era comum a existência de favelas nesses bairros. Em frente à igreja haviam as casinhas que permanecem até hoje: há um documento do prefeito municipal Luciano Guidotti servindo como alerta de que essa área seria desapropriada com a finalidade de construir uma praça defronte à igreja. Isso paralisou qualquer negociação com esses imóveis. Ao lado da igreja havia algumas casas; na baixada do Jaraguá não havia nada além de buracos e mais buracos. A Chácara Nazareth, de propriedade do Dr. Jorge Pacheco e Chaves, mantinha ainda uma boa área intacta com pés de café plantados; nas baixadas havia cana de açúcar.

No começo foi puxado, nem as acomodações para a sua permanência existiam. Ele celebrava missa pela manhã e à noite, todos os dias. Durante o dia, se não estivesse atendendo alguém, permanecia sentado em uma mesinha. Não se arriscava em permanecer muito na igreja, havia o risco de receber um “cartão de visita” dos inúmeros pardais que circulavam pela área: havia de tudo dentro da igreja, além dos inúmeros ninhos de pardais, à noite voavam morcegos, corujas. Ele detalha: “As aves ‘caíavam’ os bancos, eles foram adquiridos de segunda mão da igreja de Capivari, já vieram com cupins. Era o que tínhamos no começo. Muitas noites, ao terminar o ofício religioso, a única refeição possível era um sanduíche. Algum coroinha ia buscar no lugar mais próximo que era no Bar Serenata, na esquina da Av. Da. Jane Conceição com Rua do

Rosário, onde hoje existe a Farmácia Drogal. Era comum ter acabado tudo! Na área ocupada um pouco à frente da igreja era como se fosse roça, havia criação de porcos, cabras, gado. Em volta da igreja não havia calçada, a rua era de terra nua, de vez em quando subiam algumas cabras que vinham pastar o capim que brotava fácil na terra vermelha. Algumas vacas faziam o mesmo percurso. De vez em quando tínhamos que tocar algumas cabras que invadiam a igreja. Naquele tempo usava-se toalha de linho e, até hoje, não entendi porque elas tinham tanta predileção pela toalha do altar. Tinha que cobrir tudo com plástico, buscar o máximo de proteção com relação aos animais. Um dia tiveram que tirar uma vaca de dentro da igreja.”

Na igreja, em pé e sentadas, cabem umas mil pessoas.

O som do sino é uma gravação, não há sino na torre da igreja, a execução do projeto estrutural da igreja não contemplou a existência de uma torre elevada, com um sino. O fato foi fonte de inúmeras dores de cabeça. Foi preciso um grande esforço de engenharia para construir a cúpula da torre. Cônego Luiz colocou algumas cornetas no alto da torre para chamar os fiéis.

Ele conta que surgiram problemas bastante complexos, de natureza técnica e alguns engenheiros recusavam-se a dar andamento à obra. O forro da igreja foi motivo de solução muito criativa, não poderia ter sobrecarga no teto, a busca por materiais alternativos foi muito intensa, tiveram que trazer de São Paulo engenheiros especializados em construções de igrejas. “O saudoso Neno Nardim, que já havia ajudado muito na construção do Seminário, ajudou muito na parte artística da igreja. Como agravante, havia acontecido a queda do Comurba; alguns engenheiros da cidade nem cogitavam de tocar as obras da igreja, com receio em assumir uma solução pouco trivial.” Após inúmeros estudos, resolveu-se adotar o gesso como material para o forro. Em Piracicaba não havia ninguém trabalhando com esse material; em Campinas só trabalhavam com obras de pequeno porte, adereços em gesso, capitéis, colunas, imagens. Foram descobrir em São Paulo dois artistas espanhóis que trabalhavam com gesso. O problema

era como pagar pelo trabalho, caríssimo, só residências de pessoas abastadas faziam trabalhos em gesso. O projeto original da igreja continha ogivas em estilo gótico, mas nas condições técnicas oferecidas não se poderia pensar em nada a não ser terminar o forro. A técnica utilizada para aplicar o gesso implicava em uma camada bem grossa, diferente do gesso mais fino encontrado hoje no mercado. Os dois irmãos utilizaram um salão onde seria erguida a torre para fundir as placas de gesso, um espaço bem acanhado para essa atividade. Tudo foi minuciosamente estudado, o material a ser utilizado para sustentar as placas deveria ser leve e resistente, cada detalhe foi objeto de estudo. Esse trabalho durou uns dois anos.

A altura do teto em seu ponto mais alto é de 14 metros, aproximadamente. Foram comprados alguns caminhões de madeira para fazer os andaimes, não só para fazer o forro como também para rebocar as paredes, a grande altura e o tamanho da igreja criaram a necessidade de muita madeira. Por necessidade técnica foi utilizado muito cimento nesse trabalho.

Para se concluir a construção de igreja foram uns vinte anos mais ou menos.

Só havia uma porta de correr, em madeira rústica, na lateral da igreja; a porta central era em tábuas de construção, permanecia o tempo todo trancada a cadeado. Com isso Cônego Luiz era obrigado a carregar no carro todos os objetos passíveis de roubo. Um dia adquiriu um cofre de uns 500 quilos, para colocar o que vivia transportando de um lado para outro. Imaginou que meia tonelada do cofre não seria carregada por ninguém. Os trens de carga ainda circulavam pela Estação da Paulista e, em uma noite chuvosa, roubaram um carrinho de carga da estação, arrombaram a porta da igreja e carregaram em um jipe o cofre. As marcas dos pneus do veículo foram deixadas na rua de terra. Dentro do cofre havia cálices, que embora dourados eram de latão. Não havia um tostão em dinheiro, não dava para poupar nada! Mais tarde ele recebeu um telefonema do bairro rural do Serrote: alguns meninos da Cruzada Eucarística estavam brincando quando viram em um ribeirão os cálices

boiando. Foi com a polícia até o local e descobriram que os ladrões haviam arrombado o cofre com picareta e, não encontrando nenhum dinheiro, abandonaram-no no ribeirão. Um desses cálices existe até hoje

Cônego Luiz começou a apresentar um programa na rádio Difusora em 1957, época em que era reitor do seminário. Cada dia um padre apresentava o programa, com o passar do tempo foram assumindo outros compromissos e ele permaneceu sozinho apresentando o programa ao final do dia. Isso por quase trinta anos. Os diretores da rádio eram Aristides e Maria Figueiredo. O religioso mandou muito material para o radialista Atinilo José apresentar, até ele falecer. Hoje Monsenhor Luiz ainda apresenta 10 minutos de programa, todas as sexta feiras.

O motivo da fundação do Cesac foi atender as necessidades do bairro, onde a carência era muito grande. O Dispensário dos Pobres, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, tinha perto de duzentas famílias para assistir, sendo um grande número do bairro. Embora a paróquia fosse pobre, repartia-se o número de assistidos. Os Vicentinos tinham na paróquia umas cinco conferências de São Vicente, eles assumiram umas trinta famílias; o Cesac assumiu as demais. Não havia nenhum curso no bairro. Onde hoje está o Cesac já existia uma área que D. Ernesto havia adquirido com a finalidade de promover festas em benefício da paróquia e onde havia um rancho e eucaliptos.

Transcrição da Ata de Fundação do Cesac

“Ata de fundação e eleição do Centro Social de Assistência e Cultura da Paróquia de São José de Piracicaba (Altos da Paulista)

Aos vinte e nove dias do mês de maio do ano de hum mil novecentos e sessenta e sete, na secretaria da Matriz de São José, em Piracicaba (Bairro Altos da Paulista), Estado de São Paulo, às 20 horas, com a presença do Pároco Cônego Luiz Gonzaga Juliani, membros das Associações religiosas, convidados especiais e Lucia Helena

Romano, estagiária da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, realizou-se a reunião para fundação e eleição da primeira diretoria do Centro Social de Assistência e Cultura da Paróquia de São José de Piracicaba. Ao iniciar a reunião o Cônego Luiz, pároco, convidou os presentes a rezar e pedir luzes a Deus e bênçãos para a assembléia de fundação e eleição da Diretoria do Centro Social. Falou também que depois de várias reuniões preparatórias era chegado o tempo de oficializar o Centro Social. O mesmo afirmou Lucia Helena Romano que está trabalhando no bairro. Era preciso escolher um nome para a entidade, que no dizer do pároco abrangesse toda a sua finalidade. Foi posto em discussão o nome e a abreviação do Centro Social, o qual ficou sendo CESAC, aprovado por todos. (Centro Social de Assistência e Cultura). A finalidade do mesmo será promover festas e diversões, ajuda aos pobres e necessitados, promoção humana, além de escola, teatro, cursos, etc. Enfim tudo o que for necessário para o bem estar e progresso do bairro. Foi discutido depois a formação da primeira Diretoria do CESAC em assembléia, isto é com todos os presentes, sendo aclamados os seguintes: Cyro Mendes Silveira: Presidente; Vice-Presidente: Augusto Grella; Tesoureiro Adriano Bueno de Almeida; Vice-Tesoureiro Izidoro Lopes Sanches Filho; Secretário Lupércio Antonio Ferraz; Segundo Secretário: Moacir Sesso. Membros do Conselho Fiscal: João Sabino Barbosa; Jorge Razera; Atílio Penha da Silva; Alcides Saipp; Lázaro Sotto; Lúcia de Almeida; Roza Brazaca; Alfredo Casarim; Benedito Geraldo Bêgo; Dirceu Olívio Pompermayer; Divanil Menegatti, Justino Oriani e Lazaro Rizzatto. Estiveram presentes a reunião convidados especiais. Foi deliberado que quando possível os presidentes das associações religiosas da Paróquia fizessem parte do Conselho Fiscal do Cesac. Após as orações de agradecimentos a Deus foi encerrada a Assembléia de Fundação e Eleição da Diretoria do Cesac.

Nada havendo mais a tratar, eu Lupércio Antonio Ferraz lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e que depois de aprovada será assinada pelos membros fundadores.

Piracicaba, 29 de maio de 1967.

Transcrição de parte da Ata nº 4

Relação dos sócios fundadores com suas devidas qualificações:

Diretor: Cônego Luiz Gonzaga Juliani, brasileiro, sacerdote

Presidente: Cyro Mendes Silveira, brasileiro, casado, comerciante

Vice-Presidente: Augusto Grella, brasileiro, casado, comerciante

Tesoureiro: Adriano Bueno de Almeida, brasileiro, casado, funcionário da Escola SENAI

2º Tesoureiro: Isidoro Lopes Sanches Filho, brasileiro, casado, comerciante

Secretário: Lupércio Antonio Ferraz, brasileiro, casado, guarda civil

2º Secretário: Moacir Sesso, brasileiro, casado, relojoeiro

Mais os seguintes Membros Fundadores:

João Sabino Barbosa, brasileiro e comerciante, Jorge Razera, brasileiro e comerciante,

Atílio Penha da Silva, brasileiro e comerciante, Alcides Saipp, brasileiro e comerciante,

Lazaro Sotto, brasileiro e operário, Hilda de Almeida, brasileira e doméstica,

Rosa Brazaca, brasileira e doméstica, Alfredo Casarim, brasileiro e industrial,

Benedito Geraldo Bêgo, brasileiro e comerciante, Dirceu Olívio Pompermayer,

brasileiro e comerciante, Maria Divanil Menegatti, brasileira, balconista,

Justino Oriani, brasileiro e industrial, Lazaro Rizzatto, brasileiro e industrial.”



José Nassif

NASCIDO EM 20 DE MARÇO DE 1914 em Piracicaba, é filho de Rosa Canaan Nassif e Nagib Nassif, imigrantes do Líbano. A “Estação Idoso José Nassif” é uma homenagem que o Bairro da Paulista, através dos seus representantes legais, prestou a esse lendário pioneiro. Tudo começou com a vinda de Nagib Nassif ao Brasil. Segundo conta, por questões políticas deixou seu país de origem, onde tinha propriedades que ficaram aos cuidados de seus irmãos, aguardando a sua volta definitiva, o que nunca ocorreu. Nagib casou-se com Rosa Canaan, cujos irmãos, Mário e Jorge Canaan, foram célebres advogados. Jorge Canaan chegou a residir em Piracicaba por alguns anos, foi diretor e proprietário de uma escola de contabilidade, era muito amigo do lendário advogado Jacob Diehl Neto, que lhe prestou uma comovente homenagem quando do seu falecimento, publicada no Jornal de Piracicaba. No bairro Santo Amaro, em São Paulo, uma rua foi denominada Dr. Jorge Canaan em sua homenagem. Após casarem-se, Nagib e Rosa permaneceram no Líbano, onde tiveram duas filhas, Mary e Linda. Vieram para o Brasil fixando residência em Santa Bárbara D'Oeste, onde foram proprietários de diversos imóveis. Além de Mary e Linda, nasceram os filhos Josepha, José, Afife, João, Isabel, Jorge, Geraldo e Georgina, e três que faleceram com poucos dias de vida. A família aumentou bastante, a economia do país dava seus reveses. Com isso a família mudou-se para Caiubi, onde tinham um pequeno armazém. Com a saúde abalada, o patriarca Nagib viu no

jovem José o seu esteio para conduzir os destinos da família. José logo percebeu que o pequeno comércio não proveria tantas necessidades familiares e passou a fazer corretagem de algodão. A princípio ia até a roça, a cavalo, negociava, e depois ia buscar a carga. Acabou adquirindo um pequeno caminhão, o que lhe possibilitou melhores ganhos. Com o passar do tempo a família decidiu mudar-se para Piracicaba, onde teriam melhores condições de vida e de estudos para as crianças que estavam crescendo. Compraram de Roque Torlo o sobrado da Rua do Rosário, 2547, esquina com a Av. Dr. Edgar Conceição, uma construção marcante no bairro, adquirida pela família Nassif em 12 de julho de 1938. José casou-se com Mercedes Fernandez Nassif e tiveram três filhos: Marco Aurélio, Vera Lúcia e João Umberto.

José Nassif tinha estabelecido grandes vínculos de amizade com a família Furlan, principalmente com Fioravante Furlan, que na época estava iniciando a produção de açúcar cristal na Usina Furlan, uma acanhada indústria familiar. Tornaram-se compadres e grandes amigos. José passou a negociar, além de algodão, também açúcar cristal. Na época estava sendo desbravado o Norte do Paraná, grande produtor de feijão. Arrojado, ele passou a levar açúcar para o Paraná e trazer feijão adquirido nas roças de lá. Eram estradas com muita poeira em tempo seco e muita lama na época das chuvas, muitas vezes o caminhão tinha que ter seus pneus enrolados com correntes de aço para se arriscar na lama. Um dos últimos a narrar as peripécias de José Nassif com seu caminhão foi Décio Canale, que no início de sua vida comercial diversas vezes viajou como acompanhante para conhecer aqueles lados. Décio Canale tornou-se um comerciante de sucesso e sua família, mulher e filhos, são os proprietários do Supermercado Canale, muito conhecido como um dos primeiros supermercados do bairro da Paulista. Criativo, com tino comercial excepcional, logo José Nassif construiu um depósito, na Rua do Rosário, 2561, onde passou a armazenar os produtos adquiridos. Nas entressafas o barracão ficava totalmente vazio, ou quase. Por ser o único lugar com grande área disponível no bairro, logo se tornou

objeto de uso para os mais variados fins. Reuniões dos moradores do bairro, festas, grandes cururus, até mesmo festa de casamento, como o de Maria e Natalin Stênico, foram realizadas nesse barracão. O falecido Abel Bueno contava que naquela época ele e José de Barros, um avantajado ferroviário e juiz de futebol nas horas vagas, eram os porteiros, ou leões de chácara. Muitos cururus foram cantados ali, com a presença de juiz de direito, prefeito, delegado e demais autoridades. Por um período foi o salão social da Paulista, na falta de outro.

Antonio Cardoso, que mais tarde casou-se com sua irmã Josepha, e João Machado da Silva, que se casou com Afife Nassif, eram proprietários de caminhões e, muitas vezes, viajaram juntos com José Nassif. Percebendo a carência do bairro, José Nassif instalou a primeira bomba de gasolina da Paulista, da bandeira Texaco e manual, à beira da calçada, em frente ao sobrado. Com isso passou a ter seu próprio abastecimento e atender aqueles que precisavam de gasolina. A Rua do Rosário era um caminho natural para quem seguia em direção ao então Morro do Enxofre e estradas seguintes. No início, o sobrado era servido por água de poço e tinha banheiro externo com fossa séptica. Na parte superior há um amplo terraço coberto, uma sala de estar e um dormitório. A escada de madeira, com inclinação acentuada, dava acesso ao andar superior. No andar térreo havia uma sala de visitas, um dormitório, e uma cozinha. A sala de visitas tinha uma porta que dava acesso a um salão comercial na esquina da Rua do Rosário com Av. Dr. Edgar Conceição, embaixo do sobrado. Com o passar do tempo foram feitas ampliações e melhorias. O imóvel tem uma janela na Rua do Rosário, em cuja parte superior existem as inscrições NSDC e MCMXXXIV, abreviatura do nome de Nossa Senhora Do Carmo e, em algarismos romanos, a data da construção, 1934.

Lenda ou verdade? Conta-se que Roque Torlo foi sócio por muitos anos de um casal em um estabelecimento comercial. O relacionamento entre eles era fraternal, até ocorrer um desentendimento comercial. Transtornado, Roque, à véspera de Natal,

embarcou em um trem da Companhia Paulista com destino a São Paulo. Dirigiu-se ao centro da cidade com o objetivo de adquirir uma arma de fogo. Especula-se que, como se tomado por arrependimento prévio ao ato que iria cometer, entrou na Igreja Nossa Senhora do Carmo para rezar e pedir perdão pelo que estava prestes a consumir. Ao sair da igreja, um bilheteiro ofereceu-lhe um bilhete da Loteria Federal, o chamado “prêmio-gordo de Natal”. Roque tinha que ficar na cidade até o dia seguinte, não havia mais tempo para regressar naquele dia à Piracicaba. No final da tarde foi realizado o sorteio e Roque ganhou o prêmio máximo. Desistiu da vingança, adquiriu o terreno e construiu o sobrado, na medida certa para um solteiro que gostava de festas. No amplo terraço foram realizados muitos bailes, entre os frequentadores estava Romeu Gomes de Oliveira, o Rodomeu, que se lembra perfeitamente daquela época. Ele chegou a dançar nos bailes realizados por Roque. Após alguns anos o sobrado foi colocado a venda, sendo adquirido pela família Nassif.

No salão da esquina inicialmente foi armazém, local onde a matriarca da família, Rosa Canaan Nassif, permanecia. Encarnacion lembra-se dela com seus braceletes de ouro maciço, uma característica própria das mulheres do Oriente Médio. Com o passar do tempo o salão foi alugado a terceiros, entre eles Alfredo Bissom, que colocou ali uma casa de ferragens. Progrediu, mudou-se para um local maior, levou consigo o nome Casa Rosário, hoje situada na Rua Benjamin Constant.

Kazuo (Mário) Miazaky narrou: “Eu era menino. Logo após a revolução de 1932, um senhor que morava sozinho construiu um sobrado na Rua do Rosário esquina com a Av. Dr. Edgar Conceição, que existe até hoje e é uma das primeiras construções do bairro da Paulista. Ouvíamos falar que ele estava construindo o prédio com o dinheiro ganho na loteria. Era um senhor meio fechado, fisicamente não era alto, de estrutura média, usava roupas muito simples, usadas pelos mais antigos, mesmo naquela época. Era uma pessoa de pele bem clara e já estava de cabelo branco. Lembro-me desde quando começaram a fazer o alicerce desse sobrado. A

rua era de terra, nós íamos para a escola e passávamos fazendo poeira, arrastávamos os pés, era um prazer ver os motoristas pararem para nos xingar! Eles ficavam bravos conosco. Quando conheci aquela região tudo era um vassoural, um pasto abandonado. Depois veio a era do algodão, tanto a Dona Jane Conceição como o Ditoca roçaram, araram e plantaram algodão. Na época em que foi construído esse sobrado eu me lembro que na esquina com a Av. Madre Maria Teodora existia um armazém chamado Armazém do Lucas. O resto era tudo pasto.”

Entre muitas amigas que a família manteve, Jorge Coury foi sempre uma pessoa muito presente.

Na Av. Dr. Edgar Conceição, no terreno onde mais tarde instalou-se a Nossa Caixa Nosso Banco, foi a oficina mecânica dos irmãos Filizola: Sapateiro e Sonrisal. Mais tarde foi garagem da Viação Silveira, propriedade de Pedro José Silveira Lara, com as linhas Santa Terezinha, Nhô Quim, Jaraguá Via Avenida Nove de Julho e Via Brasília Machado. Havia também a linha rural Capela de São Sebastião. Fusco, Esquisito, José, eram nomes de alguns motoristas. Assim como Osvaldo, o Vardão, Chuchu eram mecânicos. Bento era um dos cobradores. Aginaldo era fiscal de linha. Um dos ônibus, ou carro como era chamado, mais moderno era um monobloco Mercedes Benz. Os carros de reserva eram poucos, tinha que se virar com o que havia. Os mecânicos eram verdadeiros artistas, muitas vezes o ônibus fazia a última volta, era recolhido na garagem, desmontavam o motor, retificavam durante a noite, de manhãzinha já estava “amaciando” o motor na linha! A linha Jaraguá descia pela Rua Gov. Pedro de Toledo, passava pelo mercado até a Rua Rangel Pestana e virava à direita, indo até o terminal de ônibus urbano. A Viação Silveira cresceu e mudou. O local passou a ser ocupado por Pedro Amstalden, que montou ali um entreposto de areia fina, vinda do litoral paulista, própria para fundição de peças em metal. Ali pernoitavam, ou até mesmo descarregavam os caminhões caçamba.



1952. Álbum de fotos da família Nassif em Piracicaba. Autoria desconhecida. Acervo pessoal

Família CANAAN-NASSIF



Rosa Cnaan
(1892-1954)



Nagib Nassif
(1866-1939)

c. 1920
Casal de imigrantes libaneses da família Nassif, que chegou em Piracicaba no início do séc XX.
Autoria desconhecida.
Acervo pessoal

José Nassif foi um homem carismático, com ampla visão comercial. Um grande impulso para a economia da Paulista foi a instalação da agência Nossa Caixa Nosso Banco, primeiro estabelecimento bancário do bairro, um sonho acalentado por muitos anos por José Nassif, que construiu o prédio para a vinda da instituição financeira. Outros estabelecimentos bancários seguiram o mesmo rumo, vindo o Banco do Brasil, o Itaú e o Bradesco nas imediações da Nossa Caixa Nosso Banco.

José Nassif teve muitas amizades, sempre tratou pessoas de classes diferentes com a mesma distinção. Os deputados João Pacheco e Chaves e Francisco Antonio Coelho, filiados ao então MDB, sabiam da sua liderança natural, mantinham estreita amizade com ele. Homem de larga visão e grande experiência acumulou conhecimentos dos tempos em que, ainda muito jovem, trabalhou no cartório em Santa Bárbara D'Oeste. Muitos o procuravam para aconselhamentos comerciais e legais.



c. 1950
Os irmãos Nassif: sobre o caminhão, João (à esq) e Jorge. No chão, José (à esq) e Geraldo.
Autoria desconhecida. Acervo pessoal



Anésio de Souza

ANÉSIO DE SOUZA GUARDA NA MEMÓRIA lembranças de uma época em que andar de bonde era uma das formas mais usadas para a locomoção em Piracicaba. Um delicioso passeio pela cidade, embalados nas reminiscências desse cobrador de bonde, a nostalgia e o bucolismo de um passado que muitos ainda lembram em suas doces recordações.

A população, mesmo antes de sua inauguração, tinha receio do bonde elétrico, temia sua velocidade, temia ser eletrocutado dentro do veículo. Tinham medo de atravessar a rua ou pisar nos trilhos, ficar grudados e morrerem eletrocutados, de serem atropelados pelo bonde. Vamos conhecer os fundamentos desses temores. O primeiro bonde elétrico surgiu na Feira de Berlim, em 1879. Esse bonde funcionava com 150 volts de corrente contínua e a alimentação vinha pelos trilhos. Em 1883 foi criada uma linha turística próxima a Londres. Os bondes funcionavam com 460 volts de corrente contínua, a energia elétrica também vinha pelos trilhos. É fácil imaginar quantos incautos tomaram violentos choques elétricos pisando nos trilhos, principalmente nos dias de chuva. Podemos imaginar também os choques elétricos que pessoas tomaram ao descer ou subir ou simplesmente encostando a mão no bonde em movimento. Os primeiros bondes não tinham freios. E isso chegou ao Brasil narrado pelos viajantes, crônicas ou pela imprensa estrangeira, espalhando pelo povo um medo terrível pelo bonde. Foi duro convencer que o bonde não dava choque. Em 4 de novembro de 1929, uma ensolarada tarde de domingo, o bonde

da Vila Maria, em São Paulo, segue pela Rua Catumbi, em direção ao seu destino. Ao completar uma curva, o motoneiro quase não acredita no que vê: um elefante que havia escapado de um circo caminhava, no meio dos trilhos, em direção ao bonde. Para assustar o paquiderme o motoneiro começa a tocar a campainha do bonde, e acelera o veículo. O elefante comprou a briga e correu para cima do bonde, dando-lhe uma tremenda de uma cabeçada! Resultado do impacto: o paquiderme de nome Eli foi a nocaute, permanecendo desacordado por quase duas horas. O bonde capotou e empenou totalmente a plataforma e, deste dia em diante, uma colisão entre veículos passou a ser conhecida por trombada! A origem do nome trombada vem da tromba do elefante que bateu em um bonde em São Paulo.

Anésio de Souza foi contratado pela Prefeitura de Piracicaba e tem registrado em sua carteira profissional o dia 16 de março de 1959 como data de início no cargo de condutor de bonde com o salário de CR\$ 22,50 (vinte e dois cruzeiros e cinquenta centavos) por hora. Desempenhando a função de cobrador de bonde, o fato de estar registrado na carteira profissional significava que ele era o responsável pelas pessoas que subiam e desciam do bonde. Nasceu em Piracicaba em 9 de maio de 1935, no bairro rural de Passa Cinco, filho de José de Souza Filho e Noemia Saciloto.

Permaneceu até 1970 como cobrador de bonde. Trabalhou nas três linhas que existiam em Piracicaba. A linha da Paulista saía da Av. Dr. Paulo de Moraes, descia a Rua Boa Morte e ia até a esquina da Rua XV de Novembro. A linha Agronomia saía da Rua XV de Novembro, atrás da Catedral, onde é hoje o Abriguinho, ia pela Rua José Pinto de Almeida, Rua São João até chegar à Escola de Agronomia. A linha Vila Rezende saía também quase da esquina da Rua XV de Novembro, seguia pela Rua Moraes Barros, entrava na Rua Alferes José Caetano, seguia pela Rua do Rosário até a Rua Campos Salles, atravessava a Ponte sobre o Rio Piracicaba, seguia pela Av. Rui Barbosa e ia até a Estação de Trem da Vila Rezende. Os irmãos Augusto e Alexandre Colassanti, José Calderam, Julio Gomes da Cruz, Onofre Gabriel de Souza, Jorge Bortoletto, Natálio

Bertazoni foram alguns dos seus colegas de trabalho por muito tempo. Para ser motorneiro de bonde tinha que ter uma carta emitida pelo departamento de trânsito do município. Quando ele começou a trabalhar, a garagem dos bondes já era na Av. Dr. Paulo de Moraes. Antes era no centro, na Rua Moraes Barros, onde foi a antiga Companhia de Força e Luz.

O bonde da Rua Boa Morte passava pelas casas comerciais como Padaria Central, Farmácia Neves, Del Nero - que engarrava a famosa Caninha 21 -, Padaria Jacareí, Padaria Cruzeiro - que era do Guido Sachs e seu pai, Berto Sachs -, os Irmãos Filletti, a Fábrica de Vassouras Canta Galo. Ele se lembra de um dia em que estava fazendo a linha e trouxeram da roça a palha para fazer vassouras, no meio veio uma cascavel. No centro da Av. Dr. Paulo existia um bebedouro de água para cavalos. O bonde passava encostado, um metro ou um metro e meio longe. Tinha ali o bar do pai de Walter Naime, o Sr. Latife Naime. À esquerda tinha o João Elias.

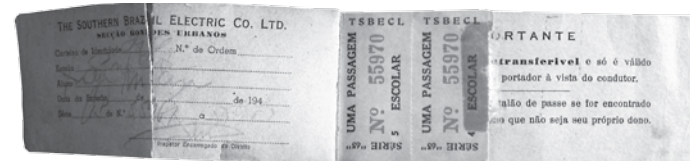
Os bondes da Vila e o da Agronomia



c. 1920.
Bonde circulando na região
central de Piracicaba.
A autoria da foto
desconhecida.
Acervo IHGP

encerravam suas atividades às 23h50. Esperavam acabar a sessão do cinema para ir embora. Faziam isso por conta própria. Saíam com um pequeno atraso para poderem levar o pessoal que deixava o cinema, principalmente do Cine Broadway. O bonde nessa viagem ia lotado. Ele tinha que fazer a cobrança das passagens, andando pelo estribo. Quando tinha algum passageiro em pé, no estribo, tinha que passar por detrás dele. Mesmo quando havia duas ou três pessoas tinha que passar! Encaixava o pé e ia passando.

Anésio puxava uma cordinha por 3 vezes: ela batia em uma campainha, aí o bonde seguia. Para fazer o bonde parar rápido, principalmente em função de algum passageiro que subia ou dele descia, ele dava uma puxada só na campainha, era uma puxada bem forte. O motorneiro já desligava a máquina e freava.



Bilhete de passe
escolar que era
utilizado nos bondes
de Piracicaba.
Acervo IHGP

Uma particularidade que chamava muito a atenção era como o cobrador do bonde portava as cédulas de dinheiro. Levava nos vãos dos dedos, em ordem crescente de valores, para facilitar mais o troco. Costumava colocar o dinheiro no bolso e segurar o troco na palma da mão. Quando Anésio começou a trabalhar eram 5 bondes. Depois compraram mais um em Campinas. Eles tinham número de 1 a 6.

O uniforme de quem trabalhava no bonde era uma farda amarela. Cáqui para ser mais exato. Tinha um quepe com uma chapinha na frente, onde existia um número, esse número era a identificação do condutor do bonde.

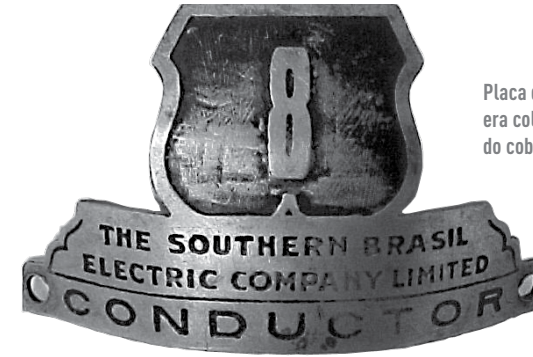


Manequim em tamanho real com o uniforme completo de condutor de bonde.
Acervo IHGP

Na sua época não foi difícil cobrar a passagem dos estudantes, eles já estavam bem mais comportados. Anésio soube que antes tinham dado trabalho aos cobradores de bonde. Um estudante peruano que excedia na bebida, vinha aos sábados para a cidade (centro de Piracicaba) e só voltava para casa domingo pela manhã, sempre embriagado. Deitava no assento do banco mas, com calma, os funcionários do bonde faziam-no ficar sentado.

Os bondes da Vila e da Agronomia começavam a correr partir das 5h25 da manhã; o da Paulista começava às 5h35. O bonde da Agronomia era usado pelos funcionários da Escola que iam trabalhar. Os estudantes usavam o bonde das 7h40.

Anésio nunca foi assaltado. Chegavam à garagem do bonde por volta de 23h50, acertavam as contas pelo relatório, colocavam em um saquinho de lona o dinheiro das passagens, depositavam em um cofre que existia na garagem. Esse acerto poderia ser feito na manhã do dia seguinte até as 9h, o conferente aceitava. Se chegassem muito cansados podiam ir



Placa de metal que era colocada no quepe do cobrador do bonde

para casa levando o dinheiro, eram responsáveis por ele. Sempre saíam da garagem em 3 ou 4 pessoas: geralmente o fiscal, motorneiro, cobrador; quando eram dois bondes saíam até em 8 pessoas.

Troco era um problema para o cobrador, era difícil. Quando Anésio começou a trabalhar a passagem custava CR\$ 2,00, depois passou a CR\$ 3,00. Quando subiu para CR\$ 5,00 já ficou fácil cobrar; ao aumentar para R\$ 7,00 também era difícil conseguir troco. Andaram fazendo um vale para ser dado de troco.

No primeiro ano em que foi cobrador teve um dia em que Anésio cobrou 1200 passagens. Os bolsos ficavam cheios de dinheiro. Ela conta: “Geralmente a gente iam soltando, o Bar Santa Terezinha trocava os miúdos por notas maiores, na esquina onde era o Bar do Buriol também trocavam dinheiro.

Durante a entrevista, a ouvinte Isaura telefona do bairro da Paulista, e conta: “Andava de bonde desde 1947. Na época eu tinha 17 anos, ia de bonde levar o almoço para uma pessoa da família que trabalhava na Metalúrgica Dedini. Pagava duas passagens: uma até o Centro e outra até a Vila Rezende. Na época, quando os bancos estavam cheios, os homens cediam o lugar para as mulheres sentarem. Naquele tempo era



O cobrador circulava pela lateral do bonde fazendo a cobrança dos passageiros recém-embarcados tendo em uma das mãos as notas necessárias para o troco, o que acabou por tornar-se um gesto característico desses profissionais da época.

maravilhoso. Podia sentar com roupa limpa no bonde que não sujava a roupa. Não tinha televisão, mas o bonde trazia muitos cartazes de propaganda de vários produtos: cigarro Macedônia, Xarope Bromil, Regulador Xavier, Tônico Iracema para quedas de cabelo”.

O bonde passou a ser administrado pela Prefeitura Municipal a partir de 1950. Os funcionários que trabalhavam no bonde fizeram uma greve no tempo em que o prefeito era o Sr. Alberto Coury, ficaram um dia parados. No dia seguinte voltaram a trabalhar. A greve foi por falta do pagamento dos salários.

Além dos passageiros que iam sentados, viajavam em pé, no estribo do bonde outros passageiros, iam segurando no balaústre do bonde. Alguns distraídos, ou por gosto pelo perigo, ficavam com o corpo dependurado, sujeitos a acidentes com postes, árvores e outros obstáculos existentes próximos ao local onde o bonde passava. Chegavam a cair depois da pancada. Paravam o bonde e iam socorrer a pessoa. Era obrigação do motoneiro parar o bonde e o cobrador tinha que ir lá socorrer.

Os estudantes colocavam sabão na linha do bonde e na Vila Rezende alguns jovens também faziam isso: o filho do dono da farmácia e o filho de um funcionário que

trabalhava no Dedini colocavam sabão na linha. O bonde tinha uma caixinha com areia, o motoneiro ia pisando em um pedal e soltando a areia. É do seu tempo também quando Julio Gomes tombou o bonde. Ele estava trabalhando naquele horário, só que para a Vila Rezende. Corriam dois bondes e Anésio estava no outro bonde. Felizmente ninguém se machucou. Uma vez colocaram palitos de fósforos na linha do bonde que ia para a Vila Rezende. Na curva da Rua Moraes Barros, quando a roda passou sobre os palitos de fósforos deu aquele estouro, o povo que tinha ido ao cinema saiu correndo, acharam que ia cair algum prédio como aconteceu com o Comurba.

Criança acima de cinco anos de idade, se estivesse sentada pagava. Sentou no bonde tinha que pagar, ele tinha obrigação de cobrar a passagem. Malas acima de 50 centímetros também eram cobradas. Se a pessoa chegasse de viagem na Estação da Paulista e tomasse o bonde com cinco malas iria pagar, além da passagem como passageiro, mais cinco passagens, uma de cada mala.

O bonde não tinha velocímetro. Calculavam que a média era de uns 30 km por hora. Ele tinha 9 pontos, se soltassem até 9 pontos ele deveria correr até uns 40 km por hora.

Os bondes de números 2 e 3 pesavam onze mil quilos cada um. Quando o bonde saía da linha era colocado de volta porque tinha um macaco possante com engrenagens. Tinha que ser erguido com o macaco. Nos dias de chuva a tarefa do cobrador era difícil, tinha que tomar chuva, se virava com capa e galochas para não pegar umidade no pé. Naquele tempo as capas eram plásticas, não existia de nylon, elas não aguentavam quase nada.

Em um banco de bonde cabiam cinco pessoas. Se entre elas tivesse uma pessoa avantajada cabiam apenas quatro. Mesmo que essa pessoa ocupasse dois assentos pagava apenas uma passagem. Se cobrasse duas o cobrador ia para o gancho. O bonde tinha 11 bancos. O bonde de número 1 tinha menos, eram 9 bancos; os outros bondes tinham 2 bancos a mais. O banco logo atrás do motoneiro poderia ser ocupado por quem quisesse sentar nele. Não atrapalhava o motoneiro.

O normal era o bonde transportar 80 passageiros. Chegava a levar até 120, 125 passageiros. Esse número de pessoas consta no seu relatório como passageiros que cobrou em uma viagem. Quando chegava no fim da linha o bonde não virava. Só viravam o encosto dos bancos. Piracicaba sempre teve bonde aberto dos lados, quando havia muito sol ou chuva era só abaixar a cortina. Era difícil para cobrar quando abaixava a cortina, tinha que erguer, cobrar e abaixar de novo.

Na época de Carnaval também era um tempo difícil de cobrar. Principalmente à noite. Conseguiam fazer a pessoa pagar, senão mandava parar o bonde e faziam a pessoa descer.

O ouvinte João, do bairro Paulicéia, também participou do programa relatando: “Na época do bonde eu trabalhava com madeira no Patreze, na Rua José Pinto de Almeida, isso em 1964. Eu morava na Usina Monte Alegre, nós saíamos às 6h do serviço e o último ônibus para o Monte Alegre era às 5h30, depois era só às 9h30 da noite. Eu sempre pegava o bonde ali na Rua José Pinto de Almeida, sempre pegava ‘no pulo’ para não pagar (risos no estúdio), pegava ali na curva que ele andava mais devagar, na Rua Marechal Deodoro, no Potero (fábrica de potes de barro existente na época). Pegava o bonde do lado onde não estava o cobrador, depois passava para o outro lado. Às vezes colocava o pé e errava a mão: chegava a cair do bonde. Para descer, descia pulando também. Eu queria saber o que eram aqueles números que eram marcados no bonde.”

Anésio explica que os números eram para o fiscal contar quantos passageiros estavam no bonde e o que o cobrador tinha recebido de passagens. Caso faltasse algum dinheiro de passagem eram obrigados a pagar. Tinha uma leitura embaixo do relógio: conforme marcava o número, descia a leitura, como um velocímetro de automóvel, mas era para marcar passagens pagas.

Aquela roda que ficava junto ao motorneiro era o freio do bonde. No caso de emergência, tinha uma caixa no teto: era só dar uma batida e ela desarmava, estralava,

virava ao contrário o movimento do bonde e ele parava a uma distância de 3 a 4 metros do ponto em que fora acionado. Equivale ao “manequinho” de caminhões e ônibus. (Manequinho é o nome dados pelos motoristas para a alavanca de emergência que trava o veículo instantaneamente).

O ouvinte Valdir Munhoz diz que conheceu Pacapim e pergunta se o Anésio tinha algum apelido. Conta que ali na Vila Rezende tinha o Grisotto e dali até o fim da linha, uns três quarteirões, não subia mais ninguém. O cobrador descia para tomar um cafezinho no Grisotto, no Galhardo, então iam virando o banco do bonde, até a administração da linha de trem. Na época quem tomava conta era o Lazinho Capellari.

Anésio diz que seu apelido era Boquinha. O Pacapim tinha também o apelido de Fião. Ele tocava a campainha fazendo o som com a boca.

Anésio também foi motorista de taxi, na Praça Takaki, teve um Mercedinho. Era um automóvel Mercedes-Benz, importado, diesel, 4 marchas, 4 portas. A porta da frente abria ao contrário, a dobradiça ficava junto à coluna do carro. Esse carro era carinhosamente chamado pelo povo de “Biriba”. Quando surgiu a vaga no bonde ele deixou de trabalhar com táxi. Naquele tempo não tinha taxímetro. Da Praça Takaki até o Bairro Alto eram CR\$ 30,00. O carro era muito macio, embora o motor diesel fizesse barulho. Na época quase todos os carros táxi de Piracicaba eram Mercedes-Benz a diesel, isso nos anos 1950 a 1952.

O bonde foi desativado em Piracicaba em março de 1970.



Lídia Lucano Crivelo

DONA LÍDIA É O RETRATO VIVO de uma geração, que perpetua em seu íntimo a garra dos imigrantes. O desejo de vencer transformou as adversidades em etapas a serem transpostas. As bases de sustentação do nosso país, do caráter do nosso povo, foram desenvolvidas com a fibra inabalável, construindo com risos e lágrimas uma nação que está mostrando a sua grandiosidade no cenário mundial. A junção de atos quase insignificantes, pequenas atitudes corriqueiras, a mesmice de um trabalho insano, o anonimato dos que realizam tarefas tidas como de menor importância, porém essenciais na vida dos grandes vultos. A memória privilegiada e a sua lucidez trazem a tona histórias de uma Piracicaba que se distancia a cada dia da história do seu passado, em função da globalização e hábitos e costumes de um povo transformaram-se na geleia geral que hoje constitui grande parte da humanidade.

Filha de Serafim Lucano, que veio de Padova, Itália, aos oito anos de idade, e Rosa Parisch Lucano, descendente de alemães. Nasceu em 14 de junho de 1922, na Fazenda Olho D'Água, propriedade do Dr. Francisco Toledo. Fica adiante de Saltinho, no sentido de Tietê. Seus irmãos são José, Romano, Eugênio, Avelina, Elza, Therezinha. Utilizavam carroça ou trole com quatro rodas para a locomoção na estrada de terra, praticamente não conheciam a cidade. Trabalhava na roça colhendo café, algodão. Naquela época tinham quase tudo que necessitavam no próprio sítio. Plantando, tudo dava. Tinham arroz, feijão, o açúcar vinha de engenhocas que produziam o

açúcar preto, açúcar batido. As brincadeiras de criança eram brincar de pega-pega, esconde-esconde, pular corda, brincadeira de roda, pata-choca. Dona Lídia lembra-se da brincadeira vintém queimado: com uma corda, dez ou doze crianças, a primeira da fila diz: “Vintém queimado”. A última pergunta: “Quem queimou?” A primeira responde: “Ladrão dos porcos.” A última responde: “Bendito, vá daqui para lá.” Todos eram puxados pela corda. Permanecia o lado que era mais forte ao puxar a corda. Quem perdia, pagava um castigo. Ela também conta como era comum brincar de boneca usando uma abobrinha: “Com um palito furava o olhinho, o narizinho, a boquinha, enrolava um paninho e era uma boneca! Ou então uma espiga de milho apanhada verde, tinha o cabelinho arrumava e brincava. Com o chuchu colocava uns pauzinhos como pés e tínhamos os porquinhos. Depois mamãe começou a fazer boneca de pano. Ela aprendeu com uma senhora, então passamos a ter que tomar mais cuidado, não podia esquecer fora de casa, se chovesse iria molhar!”

Quando os pais iam trabalhar na roça levavam as crianças, iam todos os filhos. Apenas as suas irmãs Elza e Therezinha, que nasceram em Piracicaba, não chegaram a ir à roça. Os outros cinco iam. “Mamãe dava de mamar para uma criança, na rede, no pé de café.”

Seu pai resolveu vir morar em Piracicaba. Ela tinha uns sete anos, vieram morar na fazenda do Ditoca (Benedito Rodrigues de Moraes). Passaram a morar na chamada “Colônia do Ditoca”. Para quem segue no sentido Centro-Bairro na Av. São Paulo, desde o Posto de Gasolina São Jorge até o Terminal de Ônibus, ao lado direito era propriedade do Ditoca. A casa ficava onde mais tarde foi construída a famosa padaria Pansa, ali havia 15 ou 20 casas de colonos, todas de barro. Todos trabalhavam na fazenda apanhando café, algodão, plantando arroz, feijão, milho. Havia mais acima outras casas construídas com tijolos. Ao lado da Pansa existe uma baixada, era ali que plantavam arroz! Era uma várzea.

A casa do Ditoca ficava próxima do local aonde depois veio a ser o Posto São Luiz. Ali ficava a sede. Atrás da casa ficava o pomar. No local onde existiu o Supermercado

Guidi havia uma venda de propriedade do “Seu” Melico. Bem em frente ficava a casa do Ditoca e de sua esposa, Dona Mocica. Eles tinham sete ou nove filhos, um deles foi prefeito de Tietê. Já aos sete anos de idade, Dona Lídia foi trabalhar na roça: às cinco e meia da manhã tinha que estar trabalhando. Seu pai fazia um foguinho no cafezal para esquentar a mão e poder apanhar café. Trabalhavam até as seis horas da tarde. O patrão ficava andando a cavalo pelas ruas de café olhando se os empregados estavam trabalhando ou não. Dona Lídia diz: “O nosso patrão, o Ditoca, dizia que ‘diploma de filho de empregado era o cabo da enxada’.”

Levantavam, tomavam um cafezinho e iam embora. Às oito horas sua mãe ia com a cesta de comida, sempre havia polenta. Polenta com ovo, polenta com linguiça, polenta com sardinha. Ao meio-dia era o “minestrão”. A minestra era feijão com macarrão, tudo junto, e a Graça de Deus! Às três ou quatro horas da tarde ela levava uma merenda, um bolo de fubá, uma banana ou um mamão. Quando eram oito horas da noite, chegavam em casa e lavavam as mãos e os pés, não havia banheiro, não havia pia, não havia nada! O banheiro era fora da casa, com uma fossa séptica. Depois de se lavarem, sentavam-se à mesa e comiam polenta de novo! Com ovo frito e “futaia”! (ovo batido com cebola e bastante cheiro verde. Hoje conhecemos pelo nome de omelete)

Comia quanta polenta podia comer, a mistura era pouca! Pão e bolo eram os que a mãe fazia em casa, na época quase não existia padaria. A primeira padaria que eles conheceram ficava na Rua Benjamin Constant, embaixo do pontilhão por onde passava o trem da Companhia Paulista, e retirado do local na administração do prefeito José Machado.

Sua mãe fazia roupas para a família com sacos de açúcar! Quando apanhavam o café eram colocados panos embaixo do pé de café para não pegar pedrinhas nem terra. Abanavam aquele café, colocavam-no em um saco, amarravam e os sacos eram transportados por carroça para a tuia. No término da colheita, aqueles panos eram dados para os colonos. Sua mãe usava a sobra daqueles panos como lençol, para enxugar os

pés, enxugar o rosto. Era uma miséria terrível! O pagamento geral era feito no final do ano, ao final da colheita. Durante esse período, em que não recebiam nada, retiravam alimentos na venda do Sr. João Feliciano. Houve uma época em que Dona Lídia foi à escola situada na Chave de Chicó. Tomava o trem da Sorocabana, que parava na Água Branca, pertinho da Igreja São João. Ali havia uma plataforma, iam a pé até lá. Depois o Ditoca os transferiu para o cafezal, onde havia uma casa mais próxima da plataforma para tomar o trem. Por dois anos ela frequentou aquela escola. Lembra-se do nome de algumas professoras: Dona Cacilda, Dona Amélia, Dona Jacira. Depois o Ditoca trouxe de novo o seu pai para a colônia e, com isso, ela não pode mais ir para a escola, frequentou a escola nos seus dez e onze anos de idade. Ela chorava porque queria ficar na escola, mas precisava ficar olhando suas irmãs que estavam crescendo. Sua mãe ia para a roça e ela ia junto, ajudava-a a trabalhar, a olhar as crianças menores. Seu pai pegava o couro do boi, limpava, estaqueava (esticar) com bambu, não perdia um pedacinho. Deixava o couro muito bonito. Às vezes ele tirava o pelo, outras vezes não. Algumas pessoas queriam que ele fizesse reio, rédea, cabresto mantendo o pelo, porque ficava mais bonito. Outros já queriam que ele lixasse o couro, ficava branquinho.

Com os seus treze ou quatorze anos, sua mãe conversou com Dona Mocica, e Dona Lídia foi trabalhar de copeira na casa do “Seu” Ditoca. Passou a arrumar a mesa, varrer a casa, arrumar as camas. Havia uma cozinheira e uma lavadeira. Sua mãe nessa época ia lá pregar botões nas roupas, remendar meias, fazer doces: cocada, marmelada, goiabada, o que havia de frutas sua mãe transformava em doces. Enchia umas latas e guardava na despensa, cuja chave ficava na mão da Dona Mocica.

Eles tinham um rádio que era ligado a um acumulador. Como não tinha potência suficiente para ter um volume de som que todos escutassem, era ouvido por apenas uma pessoa por vez, havia uma disputa muito grande entre os familiares para utilizarem o rádio. Tocava-se música caipira, samba, os empregados nem sonhavam em chegar próximos do aparelho! Naquela época não existia banheiro completo, era um banheiro

dentro da casa; como era comum, eles usavam penico no quarto, Dona Lídia tinha que fazer a limpeza! O Ditoca tinha uma escarradeira de louça, ele cuspiu muito. O chão da casa era assoalho, a lavagem era feita com soda cáustica, tinha uns 10 cômodos, era uma casa enorme. O chão não era encerado, só era lavado uma vez por semana, com baldes de água.

A Av. São Paulo era uma estrada de terra. Quando algum carro ou caminhão passava pela estrada tinha que fazer uso de um trator ou burros para puxar porque ali atolavam mesmo! Era terrível. Do outro lado da hoje avenida, à esquerda de quem vai ao sentido centro bairro, era tudo pasto! A Fazenda do Ditoca tinha várias porteiras para entrar no cafezal: porteira de Arame, Duas Porteiras e uma porteira que encerrava o terreno dele, que era divisa com as famílias Momesso e Pupim.

Saindo da fazenda do Ditoca, Dona Lídia foi trabalhar na casa do “Seu” José Carlini, açougueiro, conhecido também como José Mata Burro. Ficava no primeiro quarteirão da Rua Gov. Pedro de Toledo, no sentido bairro centro. Na esquina da Rua Governador com a Rua Joaquim André havia a sapataria do Fustaíno; na mesma calçada ficava o açougue, só que era antes da sapataria. Havia o “Seu” Gobbo, que fazia arreo de burro, em seguida a casa de um sírio, depois era a casinha que o “Seu” José morava. Ele tinha duas filhas, a Nancy e a Marjorie, e o filho Ebear. A esposa era a Dona Helena.

Nessa época, Lídia conheceu seu marido, Antonio Crivelo. Casou-se na Catedral e quem celebrou o casamento foi Monsenhor Rosa, em 9 de janeiro de 1943. Era ainda a chamada Igreja Matriz, a catedral antiga de uma torre só, bem menor. Quando construíram essa nova ela permaneceu dentro! Construíram a nova catedral em volta da antiga igreja e foram derrubando aos poucos a igreja mais antiga que tinha permanecido dentro da nova! Ela conta: “Casei-me e fomos morar na Vila Rezende, no Sanatório São Luiz. Era um lugar onde ficavam os tuberculosos. Na época era terreno do Engenho Central, nosso patrão era Mário Areas Witier, protegido da Baronesa

de Rezende e que tomava conta dos empregados que colhiam cana e levavam ao Engenho Central. Ele tinha uma casa muito bonita. Tinham construído a casa onde minha sogra morava e a casa onde fui morar. O Mário era uma pessoa maravilhosa. Sentava-se no chão, chamava meu sogro, meu marido, para conversarem com ele. Era uma pessoa muito humilde, muito bom.”



Crispim Durrer

NA DÉCADA DE 1960, as crianças residentes no bairro da Paulista tinham, perto da Praça Takaki, vários locais de lazer e diversão. Na esquina das ruas do Rosário com Dona Jane Conceição, onde hoje existe uma série de lojas, era um terreno vazio. De tempos em tempos era o centro de fantasia da criança. Ali eram armados circos, os parques tocavam em disco de vinil os boleros então muito em moda, repetindo tantas vezes a música que muitos decoravam as letras. Havia o jogo de argolas, onde se pagava determinado valor por um número de argolas e as atirava tentando atingir o gargalo de um litro a partir de uma determinada distância, onde havia um balcão. Ou ganhava-se o litro, geralmente um vinho ordinário, ou o prêmio que ficava logo abaixo, geralmente maços de cigarros. Havia os tiros de espingarda de pressão, cuja precisão era mais ocasional do que consequência da habilidade do atirador. Eram espingardas com rolha na ponta ou chumbinho. Na Quaresma, naquele terreno era erguido o pau-de-sebo. Era um tronco roliço, com mais de cinco metros de altura, que recebia um tratamento para ficar sem saliências naturais e devidamente revestido com sebo de boi derretido. No topo era colocado um triângulo de madeira (a cruzeta), onde amarravam dinheiro e prendas. A garotada, para manter os pés o mais unido possível, e também para ir limpando o sebo, usava a “peia”. No tempo de eleição os políticos usavam aquele espaço para conquistar votos com seus discursos inflamados. Para o povo era uma forma de lazer. Para a criança era a caça aos brindes como chaveiros, flâmulas, santinhos.

Quando não havia nada disso, existia o jogo de bola de gude, empinar papagaio (com o tempo passou a ser denominado pipa), soltar ou rodar pião de madeira. Quem abastecia a criança era o “Seu” Crispim. Logo ao entrar no “templo” de consumo, já se avistava ao fundo a máquina de fazer garapa. Do lado direito, uma enorme vitrine acondicionava os objetos de desejo da molecada, como bolinhas de vidro, papel de seda, goma arábica (alguns usavam farinha de trigo diluída em água como cola), pião, feira (barbante grosso que é enrolado em torno do pião), chaveiros, canivetes. Era de dar água na boca! Crispim Durrer circula pelo bairro da Paulista, lúcido, com uma memória invejável.

Nascido em Piracicaba, no Bairro Serrote, no dia 06 de junho de 1917, seu avô paterno era suíço e seu avô materno, alemão. Seu pai nasceu próximo a Berna, capital da Suíça. Crispim estudou na Escola Reunida do Bairro Serrote, de Adolfo Beismann, seu avô. Eram nove irmãos, seis homens e três mulheres. Trabalhou no Serrote como lavrador, cultivando todo tipo de cereais. Seu pai tinha um sítio com 50 alqueires. Permaneceu lá até 1951. Resolveu mudar para Piracicaba, veio para a Rua do Rosário, 2600. Ali, por dezoito anos teve um bar e uma garaparia, a única existente nas imediações. Tinha uma ótima freguesia. Com as economias que conseguiu reunir pôde proporcionar estudos a um casal de filhos que tinha e que hoje são falecidos.

Crispim guarda lembranças da época em que se mudou para a Paulista. Em 1951 não havia água encanada, nem esgoto, as ruas eram todas empoeiradas até a Estação da Paulista, a Rua do Rosário não era mão única, os caminhões de cana trafegavam em ambos os sentidos. O prefeito Francisco Salgot Castillon asfaltou o Morro do Enxofre. Na Praça Takaki não existia nada, apenas uma casinha velha em um canto. Na esquina da Av. Madre Maria Teodora ficavam os Irmãos Aliberti. Depois vinha o Bar da China, o armazém do Antonio Lucas; na esquina, onde hoje existe uma farmácia, havia o Bar Serenata, de propriedade de Miguel Fernandes. Seguindo pela Rua do Rosário, no sentido centro, havia um terreno vazio; em seguida o açougue do Gêronimo Casarim

e o seu barzinho. Passando por algumas casas residenciais, havia, adiante, a máquina de beneficiar arroz de propriedade de João Sabino Barbosa e Augusto Grella. Mais adiante, Manoel Castilho, que foi candidato a vereador, tinha uma sapataria. Na quadra seguinte havia a Igreja Assembléia de Deus, que permanece até hoje. Ainda na mesma calçada existia a Farmácia São Judas Tadeu, de propriedade do farmacêutico Nelson de Mattos. Ao lado havia a loja “Caldeirão de Ouro”, propriedade de Salvador Crócomo, irmão de Francisco Crócomo e do professor da Esalq, Dr. Otto de Jesus Crócomo. Mais adiante, ao lado do hoje Restaurante Paulista, havia o embarque e desembarque de gado, que era transportado pela Companhia Paulista. Os trilhos atravessavam a Rua do Rosário e entravam naquela área em que havia uma enorme mangueira de gado, propriedade da Companhia Paulista. No lado ímpar da Rua do Rosário havia o armazém do Emílio Fabris. Em seguida, residia o Santo Casarim. O famoso Bar do Gepp, cujo nome de batismo é José Tozzi. Em seguida morava seu pai, José Durrer. Eugenio Vecchini tinha um armazém na esquina da Rua do Rosário com Av. do Café. Na calçada oposta, Rubens Zíllio tinha um açougue. A Casa dos Presentes, de Alcides Saipp, já existia. Na esquina da Av. Dr. Edgar Conceição com Rua do Rosário, Roque Furoní, falecido recentemente, tinha um armazém.

Na esquina havia um sobradinho muito bonito de propriedade do Sr. José Nassif. Junto ao meio fio, havia uma bomba de gasolina de sua propriedade, com a bandeira Texaco. Ao lado existia um armazém administrado por Dona Rosa Canaan Nassif, mãe do Sr. José. Mais adiante, existia a residência da Dona Elvira Beismann; seu tio, Antonio Beissmann, era caminhoneiro. Morava ainda ali Dirceu Pompermayer, que foi um dos sócios da famosa Casa Dom Bosco. O Sr. Benedito Baglione morava logo adiante, uma das suas últimas ocupações profissionais foi a de “motorista de praça”. Finalmente, onde hoje é o Supermercado Balan, era o Armazém do Sr. Victório Fornazier, ele fornecia para muita gente do sítio, tinha uma grande freguesia.

Hoje a Rua do Rosário é um importante centro comercial da cidade. Mas já passou

boiada pela rua. Os boiadeiros iam tocando os bois até o embarcadouro da Companhia Paulista. Por diversas vezes iam assistir à embarcação. Os vagões carregavam os bois e levavam. Era muito bonito assistir aquela movimentação toda. A Av. Madre Maria Teodora era conhecida em seu trecho com maior declive, como Morro do Enxofre. Havia pouca movimentação comercial nessa via. Só depois que o prefeito Salgot Castillon asfaltou é que começou a melhorar. Hoje lá também se encontra todo tipo de comércio.

Na esquina onde hoje está a Drogal era ponto das jardineiras que iam para os sítios. Naquele tempo o motorista era também proprietário do bar. Era um argentino chamado Avelino. Vinha com muita dificuldade, porque não existia asfalto em lugar nenhum. Um dia vinha, outro dia não podia vir porque chovia. Acima da Praça Takaki havia habitações, mas eram poucas casas. A companhia de energia elétrica exigia uma distância máxima de 30 metros do último poste para realizar as ligações. Onde hoje existe um posto de gasolina Petrobrás era o Posto Canta Galo, do conhecido Joane Vassoureiro.

Crispim frequentava a Igreja dos Frades. Lembra-se do Frei Paulino, Frei Liberato, Frei Virgílio. Chegou a assistir a filmes que eles apresentavam em teatrinhos. Onde hoje funciona um prédio de assistência social, na Rua Alferes José Caetano, ao lado da Igreja dos Frades, era tudo diferente. A padaria mais próxima era a São João. Já existia a Padaria Jacareí, também muito frequentada após as missas.

Por várias vezes foi de trem até Campinas, tinha parentes em Viracopos. Seu pai os levava a passear. Lembra-se do bonde, pagava-se quinhentos réis até o centro!

Houve uma época em que um indivíduo de cognome “Belo” era muito temido, pela valentia, e suspeito de alguns atos ilícitos. O Belo, para Crispim, foi muito bom, foi até seu freguês. Ele sempre o respeitou. Ele acabou sendo assassinado em um parque.

Crispim tinha muita amizade ao Nhoca. Era cavaleiro, elegante, um homem grande, subia e descia a Rua do Rosário montando um cavalo marchador. Era tido

como benzedor, dizem que benzia animais e até pessoas. Nunca fez uso dos seus atributos místicos! Era um bom homem.

Conheceu o Sebastião Tintureiro! Sebastião Barbosa era o seu nome. Ele teve um bar também. Hoje ele tem um dos filhos que trabalha com relojoaria, o Ismael. O Pedro Raserá (Pedrinho) tinha uma barbearia. Crispim fazia a barba lá. O seu irmão é o comerciante Jorge Raserá.

Faz uns quinze anos que não dirige mais. Seu primeiro carro foi uma perua DKW 1961, vermelha.

Ele tinha telefone, o número era 4977, naquela época telefone e televisão eram bens que poucos possuíam. A sua televisão era em preto e branco, como todas na época; mais tarde é que veio o sistema de televisão colorida.

A hoje Farma-Paulista, na época chamava-se Farmácia Nossa Senhora da Penha. Teve um período em que seu proprietário era o Miguel Victória Sobrinho. Seu vizinho era Antonio Lopes; logo em seguida, na esquina da Av. Dr. Edgar Conceição com a Rua do Rosário estava estabelecido o Nenê Lopes, eram irmãos e tinham armazéns próprios.

Na Av. João Conceição havia a serralha do Galesi, de Hélio Galesi e outro irmão dele. Crispim lembra-se de Jacinto Bonachella, que tinha posto de gasolina onde hoje é a Padaria Apolônio.

Existia uma parteira famosa no bairro, Dona Carolina! Ela morava na Rua Gomes Carneiro, entre as ruas Alferes José Caetano e Gov. Pedro de Toledo. Crispim conheceu a Santa Casa quando funcionava ainda na Rua José Pinto de Almeida.



**Xilmar Ulisses
Aquino Santos**

TODO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO é um meio propício para despertar em pessoas menos avisadas a famosa “fogueira das vaidades”. A humildade é o antídoto eficaz para que o bom senso, o realismo, a notícia de forma imparcial conduzam à informação integral para a análise do público. Comandar centros de comunicações exige muito pulso e firmeza, além de certa dose de gentileza. Essa temperança é que molda líderes respeitados, às vezes temidos, porém responsáveis em seu desempenho e da sua equipe. O sucesso é uma consequência natural do esforço realizado dentro desses parâmetros.

Xilmar Ulisses, como carinhosamente é conhecido, parece ter encontrado a fórmula dessa verdadeira alquimia que é comandar comunicadores. Extremamente observador, dono de um raciocínio muito rápido, articula suas palavras de forma objetiva, pausada, procurando sempre deixar um ambiente suave e receptivo. Um profissional por excelência. Tem orgulho da sua origem humilde e uma satisfação indisfarçável pela formação que proporcionou aos três filhos. Quando fala da sua mãe parece estar mencionando um ser quase divino, tal seu carinho para com ela. Sua esposa é seu esteio na jornada de lutas e conquistas.

Iniciou-se em rádio em 1962, a partir de quando teve a oportunidade de passar por diversas etapas da atividade, desde técnico de som. Nascido em 11 de maio de 1947, é um dos sete irmãos, ou o do meio, o eixo da gangorra. Quando nasceu, morava na Estação da Paulista, na colônia da Paulista. Seu pai foi chefe

de Estação aqui em Piracicaba, fez aquela peregrinação própria dos que trabalhavam em estrada de ferro, tendo sido removido para diversas cidades. Assim, durante sua infância, Xilmar teve oportunidade de morar em muitas cidades do interior de São Paulo: Rio Claro, Campinas, Corumbataí, próximo a Analândia. Seu pai foi chefe no distrito de Tupi. Depois de 1951 seu pai aposentou-se e voltaram para Piracicaba.

Ele conta: “Lembro-se do número da casa em que morava na colônia da Paulista, era a de número 4. Ficava logo no começo: quando o trem chegava a primeira buzina do trem ouviam em casa, passava o pontilhão sobre a Rua Benjamin Constant já estavam ouvindo lá. Eram casas pequenas que foram feitas pelos ingleses, na época em que a estrada de ferro começou a ser introduzida no Brasil por volta de 1920. Havia uma escadinha na entrada, a sala, depois uma cozinha ao lado, um quarto, uma dispensa, e mais dois quartos. Era uma casa apertada para nós, os sete filhos ficavam empilhados na casa. Existia um fogão a lenha, a água era de poço, banho de bacia, na época não existia chuveiro de água quente.”

Xilmar morou em uma cidade chamada Jacuba, próxima a Campinas, hoje denominada Hortolândia. O trem ali era elétrico, saía de Campinas, vinha para Nova Odessa, ia para Bauru. A casa do chefe da Estação era na estação, só que não tinha luz na casa. Era lampião de carbureto. Tinha que colocar umas pedras dentro de um cilindro e molhar com pouco de água para ele soltar o gás.

Xilmar lembra-se que na Estação da Paulista de Piracicaba, onde foi construído um estacionamento, existia um fosso com um dispositivo para virar a locomotiva.

Esse dispositivo é chamado de rotunda. Naquela época havia a Maria Fumaça e a máquina a diesel, Piracicaba não tinha trem eletrificado. A máquina chegava, parava na estação, todos desciam, e depois ela ia em frente e passava próxima a Rua do Rosário, onde havia a rotunda. A locomotiva era colocada em cima, e as pessoas, porteiro e outros, viravam a máquina para que ela voltasse no sentido de Nova Odessa, onde havia a baldeação.

Quando criança, brincou muito na Estação da Paulista. No inverno a coisa que mais gostava era ficar próximo à máquina a vapor, ela dava uma descarga de vapor que esquentava bastante. Naquela época as crianças só usavam calças curtas. Xilmar diz: “É interessante abordarmos esses aspectos. Algumas noites sonho e sinto o cheiro da fumaça da lenha colocada na caldeira da máquina. Era um odor gostoso, que não poluía.”

As fagulhas poderiam transformar em uma verdadeira peneira os trajes dos cavaleiros e damas. Existia uma orientação muito interessante. As crianças deveriam andar com o vidro fechado e não colocarem as cabeças para fora da janela, uma fagulha poderia pegar no olho. Muitas pessoas sofreram esse tipo de problema. Os pais obrigavam as crianças a ficarem sentadinhas nos bancos. Na época os homens procuravam ser elegantes, colocavam paletó, gravata.

Depois de algum tempo após tomar o trem, existia uma pessoa com uma bandeja dependurada através de uma correia, que trazia pastel. Eram pessoas elegantes, todas vestindo roupas brancas, imaculadas. Depois vinham oferecendo sanduíches de pão e mortadela, naquela época não existia presunto. Também serviam sanduíche de queijo prato e a bebida comum era Guaraná Caçulinha. Existia um tubinho com um doce de coco em cima que era oferecido. Quando o trem parava em alguma estação, as pessoas vinham vender nas janelas do trem. Era muito comum o amendoim torrado envolto em um papel que tomava a forma cônica.

O trem Pullman fazia uma ligação para Bauru e Alta Paulista. Era um trem magnífico, todo prateado e com um azul França aplicado sobre a marca “Pullman”. Até os sanitários eram extremamente higienizados. Os lustres eram maravilhosos. As poltronas eram muito confortáveis (o trem “R” ou “Trem Azul”, composto de carros de 3 classes – Pullman, Primeira e Segunda Classes, mais o vagão restaurante –, tornaram-se lendários e determinaram um padrão de conforto ainda não superado no Brasil).

Em Jundiá a locomotiva (vermelho meio escuro) era removida e uma locomotiva

da Companhia Paulista de Estrada de Ferro assumia – linda, linda, azul... – e o trem passava a ser da Paulista. Em Jundiaí o trem parava uns 15 minutos e a plataforma da estação ficava cheia de vendedores ambulantes vendendo, entre outras coisas, "pipóóóóóóóóóóóca". Vendiam uva e figo também: Jundiaí é terra de uva e figo. Campinas era um importante entroncamento ferroviário. Além dos trilhos da Companhia Paulista passarem pela cidade, começava ali também a linha da Companhia Mogiana, e havia um ramal, o da Companhia Ituana, que ligava Campinas diretamente à Estrada de Ferro Sorocabana, em Itu.

Em Piracicaba, onde não existia o Pullman, eram carros bem feitos, de madeira, bem envernizados, encostos de cabeça cuja capa removível de tecido era trocada ao final de cada viagem. Quem ia de primeira classe tinha a poltrona já recheadinha; quem ia de segunda classe sentava em um banco de madeira, muito confortável, não havia motivo para reclamar.

Xilmar começou a estudar na Escola Barão do Rio Branco. Descia a Rua Governador e chegava até essa escola maravilhosa. Lembra-se da professora Diva: foi ela quem lhe ensinou as primeiras letras, estimulou a leitura, a redação. O “Seu” Euclides era o inspetor de alunos. Quando o aluno faltava, ele ia de bicicleta buscar o estudante. Ele colocava o aluno na garupa da bicicleta e o trazia para assistir as aulas. Era assim naquela época. A escola se preocupava com o aluno. Morando perto da Igreja dos Frades, um patrimônio artístico da cidade, sempre gostou de ir lá para passar momentos de reflexão, jogar uma bola, participar das quermesses.

Lembra-se também do Cine Paulistinha, comenta que o filme “Cine Paradiso” dá para lembrar dessa época. Existia o Zélão no centro de Piracicaba (Cine São José), no Paulistinha era comum levar gibis (revistas em quadrinhos) para trocar com outros frequentadores do cinema. Xilmar acrescenta: “O filme ‘Cinema Paradiso’ é um retrato do que era o cinema antigamente em Piracicaba. Tínhamos o Politeama, o Cine Colonial, o Cine Palácio, que era marcante. Antes do início do filme tinha

um toque especial de um gongo. O rádio utilizava-se muito do gongo também, era mecânico, existia um botão embutido na mesa de som onde o técnico de som apertava e o locutor anunciava com voz grave e pausada: “Atenção ouvintes, para uma nota de falecimento ... e dava o nome do falecido.”

Xilmar começou como técnico de som na Rádio Educadora. Havia um religioso, acho que era um pastor, que vinha sempre aos sábados ou sexta-feira para fazer uma oração, por volta das 18h00min horas. Ele chegava com o disco dele, pedia para colocar no prato, colocava um fone de ouvido enorme, que o deixava parecido com um extraterrestre. Xilmar deveria entrar com a música, baixar um pouco o som, na época usava-se o termo BG (background): ou fundo musical. Música, preferencialmente instrumental, utilizada sob a fala do locutor para poder dar ritmo à leitura. Um dia, ele estava sozinho, era um profissional novo na área, deixou o som um pouco alto demais, e o religioso fazendo a oração: “Oh! Meu Deus! Abençoe quem está nos ouvindo!” Com as mãos ele sinalizava de cima para baixo, Xilmar não entendia que ele estava pedindo para abaixar o som de fundo para que a voz dele aparecesse. Olhava e ele movimentava a mão, cada vez mais rápido. “Teve um momento em que não agüentei, achei que ele estivesse pedindo para que eu ajoelhasse! Ajoelhei na frente dele, abri os braços fechei o olho e permaneci assim o tempo todo! Quando ele saiu, não perdi a orelha porque ele me perdoou!”

A carreira como locutor iniciou-se por acaso. Duarte Filho era chefe do Departamento Esportivo na Rádio Educadora, trabalhava na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Um dia faltou um locutor para ler um noticiário junto com uma das mega estrelas do Rádio de Piracicaba, Ari Pedroso. O Duarte Filho disse: “Xilmar, você fará o noticiário hoje junto com o Ari Pedroso.” Quando terminou o noticiário, ele acrescentou: “Xilmar, você foi bem, rapaz. Acho que você dá para a coisa!” A partir daquele momento, Xilmar diz que acreditou e até hoje continua acreditando.

Ele conta que a Rádio Educadora tinha uma equipe chamada “Seleção de Ouro”,

comparável hoje a que São Paulo tem. Uma equipe muito competente, com profissionais de primeira linha. O XV de Piracicaba, na década de 60, foi uma equipe de renome nacional. Naquela época o XV, sendo uma das estrelas do futebol brasileiro, caiu para a segunda divisão como chamamos hoje, na época ele estava na especial e tinha caído para a primeira divisão. Começou uma luta muito grande para voltar. A Rádio Educadora teve um papel importante. Ela conseguiu monopolizar uma audiência em Piracicaba e motivou o torcedor a ir ao estádio, a empurrar o XV, a transformar-se em um décimo segundo jogador para que o XV voltasse à especial. Isso aconteceu em 1967. Xilmar relembra: “Nesse período - 65, 66 e 67 - tivemos guerras memoráveis entre a torcida de Piracicaba e a torcida do Paulista de Jundiaí; com o Bragantino do Nabi Abi Chedid; o Votuporanguense, que deu muito trabalho ao XV de Piracicaba. Os jogos eram todos no Pacaembu, tínhamos que enfrentar uma rodovia Anhanguera que tinha pista simples, íamos numa Rural Willys. Quando o jogo era à noite, tínhamos que sair em torno da uma hora da tarde de Piracicaba. Tínhamos que instalar a linha antes que a torcida chegasse. Naquela época, o estádio abria por volta das 18 horas para a torcida chegar. Como era época de decisão todo mundo queria chegar cedo para garantir lugar para assistir.”

O Hotel Esplanada, em frente ao Mercado Municipal recebia o Santos um dia antes da partida. Xilmar foi escalado por Garcia Neto para ir fazer a cobertura da chegada do Santos no Hotel Esplanada. Pelé estava no auge da carreira, isso por volta de 1967. Ele conta: “Quando cheguei ao Hotel pensei: ‘Não vou entrevistar o Pelé nunca.’ Peguei o telefone do hotel, liguei para a rádio e comecei a entrevistar o Laércio. Um rapaz na minha frente olhava como estivesse pedindo: ‘Quero falar com você.’ Era o Pelé! Deu para perceber claramente que ele estava doidinho para ser entrevistado. Deu uma entrevista maravilhosa! Pude perceber que o Pelé não era tão alto como parecia na televisão. Eu era 10 centímetros mais alto, só que ele, quando saía do chão, subia quase dois metros de altura. Eu tenho 1m78.”

Xilmar é casado, sua esposa Irene Aquino Santos é assistente social. Sua mãe é Dona Héliide Stefanini Aquino, seu pai faleceu em 1958, o nome dele é Clovis Aquino. Tem 3 filhos: o mais velho chama-se Waldemar, é advogado, trabalha no Judiciário, na cidade de Limeira. O Gustavo Gabriel Aquino é capitão do Exército, formado pela Academia Militar de Agulhas Negras. O Maximiliano é formado pelo Mackenzie, trabalha como analista de sistemas para um grupo espanhol.

“Nunca forcei meus filhos a fazerem o que eu faço! Nunca estimulei. O ser humano deve ter a liberdade de escolher o caminho, o voo que ele quer dar! Nunca trouxe um filho para a rádio. Eram ainda todos muito novos. e como rádio fica com microfone ligado, me preocupei que eles fizessem algum tipo de barulho. O meu filho, que é militar, entrou pela primeira vez em um estúdio de rádio há cerca de 4 anos. Mas também nunca desestimulei. Deixei-os à vontade. Acho a profissão de radialista fantástica, maravilhosa. Adoro o que faço. Acordo às 4h30 da manhã para preparar o programa de jornalismo que apresento na Rádio Educativa, o “Bom Dia, Cidade” que vai ao ar das 7 às 9 horas da manhã, onde temos reportagens e correspondentes do Brasil inteiro. Temos ouvintes em Portugal, Estados Unidos, no Rio Grande do Sul: é fantástica a audiência que a Rádio Educativa tem pela internet. Temos ouvintes no Japão, quando começa o programa aqui no Brasil lá são 7 horas da noite. Mandam e-mail, pedem informação. É interessante como a internet coloca-nos no mundo inteiro.”

Xilmar lembra-se de muitas personalidades que entrevistou: “O presidente do Congresso Nacional era o Senador Auro Soares de Moura Andrade, tive a oportunidade de entrevistá-lo. Entrevistei o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ele veio para Piracicaba como candidato a senador, é uma pessoa simples, muito educado, quando conversa com alguém volta a atenção apenas para aquele que está perguntando. Procura ter um momento de reflexão para proferir as palavras mais acertadas. Ele entrava dentro de si para dar uma resposta. Dr. Ulisses Guimarães também foi uma

figura marcante, que tive a oportunidade de entrevistar. Ele é nascido aqui em Rio Claro, tinha um irmão, chamado Geraldo, que foi delegado de polícia em uma cidadezinha em que morei, Corumbataí. Dr. Ulisses é outra pessoa que considero humilde, bondosa. Nunca tinha observado que ele tinha olhos azuis, fui perceber claramente em uma entrevista com ele. Quando entrevistamos, olho no olho é o que diz muito para gente. Eu olhei, e fiquei parado. Disse-lhe: ‘Dr. Ulisses, eu nunca tinha notado que o senhor tem olhos azuis!’ Ele me respondeu carinhosamente: ‘Já faz 78 anos!’ Entrevistei o Lula, o Alckmin. Com relação ao governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, há cerca de oito meses eu estava preparando o programa do dia seguinte, quando atendi ao telefone e ouvi: ‘Boa noite, Xilmar!’ Respondi: ‘Boa noite!’, tentando descobrir quem era. Ele identificou-se: ‘Aqui é o Geraldo, governador do Estado, queria falar amanhã cedo no seu programa.’ Eu pensei que fosse um trote. Ele então me disse: ‘Amanhã, às 10 para as oito da manhã, estarei ligando para você! Exatamente às 10 para as oito da manhã estava o Governador na linha falando do Palácio dos Bandeirantes!’

Xilmar também fala com carinho de Nelson Meirelles. “Dr. Nelson Meirelles fisicamente era uma pessoa de estatura baixa, entroncadinho, sisudo, óculos bastante amplo, sempre de terno de linho, muito elegante. Ele gostava muito de um terno de linho branco, mas tinha um terno de linho que era azul bem clarinho, sapatos impecavelmente engraxados. Eu perdi meu pai em 1958, fui encontrar 10 anos depois meu segundo pai: Dr. Nelson Meirelles! Ele me tratava tão bem, tinha uma preocupação com a juventude, ele sabia dos desejos e anseios dos jovens, de repente ele dizia: ‘Você vai sair hoje à noite?’ Eu respondia: ‘Acho que vou, Dr. Nelson.’ Ele dizia então: ‘Passe lá em casa, conversa com a Dona Vivica.’ Ele deixava uma mesadinha para comprar um lanche no Karamba’s, no Daytona. Em uma ocasião fui com a equipe transmitir um jogo em Santos e, pela primeira vez, conheci o mar. Foi em 1968. Entrei no mar, um frio, peguei uma micose terrível. Dr. Nelson percebeu, olhou o meu pé, e disse:

‘Para curar isso aqui só tem um remédio, mas você não dispõe de dinheiro para adquiri-lo.’ Ele era muito realista. Era um medicamento muito caro, chamava-se Grifovim. ‘Vá até a Rua Gov. Pedro de Toledo, procure o Sr. José Cançado, e diga-lhe que eu mandei você comprar o remédio e ele irá parcelar em tantas vezes.’ Fui lá, adquiri o medicamento, três dias depois estava curado! A primeira parcela do remédio eu paguei. Quando fui pagar a segunda parcela, me informaram: ‘Dr. Nelson veio aqui e pagou toda sua conta!’ Ele era sisudo, não sorria com naturalidade, com facilidade, mas ele pensava no bem-estar do próximo. Nos orientava muito. Ele dizia: ‘Lembre-se do seguinte, o salário não é o que você ganha, o salário é o que você gasta! Nunca gaste mais do que você ganha, senão você não irá dormir direito. Procure economizar.’ Todo funcionário que conviveu com o Dr. Nelson Meirelles e aproveitou-se dos ensinamentos, da sabedoria dele, não teve dificuldades na vida. Um colega nosso, Rui Fernando Coutinho, era muito estimado pelo Dr. Nelson. O Rui foi aprovado em um concurso do Banco do Brasil, estimulado pelo Dr. Nelson, que lhe: ‘Coutinho, eu vou perder um dos funcionários que eu mais gosto aqui na Rádio Educadora, eu abro mão desse excelente profissional porque quero ver você vencer na vida como bancário do Banco do Brasil!’

Comissão de Publicação Editorial

Fábio Ferreira Coelho Bragança (Coordenador)

Gustavo Jacques Dias Alvim

Orlando Guimaro Júnior

Renata Graziela Duarte Gava

Toshio Iczuca

Diretoria Executiva IHGP 2012/2014

Presidente: Vitor Pires Vencovsky

Vice-Presidente: Pedro Caldari

1º Secretário: Orlando Guimaro Júnior

2º Secretário: Toshio Iczuca

1º Tesoureiro: Renata Graziela Duarte Gava

2º Tesoureiro: Noedi Monteiro

Orador: Gustavo Jacques Dias Alvim

Diretor Acervo: Fábio Ferreira Coelho Bragança

Suplentes:

1º Almir de Souza Maia

2º Luiz Antonio Balamint

3º Antonio Carlos Neder

Conselho Fiscal

1º Antonio Messias Galdino

2º Moacir Nazareno Monteiro

3º Legardeth Consolmagno

Suplentes Conselho Fiscal:

1º Valdiza Maria Capranico

2º Alexandre Sarkis Neder

3º Geraldo Claret de Mello Ayres

Tel.: 19 3434-8811

E-mail: ihgp@ihgp.org.br

Site: www.ihgp.org.br

Rua do Rosário 781

Centro | Piracicaba | SP

Cep 13420-510



Três Gatos

tresgatoseditora.com.br

Fontes: Electra e Din
Papel pólen soft 70 g
Impressão: Prol Gráfica
Agosto / 2013

Uma obra de inestimável valor para a memória de Piracicaba e o bairro da Paulista

Uma forma de homenagear o bairro onde nasceu. Foi dessa maneira que o jornalista e pesquisador piracicabano João Umberto Nassif concebeu em 2000 o projeto de um livro que contasse a história do bairro da Paulista através do testemunho vivo de seus moradores. Treze anos depois e mais de 600 entrevistas realizadas, finalmente a homenagem ao bairro chega ao público na forma de um *box* com dois volumes, em uma edição especial do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP).



João Umberto Nassif nasceu em Piracicaba em 1954. Bacharel em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado, é também radialista profissional, tendo apresentado o programa “Piracicaba, Histórias e Memórias”, de 2000 a 2008. Desde 2004 tem uma página semanal de entrevistas no jornal “Tribuna Piracicabana” e mantém na internet o blognassif.blogspot.com.br

EDIÇÃO



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

APOIO



Prefeitura do
Município de
Piracicaba



Ação
Cultural

